ONE TASTE IS ALL YOU NEED...

NEON GODS



"UNSPEAKABLY HOT."
—*Entertainment Weekly*

KATEE ROBERT

NEW YORK TIMES AND USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

Avisos

A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO
A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA,
INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA
DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO
DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM,
AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS
E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS,
O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO E SUSPENDER
O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZEM PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUAM LIVROS
FEITOS POR NÓS EM BLOGS,
PÁGINAS DO FACEBOOK E GRUPOS ABERTOS.

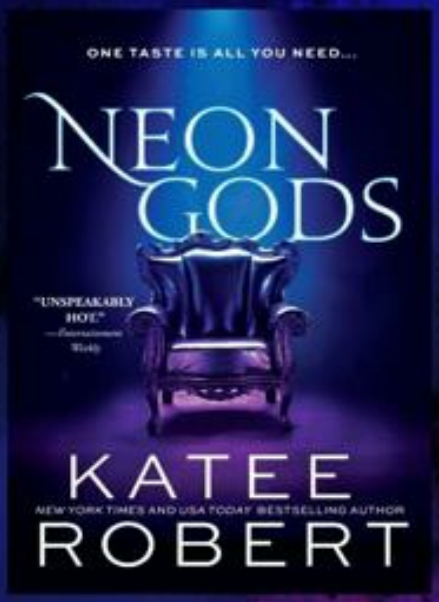
NUNCA FALEM SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS
POR NÓS PARA AUTORES (AS),
DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

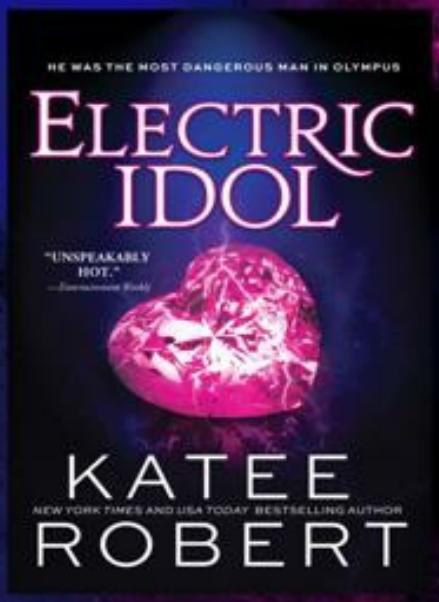
PRESTIGIEM SEMPRE QUE PUDEREM OS AUTORES
COMPRANDO SEUS LIVROS,
AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?

SALEM WITCHES
Traduções

DARK OLYMPUS

ORDEM DE LEITURA





04/01/2022

WICKED BEAUTY

2022

SUMÁRIO

Sinopse
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8

Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Epílogo

SINOPSE

Ele deveria ser um mito. Mas a partir do momento em que cruzei o rio Estige e caí sob seu feitiço sombrio... ele era, simplesmente, meu.

A queridinha da sociedade, Perséfone Dimitriou, planeja fugir da cidade ultramoderna do Olimpo e recomeçar longe da política traidora dos Treze. Mas tudo isso é arrancado quando sua mãe a embosca com um noivado com Zeus, o poder perigoso por trás da fachada sombria de sua cidade cintilante.

Sem opções sobrando, Perséfone foge para a cidade subterrânea proibida e faz uma barganha do diabo com um homem que ela acreditava ser um mito... um homem que a desperta para um mundo que ela nunca soube que existia.

Hades passou sua vida nas sombras, e ele não tem intenção de entrar na luz. Mas quando ele descobre que Perséfone pode oferecer uma pequena fatia da vingança que ele passou anos ansiando, é toda a desculpa de que ele precisa para ajudá-la - por um preço. No entanto, cada noite sem fôlego que passam emaranhados deu a Hades um gosto por Perséfone, e ele irá para a guerra com o próprio Olimpo para mantê-la por perto...

CAPÍTULO 1

Perséfone

— Eu realmente odeio essas festas.

— Não deixe a mamãe ouvir você dizer isso.

Eu olho por cima do ombro para Psique. — Você também as odeia. — Perdi a conta do número de eventos para os quais nossa mãe nos arrastou ao longo dos anos. Ela sempre está de olho no próximo prêmio, na peça mais nova para mover neste jogo de xadrez que só ela conhece as regras. Seria mais fácil engolir isso na maioria dos dias se eu não me sentisse como um de seus peões.

Psique vem para ficar ao meu lado e me bate com o ombro. — Eu sabia que te encontraria aqui.

— É o único lugar aqui que eu posso suportar. — Mesmo que o salão das estátuas seja a própria essência da arrogância. Era um espaço relativamente plano - se é que o piso de mármore brilhante e as paredes cinzentas de bom gosto podem ser chamadas de simples - preenchidas com treze estátuas de corpo inteiro dispostas em um círculo ao redor do cômodo. Uma para cada membro dos Treze, o grupo que governa o Olimpo. Eu os nomeio silenciosamente enquanto meu olhar pula sobre cada uma - Zeus, Poseidon, Hera, Deméter, Atenas, Ares, Dionísio, Hermes, Ártemis, Apolo, Hefesto, Afrodite - antes de voltar para encarar a estátua final. Esta está coberta por um pano preto que se derrama sobre ela, derramando-se para formar uma poça no chão a seus pés. Mesmo assim, é impossível perder os ombros largos, a coroa pontiaguda que adorna sua cabeça. Meus dedos coçam para agarrar o tecido e rasgá-lo para que eu possa finalmente ver suas

características de uma vez por todas.

Hades.

Em poucos meses, terei conquistado minha liberdade desta cidade, terei escapado, para nunca mais voltar. Não terei outra chance de olhar no rosto do bicho-papão do Olimpo. — Não é estranho que eles nunca o tenham substituído?

Psique bufa. — Quantas vezes já tivemos essa conversa?

— Vamos. Você sabe que é estranho. Eles são os Treze, mas na verdade têm apenas doze. Não há Hades. Não existe há muito tempo. — Hades, o governante da cidade baixa. Ou pelo menos costumava ser. É um título legado e a família inteira morreu há muito tempo. Agora, a cidade baixa está tecnicamente sob o reinado de Zeus como o resto de nós, mas pelo que ouvi, ele nunca pôs os pés naquele lado do rio. Cruzar o rio Estige é difícil pela mesma razão que deixar o Olimpo é difícil; pelo que ouvi, cada passo através da barreira cria uma sensação de que sua cabeça vai explodir. Ninguém experimenta voluntariamente algo assim. Nem mesmo Zeus.

Especialmente quando eu duvido que as pessoas na cidade baixa vão beijar sua bunda da mesma forma que todo mundo na cidade alta faz. Todo aquele desconforto e nenhuma recompensa? Não é nenhuma surpresa que Zeus evite a travessia como todos nós. — Hades é o único que nunca passou um tempo na cidade alta. Isso me faz pensar que ele era diferente do resto deles.

— Ele não era, — Psique diz categoricamente. — É fácil fingir quando ele está morto e o título não existe mais. Mas todos os Treze são iguais, até mesmo nossa mãe.

Ela está certa - eu sei que ela está certa - mas não posso evitar a fantasia. Eu me estico, mas paro antes que meus dedos façam contato

com o rosto da estátua. É apenas uma curiosidade mórbida que me atrai a este legado morto, e *isso* não vale a pena o problema que eu teria se cedesse à tentação de arrancar o véu escuro. Eu deixo minha mão cair. — O que mamãe vai fazer esta noite?

— Não sei. — Ela suspira. — Eu queria que Calisto estivesse aqui. *Ela*, pelo menos, dá uma pausa para a mãe.

Minhas três irmãs e eu encontramos maneiras diferentes de nos adaptar quando nossa mãe se tornou Deméter e fomos lançadas no mundo brilhante que existe apenas para os Treze. É tão cintilante e extravagante que é quase o suficiente para desviar a atenção do veneno em sua essência. Foi se adaptar ou afogar.

Eu me forço a representar o papel de filha brilhante que é sempre obediente, o que permite que Psique fique calma e quieta enquanto voa sob o radar. Eurídice se apega a cada pedacinho de vida e emoção que ela pode encontrar com um desespero limite. Calisto? Calisto luta contra a mãe com uma ferocidade que pertence à arena. Ela vai quebrar antes de se curvar e, como resultado, a mãe a isenta desses eventos obrigatórios. — É melhor que ela não seja. Se Zeus passar por Calisto, ela pode tentar estripá-lo. Então, realmente teríamos um incidente em nossas mãos.

A única pessoa no Olimpo que mata sem consequências - supostamente - é o próprio Zeus. Espera-se que o restante de nós cumpra as leis.

Psique estremece. — Ele tentou alguma coisa com você?

— Não. — Eu balanço minha cabeça, ainda olhando para a estátua de Hades. Não, Zeus não me tocou, mas nos últimos eventos que participamos, eu podia sentir seu olhar me seguindo ao redor do salão. É a razão pela qual eu tentei implorar esta noite, embora minha

mãe quase me arrastou para fora da porta atrás dela. Nada de bom vem de ganhar a atenção de Zeus. Sempre termina do mesmo jeito - as mulheres quebradas e Zeus indo embora sem nem mesmo uma manchete ruim para manchar sua reputação. Houve exatamente um conjunto de acusações oficialmente levantadas contra ele alguns anos atrás, e foi tão estranho que a mulher desapareceu antes que o caso fosse a julgamento. O resultado mais otimista é que ela de alguma forma encontrou uma maneira de sair do Olimpo; o mais realista é que Zeus a adicionou à sua suposta contagem de corpos.

Não, melhor evitá-lo a cada passo.

Algo que seria significativamente mais fácil de fazer se minha mãe não fosse uma das Treze.

O som de saltos batendo de forma inteligente contra o piso de mármore fez meu coração bater mais forte em reconhecimento. Mamãe sempre avança como se estivesse marchando para a batalha. Por um momento, honestamente, considero me esconder atrás da estátua coberta de Hades, mas descarto a ideia antes que mamãe apareça na porta do salão de estátuas. Esconder-se só atrasaria o inevitável.

— Aí estão vocês. — Esta noite ela está usando um vestido verde escuro que roça seu corpo e se encaixa em todo o papel de mãe-terra que ela decidiu que melhor se encaixa em sua marca como a mulher que garante que a cidade não passe fome. Ela gosta que as pessoas vejam o sorriso gentil e a mão amiga e ignorem a maneira como ela alegremente arrasará qualquer um que tentar impedir sua ambição.

Ela faz uma pausa na frente da estátua de seu homônimo, Deméter. A estátua é generosamente curvada e usa um vestido esvoaçante que se funde com as flores que brotam a seus pés. Eles

combinam com a coroa de flores em volta de sua cabeça, e ela sorri serenamente como se conhecesse todos os segredos do universo. Eu peguei minha mãe praticando essa expressão exata.

Os lábios da mãe se curvam, mas o sorriso não alcança seus olhos quando ela se vira para nós. — Você deveria estar se misturando.

— Estou com dor de cabeça. — A mesma desculpa que usei para tentar escapar do comparecimento esta noite. — Psique estava apenas me verificando.

— Mm-hmm. — Mãe balança a cabeça. — Vocês duas estão se tornando tão desesperadas quanto suas irmãs.

Se eu percebesse que não ter esperança era a maneira mais certa de evitar a intromissão de mamãe, teria escolhido esse papel, em vez do que escolhi. É tarde demais para mudar meu caminho agora, mas a dor de cabeça que fingi está se tornando uma possibilidade real com a ideia de voltar para a festa. — Eu vou sair mais cedo. Acho que isso pode evoluir para uma enxaqueca.

— Você definitivamente não vai. — Ela diz isso de forma agradável, mas há aço em seu tom. — Zeus quer falar com você. Não há absolutamente nenhuma razão para fazê-lo esperar.

Posso pensar em meia dúzia de coisas, mas sei que mamãe não dará ouvidos a nenhuma. Ainda assim, não posso deixar de tentar. — Sabe, há rumores de que ele matou todas as três esposas.

— Certamente é menos complicado do que um divórcio.

Eu pisco. Sinceramente, não sei se ela está brincando ou não. — Mãe…

— Oh, relaxe. Você está tensa. Confiem em mim, meninas. Eu sei melhor.

Minha mãe é provavelmente a pessoa mais inteligente que conheço, mas seus objetivos não são meus. Não há maneira fácil de sair disso, então, obedientemente, passo ao lado de Psique e a sigo para fora do salão de estátuas. Por um momento, imagino que posso sentir a intensidade da estátua de Hades olhando para as minhas costas, mas é pura fantasia. Hades é um título morto. Mesmo que ele não estivesse, minha irmã provavelmente está certa; ele seria tão ruim quanto o resto deles.

Saímos do salão das estátuas e caminhamos pelo longo corredor que leva de volta à festa. É como tudo o mais na Torre Dodona - grande, excessiva e cara. O corredor tem facilmente o dobro da largura necessária, e cada porta pela qual passamos é pelo menos trinta centímetros mais alta do que o normal. Cortinas vermelhas escuras pendem do teto até o chão e são puxadas para trás de cada lado das portas - um toque extra de extravagância que o espaço certamente não precisava. Dá a impressão de estar caminhando por um palácio, e não pelo arranha-céu que se eleva sobre a cidade alta. Como se alguém corresse o risco de esquecer que Zeus se autodenominou um rei moderno. Estou sinceramente surpresa por ele não andar por aí com uma coroa que corresponda à de sua estátua.

O salão de banquetes é mais do mesmo. É um espaço enorme e extenso com uma parede completamente ocupada por janelas e algumas portas de vidro que levam à varanda com vista para a cidade. Estamos no último andar da torre e a vista é realmente espetacular. Deste ponto, uma pessoa pode ver uma boa parte da cidade alta e a faixa sinuosa de escuridão que é o Rio Estige. E do outro lado? A cidade baixa. Não parece muito diferente da cidade alta aqui em cima, mas pode muito bem estar na lua para todos que a

maioria de nós pode alcançá-la.

Esta noite, as portas da varanda estão bem fechadas para evitar que alguém seja incomodado pelo vento gelado do inverno. Em vez da vista da cidade, a escuridão atrás do vidro se tornou um espelho distorcido do salão. Todo mundo está vestido com esmero, um arco-íris de vestidos e smokings de grife, lampejos de joias e roupas de luxo horrivelmente caras. Elas criam um caleidoscópio nauseante conforme as pessoas se movem no meio da multidão, misturando-se, fazendo contatos e derramando um lindo veneno dos lábios pintados de vermelho. Isso me lembra um espelho de casa de diversões. Nada no reflexo é exatamente o que parece, apesar de toda a sua suposta beleza.

Ao redor das três paredes restantes estão retratos gigantes dos doze membros ativos dos Treze. São pinturas a óleo, uma tradição que remonta ao início do Olimpo. Como se os Treze realmente pensassem que são como os antigos monarcas. O artista certamente tomou algumas liberdades com alguns deles. A versão mais jovem de Ares, em particular, não se parece em nada com o próprio homem. A idade muda uma pessoa, mas sua mandíbula nunca foi tão quadrada, nem seus ombros tão largos. Aquele artista também o retratou com uma espada gigante na mão, quando eu sei com certeza que esse Ares conquistou sua posição por submissão na arena - não na guerra. Mas suponho que isso não seja uma imagem tão majestosa.

É preciso um certo tipo de pessoa para fofocar, misturar-se e apunhalar pelas costas enquanto sua semelhança os encara, mas os Treze estão cheios de monstros assim.

Minha mãe corta a multidão, perfeitamente à vontade com todos os outros tubarões. Com quase dez anos servindo como Deméter, ela é

um dos membros mais novos dos Treze, mas ela se movia nesses círculos como se tivesse nascido para isso, em vez de ser eleita pelo povo da mesma forma que Deméter sempre é.

A multidão se abre para ela, e posso sentir os olhos em nós enquanto a seguimos para a mistura de cores vivas. Essas pessoas podem se assemelhar a pavões com a maneira como vão a milha extra para esses eventos, mas para uma pessoa, seus olhos são frios e implacáveis. Não tenho amigos neste salão - apenas pessoas que procuram me usar como um banquinho para abrir seu caminho para mais poder. Uma lição que aprendi cedo e duramente.

Duas pessoas saem do caminho de minha mãe e vejo o canto do salão que faço o possível para evitar quando estou aqui. Ele abriga um trono honesto para os deuses, uma coisa espalhafatosa feita de ouro, prata e cobre. As pernas robustas se curvam para os apoios de braço e a parte de trás do trono se alarga para dar a impressão de uma nuvem de tempestade. Tão perigoso e elétrico quanto seu dono, e ele quer ter certeza de que ninguém nunca o esquecerá.

Zeus.

Se o Olimpo é governado pelos Treze, os Treze são governados por Zeus. É um papel legado, passado de pai para filho, a linhagem que remonta à primeira fundação da cidade. Nosso Zeus atual ocupou seu cargo por décadas, desde que assumiu aos trinta.

Ele está em algum lugar ao norte de sessenta agora. Suponho que ele seja atraente o suficiente para quem gosta de homens brancos de peito largo, gargalhadas ruidosas e barbas cinzentas de inverno. Ele faz minha pele arrepiar. Cada vez que ele olha para mim com aqueles olhos azuis desbotados, me sinto um animal em leilão. Menos que um animal, na verdade. Um lindo vaso, ou talvez

uma estátua. Algo a ser *possuído*.

Se um vaso bonito estiver quebrado, é fácil comprar um substituto. Pelo menos é se você for Zeus.

Mamãe diminui o passo, forçando Psique alguns passos para trás e pega minha mão. Ela aperta com força o suficiente para transmitir seu aviso silencioso para se comportar, mas ela está toda sorrisos para *ele*. — Olha quem eu encontrei!

Zeus estende a mão e não há nada a fazer a não ser colocar a minha na dele e permitir que ele beije meus nós dos dedos. Seus lábios roçam minha pele por um momento, e os pequenos cabelos da minha nuca se arrepiam. Tenho que lutar para não limpar as costas da minha mão no vestido quando ele finalmente me solta. Cada instinto que tenho está gritando que estou em perigo.

Eu tenho que plantar meus pés para me impedir de virar e correr. Eu não iria longe de qualquer maneira. Não com minha mãe atrapalhando. Não com a multidão brilhante de pessoas assistindo esta pequena cena se desenrolar como urubus farejando sangue ao vento. Não há nada que amem mais do que drama, e fazer uma cena com Deméter e Zeus vai resultar em consequências com as quais eu não quero lidar. Na *melhor* das *hipóteses*, isso vai irritar minha mãe. Na pior das hipóteses, corro o risco de ser manchete nas revistas de fofoca, e isso vai me levar a problemas ainda maiores. Melhor apenas aguentar até que eu possa escapar.

O sorriso de Zeus é um pouco caloroso. — Perséfone. Você está linda esta noite.

Meu coração bate como um pássaro tentando escapar de sua gaiola. — Obrigada —, murmuro. Eu tenho que me acalmar, para suavizar minhas emoções. Zeus tem a reputação de ser o tipo de

homem que gosta da aflição de qualquer pessoa mais fraca do que ele. Não vou dar a ele a satisfação de saber que ele me assusta. É o único poder que tenho nesta situação e me recuso a renunciar a ele.

Ele se aproxima, entrando em meu espaço pessoal, e abaixa a voz. — É bom finalmente ter a chance de falar com você. Tenho tentado encurralar você nos últimos meses. — Ele sorri, embora não alcance seus olhos. — É o suficiente para me fazer pensar que você está me evitando.

— Claro que não. — Não posso recuar sem esbarrar em minha mãe... mas coloquei vários segundos de séria consideração nessa opção antes de descartá-la. Minha mãe nunca vai me perdoar se eu fizer uma cena diante do todo-poderoso Zeus. *Você consegue fazer isso.* Eu trago um sorriso brilhante, mesmo quando eu começo a entoar o mantra que me ajudou no ano passado.

Três meses. Apenas noventa dias entre mim e a liberdade. Noventa dias até que eu possa acessar meu fundo fiduciário e usá-lo para sair do Olimpo. *Eu posso sobreviver a isso. Eu* vou *sobreviver a isso.*

Zeus praticamente sorri para mim, toda sinceridade calorosa. — Eu sei que esta não é a abordagem mais convencional, mas é hora de fazer o anúncio.

Eu pisco — Anúncio?

— Sim, Perséfone. — Minha mãe se aproxima, atirando punhais de seus olhos. — O anúncio. — Ela está tentando transmitir algum conhecimento diretamente para o meu cérebro, mas não tenho ideia do que está acontecendo.

Zeus reclama minha mão e minha mãe praticamente me empurra atrás dele quando ele vai para a frente do salão. Lanço um

olhar selvagem para minha irmã, mas Psique está com os olhos tão arregalados quanto eu me sinto agora. O que está acontecendo?

As pessoas ficam em silêncio quando passamos, seus olhares mil agulhas contra a minha nuca. Não tenho amigos neste salão. Minha mãe diria que é minha própria culpa por não fazer networking da maneira que ela me instruiu várias vezes. Tentei. Realmente, eu tentei. Demorou um mês inteiro para perceber que os insultos mais cruéis vêm com sorrisos doces e palavras doces. Depois que o primeiro convite para o almoço resultou em minhas palavras erradas sendo espalhadas nas manchetes de fofocas, eu desisti. Nunca vou jogar o jogo tão bem quanto as víboras neste salão. Odeio as frentes falsas, os insultos escorregadios e as lâminas escondidas em palavras e sorrisos. Quero uma vida normal, mas isso é impossível para uma mãe nos Treze.

Pelo menos, é impossível no Olimpo.

Zeus para na frente do salão e pega uma taça de champanhe. Parece absurdo em sua mão grande, como se ele fosse quebrá-la com um toque áspero. Ele levanta a taça e os últimos murmúrios no salão desaparecem. Zeus sorri para eles. É fácil ver como ele mantém tal devoção, apesar dos rumores que circulam sobre ele. O homem praticamente tem carisma escorrendo pelos poros. — Amigos, não fui completamente honesto com vocês.

— Essa é a primeira vez, — alguém diz do fundo do salão, enviando uma onda de risadas fracas pelo espaço.

Zeus ri junto com eles. — Embora tecnicamente estejamos aqui para votar os novos acordos comerciais com o Vale Sabine, também tenho um pequeno anúncio a fazer. Já passou da hora de encontrar uma nova Hera e tornar nosso número completo novamente. Eu

finalmente escolhi. — Ele olha para mim, e é o único aviso que recebo antes que ele diga as palavras que acendem meus sonhos de liberdade tão completamente que só posso vê-los queimar até as cinzas. — Perséfone Dimitriou, você quer se casar comigo?

Eu não consigo respirar. Sua presença sugou todo o ar do salão, e as luzes brilham muito. Eu balanço sobre meus calcanhares, apenas mantendo meus pés por pura força de vontade. Os outros cairão sobre mim como uma matilha de lobos se eu desabar agora? Não sei, e porque não sei, tenho que ficar de pé. Abro a boca, mas não sai nada.

Minha mãe me pressiona do outro lado, toda sorrisos brilhantes e tons alegres. — Claro que ela vai! Ela ficará honrada em aceitar. — Seu cotovelo bate na minha lateral. — Não é verdade?

Dizer não, não é uma opção. Este é *Zeus*, rei em tudo, menos no nome. Ele consegue o que quer, quando quer, e se eu o humilhar agora na frente das pessoas mais poderosas do Olimpo, ele fará com que minha família inteira pague. Eu engulo em seco. — Sim.

Uma alegria sobe, o som me deixando tonta. Avisto alguém gravando isso com seu telefone e sei, sem sombra de dúvida, que em uma hora estará em todas as estações de notícias pela manhã.

As pessoas se apresentam para nos parabenizar - na verdade, para parabenizar *Zeus* - e, apesar de tudo, ele continua segurando minha mão com força. Eu fico olhando para os rostos que se movem em um borrão, uma onda de ódio crescendo em mim. Essas pessoas não se importam comigo. Eu sei disso, é claro. Eu sei disso desde minha primeira interação com eles, desde o momento em que ascendemos a este círculo social abobadado em virtude da nova posição de minha mãe. Mas este é um nível totalmente diferente.

Todos nós conhecemos os rumores sobre Zeus. *Todos* nós. Ele

passou por três Heras - três esposas - em seu tempo liderando os Treze.

Três esposas *mortas*, agora.

Se eu deixar esse homem colocar o anel em meu dedo, posso muito bem deixá-lo colocar uma coleira e uma guia em mim também. Nunca serei eu mesma, nunca serei outra coisa senão uma extensão dele até que ele também se canse de mim e substitua aquela coleira por um caixão.

Eu nunca estarei livre do Olimpo. Não até que ele morra e o título passe para seu filho mais velho. Isso pode levar anos. Pode levar *décadas*. E isso está fazendo a suposição ultrajante de que vou sobreviver a ele, em vez de terminar a dois metros de profundidade como o resto das Heras.

Francamente, não gosto das minhas probabilidades.

CAPÍTULO 2

Perséfone

A festa continua ao meu redor, mas não consigo me concentrar em nada. Rostos se confundem, cores se fundem, o som de elogios jorrando é estático em meus ouvidos. Um grito está crescendo em meu peito, um som de perda muito grande para meu corpo, mas não posso deixar escapar. Se eu começar a gritar, tenho certeza de que nunca vou parar.

Eu bebo champanhe com os lábios entorpecidos, minha mão livre tremendo tanto que o líquido espirra na taça. Psique aparece na minha frente como num passe de mágica, e embora ela tenha sua expressão vazia firmemente no lugar, seus olhos estão praticamente atirando lasers em nossa mãe e Zeus. — Perséfone, eu tenho que ir ao banheiro. Vem comigo?

— É claro. — Eu mal pareço eu mesma. Quase tenho que arrancar meus dedos dos de Zeus, e tudo em que consigo pensar são aquelas mãos carnudas no meu corpo. Ai, deuses, vou vomitar.

Psique me empurra para fora do salão de baile, usando seu corpo voluptuoso para me proteger, esquivando-se de simpatizantes como se ela fosse minha própria segurança pessoal. O corredor não parece nada melhor, no entanto. As paredes estão se fechando. Posso ver as marcas de Zeus em cada centímetro deste lugar. Se eu casar com ele, ele vai colocar sua marca em *mim* também. — Eu não consigo respirar. — Eu murmuro.

— Continue caminhando. — Ela me apressa passando pelo banheiro, virando uma esquina e indo para o elevador. A sensação

claustrofóbica é ainda pior quando as portas se fecham, prendendo-nos no espaço espelhado. Eu fico olhando para o meu reflexo. Meus olhos estão muito grandes em meu rosto e minha pele pálida está sem cor.

Eu não consigo parar de tremer. — Eu vou vomitar.

— Quase lá, quase lá. — Ela praticamente me carrega para fora do elevador no segundo em que as portas se abrem, levando-nos por outro corredor largo de mármore até uma porta lateral. Entramos em um dos poucos pátios que cercam o prédio, um pequeno jardim cuidadosamente curado no meio de tanta cidade. Está dormente agora, polvilhado com a neve fina que começou a cair enquanto estávamos lá dentro. O frio me corta como uma lâmina, e dou boas-vindas à picada. Qualquer coisa é melhor do que ficar naquele salão por mais um momento.

A Torre Dodona fica bem no centro do Olimpo, uma das poucas propriedades pertencentes aos Treze como um todo, e não a qualquer um dos indivíduos, embora todos saibam que o que conta é de Zeus em todos os sentidos. É um grande arranha-céu que eu costumava achar quase mágico quando era muito jovem para conhecê-lo melhor.

Psique me guia até um banco de pedra. — Você precisa colocar a cabeça entre os joelhos?

— Não vai ajudar. — O mundo não para de girar. Eu tenho que... eu não sei. Não sei o que devo fazer. Sempre vi meu caminho diante de mim, estendendo-se ao longo dos anos até meu objetivo final. Sempre foi *tão claro*. Terminando meu mestrado aqui no Olimpo, um compromisso com minha mãe. Esperar até completar 25 anos e ganhar meu fundo fiduciário e então usar o dinheiro para me libertar do Olimpo. É difícil lutar contra a barreira que nos separa do resto do

mundo, mas não é impossível. Não com as pessoas certas ajudando, e meu dinheiro garante que será o caso. E então estarei livre. Posso me mudar para a Califórnia para fazer meu PhD em Berkeley. Uma nova cidade, uma nova vida, um novo começo.

Agora não consigo ver absolutamente nada.

— Eu não posso acreditar que ela fez isso. — Psique começa a andar, seus movimentos curtos e raivosos, seu cabelo escuro tão parecido com o de nossa mãe balançando a cada passo. — Calisto vai matá-la. Ela *sabia* que você não queria nada disso, e ela a forçou a fazer isso de qualquer maneira.

— Psique... — Minha garganta está quente e apertada, meu peito ainda mais apertado. Como se tivesse sido empalado e só agora percebesse. — Ele matou sua última esposa. Suas últimas *três* esposas.

— Você não sabe disso. — Ela responde automaticamente, mas não consegue encontrar meu olhar.

— Mesmo que eu não... mamãe sabia do que todos acreditam que ele é capaz e não se importava. — Eu envolvo meus braços em volta de mim. Não faz nada para acalmar meus tremores. — Ela me vendeu para cimentar seu poder. Ela já é uma das Treze. Por que isso não é bom o suficiente para ela?

Psique se empoleira no banco ao meu lado. — Nós vamos descobrir uma maneira de superar isso. Só precisamos de tempo.

— Ele não vai me dar tempo, — eu digo estupidamente. — Ele vai empurrar o casamento assim como empurrou a proposta. — Quanto tempo eu tenho? Uma semana? Um mês?

— Devíamos ligar para Calisto.

— *Não*. — Quase grito a palavra e faço um esforço para abaixar a voz. — Se você contar a ela agora, ela virá direto para cá e fará uma

cena. — Quando se trata de Calisto, isso pode significar gritar com nossa mãe... ou pode significar tirar um dos saltos altos que ela prefere e tentar esfaquear Zeus na garganta. Haveria consequências de qualquer maneira, e não posso deixar minha irmã mais velha carregar o fardo de me proteger.

Eu tenho que descobrir meu próprio caminho para isso.

De alguma maneira.

— Talvez fazer uma cena seja uma coisa boa neste momento.

Abençoe Psique, mas ela ainda não entendeu. Como filhas de Deméter, temos duas opções - jogar dentro das regras do Olimpo ou deixar a cidade totalmente para trás. É isso. Não há como contrariar o sistema sem pagar o custo, e as consequências são muito graves. Uma de nós saindo da linha criará um efeito cascata que afetará todos os que estão conectados a nós. Mesmo mamãe sendo uma das Treze não vai nos salvar se chegar a esse ponto.

Eu deveria casar com ele. Isso garantiria que minhas irmãs permanecessem protegidas, ou o mais perto disso possível neste poço de víboras. É a coisa certa a fazer, mesmo que o simples pensamento me faça mal. Como se em resposta, meu estômago se agita e mal chego ao arbusto mais próximo a tempo de vomitar. Estou vagamente ciente de que Psique está segurando meu cabelo longe do rosto e esfregando minhas costas em círculos suaves.

Eu deveria fazer isso... mas não posso.

— Eu não posso fazer isso. — Dizer em voz alta faz com que pareça mais real. Limpo minha boca e me forço a ficar de pé.

— Estamos perdendo algo. Não há como mamãe te mandar para um casamento com um homem que pode te machucar. Ela é ambiciosa, mas nos ama. Ela não nos colocaria em perigo.

Houve um tempo em que concordei. Depois desta noite, não sei em que acreditar. — Não posso fazer isso —, repito. — Eu *não vou* fazer isso.

Psique vasculha sua pequena bolsa e encontra um chiclete. Quando eu faço uma careta para ela, ela encolhe os ombros. — Não adianta se distrair com a respiração do vômito enquanto você está fazendo declarações de intenção que mudam sua vida.

Pego o chiclete e o sabor de menta ajuda a me aterrar ao chão um pouco. — Eu não posso fazer isso, — eu repito novamente.

— Sim, você mencionou isso. — Ela não me diz o quão impossível será essa situação. Ela também não lista todas as razões pelas quais lutar contra isso nunca acontecerá do meu jeito. Sou apenas uma mulher solteira contra todo o poder que o Olimpo pode trazer à tona. Sair da linha não é uma opção. Eles vão me forçar a ficar de joelhos antes de me soltarem. Sair desta cidade já exigiria todos os recursos que tenho. Saindo agora que Zeus me reivindicou? Não sei se isso é possível.

Psique segura minhas mãos. — O que você vai fazer?

O pânico bate em minha cabeça. Tenho a suspeita de que, se eu voltar para aquele prédio, nunca mais sairei. Parece paranoia, mas eu me senti estranha sobre o quão furtiva minha mãe estava agindo por dias agora e veja como isso acabou. Não, não posso ignorar meus instintos. Não mais. Ou talvez meu medo esteja nublando meus pensamentos. Eu não sei e não me importo. Só sei que absolutamente *não posso* voltar.

— Você pode pegar minha bolsa? — Deixei tanto ela quanto meu telefone lá em cima. — E dizer a mamãe que não me sinto muito bem

e que vou para casa?

Psique já está assentindo. — É claro. Qualquer coisa que você precise.

Demora dez segundos depois que ela sai para registrar que voltar para casa não resolverá nenhum desses problemas. Mamãe virá me buscar e me entregar de volta ao meu novo noivo, amarrada, se necessário. Eu esfrego minhas mãos no rosto.

Não posso ir para casa, não posso ficar aqui, não consigo *pensar*.

Eu me levanto e me viro para a entrada do pátio. Eu deveria esperar que Psique voltasse, deveria deixá-la me convencer a me acalmar. Ela é tão astuta quanto a mãe; ela vai encontrar uma solução se tiver tempo suficiente. Mas deixá-la se envolver significa correr o risco de que Zeus vá puni-la ao meu lado no segundo que ele perceber que eu desesperadamente não quero seu anel em meu dedo. Se houver uma chance de poupar minhas irmãs das consequências de minhas ações, vou fazê-lo. Mamãe e Zeus não terão motivo para puni-las se não participaram em me ajudar a desafiar esse casamento.

Eu tenho que sair e tenho que fazer isso sozinha. Agora.

Dou um passo e depois outro. Quase paro quando chego ao lado do grosso arco de pedra que leva para a rua, quase deixo meu medo crescente e imprudente me abandonar e volto para me submeter à coleira que Zeus e minha mãe estão tão ansiosos para colocar em meu pescoço.

Não.

A única palavra parece um grito de guerra. Avanço, passo pela entrada e saio para a calçada. Eu pego meu ritmo, movendo-me em uma caminhada rápida e virando para o sul por instinto. Longe da casa da minha mãe. Longe da Torre Dodona e de todos os predadores

nela contidos. Se eu conseguir alguma distância, posso *pensar*. Isso é o que eu preciso. Se eu conseguir colocar meus pensamentos em ordem, posso bolar um plano e encontrar uma maneira de sair dessa bagunça.

O vento aumenta enquanto eu caminho, cortando meu vestido fino como se ele não existisse. Eu me movo mais rápido, meus saltos batendo ao longo da calçada de uma forma que me lembra minha mãe, o que só serve para me lembrar do que ela fez.

Não me importa se Psique provavelmente está certa, que mamãe, sem dúvida, tem algum esquema na manga que não coloca minha cabeça em um obstáculo literal. Seus planos não fazem diferença. Ela não falou comigo, não me deu o benefício da dúvida; ela simplesmente sacrificou esse peão para ter acesso ao rei. Me deixa com vontade de vomitar de novo.

Os prédios altos do centro do Olimpo cortam um pouco o vento, mas toda vez que atravesso uma rua, ele vem do norte e enrola meu vestido em volta das minhas pernas. Parece muito gelado saindo da água da baía, tão frio que meus seios doem. Tenho que sair dos elementos, mas a ideia de me virar e voltar para a Torre de Dodona é horrível demais para suportar. Prefiro congelar.

Eu rio roucamente com o pensamento absurdo. Sim, isso vai mostrar a eles. Perder alguns dedos do pé por congelamento definitivamente machucará minha mãe e Zeus mais do que a mim. Não sei dizer se é pânico ou frio me deixando maluca.

O centro do Olimpo é tão cuidadosamente polido quanto a torre de Zeus. Todas as vitrines criam um estilo unificado que é elegante e minimalista. Metal, vidro e pedra. É bonito, mas no final das contas sem alma. O único indicador de que tipo de negócios está contido atrás das várias portas de vidro são placas verticais de bom gosto com

os nomes das empresas. Quanto mais longe do centro da cidade, mais estilo e sabor individual se infiltram nos bairros, mas tão perto da Torre Dodona, Zeus controla tudo.

Se nos casarmos, ele pedirá roupas para mim para que eu me encaixe perfeitamente em sua estética? Supervisionar minhas visitas de cabeleireiro para me moldar na imagem que ele deseja? Monitorar o que eu faço, o que digo, o que *penso*? O pensamento me faz estremecer.

Demoro três quarteirões antes de perceber que meus passos não são os únicos que ouço. Eu olho por cima do ombro para encontrar dois homens a meio quarteirão de volta. Eu pego meu ritmo, e eles o acompanham facilmente. Não exatamente tentando diminuir a distância, mas não consigo evitar a sensação de estar sendo caçada.

Já tarde, todas as lojas e negócios do centro da cidade estão fechados. Há música a alguns quarteirões de distância que deve ser um bar ainda aberto. Talvez eu possa perdê-los lá - e me aquecer no processo.

Pego a próxima curva à esquerda, apontando na direção do som. Outra olhada por cima do meu ombro mostra apenas um único homem atrás de mim. Para onde foi o outro?

Recebo minha resposta alguns segundos depois, quando ele aparece no próximo cruzamento à minha esquerda. Ele não está bloqueando a rua, mas todo instinto que tenho me diz para ficar o mais longe possível dele. Eu viro para a direita, mais uma vez em direção ao sul.

Quanto mais me afasto do centro da cidade, mais os prédios começam a se distanciar da imagem pré-fabricada. Começo a ver lixo na rua. Várias empresas têm grades nas janelas. Há até mesmo um

sinal de exclusão ou duas grudadas em portas sujas. Zeus só se preocupa com o que pode ver e, aparentemente, seu olhar não se estende para este bloco.

Talvez seja o frio confundindo meus pensamentos, mas levo muito tempo para perceber que eles estão me levando ao rio Estige. Os verdadeiros medos prendem seus dentes em mim. Se eles me encurralarem contra as margens, ficarei presa. Existem apenas três pontes entre a cidade alta e a cidade baixa, mas ninguém as usa - não desde que o último Hades morreu. Cruzar o rio é proibido. Se for para acreditar na lenda, não é realmente possível sem pagar algum tipo de preço terrível.

E isso se eu conseguisse chegar a uma ponte.

O terror me dá asas. Eu paro de me preocupar com o quanto meus pés doem nesses saltos ridiculamente desconfortáveis. O frio mal se registra. Deve haver uma maneira de contornar meus perseguidores, de encontrar pessoas que possam ajudar.

Eu nem mesmo tenho a porra do meu telefone.

Droga, eu não deveria ter deixado as emoções tomarem conta de mim. Se eu apenas tivesse esperado que Psique me trouxesse minha bolsa, nada disso estaria acontecendo... Estaria?

O tempo deixa de ter significado. Os segundos são medidos em cada exalação áspera que sai do meu peito. Não consigo pensar, não consigo parar, estou quase correndo. Deuses, meus pés doem.

No começo, mal registro o barulho do rio correndo. É quase impossível ouvir com minha própria respiração irregular. Mas então está ali na minha frente, uma fita preta molhada muito larga, muito rápida para nadar com segurança, mesmo se fosse verão. No inverno, é uma sentença de morte.

Eu me viro para encontrar os homens mais perto. Não consigo distinguir seus rostos nas sombras, o que é mais ou menos na hora em que percebo como a noite ficou tranquila. O som daquele bar é apenas um murmúrio à distância.

Ninguém está vindo para me salvar.

Ninguém sabe que estou aqui.

O homem da direita, o mais alto dos dois, ri de um jeito que faz meu corpo lutar contra estremecimentos que não têm nada a ver com o frio. — Zeus gostaria de uma palavra.

Zeus.

Eu tinha imaginado que essa situação não poderia piorar? Tolo da minha parte. Estes não são predadores aleatórios. Eles foram enviados atrás de mim como cães recuperando uma lebre fugitiva. Eu realmente não pensei que ele ficaria de braços cruzados e me deixaria escapar, não é? Aparentemente sim, porque o choque rouba o pouco pensamento que me resta. Se eu parar de correr, eles vão me pegar e me devolver ao meu noivo. Ele vai me prender. Não tenho absolutamente nenhuma dúvida de que não terei outra oportunidade de escapar.

Eu não penso. Eu não planejo.

Eu tiro meus saltos e corro para salvar minha vida.

Atrás de mim, eles xingam e, em seguida, seus passos batem. Muito perto. O rio faz uma curva aqui e eu sigo a margem. Eu nem sei para onde estou indo. Longe. Eu tenho que ir embora. Eu não me importo com o que parece. Eu me jogaria no próprio rio gelado para escapar de Zeus. Qualquer coisa é melhor do que o monstro que governa a cidade alta.

A ponte Cypress surge na minha frente, uma antiga ponte de

pedra com colunas maiores do que eu e com o dobro da altura. Elas criam um arco que dá a impressão de deixar este mundo para trás.

— Pare!

Eu ignoro o grito e mergulho através do arco. Isso dói. Porra, *tudo* dói. Minha pele arde como se tivesse sido arranhada por alguma barreira invisível, e meus pés parecem que estou correndo em cima de vidro. Eu não me importo. Não posso parar agora, não com eles tão perto. Eu mal noto a névoa subindo ao meu redor, saindo do rio em ondas.

Estou no meio da ponte quando avisto o homem parado na outra margem. Ele está enrolado em um casaco preto com as mãos nos bolsos, a névoa envolvendo suas pernas como um cachorro com seu dono. Um pensamento fantasioso, que é apenas mais uma confirmação de que não estou bem. Eu nem estou no mesmo reino que está bem.

— Ajuda! — Não sei quem é esse estranho, mas ele tem que ser melhor do que o que me persegue. — Por favor ajude!

Ele não se move.

Meus passos vacilam, meu corpo finalmente começando a se desligar do frio, do medo e da estranha dor cortante de cruzar esta ponte. Eu tropeço, quase caindo de joelhos, e encontro os olhos do estranho. *Suplicando.*

Ele olha para mim, ainda como uma estátua envolta em preto, pelo que parece uma eternidade. Então ele parece fazer uma escolha: levantando a mão, palma estendida em minha direção, ele me acena através do que resta do rio Estige. Estou finalmente perto o suficiente para ver seu cabelo e barba escuros, para imaginar a intensidade de seu olhar escuro enquanto a estranha tensão zumbidora no ar parece

relaxar ao meu redor, me permitindo avançar por aqueles passos finais para o outro lado sem dor. — Venha, — ele diz simplesmente.

Em algum lugar nas profundezas do meu pânico, minha mente está gritando que isso é um erro terrível. Eu não me importo. Eu dreno o último pedaço de minha força e corro para ele.

Não sei quem é esse estranho, mas qualquer um é preferível a Zeus.

Não importa o preço.

CAPÍTULO 3

Hades

A mulher não pertence ao meu lado do Rio Estige. Só isso já deve ser o suficiente para me fazer virar, mas não posso deixar de notar sua corrida mancando. O fato de ela estar descalça sem a porra de um casaco no meio de janeiro. O apelo em seus olhos.

Sem mencionar os dois homens perseguindo-a, tentando alcançá-la antes que ela chegue deste lado. Eles não querem que ela atravesse a ponte, o que me diz tudo que preciso saber - eles devem lealdade a um dos Treze. Cidadãos normais do Olimpo evitam cruzar o rio, preferindo ficar em seus respectivos lados do Rio Estige sem entender completamente o que os faz voltar quando alcançam uma das três pontes, mas esses dois estão agindo como se percebessem que ela estará fora de seu alcance, uma vez que ela tocar este lado.

Eu aceno com minha mão. — Mais rápido.

Ela olha para trás e o pânico soa de seu corpo tão alto como se ela tivesse gritado. Ela tem mais medo *deles* do que de mim, o que poderia ser uma revelação se eu parasse para pensar muito sobre isso. Ela está quase perto de mim, a poucos metros de distância.

É quando eu percebo que a reconheço. Eu vi aqueles grandes olhos castanhos e aquele rosto bonito estampado em todos os sites de fofoca que amam seguir os Treze e seus círculos de amigos e familiares. Esta mulher é a segunda filha de Deméter, Perséfone.

O que *ela* está fazendo aqui?

— Por favor —, ela engasga novamente.

Não há nenhum lugar para ela correr. Eles estão de um lado da

ponte. Estou do outro lado. Ela deve estar realmente desesperada para fazer a travessia, para empurrar essas barreiras invisíveis e jogar sua segurança com um homem como eu. — Corra, — eu digo. O tratado me impede de ir até ela, mas uma vez que ela me alcançar...

Atrás dela, os homens aumentam o ritmo, correndo totalmente em um esforço para chegar até ela antes que ela chegue até mim. Ela diminuiu a velocidade, seus passos mais perto de mancar, indicando que ela está ferida de alguma forma. Ou talvez seja puramente exaustão. Ainda assim, ela tropeça, determinada.

Eu conto a distância enquanto ela o cobre. *Seis metros. Quatro. Três. Um.*

Os homens estão perto. Tão perto, porra. Mas leis são leis, e nem mesmo eu posso quebrá-las. Ela tem que chegar ao meu lado de seu próprio poder. Eu olho além dela para eles, um reconhecimento feio rolando por mim. Eu conheço esses homens; tenho arquivos sobre eles que remontam a anos. Eles são dois executores que trabalham nos bastidores para Zeus, cuidando de tarefas que ele preferia que seu público devoto não soubesse que ele está envolvido.

O fato de que eles estão aqui, *perseguindo-a*, significa que algo grande está acontecendo. Zeus gosta de brincar com sua presa, mas com certeza ele não tentaria esse jogo com uma das filhas de Deméter? Não importa. Ela está quase fora do território dele... e no meu.

E então, milagrosamente, ela consegue.

Pego Perséfone pela cintura no segundo em que ela atinge este lado da ponte, giro-a e prendo-a de volta no meu peito. Ela parece ainda menor em meus braços, ainda mais frágil, e uma raiva lenta cresce em mim com a maneira como ela estremece. Esses filhos da

puta a perseguiram por algum tempo, aterrorizando-a sob *seu* comando. Sem dúvida, é uma espécie de punição; Zeus sempre gostou de trazer as pessoas ao rio Estige, deixando que o medo aumentasse a cada quarteirão que passavam, até ficarem presas nas margens do rio. Perséfone é uma das poucas a realmente tentar uma das pontes. Ele fala de uma força interior para tentar a travessia sem um convite, muito menos para ter sucesso. Eu respeito isso.

Mas todos nós temos nossos papéis a desempenhar esta noite, e mesmo que eu não planeje prejudicar essa mulher, a realidade é que ela é um trunfo que caiu direto em minhas mãos. É uma oportunidade que não vou deixar passar. — Fique quieta —, murmuro.

Ela congela, exceto por suas inspirações e expirações ofegantes. — Quem...

— Agora não. — Eu faço o meu melhor para ignorar seu tremor no momento e seguro sua garganta com a mão, esperando que esses dois me alcancem. Não a estou machucando, mas exerço a menor pressão para mantê-la no lugar - para fazer com que pareça convincente. Ela ainda está contra mim. Não tenho certeza se é confiança instintiva, medo ou exaustão, mas não importa.

Os homens param, relutantes e incapazes de cruzar a distância restante entre nós. Estou na margem da cidade baixa. *Eu* não quebrei nenhuma lei e eles sabem disso. O da direita brilha. — Essa é a mulher de Zeus que você tem aí.

Perséfone fica rígida em meus braços, mas eu ignoro. Eu invoco minha raiva, injetando-a em minha voz em tons gelados. — Então ele não deveria ter deixado seu pequeno animal de estimação vagar tão longe da segurança.

— Você está cometendo um erro. Um grande erro.

Erro. Isso não é um erro. É uma oportunidade que estou esperando há trinta malditos anos para encontrar. Uma chance de atingir o coração de Zeus em seu império brilhante. Para levar alguém importante para ele da mesma forma que ele levou as duas pessoas mais importantes para *mim* quando eu era criança. — Ela está em meu território agora. Você pode tentar roubá-la de volta, mas as consequências por quebrar o tratado serão sobre sua cabeça.

Eles são inteligentes o suficiente para saber o que isso significa. Não importa o quanto Zeus queira que esta mulher seja devolvida a ele, mesmo ele não pode quebrar este tratado sem derrubar o resto dos Treze em sua cabeça. Eles trocam um olhar. — Ele vai matar você.

— Ele é bem-vindo para tentar. — Eu os encaro. — Ela é minha agora. Não se esqueça de dizer a Zeus o quanto pretendo desfrutar de seu presente inesperado. — Eu me movo então, jogando Perséfone por cima do meu ombro e caminhando pela rua, mais fundo em meu território. O que quer que a tenha deixado paralisada até este ponto se quebra e ela luta, batendo nas minhas costas com os punhos.

— Ponha-me no chão.

— Não.

— Me deixe ir.

Eu a ignoro e viro a esquina, movendo-me rapidamente. Assim que estamos fora de vista da ponte, coloco-a no chão. A mulher tenta me dar um soco, o que pode me divertir em outras circunstâncias. Ela tem mais resistência do que eu esperava de uma das filhas socialite de Deméter. Eu tinha planejado deixá-la andar sozinha, mas me demorar na noite após esse confronto é um erro. Ela não está vestida para isso, e sempre há a chance de que Zeus tenha espiões em meu território que

irão relatar essa interação de volta para ele.

Afinal, tenho espiões em *seu* território.

Eu tiro meu casaco e a coloco dentro dele, fechando o zíper antes que ela tenha a chance de lutar comigo, prendendo seus braços ao lado do corpo. Ela pragueja, mas já estou me movendo novamente, levantando-a de volta por cima do ombro. — Fique quieta.

— Porra que eu vou.

Minha paciência, já tênue, quase se rompe. — Você está meio congelada e mancando. Cale a boca e fique quieta até entrarmos.

Ela não para murmurando baixinho, mas ela *para* de lutar. É o suficiente. Afastar-se do rio é a primeira prioridade agora. Duvido que os homens de Zeus sejam tolos o suficiente para tentar terminar a travessia, mas esta noite já trouxe o inesperado. Eu sei que é melhor não tomar nada como garantido.

Os edifícios tão perto do rio estão intencionalmente degradados e vazios. Tanto melhor para preservar a narrativa que a cidade alta gosta de contar a si mesma sobre o meu lado do rio. Se aqueles idiotas brilhantes pensam que não há nada de valor aqui, eles me deixam e meu povo em paz. O tratado dura apenas enquanto os Treze estiverem de acordo. Se eles decidirem se unir para tomar a cidade baixa, isso significa o pior tipo de problema. Melhor evitá-lo completamente.

Um ótimo plano até esta noite. Eu chutei o ninho de vespas e não há como desfazê-lo. A mulher por cima do meu ombro será a ferramenta que eu uso para finalmente derrubar Zeus, ou ela será minha ruína.

Pensamentos alegres.

Eu mal chego ao final do quarteirão antes de duas sombras se

destacarem dos prédios de cada lado da rua e caminharem alguns metros atrás de mim. Minta e Caronte. Há muito tempo me acostumei com o fato de que minhas perambulações noturnas nunca são verdadeiramente solitárias. Mesmo quando eu era criança, ninguém nunca tentou me impedir. Eles apenas se certificaram de que eu não tivesse problemas dos quais não pudesse sair de novo. Quando eu finalmente assumi a cidade baixa e meu guardião desceu, ele entregou o controle de tudo, exceto isso.

Uma pessoa mais dócil presumiria que meu pessoal o faz por conta própria. Talvez seja parte disso. Mas, no final do dia, se eu morrer agora sem um herdeiro, o equilíbrio cuidadosamente curado do Olimpo oscila e desmorona. Os idiotas da cidade alta nem mesmo percebem o quão vital eu sou para a máquina deles. Não falado, não reconhecido... mas eu prefiro assim.

Nada de bom acontece quando os outros Treze viram seus olhos dourados para cá.

Atravesso um beco e depois outro. Existem partes da cidade baixa que se parecem com o resto do Olimpo, mas esta não é uma delas. Os becos cheiram mal e o vidro estala sob meus sapatos a cada passo. Alguém que só visse a superfície sentiria falta das câmeras cuidadosamente ocultas, dispostas para captar o espaço de todos os ângulos.

Ninguém se aproxima da minha casa sem que meu pessoal saiba. Nem mesmo eu, embora eu já tenha aprendido alguns truques para quando eu *realmente* precisar de *um* tempo sozinho. Viro à esquerda e caminho até uma porta indefinida enfiada em uma parede de tijolos igualmente indefinida. Um rápido olhar para a pequena câmera em ângulo no topo da porta e a fechadura se abre sob minha

mão. Fecho a porta suavemente atrás de mim. Minta e Caronte varrerão a área e voltarão para garantir que os dois quase intrusos não tenham ideias tolas.

— Estamos dentro agora. Ponha-me no chão. — A voz de Perséfone é tão fria quanto qualquer princesa na corte.

Eu começo a descer a escada estreita. — Não. — Está escuro, a única luz vem de corredores fracos no chão. O ar fica extremamente frio quando chego ao final da escada. Estamos totalmente subterrâneos agora, e não nos preocupamos com o controle do clima nos túneis. Eles estão aqui para uma viagem fácil ou uma rota de fuga de última hora. Eles não estão aqui para conforto. Ela estremece por cima do meu ombro, e estou feliz por ter tido tempo para jogar o casaco nela. Não poderei ver seus ferimentos até que estejamos de volta à minha casa, e quanto mais rápido isso acontecer, melhor para todos.

— Me. Coloque. No. Chão.

— Não, — eu repito. Não vou perder o fôlego explicando que ela está funcionando com pura adrenalina agora, o que significa que ela não está sentindo nenhuma dor. E ela *vai* sentir dor quando essas endorfinas passarem. Seus pés estão fodidos. Não acho que ela esteja com hipotermia, mas não tenho ideia de quanto tempo ela ficou exposta à noite de inverno naquela triste desculpa de vestido.

— Você costuma sequestrar pessoas?

Eu pego meu ritmo. A fúria espinhosa se foi, substituída por uma calma que aumentou a preocupação. Ela pode estar entrando em choque, o que será muito inconveniente. Tenho um médico de plantão, mas quanto menos pessoas que souberem que Perséfone Dimitriou estiver em minha posse agora, melhor. Pelo menos até eu

descobrir um plano para usar esse presente inesperado.

— Me ouviu? — Ela se mexe um pouco. — Eu perguntei se você costuma sequestrar pessoas.

— Fique quieta. Estamos quase lá.

— Isso não é realmente uma resposta. — Recebo alguns segundos de silêncio abençoado antes que ela continue falando. — Então, novamente, eu nunca fui sequestrada antes, então suponho que esperar uma resposta sobre a experiência anterior do seu sequestrador é simplesmente bobo.

Ela parece totalmente *animada*. Ela definitivamente está em choque. Continuar nessa linha de conversa é um erro, mas me pego dizendo: — Você correu para mim. Isso dificilmente é um sequestro.

— Eu fiz? Eu estava apenas correndo para fugir dos dois homens que me perseguiam. Você estar lá ou não é irrelevante.

Ela pode dizer tudo o que quiser, mas eu vi a maneira como ela se concentrou em mim. Ela queria minha ajuda. Precisava disso. E eu fui incapaz de negar a ela. — Você praticamente se jogou em meus braços.

— Eu estava sendo perseguida. Você parecia o menor de dois males. — A menor das pausas. — Estou começando a me perguntar se cometi um erro terrível.

Eu caminho pelo labirinto de túneis para outro lance de escadas. Este é quase idêntico aos que acabei de descer, até os corredores pálidos em cada escada. Subo de dois em dois, ignorando-a com seus suspiros em resposta ao meu ombro dissonante em seu estômago. Mais uma vez, a porta se abre no segundo em que a toco, destrancada por quem está de plantão na sala de segurança. Eu desacelero o suficiente para garantir que a porta esteja devidamente

fechada atrás de mim.

Perséfone se torce um pouco no meu ombro. — Uma adega. Acho que não vi isso chegando.

— Existe uma parte da noite que você *me* viu chegando? — Eu me amaldiçoo por fazer a pergunta, mas ela está agindo de forma tão estranhamente imperturbável que estou genuinamente curioso. Mais do que isso, se ela está realmente à beira da hipotermia, mantê-la falando agora é o curso de ação sábio.

Com isso, seu tom estranhamente alegre desvanece-se para quase um sussurro. — Não. Eu não vi nada disso vindo.

A culpa me pica, mas eu a ignoro com a facilidade de uma longa prática. Um último lance de escadas para fora da adega e eu paro no corredor dos fundos da minha casa. Depois de um rápido debate interno, vou para a cozinha. Existem suprimentos de primeiros socorros em vários cômodos ao redor do prédio, mas os dois kits maiores estão na cozinha e no meu quarto. A cozinha está mais perto.

Eu empurro a porta e paro. — O que vocês dois estão fazendo aqui?

Hermes congela, duas garrafas do meu melhor vinho em suas pequenas mãos. Ele me dá um sorriso vitorioso que não está nem um pouco sóbrio. — Houve uma festa do ronco na Torre de Dodona. Saímos cedo.

Dionísio está com a cabeça na minha geladeira, o que é o suficiente para me dizer que ele já está bêbado ou drogado - ou alguma combinação dos dois. — Você tem os melhores lanches, — ele diz sem parar em sua busca pela minha comida.

— Agora não é uma boa hora.

Hermes pisca atrás de seus óculos enormes de armação

amarela. — Uh, Hades.

A mulher por cima do meu ombro dá um solavanco como se tivesse sido atingida por um fio elétrico. — *Hades?*

Hermes pisca novamente e empurra para trás sua nuvem de cachos negros com um antebraço. — Estou muito, muito bêbada ou aquela é Perséfone Dimitriou jogada por cima do seu ombro como se você estivesse prestes a encenar alguma coisa sensual?

— Isso é impossível. — Dionísio finalmente aparece com a torta que minha governanta deixou na geladeira hoje cedo. Ele está comendo diretamente do recipiente. Pelo menos ele está usando um garfo neste momento. Ele também tem algumas migalhas na barba e apenas um lado do bigode está enrolado; o outro está apenas um pouco enrugado, como se ele tivesse passado a mão no rosto recentemente. Ele franze a testa para mim. — Ok, talvez não impossível. Ou isso ou a erva que fumei com Helen no pátio antes de sair estava misturada com alguma coisa.

Mesmo que eles não tenham me dito que vieram diretamente de uma festa, suas roupas dizem tudo. Hermes está usando um vestido curto que se transformaria em uma bola de discoteca, refletindo pequenos brilhos em sua pele marrom-escura. Dionísio provavelmente começou a noite com um terno, mas ele está com um decote em V branco e há uma bola de pano amassado na minha ilha da cozinha que sem dúvida é seu paletó e camisa.

Por cima do meu ombro, Perséfone ficou imóvel. Eu nem tenho certeza se ela está respirando. Surge a tentação de dar meia-volta e ir embora, mas sei por experiência própria que esses dois vão apenas me acompanhar e me bombardear com perguntas até que eu ceda à frustração e ataque-os.

Melhor arrancar o Band-Aid agora.

Eu coloco Perséfone no balcão e mantenho a mão em seu ombro para impedi-la de cair. Ela pisca seus grandes olhos castanhos para mim, pequenos arrepios percorrendo seu corpo. — Ela te chamou de Hades.

— É meu nome. — Eu faço uma pausa. — Perséfone.

Hermes ri e coloca as garrafas de vinho no balcão com um tilintar. Ela aponta para si mesma. — Hermes. — Ela aponta para ele. — Dionísio. — Outra risada. — Embora você já soubesse disso. — Ela se inclina no meu ombro e sussurra-grita: — Ela vai se casar com Zeus.

Eu me viro lentamente para olhar para Hermes. — O que? — Eu sabia que ela tinha que ser importante para Zeus para que ele enviasse seus homens atrás dela, mas *casamento* ? Isso significa que tenho minhas mãos sobre os ombros da próxima Hera.

— Sim. — Hermes tira a rolha de uma das garrafas e toma um longo gole diretamente dela. — Eles anunciaram hoje à noite. Você acabou de roubar a noiva do homem mais poderoso do Olimpo. É uma coisa boa que eles não sejam casados ainda, ou você teria sequestrado um dos Treze. — Ela ri. — Isso é positivamente *tortuoso*, Hades. Eu não achei que você tivesse isso em você.

— Eu sabia que ele tinha. — Dionísio tenta comer mais um pedaço de torta, mas tem um pouco de dificuldade para encontrar sua boca, e o garfo fica emaranhado em sua barba. Ele pisca para o utensílio como se fosse o culpado. — Ele é o bicho-papão, afinal. Você não consegue esse tipo de reputação sem ser um pouco tortuoso.

— Isso é o suficiente. — Pego meu telefone no bolso. Preciso ver Perséfone, mas não posso fazer isso enquanto respondo a dezenas de

perguntas desses dois.

— Hades! — Hermes choraminga. — Não nos chute para fora. Acabamos de chegar aqui.

— Eu não convidei vocês. — Não que isso os tenha impedido de cruzar o rio sempre que quiserem. Parte disso é Hermes - ela pode ir aonde quiser, quando quiser em virtude de sua posição. Dionísio, tecnicamente, tem um convite permanente, mas era apenas para fins comerciais.

— Você *nunca* nos convida. — Ela faz beicinho com os lábios vermelhos que, de alguma forma, conseguiu não borrar. — É o suficiente para fazer uma pessoa pensar que você não gosta de nós.

Eu dou a ela o olhar que essa declaração merece e ligo para Caronte. Ele deve estar de volta agora. Com certeza, ele responde rapidamente. — Sim?

— Hermes e Dionísio estão aqui. Envie alguém para levá-los para seus quartos. — Eu poderia jogá-los em um carro e mandá-los para casa, mas com esses dois, não há garantia de que eles não ficarão com o cabelo rebelde e voltarão imediatamente - ou tomarão decisões ainda mais questionáveis. A última vez que os mandei para casa assim, eles acabaram abandonando meu motorista e tentando dar um mergulho bêbado no rio Estige. Pelo menos se eles estiverem sob meu teto, posso ficar de olho neles até que fiquem sóbrios.

Estou ciente de que Perséfone está me olhando como se eu tivesse brotado chifres, mas cuidar desse par de idiotas é a primeira prioridade. Dois de meus homens chegam e os conduzem para fora, mas só depois de uma negociação tensa que os faz levar a torta e o vinho com eles.

Eu suspiro no momento em que a porta se fecha atrás deles. —

São garrafas de vinho de mil dólares. Ela está bêbada o suficiente para nem mesmo sentir o gosto.

Perséfone faz um som estranho de soluço, que é meu único aviso antes de tirar meu casaco - tendo aberto o zíper enquanto eu estava distraído - e sair correndo. Estou surpreso o suficiente para ficar lá e vê-la tentar mancar para a porta. E ela *está* mancando.

Um vislumbre de listras vermelhas no chão em seu rastro é o suficiente para me tirar disso. — Que porra você pensa que está fazendo?

— Você não pode me manter aqui!

Eu a agarro pela cintura e a carrego de volta para a ilha da cozinha para deixá-la cair sobre ela. — Você está agindo como uma idiota.

Grandes olhos castanhos me encaram. — Você me *sequestrou*. Tentar escapar de você é a coisa mais inteligente a fazer.

Eu agarro seu tornozelo e levanto seu pé para dar uma boa olhada nele. Só quando Perséfone se esforça para segurar o vestido no lugar é que percebo que provavelmente poderia ter feito isso de uma maneira diferente. Ah bem. Eu cuidadosamente toco sua sola e mostro meu dedo. — Você está sangrando. — Existem vários cortes grandes, mas não posso dizer se eles são profundos o suficiente para precisar de pontos.

— Então deixe-me ir para o hospital e vou cuidar disso.

Ela não é nada senão persistente. Eu aperto meu tornozelo com mais força. Ela ainda está tremendo. Droga, não tenho tempo para essa discussão. — Digamos que eu faça isso.

— Então *faça* isso.

— Você acha que vai chegar a três metros dentro de um hospital sem a equipe ligando para sua mãe? — Eu mantenho seu olhar. — Sem eles ligando para o seu... noivo?

Ela estremece. — Eu vou descobrir.

— Como eu disse, você está sendo tola. — Eu balanço minha cabeça. — Agora fique quieta enquanto eu verifico se há vidro.

CAPÍTULO 4

Perséfone

Ele é real.

Eu sei que deveria estar gritando ou lutando ou tentando chegar ao telefone mais próximo, mas ainda estou lutando com o fato de que *Hades é real*. Minhas irmãs nunca vão ouvir o fim disso. Eu *sabia* que estava certa.

Além disso, agora que meu pânico está passando, não posso culpá-lo exatamente por nada. Ele poderia ter me ameaçado um pouco na frente dos homens de Zeus, mas a alternativa era ser arrastada de volta para a Torre de Dodona. E sim, meu estômago pode ter a impressão permanente de seu ombro lá, mas enquanto ele continua rosnando para mim, meus pés estão feridos.

Sem mencionar que a maneira cuidadosa com que ele limpa minhas feridas não suporta exatamente o boato de que Hades é um monstro. Um monstro teria me deixado entregue ao meu destino.

Ele é... outra coisa.

Ele é magro e forte, e há cicatrizes nos nós dos dedos. Uma barba cheia e cabelos escuros na altura dos ombros apenas se inclinam para a presença imponente que ele cria. Seus olhos escuros são frios, mas não totalmente indelicados. Ele parece tão irritado comigo quanto estava com Hermes e Dionísio.

Hades puxa um pequeno caco de vidro e deixa cair na tigela que ele trouxe. Ele olha para o vidro como se ele insultasse sua mãe e chutasse seu cachorro. — Segure firme.

— *Estou* parada. — Ou pelo menos estou tentando. Dói e não

consigo parar de tremer, mesmo com o casaco dele em volta dos meus ombros. Quanto mais tempo fico sentada aqui, mais dói, como se meu corpo estivesse apenas alcançando meu cérebro para perceber o problema em que nos metemos. Não posso acreditar que fui embora, não posso acreditar que caminhei por muito tempo no escuro e no frio até que aterrissei aqui.

Pensar nisso agora está fora de questão. Pela primeira vez na vida, não tenho um plano ou uma lista bem definida para me levar do ponto A ao ponto B. Estou em queda livre. Minha mãe pode me matar quando ela me encontrar. Zeus... eu estremeço. Minha mãe vai ameaçar me jogar pela janela mais próxima ou beber até morrer, mas Zeus pode realmente me machucar. Quem iria impedi-lo? Quem é *poderoso* o suficiente para detê-lo? Ninguém. Se houvesse alguém que pudesse parar aquele monstro, a última Hera ainda estaria viva.

Hades faz uma pausa, um par de pinças em suas mãos maltratadas e uma pergunta em seus olhos. — Você está tremendo.

— Não, eu não estou.

— Pelo amor dos Deuses, Perséfone. Você está tremendo como uma folha. Você não pode simplesmente dizer que não está e esperar que eu acredite quando puder ver a verdade com meus próprios olhos. — Seu brilho é realmente impressionante, mas estou entorpecida demais para sentir qualquer coisa agora. Eu simplesmente sento lá e vejo ele caminhar até a porta escondida no canto e voltar com dois cobertores grossos. Ele coloca um no balcão ao meu lado. — Eu vou levantar você agora.

— Não. — Eu nem sei por que estou discutindo. Estou com frio. Cobertores ajudarão. Mas eu não consigo me conter.

Ele me lança um longo olhar. — Não acho que você esteja

hipotérmica, mas se não aquecer logo, pode acabar assim. Seria uma pena se eu tivesse que usar o calor do corpo para fazer você voltar a uma temperatura segura.

Leva vários segundos para que seu significado seja compreendido. Certamente ele não pode querer dizer que vai nos despir e nos embrulhar até que eu me aqueça. Eu encaro. — Você não faria isso.

— Eu com certeza faria. — Ele me encara. — Você não vai me servir se morrer agora.

Eu ignoro o impulso ultrajante de chamá-lo em seu blefe e, em vez disso, levanto a mão. — Eu posso me mover sozinha. — Estou dolorosamente ciente de sua atenção enquanto eu me movo para cima sentando, até que estou sentada no cobertor em vez da bancada de granito frio. Hades não perde tempo envolvendo o segundo cobertor em volta de mim, cobrindo cada centímetro de pele exposta acima dos meus tornozelos. Só então ele volta ao trabalho de extrair vidro de minhas solas.

Maldito seja, mas o cobertor realmente é bom. O calor começa a se infiltrar em meu corpo quase imediatamente, lutando contra o frio que se instalou em meus ossos. Meu tremor fica mais violento, mas estou ciente o suficiente para perceber que é um bom sinal.

Desesperada para me agarrar a qualquer distração, concentro-me no homem aos meus pés. — O último Hades morreu. Você deveria ser um mito, mas Hermes e Dionísio conhecem você. — Eles estavam na festa da qual fugi - minha... festa de noivado - mas eu realmente não os conheço melhor do que o resto dos Treze. O que quer dizer que não os conheço.

— Há uma pergunta aí? — Ele puxa outra lasca de vidro e a joga

na tigela com um tilintar.

— *Por que* você deveria ser um mito? Não faz sentido. Você é um dos Treze. Você deveria ser...

— Eu sou um mito. Você está sonhando, — ele diz secamente enquanto cutuca meu pé. — Alguma dor aguda?

Eu pisco — Não. Só dói.

Ele acena com a cabeça, como se fosse exatamente o que ele esperava. Eu observo entorpecida enquanto ele coloca uma série de bandagens e começa a lavar e fazer bandagens em meus pés. Eu não... Talvez ele esteja certo e eu realmente esteja sonhando, porque isso não faz o menor sentido. — Você é amigo de Hermes e Dionísio.

— Eu não sou amigo de ninguém. Eles simplesmente aparecem periodicamente como gatos vadios dos quais não consigo me livrar. — Não importa suas palavras, há um fio de carinho em seu tom.

— Você é amigo de dois dos Treze. — Porque ele *era* um dos Treze. Assim como minha mãe. Assim como *Zeus*. *Oh deuses, Psique está certa e Hades é tão ruim quanto o resto deles.*

Os eventos da noite caem sobre mim. Lampejos de cena após cena. O salão da escultura. A astúcia da minha mãe. A mão de Zeus prendendo a minha enquanto anunciava nosso noivado. A corrida apavorada ao longo do rio. — Eles me emboscaram —, eu sussurro.

Com isso, Hades olha para cima, uma carranca puxando suas sobrancelhas fortes juntas. — Hermes e Dionísio?

— Minha mãe e Zeus. — Não sei por que estou contando isso a ele, mas não consigo parar. Agarro o cobertor com mais firmeza em volta dos ombros e estremeço. — Eu não sabia que a festa hoje à noite estava anunciando nosso noivado. Não *concordei* com o nosso noivado.

Estou exausta o suficiente para quase fingir que recebo um lampejo de simpatia antes que a irritação se estabeleça em seu rosto. — Olhe para você. É claro que Zeus quer adicionar você à sua longa lista de Heras.

Ele *iria* pensar isso. Os Treze veem algo que desejam e o aceitam. — É *minha* culpa que eles tomaram essa decisão sem nem mesmo falar comigo *por causa da minha aparência*? — É possível que o topo da cabeça de uma pessoa literalmente exploda? Tenho a sensação de que posso descobrir se continuarmos esta conversa.

— É o Olimpo. Você joga jogos de poder, você paga as consequências. — Ele termina de envolver meu segundo pé e se levanta lentamente. — Às vezes você paga as consequências, mesmo que sejam seus pais jogando. Você pode chorar e soluçar sobre o quão injusto o mundo é, ou você pode fazer algo a respeito.

— Eu *fiz* algo sobre isso.

Ele bufa. — Você correu como um cervo assustado e pensou que ele não iria persegui-la? Querida, isso é praticamente uma preliminar para Zeus. Ele vai te encontrar e te arrastar de volta para aquele palácio dele. Você vai se casar com ele como a filha obediente que você é, e dentro de um ano, você estará dando filhos idiotas a ele.

Eu bato nele.

Eu não quero. Acho que nunca levantei a mão para uma pessoa em toda a minha vida. Nem mesmo minhas irritantes irmãs mais novas quando éramos crianças. Eu fico olhando com horror para a marca vermelha que floresce em sua bochecha. Eu deveria me desculpar. Deveria fazer... alguma coisa. Mas quando abro a boca, não é isso que sai. — Eu vou morrer primeiro.

Hades olha para mim por um longo tempo. Normalmente sou

muito boa em ler as pessoas, mas não tenho ideia do que está acontecendo por trás daqueles olhos profundos e escuros dele. Finalmente, ele resmunga: — Você vai ficar aqui esta noite. Conversaremos de manhã.

— Mas...

Ele me pega de novo, me pegando em seus braços como se eu fosse a princesa que ele me chamou, e me lança um olhar tão frio que engulo meu protesto. Não tenho para onde ir esta noite, sem bolsa, sem dinheiro, sem telefone. Não posso me dar ao luxo de olhar a boca desse cavalo de presente, mesmo que ele esteja rosnando e seja pelo nome que os pais usam para ameaçar os filhos há gerações. Bem, talvez não *este* Hades. Ele parece estar em algum lugar entre seus trinta e poucos anos. Mas o papel de Hades. Sempre nas sombras. Sempre atendendo a ações sombrias melhor realizadas fora da vista de nosso mundo normal e seguro.

É realmente tão seguro? Minha mãe acabou de me vender em casamento para Zeus. Um homem que *os* fatos *empíricos* pintam não como o rei de ouro, amado por todos, mas como um valentão que deixou uma fileira de esposas mortas em seu rastro. E essas são apenas suas esposas. Quem sabe quantas mulheres ele vitimou ao longo dos anos? Pensar nisso é o suficiente para me deixar mal do estômago. Não importa como você gire, Zeus é perigoso e isso é um fato.

Em contraste, tudo em torno de Hades é puro mito. Ninguém que eu conheço acredita que ele existe. Todos concordam que a certa altura, um Hades *existiu* mas que a linhagem de família que detinha o título há muito tempo já morreu. Isso significa que quase não tenho informações para extrair sobre *este* Hades. Não tenho certeza se ele é a

melhor aposta, mas neste ponto, eu pegaria um homem com uma capa de chuva ensanguentada com um gancho no lugar da mão sobre Zeus.

Hades me leva por uma escada sinuosa que parece saída de um filme gótico. Honestamente, os pedaços desta casa que vi são os mesmos. Pisos de madeira escuros e arrojados, moldura de coroa que deveria ser opressora, mas de alguma forma apenas cria a ilusão de deixar o tempo e a realidade para trás. O corredor do segundo andar é coberto por um tapete vermelho escuro espesso.

Melhor para esconder o sangue.

Dou uma risadinha histérica e coloco minhas mãos na boca. Isso não é engraçado. Eu não deveria estar rindo. Estou obviamente a trinta segundos de perdê-lo completamente.

Hades, é claro, me ignora.

A segunda porta à esquerda é nosso destino, e só quando ele está passando por ela é que minha autopreservação desaparecida entra em ação. Estou sozinha com um estranho perigoso em um quarto. — Ponha-me no chão.

— Não seja dramática. — Ele não me deixa cair na cama como eu esperava. Ele me coloca no chão com cuidado e dá um passo igualmente cuidadoso para trás. — Se você sangrar por todo o meu chão tentando escapar, serei forçado a rastreá-la e trazê-la de volta aqui para limpá-los.

Eu pisco. É tão parecido com o que eu estava pensando que é quase assustador. — Você é o homem mais estranho que já conheci.

Agora é a vez dele de me lançar um olhar desconfiado. — O que?

— Exatamente. *Que?* Que tipo de ameaça é essa? Você está preocupado com seus *pisos?*

— São pisos bonitos.

Ele está brincando? Posso acreditar de qualquer outra pessoa, mas Hades parece tão sério quanto desde que o vi parado ali na rua como uma espécie de ceifador. Eu franzo a testa para ele. — Eu não entendo você.

— Você não tem que me entender. Apenas fique aqui até de manhã e tente resistir ao impulso de fazer qualquer coisa para se machucar ainda mais. — Ele acena para a porta escondida no canto. — O banheiro é por ali. Fique fora desses pés o máximo possível. — E então ele se foi varrendo a porta e fechando-a suavemente atrás de si.

Eu conto até dez lentamente e, em seguida, faço isso mais três vezes. Quando ninguém corre para me verificar, eu subo na cama até o telefone inocentemente assentado na mesa de cabeceira. Muito inocentemente? Certamente não há como fazer uma ligação sem ser ouvida. Com esses túneis secretos, Hades não parece o tipo de deixar nada parecido com uma violação de segurança aqui. Provavelmente é uma armadilha, algo projetado para me fazer contar segredos ou algo assim.

Não importa.

Tenho medo de Zeus. Zangada com minha mãe. Mas não posso deixar minhas irmãs frenéticas por meu paradeiro por mais tempo. Psique deve ter chamado Calisto agora, e se há alguém na minha família que vai invadir o Olimpo, pisando nos dedos dos pés e fazendo ameaças até que eu seja encontrada, é minha irmã mais velha. Meu desaparecimento já terá posto fogo no ninho de vespas. Não posso deixar minhas irmãs fazerem nada para agravar uma situação que já é uma bagunça total.

Respirando fundo que não faz nada para me segurar, eu pego o

telefone e disco o número de Eurídice. Ela é a única das minhas irmãs que responderá a um número desconhecido na primeira tentativa. Com certeza, três toques depois, sua voz ofegante atravessa a linha. — Olá?

— Sou eu.

— Oh, graças aos deuses. — Sua voz fica um pouco distante. — É Perséfone. Sim, sim, colocarei no viva-voz. — Um segundo depois, a linha fica um pouco confusa quando ela faz exatamente isso. — Eu tenho Calisto e Psique aqui também. Onde você está?

Eu olho ao redor do quarto. — Vocês não acreditariam em mim se eu contasse.

— Experimente. — Isto de Calisto, uma declaração direta que diz que ela está a meio segundo de tentar descobrir como rastejar através da linha telefônica para me estrangular.

— Se eu percebesse que você ia decolar no segundo em que fui pegar sua bolsa, não teria te deixado sozinha. — A voz de Psique vacila como se ela estivesse à beira das lágrimas. — Mãe está destruindo a cidade alta procurando por você, e Zeus...

Calisto a interrompe. — Foda-se Zeus. E foda-se mamãe também.

Eurídice engasga. — Você não pode dizer coisas assim.

— Eu apenas disse.

Contra toda razão, suas brigas me acalmam. — Estou bem. — Eu olho para meus pés enfaixados. — Estou basicamente bem.

— Onde você está?

Não tenho um plano, mas sei que não posso ir para casa. Voltar para a casa da minha mãe é tão bom quanto admitir a derrota e concordar em se casar com Zeus. Eu não consigo fazer isso. Eu *não*

vou. — Isso não importa. Não vou voltar para casa.

— Perséfone, — Psique diz lentamente. — Eu sei que você não está feliz com isso, mas temos que encontrar um caminho melhor para seguir em frente do que correr noite adentro. Você é a mulher com um plano, e agora, você não tem nenhum plano.

Não, eu não tenho um plano. Estou em queda livre de uma forma que parece perigosa e o terror percorre minha espinha. — Os planos foram feitos para serem adaptados.

Todas as três estão em silêncio, uma ocorrência rara o suficiente que eu gostaria de poder apreciar. Por fim, Eurídice diz: — Por que você está ligando agora?

Essa é a questão, não é? Não sei. — Eu só queria que vocês soubessem que estou bem.

— Vamos acreditar que você está bem quando soubermos onde você está. — Calisto ainda parece pronta para acabar com qualquer um que ficar entre ela e eu, e eu consigo sorrir.

— Perséfone, você simplesmente desapareceu. Todo mundo está procurando freneticamente por você.

Eu digeri essa declaração, separando-a. Todo mundo está procurando freneticamente por mim? Eles mencionaram a mãe antes, mas eu realmente não liguei os pontos até agora. Não faz sentido que ela ainda não saiba minha localização porque... — Zeus sabe onde estou.

— *O quê?*

— Seus homens me seguiram até a ponte Cypress. — Pensar nisso me faz estremecer. Não tenho dúvidas de que receberam instruções para me puxar de volta, mas poderiam facilmente ter me levado a alguns quarteirões da Torre de Dodona. Eles escolheram me

perseguir, para aumentar meu desespero e medo. Nenhum subordinado de Zeus ousaria fazer algo assim com sua noiva... a menos que fosse ordenado pelo próprio Zeus. — Ele está agindo como se não soubesse onde estou?

— Sim. — A raiva ainda não saiu da voz de Calisto, mas diminuiu. — Ele está falando sobre organizar grupos de busca, e mamãe está agitada ao seu lado como se ela já não tivesse ordenado que a mesma coisa fosse feita com seu povo. Ele também mobilizou sua força de segurança privada.

— Mas por que ele faria isso se já sabe onde estou?

Psique pigarreia. — Você cruzou a ponte Cypress?

Droga. Eu não queria deixar isso escapar. Eu fecho meus olhos. — Estou na cidade baixa.

Calisto bufa. — Isso não deve fazer diferença para Zeus. — Ela nunca prestou muita atenção aos rumores de que cruzar o rio é quase tão impossível quanto deixar o Olimpo. Sinceramente, também não acreditei muito, não até sentir aquela pressão horrível quando fiz isso sozinha.

— A menos que... — Eurídice conseguiu controlar suas emoções e eu posso praticamente ver sua mente girando. Ela interpreta a donzela estúpida quando lhe convém, mas é provavelmente a mais inteligente de nós quatro. — A cidade costumava ser dividida em três. Zeus, Poseidon, Hades.

— Isso foi há muito tempo —, murmura Psique. — Zeus e Poseidon trabalham juntos agora. E Hades é um mito. Perséfone e eu estávamos conversando sobre isso esta noite.

— Se ele não fosse um mito, Hades seria o suficiente para fazer Zeus hesitar.

Calisto bufa. — Exceto que mesmo se ele existisse, não há como ele não ser tão ruim quanto Zeus.

— Ele não é. — As palavras escapam, apesar de meus melhores esforços para mantê-las internas. Droga, eu pretendia mantê-las fora disso, mas obviamente isso não vai funcionar. Eu deveria saber disso no momento em que disquei para Eurídice. *Em um centavo, em uma libra.* Eu limpo minha garganta. — Não importa o que ele seja, ele não é tão ruim quanto Zeus.

As vozes de minhas irmãs se misturam à medida que expressam seu choque.

— *O quê?*

— Você bateu com a cabeça enquanto estava fugindo daqueles idiotas?

— Perséfone, sua obsessão está ficando fora de controle.

Eu suspiro. — Não estou alucinando e não bati com a cabeça. — Melhor não contar a elas sobre meus pés ou o fato de que ainda estou tremendo um pouco, mesmo depois de ser embrulhada. — Ele é real e está aqui o tempo todo.

Minhas irmãs ficam em silêncio mais uma vez enquanto digerem *isso*. Calisto amaldiçoa. — As pessoas saberiam.

Elas deveriam saber. O fato de que todos nós acreditamos que ele é um mito o tempo todo fala de uma influência maior que queria apagar a memória de Hades da face do Olimpo. Fala da intromissão de *Zeus*, porque quem mais tem o poder de fazer algo assim? Talvez Poseidon, mas se não se trata do mar e do cais, ele parece não se importar com isso. Nenhum dos outros Treze opera com a mesma quantidade de poder que os papéis legados. Nenhum deles ousaria tirar o título de Hades, não por conta própria.

Mas então, ninguém fala realmente sobre o quão pouco existe um cruzamento entre a cidade alta e a cidade baixa. É apenas considerado como as coisas são. Mesmo eu nunca questionei isso, e eu questiono muito mais quando se trata do Olimpo e dos Treze.

Finalmente, Psique diz: — O que você precisa de nós?

Eu acho difícil. Só preciso durar até meu aniversário e então estou livre. O fundo fiduciário de nossa avó estabeleceu liberações para mim então, e eu não tenho que depender de minha mãe ou de ninguém no Olimpo para nada, nunca mais. Mas não até então, meu vigésimo quinto aniversário. Eu tenho alguns fundos próprios agora, mas eles não são *realmente* meus. Eles são da minha mãe. Eu poderia pedir às minhas irmãs que me trouxessem minha bolsa, mas mamãe já terá congelado minhas contas. Ela gosta de fazer isso para nos punir e vai querer garantir que eu volte rastejando depois de humilhá-la assim. Mas não quero minhas irmãs na cidade baixa, mesmo que elas possam atravessar o rio Estige. Não quando o perigo parece estar em cada esquina.

Na verdade, só há uma resposta. — Vou pensar em algo, mas não vou voltar. Não agora.

— Perséfone, isso não é um plano. — Calisto bufa um suspiro. — Você não tem dinheiro, nenhum telefone que provavelmente não seja grampeado, e está morando com o bicho-papão do Olimpo, que também é um dos Treze. Ele é a própria definição de perigoso. Isso é o oposto de um plano.

Eu não posso discutir isso. — Eu vou descobrir.

— É, não. Tente novamente.

Psique pigarreia. — Se Eurídice pode distrair mamãe, Calisto e eu podemos levar um telefone portátil e o dinheiro que temos em

mãos. Deve, pelo menos, ganhar tempo para descobrir as coisas.

A última coisa que quero fazer é arrastar minhas irmãs para isso, mas agora é tarde demais. Eu me inclino contra a cabeceira da cama. — Deixe-me pensar sobre isso. Ligarei amanhã com mais detalhes.

— Isso não é...

— Eu amo todos vocês. Adeus. — Eu desligo antes que elas possam encontrar outro ângulo para discutir. É a ligação certa a fazer, mas isso não me impede de sentir que cortei minha última conexão com o meu passado. Há muito tempo venho trabalhando em uma maneira de sair do Olimpo, então essa pausa estava prestes a acontecer, mas achei que seria avisada com mais atenção. Achei que ainda seria capaz de me conectar com minhas irmãs sem colocá-las em perigo. Achei que, com tempo suficiente, mamãe até viria e me perdoar por não jogar como um peão em um de seus esquemas.

Parece que eu estava errada sobre muitas coisas.

Para me dar outra coisa em que pensar, olho ao redor do quarto. É tão opulento quanto as partes da casa que eu vi até agora, a cama grande e com um dossel azul escuro que deixaria qualquer princesa orgulhosa. Os pisos de madeira de que Hades tanto gosta são cobertos com um tapete grosso e ainda há mais sancas em todos os lugares. É tão atmosférico quanto o resto da casa, mas realmente não me dá muitas pistas sobre o dono deste lugar. Obviamente, é um quarto de hóspedes e, como resultado, é duvidoso que me diga alguma coisa sobre Hades.

Meu corpo escolhe aquele momento para me lembrar que eu caminhei por horas no frio naqueles saltos esquecidos por Deus e então corri descalça sobre cascalho e vidro. Minhas pernas

doem. Minhas costas doem. Meus pés... Melhor não pensar muito sobre eles. Estou tão incrivelmente exausta, o suficiente para realmente dormir esta noite.

Eu olho ao redor do quarto novamente. Hades pode não ser tão ruim quanto Zeus, mas não posso correr nenhum risco. Eu me levanto cautelosamente e manco até a porta. Não há fechadura, o que me faz xingar baixinho. Manco até o banheiro e quase gemo de alívio quando vejo que essa porta *não* têm um bloqueio.

Meus músculos parecem passar de carne em pedra a cada segundo que passa, pesando sobre mim enquanto arrasto o enorme edredom para fora da cama e para o banheiro. A banheira é mais do que grande o suficiente para dormir, desconfortável ou não. Depois de um rápido debate interno, volto para a porta do quarto e arrasto a mesa lateral na frente dela. Pelo menos vou ouvir alguém vindo para cá. Satisfeita por ter feito tudo que posso, tranco a porta do banheiro e praticamente desabo na banheira.

De manhã, terei um plano. Vou descobrir um caminho a seguir e isso não vai parecer o fim do mundo.

Eu só preciso de um plano...

CAPÍTULO 5

Hades

Depois de algumas horas de sono agitado, desço para a cozinha em busca de café e encontro Hermes empoleirada na ilha da minha cozinha, comendo sorvete direto do pote. Eu paro, ligeiramente alarmado pelo fato de que ela está vestida com um short cortado e uma camiseta grande que ela definitivamente *não* estava usando na noite passada. — Você guarda roupas na minha casa.

— Duh. Ninguém quer levar as consequências de suas aventuras de embriaguez para casa. — Ela mexe atrás dela sem olhar. — Eu coloquei café.

Agradeça aos deuses por pequenos favores. — Café e sorvete são uma forma de lidar com a ressaca.

— Shhh. — Ela faz uma careta. — Minha cabeça dói.

— Imagino isso —, murmuro e ando ao redor para pegar xícaras para nós dois. Eu despejo na dela dois terços do caminho cheio e passo adiante. Ela prontamente derruba uma porção gigante de sorvete no café, e eu balanço minha cabeça. — Sabe, parece que me lembro de trancar a porta ontem à noite. E ainda assim, aqui está você.

— Aqui estou. — Ela me dá uma versão um pouco amarrotada de seu sorriso perverso de costume. — Vamos, Hades. Você sabe que não existe uma fechadura nesta cidade que possa me impedir de entrar.

— Fiquei ciente disso ao longo dos anos. — A primeira vez que ela apareceu foi apenas um mês depois de ganhar o título de Hermes, cerca de cinco ou seis anos atrás. Ela me assustou no meu escritório e

quase acabou com uma bala na cabeça. De alguma forma, essa interação se traduziu em ela decidir que somos grandes amigos. Levei um ano para descobrir que não importava o que *eu* pensava da chamada amizade. Então Dionísio começou a aparecer com ela cerca de seis meses depois disso, e desisti de lutar contra a presença deles.

Se eles são espiões de Zeus, eles são completamente ineficazes e não estão obtendo nenhuma informação que eu não quero que ele receba. Se eles não são...

Bem, não é problema meu.

Ela toma um longo gole de seu café com sorvete e faz um som perturbadoramente sexual. — Tem certeza de que não quer?

— Tenho certeza. — Eu me inclino contra o balcão e tento decidir como jogar isso. Eu realmente não posso confiar em Hermes. Por mais que ela pareça nos considerar amigos, ela é uma dos Treze e eu seria um idiota dez vezes se esquecesse disso. Mas ela faz seu lar na sombra da Torre de Dodona e responde diretamente a Zeus - pelo menos quando lhe convém. Mostrar minha mão antes de ter um plano concreto é uma receita para o desastre.

Mas o gato está fora da bolsa em todos os aspectos que importam. Os homens de Zeus já devem ter informado a localização de Perséfone a ele. Hermes confirmando que não muda nada.

Dionísio tropeça pela porta. Seu bigode está uma bagunça e sua pele pálida está quase verde. Ele acena vagamente em minha direção e vai direto para o café. — Dia.

Hermes bufa. — Você parece a morte.

— Você é culpada. Quem bebe vinho depois do uísque? Vilões, são eles. — Ele contempla a cafeteira por um longo momento e finalmente se serve de uma xícara. — Basta atirar na minha cabeça e

me tirar do meu sofrimento.

— Não me tente —, murmuro.

— Sim, sim, você é muito taciturno e assustador. — Hermes gira na ilha para me enfrentar. Seus olhos escuros se iluminam com malícia. — Todos esses anos eu pensei que era uma atuação, mas então você entra, carregando sua vítima de sequestro.

Começo a esclarecer que não *sequestrei* ninguém, mas Dionísio solta uma gargalhada. — Então eu não alucinei isso. Perséfone Dimitriou sempre pareceu um pouco chata, mas ela acabou de ficar interessante. Ela saiu da festa menos de trinta minutos depois de Zeus anunciar o noivado, e então ela apareceu do outro lado do rio Estige, onde as boas garotas da cidade alta definitivamente não vão? Muito, muito interessante.

Eu franzo a testa, incapaz de me impedir de me concentrar na parte menos importante do que ele acabou de dizer. — Chata? — É verdade que dificilmente nos conhecemos em circunstâncias ideais, mas a mulher é tudo menos chata.

Hermes balança a cabeça, fazendo seus cachos balançarem. — Você só a viu em sua personalidade pública quando sua mãe a arrastou para eventos, Dionísio. Ela não é tão ruim quando não está trancada, especialmente quando está saindo com suas irmãs.

Dionísio abre um olho. — Querida, espionar é altamente desaprovado.

— Quem disse que estou espionando?

Ele abre o outro olho. — Oh, então você tem passado um tempo com as irmãs Dimitriou, não é? As quatro mulheres que odeiam os Treze com uma paixão que é verdadeiramente notável, considerando quem é sua mãe.

— Pode ser. — Ela não consegue nem manter uma cara séria. — Ok, não, mas eu estava curiosa porque a mãe delas está tão determinada a combiná-los com tantas pessoas poderosas quanto ela puder colocar em suas mãos. Vale a pena saber essas coisas.

Eu assisto esse jogo com fascinação. Hermes, sendo uma dos Treze, deveria ser alguém de quem não gosto por princípio, mas seu papel a joga nas sombras de várias maneiras. Mensageira particular, a detentora de segredos que só posso começar a adivinhar, uma ladra quando lhe convém. Ela é quase tão patrona das trevas quanto eu. Isso deve torná-la ainda menos confiável do que o resto deles, mas ela é tão transparente que às vezes me dá dor de cabeça.

Então, o resto de suas palavras penetram. — Então é verdade. Ela está pronta para se casar com Zeus.

— Eles anunciaram ontem à noite. Teria sido triste se eu tivesse espaço em meu coração para a pena. Ela estava se esforçando tanto para manter o sorriso no lugar, mas a pobrezinha estava apavorada. — Dionísio fecha os olhos novamente e se recosta no balcão. — Espero que ela dure mais do que a última Hera. Basta imaginar que jogo Deméter está jogando. Achei que ela se importava mais com a segurança das filhas do que isso.

Estou ciente de que Hermes está me observando de perto, mas me recuso a mostrar meu interesse. Tenho muitos anos trancando tudo até que haja uma parede espessa entre mim e o resto do mundo. Tolerar essas pessoas em minha casa não significa trazê-las à minha confiança. Ninguém ganha isso. Não quando vi como o tiro pode sair pela culatra de forma espetacular e matar pessoas no processo.

Hermes se aproxima da borda da ilha e chuta as pernas, um

estudo de descontração. — Você está certo, Dionísio. Ela não concordou com isso. Um passarinho me disse que não tinha ideia do que estava acontecendo até que a arrastaram para a frente do salão e a colocaram em uma posição em que ela teria que concordar ou irritar Zeus com todos os Treze presentes - bem, os Treze menos Hades e Hera. Todos nós sabemos como isso vai bem.

— Você trabalha para Zeus, — eu digo suavemente, forçando para baixo a raiva instintiva que surge toda vez que o nome do filho da puta surge.

— Não. Eu trabalho para os Treze. Zeus aproveita meus serviços com mais frequência do que os outros, incluindo você. — Ela se inclina para frente e me dá uma piscadela estranha. — Você deve considerar a utilização de minhas habilidades em toda a sua extensão. Sou bastante notável em meu papel, se é que posso dizer isso.

Ela pode muito bem balançar a isca bem na frente do meu rosto e dar uma boa sacudida. Eu levanto minhas sobrancelhas. — Eu seria um tolo em confiar em você.

— Ele tem razão. — Dionísio arrota e parece ainda mais verde, se isso for possível. — Você é complicada.

— Eu não sei do que você está falando. Eu sou o verdadeiro modelo de inocência.

Hermes joga um jogo mais profundo do que qualquer outro. Ela tem que fazer isso para manter o equilíbrio de um partido vagamente neutro em meio a toda a politicagem, manipulação e esquemas dos outros Treze. Confiar nela é como colocar minha mão na boca de um tigre e torcer para que ele não esteja com humor para um lanche.

Ainda...

A curiosidade afunda suas presas em mim e se recusa a me soltar. — A maioria das pessoas no Olimpo ficaria feliz em dar a mão direita para se tornar um dos Treze, com casamento ou não com Zeus. — Os tabloides pintam Perséfone como uma mulher com mais dinheiro do que bom senso - o tipo exato de pessoa que saltaria por ser casada com um homem rico e poderoso como Zeus. Essa Perséfone não se parece em nada com a pessoa forte, mas apavorada, que fugiu pela ponte ontem à noite. Qual é real? Só o tempo irá dizer.

O sorriso de Hermes se alarga como se eu tivesse acabado de lhe dar um presente. — Alguém poderia pensar, não é?

— Tire-o de sua miséria e compartilhe a fofoca. — Dionísio geme. — Você está fazendo minha dor de cabeça piorar.

Hermes puxa suas pernas para cima, e eu tenho que conter o desejo de dizer a ela para tirar os malditos pés do meu balcão. Ela segura a xícara com as duas mãos e a segura diante da boca. — As filhas de Deméter não estão interessadas em poder.

— Certo. — Eu bufo. — Todo mundo está interessado no poder. Se não é poder, então é dinheiro. — Não consigo contar quantas vezes as filhas de Dimitriou foram fotografadas comprando coisas de que certamente não precisam. Pelo menos uma vez por semana.

— Foi o que eu pensei também. É por isso que sinto que posso ser perdoada por bisbilhotar. — Ela lança um olhar para Dionísio, mas ele está muito perdido em sua angústia de ressaca para notar. — Nenhuma delas se preocupa com as ambições de sua mãe. A mais nova até deixou o filho favorito de Caliope tentá-la a um relacionamento.

Isso desperta o meu interesse. — Irmão mais novo de Apolo?

— O mesmo. — Ela ri. — O filho da puta final.

Eu deixei passar, porque realmente não importa o que eu penso de Orfeu Makos. Sua família pode não ser um legado no Olimpo, mas eles tiveram muito poder e fortuna através das gerações, mesmo antes de o irmão mais velho de Orfeu se tornar Apolo. Pelos rumores que ouvi sobre o cara, ele é um músico em uma busca permanente para se encontrar. Já ouvi sua música, e é boa, mas não desculpa o excesso que ele se entrega para perseguir suas várias musas. — Você tem um ponto.

— Eu? — Ela balança as sobrancelhas. — Só estou dizendo que você pode querer se sentar com a mulher e perguntar o que ela quer. — Ela encolhe os ombros e pula para fora do balcão, apenas cambaleando um pouco em seus pés. — Ou você pode simplesmente jogar conforme a expectativa e trancá-la em uma masmorra. Tenho certeza de que Zeus *adoraria* isso.

— Hermes, você sabe muito bem que não tenho uma masmorra.

— Não é úmida e escura — Mais sobrancelhas levantadas. — Todos nós já vimos o salão de jogos, no entanto.

Eu me recuso a reconhecer isso. As festas que organizo de vez em quando fazem parte do meu papel tanto quanto Hades como qualquer outra coisa. Uma persona cuidadosamente criada que é projetada para inspirar as emoções mais sombrias e, como resultado, garantir que as poucas pessoas que sabem da minha existência na cidade alta não se metam comigo. Se acontecer de eu gostar dessa parte específica de tal pessoa, quem pode me culpar? Perséfone daria uma olhada naquela sala e correria gritando por sua vida. — É hora de você ir para casa. — Eu aceno para o corredor. — Eu posso deixar Caronte levar você.

— Não se preocupe. Vamos pegar nossa própria carona. — Ela fica na ponta dos pés e dá um beijo rápido na minha bochecha. — Divirta-se com sua prisioneira.

— Ela não é minha prisioneira.

— Continue dizendo isso a si mesmo. — Então ela se foi, dançando para fora da cozinha descalça como se fosse a coisa mais natural do mundo. A mulher me cansa.

Dionísio parece não ter intenção de deixar minha xícara para trás, mas ele para na porta. — Você e a garota do raio de sol podem ser capazes de se ajudar. — Ele faz uma careta ao meu olhar. — O que? É um pensamento perfeitamente legítimo de se ter. Ela é provavelmente uma das poucas pessoas no Olimpo que odeia Zeus tanto quanto você. — Ele estala os dedos. — Oh, e eu terei aquele carregamento para você até o final da semana. Eu não esqueci.

— Você nunca esquece. — Assim que ele sai pela porta, pego a xícara de café abandonada de Hermes e coloco na pia. A mulher deixa bagunça onde quer que vá, mas estou acostumado a isso neste momento. A noite passada foi relativamente mansa na escala Hermes-Dionísio. A última vez que invadiram, trouxeram uma galinha que encontraram, só os deuses sabiam onde. Eu estava encontrando penas por *dias* depois.

Eu fico olhando para a cafeteira, afastando os pensamentos daqueles dois encrenqueiros. Não são eles que eu preciso me preocupar agora. Zeus é. Estou sinceramente surpreso por ele ainda não ter me contatado. Ele não é do tipo que se senta e espera quando alguém tira um de seus brinquedos.

É tão tentador chegar primeiro, esfregar o nariz no fato de que essa pequena socialite estava disposta a correr para *mim* em vez de se

casar com ele. Fazer isso é muito impulsivo e mesquinho. Se eu pretendo usar Perséfone para realmente conseguir alguma medida de vingança...

Serei tão ruim quanto ele.

Tento afastar o pensamento. Meu povo sofreu com as maquinações de Zeus. *Eu* sofri, perdi tanto quanto qualquer um. Eu deveria estar aproveitando esta chance para obter uma medida de vingança. E eu *quero* vingança. Mas eu quero isso às custas desta mulher que já jogou como peão para sua mãe e Zeus? Sou frio o suficiente para seguir em frente, apesar de seus protestos?

Acho que posso perguntar *o* que ela quer. Que pensamento novo.

Eu faço uma careta e sirvo uma segunda xícara de café. Após um momento de consideração, encontro o creme e o açúcar e os administro. Perséfone não parece o tipo de beber café puro. Então, novamente, o que eu sei? A única informação que tenho sobre ela é o que está escrito nas colunas de fofoca que seguem os Treze e as pessoas em sua esfera. Esses "jornalistas" adoram as mulheres Dimitriou e as seguem como uma matilha de cães. Na verdade, estou meio impressionado que Perséfone conseguiu sair daquela festa sem conseguir uma comitiva.

Quanto é real e quanto é ficção montada de forma criativa? Impossível dizer. Sei melhor do que ninguém que a reputação muitas vezes tem pouco a ver com a realidade.

Estou protelando.

No segundo que eu percebo, eu xingo e saio da cozinha e subo as escadas. Não é tarde, mas eu meio que esperava que ela estivesse acordada e aterrorizando alguém da casa agora. Tanto Hermes quanto

Dionísio conseguiram sair do coma bêbado que eles chamam de sono e partir antes que Perséfone acordasse.

Eu odeio aquela tentação de preocupação que percorre seu caminho através de mim. A saúde mental desta mulher não é da minha conta. Simplesmente não é. Zeus e eu já dançamos no fio de uma espada toda vez que somos forçados a interagir. Um movimento errado e serei dividido em dois. Mais importante ainda, um movimento errado e meu pessoal sofrerá as consequências.

Estou colocando a mim mesmo e a meu povo em perigo por esta mulher que provavelmente tem tanta fome de poder quanto sua mãe e provavelmente vai acordar percebendo que sua melhor maneira de obter esse poder é com o anel de Zeus em seu dedo. Não importa o que ela disse ao telefone ontem à noite para suas irmãs. Não importa.

Bato na porta e espero, mas nenhum som emerge. Eu bato novamente. — Perséfone?

Silêncio.

Depois de um rápido debate interno, abro a porta. Há o mínimo de resistência e eu empurro com mais força, fazendo algo bater do outro lado. Com um longo suspiro, entro no quarto. Demoro uma olhada ao redor do quarto - para ver a mesa lateral virada e o edredom que faltava - para eu chegar à conclusão de que ela se escondeu no banheiro a noite toda.

Claro que ela se escondeu.

Ela está na casa do grande e mau Hades, então ela simplesmente presume que será prejudicada de alguma forma enquanto estiver indefesa durante o sono. Ela se *barricou*. Isso me dá vontade de jogar alguma coisa, mas não me permiti esse tipo de perda de controle desde que mal tinha saído da minha adolescência.

Eu coloco a xícara de café na mesa e pego a mesa lateral, levando um momento para colocá-la de volta exatamente onde ela pertence. Satisfeito com o posicionamento, vou até a porta do banheiro e bato.

Um movimento do outro lado. Então sua voz, tão perto que ela tem que ser pressionada contra a porta. — Você costuma entrar no quarto das pessoas sem permissão?

— Preciso de permissão para entrar em um cômodo da minha própria casa? — Não sei por que estou envolvido nisso. Eu deveria apenas abrir a porta, arrastá-la para fora e mandá-la embora.

— Talvez você deva fazer com que as pessoas assinem um termo de responsabilidade antes de cruzar o limiar, se é assim que você acha que a propriedade de uma casa funciona.

Ela é tão *estranha*. Tão... inesperada. Eu franzo a testa para a madeira caiada. — Vou considerar isso.

— Veja que você faz. Você me acordou abruptamente.

Ela parece tão afetada que eu quero arrancar essa porta das dobradiças só para dar uma boa olhada na expressão que ela está usando agora. — Você estava dormindo em uma banheira. Dificilmente a receita para uma boa noite de descanso.

— Essa é uma visão de mundo muito estreita que você tem.

Eu a encaro, embora ela não possa ver. — Abra a porta, Perséfone. Estou cansado dessa conversa.

— Você parece fazer muito isso. Se você me acha tão cansativa, não deveria arrombar minha porta nas horas iníquas da manhã.

— Perséfone. A porta. Agora.

— Oh, se você insiste.

Eu recuo com o clique da fechadura e então ela está lá, parada na

porta e parecendo deliciosamente amarrotada. Seu cabelo loiro está uma bagunça, há um vinco pressionado em sua bochecha por causa do travesseiro, e ela está com o edredom enrolado em volta dela como uma armadura. Uma armadura muito fofa e ineficaz que exige que ela entre no quarto com pequenos passos para evitar cair de cara no chão.

A vontade ridícula de rir aumenta, mas eu sufoco. Qualquer reação só vai encorajá-la, e essa mulher já me colocou nas costas. *Organize-a. Use-a ou tire-a de lá*. Isso é tudo que importa. Eu aceno para a caneca. — Café.

Os olhos castanhos de Perséfone se arregalam um pouquinho. — Você me trouxe café.

— A maioria das pessoas toma café pela manhã. Realmente não é grande coisa. — Eu faço uma careta. — Embora Hermes seja a única que eu conheço que o toma com sorvete.

Na verdade, seus olhos ficam mais arregalados. — Não acredito que Hermes e Dionísio souberam de você esse tempo todo. Quantas outras pessoas sabem que você não é um mito?

— Uns poucos. — Uma resposta agradável, segura e evasiva.

Ela ainda está olhando para o meu rosto como se procurasse evidências de alguém que ela conhece, como se eu fosse de alguma forma familiar para ela. É desconcertante ao extremo. Tenho a suspeita irracional de que ela está agarrando aquele edredom com tanta força para evitar estender a mão e me tocar.

Perséfone inclina a cabeça para o lado. — Você sabia que há uma estátua de Hades na Torre de Dodona?

— Como eu iria saber? — Só estive na torre uma vez, e Zeus quase não me deu uma turnê completa. Nunca quero repetir a experiência, a menos que seja para acabar com aquele desgraçado de

uma vez por todas. Essa fantasia vingativa em particular me fez passar dias mais difíceis do que eu gostaria de contar.

Ela continua como se eu não tivesse respondido, ainda estudando minhas feições muito de perto. — Há essas estátuas de cada um dos Treze, mas a sua tem uma mortalha negra sobre ela. Acho que para significar que sua linhagem terminou. Você não deveria existir.

— Sim, você fica dizendo isso. — Eu a considero. — Certamente parece que você passou muito tempo estudando esta estátua de Hades. Dificilmente o tipo de homem que Deméter gostaria que você perseguisse.

Só assim, algo se fecha em seus olhos e seu sorriso se ilumina a níveis ofuscantes. — O que posso dizer? Sou uma eterna decepção como filha. — Ela dá um passo e estremece.

Ela está ferida. Porra, esqueci. Eu me movo antes de ter a chance de considerar a sabedoria disso. Eu a pego, ignorando seu grito, e a coloco na cama. — Seus pés estão doendo.

— Se eles estão me machucando, ficarei feliz em me sentar sob meu próprio poder.

Eu olho para ela, encontrando seus olhos, e percebo exatamente o quão perto estamos. Um frisson indesejável de consciência pulsa por mim. Pareço muito áspero quando consigo falar. — Então faça.

— Eu vou! Agora *afaste*. Não consigo pensar com você tão perto.

Dou um passo lento para trás e depois outro. Colocá-la na cama foi um erro, porque agora ela está deliciosamente desarrumada *na cama*, e estou muito ciente de outras atividades relacionadas à cama que produziriam o mesmo aspecto. Porra, mas ela é linda. É o tipo de beleza quente que parece a luz do sol de verão no meu rosto, como se

eu chegar perto demais, vou borrar. Eu fico olhando para essa mulher bonita e desconcertante, e não tenho certeza se posso continuar usando-a, até mesmo para punir Zeus por todos os danos que ele causou a mim e aos meus.

Eu deslizo minhas mãos nos bolsos e me esforço para um tom neutro. — É hora de falarmos sobre o que vem a seguir.

— Na verdade, eu estava pensando a mesma coisa. — Perséfone desmonta cuidadosamente sua armadura de cobertor e me dá uma longa olhada. É todo o aviso que recebo antes que ela destrua a parede das minhas boas intenções. — Acredito que podemos ajudar um ao outro.

CAPÍTULO 6

Perséfone

Uma noite dormindo na banheira de um estranho pode trazer perspectiva para uma situação. Não tenho para onde ir. Sem recursos. Sem amigos que não se curvem à vontade de minha mãe. Um inverno não parecia tão longo quando eu ainda estava passando pela minha vida normal. Agora? Três meses podem muito bem ser uma eternidade por tudo que eu puder quebrar.

Minhas irmãs me ajudariam - Calisto drenaria *seu* fundo fiduciário para garantir que eu saísse ilesa do Olimpo - mas não posso permitir que elas se envolvam nisso. Eu posso estar deixando esta cidade, mas elas não estão e seria covarde ao extremo aceitar sua ajuda e depois fugir, deixando-as lidando com as consequências.

Não, realmente não há outra opção.

Eu tenho que me lançar na misericórdia de Hades e convencê-lo de que podemos nos ajudar.

Não ajuda que a luz suave da manhã não faça nada para torná-lo menos ameaçador. Estou tendo a sensação de que este homem anda por aí com um pouco de meia-noite no bolso. Ele certamente está vestido com um terno preto sobre preto. Caro e de bom gosto e muito, muito atmosférico quando combinado com a barba bem cuidada e o cabelo comprido. E aqueles olhos. Deuses, o homem parece uma espécie de demônio de encruzilhada projetado especificamente para me tentar. Considerando o acordo que estou prestes a oferecer, talvez isso não seja uma coisa ruim.

— Perséfone. — Uma única sobrancelha se arqueia. — Você acha

que podemos ajudar um ao outro. — Um lembrete de que deixei minha voz sumir imediatamente depois de jogar isso no ar entre nós.

Eu aliso meu cabelo para trás, tentando não deixar sua presença me perturbar. Passei os últimos anos me acotovelando com pessoas poderosas, mas isso é diferente. *Ele* se *parece* diferente. — Você odeia Zeus.

— Eu acho que isso é flagrantemente claro.

Eu ignoro isso. — E por alguma razão, Zeus está hesitante em se mover contra você.

Hades cruza os braços sobre o peito. — Zeus pode fingir que as leis não existem para ele, mas mesmo ele não pode resistir à totalidade dos Treze. Temos um tratado elaborado com muito cuidado. Uma pequena seleção de pessoas pode ir e vir da cidade alta para a cidade baixa sem consequências, mas ele não pode. E nem eu.

Eu pisco. Isso tudo é novidade para mim. — O que acontece se você fizer isso?

— Guerra. — Ele encolhe os ombros como se não o preocupasse. Talvez não seja para ele. — Você cruzou por livre e espontânea vontade, e ele não pode levá-la de volta sem arriscar um conflito que envolverá todo o Olimpo. — Seus lábios se curvam. — Seu noivo nunca faz nada que possa colocar em risco seu poder e posição, então ele vai me deixar fazer o que eu quiser para evitar essa luta.

Ele está tentando me assustar. Mal ele percebe que está realmente me garantindo que esse plano aleatório tem uma chance de funcionar. — Por que todo mundo acredita que você é um mito?

— Eu fico na cidade baixa. Não é meu problema que a cidade alta gosta de contar histórias que nada têm a ver com a realidade.

Isso não chega nem perto de uma resposta completa, mas suponho que não preciso dessa informação agora. Posso ver a estrutura bem o suficiente, sem todos os detalhes. Tratado ou não, Zeus tem interesse em manter Hades um mito. Sem o terceiro papel de legado em vigor, o equilíbrio de poder cai firmemente a favor de Zeus. Sempre foi estranho para mim que ele efetivamente ignorasse metade do Olimpo, mas agora que sei que Hades é real, faz mais sentido.

Eu endireito minha espinha, segurando seu olhar. — Apesar de tudo, isso não explica a maneira como você falou com os homens dele na noite passada. Você o *odeia.*

Hades não pisca. — Ele matou meus pais quando eu era muito jovem. Ódio é uma palavra muito gentil.

O choque quase me rouba o fôlego. Não estou surpresa em ouvir Zeus acusado de outro conjunto de assassinatos, exatamente, mas Hades fala da morte de seus pais de forma neutra, como se tivesse acontecido com outra pessoa. Eu engulo em seco. — Eu sinto muito.

— Sim. As pessoas sempre dizem isso.

Estou perdendo ele. Posso ver na maneira como seu olhar percorre o quarto, como se debatendo a rapidez com que ele pode me embrulhar e me mandar embora. Eu respiro fundo e pressiono para frente. Não importa o que ele disse àqueles homens na noite passada, não poderia estar mais claro que ele não tem intenção de me manter por perto. Eu não posso permitir isso. — Use-me.

Hades se concentra em mim. — O que?

— Não é a mesma coisa, nem mesmo no mesmo nível, mas ele me reivindicou e agora *você* me tem.

A surpresa impregna seus traços. — Eu não sabia que você se

resignou totalmente a jogar o peão em uma partida de xadrez entre homens.

A humilhação aquece minhas bochechas, mas eu a ignoro. Ele está tentando provocar uma reação, e eu não vou dizer a ele. — Um peão entre vocês ou um peão para ser usado por minha mãe - tudo dá no mesmo. — Eu sorrio brilhantemente, apreciando a maneira como ele recua como se eu o tivesse golpeado. — Eu não posso voltar, você vê.

— Eu não estou mantendo você.

Não há razão para doer. Não conheço esse homem e não tenho intenção de ser *mantida*. Ainda me irrita que ele esteja tão pronto para me dispensar. Eu mantenho meu sorriso firmemente no lugar e meu tom brilhante. — Não para sempre, claro. Tenho que estar em algum lugar daqui a três meses, mas até eu completar 25 anos, não posso acessar meu fundo fiduciário para chegar lá.

— Você tem vinte e quatro anos. — Ele parece mais mal-humorado, como se minha idade fosse uma afronta pessoal.

— Sim, é assim que a matemática funciona. — *Acalme-se, Perséfone. Você precisa da ajuda dele. Pare de alfinetá-lo.* Não consigo evitar. Normalmente, sou melhor em deixar as pessoas à vontade, o que as torna mais inclinadas a fazer o que eu quero. Hades me faz querer cavar em meus calcanhares e grudar nele até que ele se contorça.

Ele se vira para olhar pela janela, que é quando eu noto que ele recolocou a mesa lateral exatamente como estava antes de eu movê-la. Quão maravilhosamente perfeito da parte dele. Não se alinha em nada com o bicho-papão do Olimpo. Aquele homem teria chutado a porta e me arrastado pelos cabelos. Ele ficaria muito feliz em aceitar

minha oferta em vez de olhar para a porta do banheiro aberta como se eu tivesse deixado meu juízo para trás na banheira.

No momento em que ele se vira para mim, eu tenho minha expressão plácida e feliz firmemente no lugar. Hades fica furioso. — Você quer ficar aqui por *três* meses.

— Na verdade, eu quero. Meu aniversário é dezesseis de abril. Eu estarei fora do seu alcance no dia seguinte. Eu estarei fora do alcance de todos.

— O que isso significa?

— Assim que meu fundo fiduciário estiver em minhas mãos, estou subornando alguém para me tirar do Olimpo. Os detalhes não são importantes; o fato de eu estar saindo é.

Ele estreita os olhos. — Sair da cidade não é tão fácil.

— Nem a travessia do rio Estige, mas consegui isso ontem à noite.

Ele finalmente para de olhar furioso e me estuda. — Que vingança pálida você esboçou. Por que eu deveria me importar com o que você faz? Como você disse, você não vai voltar para Zeus e sua mãe, e fui eu que te tirei dele. Quer eu te mantenha aqui ou não, quer você saia agora ou daqui a três meses, não faz diferença para mim.

Ele está certo, e odeio que ele esteja certo. Zeus já sabe que estou aqui, o que significa que Hades efetivamente me superou. Eu me levanto com cuidado, diminuindo meu estremecimento com a dor dolorosa que coloca o peso em meus pés. Por seus olhos estreitos, ele vê de qualquer maneira, e ele não gosta disso. Não importa o quão frio este homem finge ser, se ele *realmente* fosse com frio, ele não teria me sentado em sua cozinha e enfaixado meus pés, não teria enrolado cobertores em volta de mim para garantir que eu me aquecesse. Ele

não estaria lutando contra si mesmo para não me empurrar de volta na cama para me impedir de me machucar.

Eu aperto minhas mãos na minha frente para me impedir de ficar inquieta. — E se você torcer a faca, por assim dizer?

Ele está me observando tão de perto que tenho o pensamento histérico de que deve ser assim que uma raposa se sente antes de os cães serem soltos. Se eu correr, ele vai me perseguir? Não posso ter certeza e, como não posso ter certeza, meu coração acelera o ritmo no peito.

Por fim, Hades diz: — Estou ouvindo.

— Fique comigo pelo resto do inverno. E tudo o que isso acarreta.

— Não seja vaga agora, Perséfone. Explique o que você está oferecendo, em detalhes.

Meu rosto deve estar vermelho, mas não deixo meu sorriso vacilar. — Se ele achar que escolhi você em vez dele, isso o deixará louco. — Quando Hades continua a esperar, eu engulo em seco. — Você mora na cidade baixa, mas certamente sabe como funciona do outro lado do rio. Meu valor percebido está diretamente ligado à minha imagem. Entre outras coisas, há um motivo pelo qual você não me viu namorando ninguém publicamente desde que minha mãe se tornou Deméter. — Em retrospecto, lamento intensamente ter me submetido à intromissão de minha mãe a esse respeito. Achei mais fácil não causar confusão, pois ela cultivou uma certa reputação para mim e minhas irmãs; eu não tinha ideia de que ela usaria a mesma reputação para me vender para Zeus.

— Zeus é famoso por não querer o que considera uma mercadoria manchada. — Eu respiro fundo. — Então... me macule.

Hades finalmente sorri e, bons deuses, é como ser atingida por um raio laser. Calor forte o suficiente para fazer meus dedos formigarem e enrolar os dedos dos pés. Eu fico olhando para ele, presa na intensidade daqueles olhos escuros. E então ele está balançando a cabeça, sufocando a onda de estranheza pelo meu corpo. — Não.

— O que você quer dizer com *não*?

— Estou ciente de que você provavelmente não ouviu essa palavra com frequência em sua vida privilegiada, então vou soletrar para você. Não. Nein. Nyet. Não. Absolutamente não.

A irritação aumenta. É um plano muito bom, especialmente quando tive um prazo tão curto para apresentá-lo. — Por que não?

Por um momento, acho que ele não vai me responder. Finalmente, Hades balança a cabeça. — Zeus não é estúpido.

— Suponho que seja uma suposição justa. — Não se ganha e mantém o poder no Olimpo sem algum nível de inteligência, mesmo se *estiver* em um papel legado. — Onde você quer chegar?

— Mesmo se alguém tirar Hermes da equação, ele tem espiões em meu território da mesma forma que eu tenho espiões no dele. Nenhuma farsa superficial irá enganá-lo. Será necessário um relatório para provar que tudo é uma farsa, o que anulará inteiramente o propósito dessa farsa.

Se ele estiver correto, meu plano não funcionará. Que frustrante. Agora é a minha vez de cruzar os braços sobre o peito, embora eu me recuse a olhar feio por princípio. — Então fazemos isso de verdade.

O piscar lento de Hades é um tipo especial de recompensa. —

Você está fora de si.

— Dificilmente. Sou uma mulher com um plano. Aprenda e se adapte, Hades. — Minha voz alegre não desmente a maneira como meu coração está batendo tão forte que está me deixando um pouco tonta. Não posso acreditar que estou oferecendo isso, não posso acreditar que seria tão impulsiva, mas as palavras continuam saindo da minha boca. — Você é atraente o suficiente de um jeito meio taciturno. Mesmo que eu não seja o seu tipo, tenho certeza de que você pode fechar os olhos e pensar na Inglaterra ou no que quer que o bicho-papão faça quando se envolve em atividades carnais.

— Atividades carnais. — Não acho que ele respirou fundo nos últimos sessenta segundos. — Você é virgem, Perséfone?

Eu torço meu nariz. — Isso não é realmente da sua conta. Por que você pergunta?

— Porque apenas uma virgem chamaria o sexo de 'atividades carnais'.

Ah, é isso que o está segurando. Eu não deveria gostar tanto de cutucar este homem, mas apesar do que eu disse a ele antes, eu honestamente não acho que ele vai me machucar. Minha pele não tenta rastejar para fora do meu corpo toda vez que estou em um cômodo com ele, o que é uma melhora marcante de Zeus e algumas das outras pessoas que frequentam aquele círculo social. Hades pode rosnar, estalar e tentar me dar um tapa verbalmente, mas ele continua lançando olhares para os meus pés como se fisicamente *lhe* doesse que eu estivesse de pé sobre eles. Ele é irritante, mas não vai me machucar se estiver preocupado com meu atual nível de conforto.

Eu dou a ele um olhar de leve pena. — Hades, independentemente da importância ridícula que a cidade alta dá à

virgindade, há muitas atividades que podem ser chamadas de 'carnais' que não envolvem sexo, pênis na vagina. Realmente, acho que você já sabe disso.

Seus lábios se contraem, mas ele consegue se controlar antes de sorrir. Então ele está de volta a olhar carrancudo para mim. — Você está tão ansiosa para vender sua virgindade para sua segurança.

Eu rolo meus olhos. — Por favor. Qualquer que seja a ficção que minha mãe vendeu para Zeus, eu não sou virgem, então se *é isso* que está fazendo sua cabeça explodir, você pode deixar pra lá. Está bem.

Se qualquer coisa, ele olha mais forte. — Isso não torna a oferta oferecida mais atraente.

Oh, isso é simplesmente ridículo. Eu suspiro, deixando minha exasperação passar. — Eu sou tola por pensar que você está entre a porcentagem da população humana que não adora no altar do hímen.

Ele pragueja, parecendo querer passar as mãos pelo rosto. — Não foi isso que eu quis dizer.

— É o que você disse.

— Você está distorcendo minhas palavras.

— Eu estou? — Já passei muito do meu limite de frustração com essa conversa. Geralmente sou melhor em vender minhas ideias às pessoas do que isso. — Qual é o problema, Hades? Temos interesses semelhantes neste momento. Você quer punir Zeus pelo mal que ele lhe causou. Quero garantir que seus planos de se casar comigo tenham uma morte rápida e eficiente. Garantir que ele acredite que estamos fodendo em todas as superfícies disponíveis até que você esteja impresso na minha pele cumpre esses dois objetivos. Ele não vai me tocar com uma vara de três metros e nunca será capaz de superar o fato de que foi *você* quem me 'arruinou'.

Mesmo assim, ele não diz nada. Eu suspiro novamente. — É porque você acha que estaria me coagindo? Você não está. Se eu não quisesse fazer sexo com você, não ofereceria.

Seu choque é tão delicioso que quase posso sentir o gosto. Como o resto do Olimpo, este homem viu várias coberturas da mídia sobre mim e minha família e fez suposições. Não posso dizer que todos eles estão errados, mas tenho um prazer especial nessa interação. Eu sei o papel que minha mãe criou para mim entre minhas quatro irmãs - a doce e ensolarada Perséfone que sempre sorri enquanto faz o que ela manda.

Mal sabem eles.

Não estou exatamente mentindo. Sim, eu não tenho muitas opções agora, mas a ideia de dormir com Hades para arruinar qualquer chance de ter o anel de Zeus no meu dedo... Ela apela para uma parte muito sombria e muito secreta de mim. Quero torcer a lâmina para punir Zeus por agir como se eu fosse uma obra de arte em leilão, em vez de uma pessoa com pensamentos, sentimentos e planos. Eu quero que ele se contorça de dor em torno de uma lâmina de *minha* arte, para minar sua autoridade deslizando por entre os dedos para enfrentar seu inimigo. Uma coisa pequena, talvez, mas nada é realmente pequeno quando se trata de reputação. Minha mãe me ensinou bem essa lição.

O poder tem a ver tanto com a percepção quanto com os recursos de que dispõe.

— Não sei como você escolhe os parceiros sexuais, mas geralmente não barganho pelo privilégio. — Sua mão se contrai ao lado do corpo. — Sente-se antes de sangrar por todo o meu tapete.

— Primeiro piso de madeira, agora carpete. Hades, você está

absolutamente louco por seus pisos. — Depois de um rápido debate interno, eu me empoleiro na beirada do colchão. Ele não será capaz de se concentrar em uma única coisa que estou dizendo se eu permanecer de pé. Eu dobro minhas mãos afetadamente no meu colo. — Melhor?

Hades tem o mesmo olhar em seu rosto que minha mãe tem antes de começar a ameaçar jogar as pessoas pela janela. Acho que ela nunca jogou *alguma coisa* em um acesso de raiva, mas a ameaça era boa quando éramos crianças. Ele balança a cabeça lentamente. — Dificilmente. Você ainda está aqui.

— Ai. — Eu mantenho seu olhar. — Ainda não entendo o problema. Ontem à noite você estava agarrando a garganta e rosnando *Minha*, e hoje você está agindo como se mal pudesse esperar para me chutar para o meio-fio. Eu simplesmente não sou o seu tipo? — É possível, embora pareça uma coisa estranha tropeçar nele se ele realmente quiser vingança. Eu tenho acesso a um espelho. Eu sei como eu sou. Beleza tradicional e tudo mais, e isso foi antes de minha mãe insistir em que colocássemos uma quantia realmente absurda de dinheiro em cabelos, cuidados com a pele e guarda-roupa, embora eu tenha delineado uma plástica no nariz.

— A menos que você esteja mais para a donzela indefesa em perigo? Suponho que poderia desempenhar o papel para você se isso resolver o problema. — Eu olho para Hades e não me preocupo em pintar minha expressão com nenhum artifício ou sedução. Não vai funcionar com ele, tenho certeza disso. Em vez disso, dou a ele um sorriso zombeteiro, o menor vestígio de minha personalidade normalmente ensolarada. — Você me quer, Hades? Mesmo um pouco?

— Não.

Eu pisco. Talvez eu tenha imaginado o calor em seu olhar? Se for esse o caso, eu simplesmente fui uma idiota inacreditável. — Bem então. Suponho que este plano não funcione, afinal. Desculpa. — Eu embrulho minha decepção em uma pequena caixa e enfio fundo.

Foi um bom plano, e tenho consciência de que gostaria muito de ter um caso com esse homem bonito e taciturno, além de realizar meus outros objetivos. *Ah bem.* Existe outro caminho a seguir. Eu só preciso descobrir os passos para chegar lá. Por mais que eu não queira envolver mais minhas irmãs, entre nós quatro devemos ser capazes de descobrir como me esconder nos próximos meses.

Eu me coloco de pé, a mente já a mil quilômetros de distância. Posso ter que pedir um empréstimo a Calisto, mas com certeza pagarei de volta com juros. Não sei se a passagem que me foi prometida estará disponível mais cedo, mas suponho que, se eu der dinheiro suficiente para resolver o problema, poderei encontrar uma maneira. Terei apenas que me certificar de que não penso muito sobre quanto do meu fundo fiduciário vou consumir no processo, uma vez que reembolsar Calisto.

— Perséfone.

Eu paro antes de correr para o peito de Hades e olhar para ele. Ele não é um homem particularmente grande, mas parece maior de perto, como se sua sombra parecesse maior do que o próprio homem. Estamos perto o suficiente para que um movimento descuidado pressione meu peito contra o dele. É uma péssima ideia. Ele acabou de me dizer que não me quer, e posso ser teimosa ao extremo, mas sei como aceitar uma rejeição.

Eu começo a dar um passo para trás, mas ele segura meus cotovelos, me segurando no lugar. Me segurando quase perto o

suficiente para ser um abraço. Seus olhos escuros não me dão absolutamente nada, o que não deveria ser emocionante. Realmente não deveria. Assistir ao controle desse homem quebrar em tempo real é um desejo que não posso ter.

Isso não me impede de respirar profundamente, e certamente não suprime a onda de vitória quando sua atenção cai para a forma como meus seios pressionam contra o tecido fino do meu vestido. Sua mandíbula se flexiona sob sua barba perfeitamente aparada. — Não tenho o hábito de barganhar por sexo.

— Sim, você disse isso. — Minha voz está muito ofegante para passar como afetada, mas não posso evitar. Ele é tão opressor, o tipo de presença em que um parceiro desavisado pode se perder. Eles podem nem se importar. Mas não sou incauta. Eu sei exatamente no que estou me metendo. Espero.

— Suponho que haja uma primeira vez para tudo —, murmura. Convencer a si mesmo ou me convencer? Eu poderia dizer a ele que o último é completamente desnecessário, mas mantenho minha boca fechada. Hades finalmente se concentra em mim. — Se eu concordar com isso, você é minha pelos próximos três meses.

Sim. Eu mal consigo abafar meu entusiasmo. — Isso soa como concordar com mais do que sexo.

— Isto é. Eu protegerei você. Vamos jogar a narrativa que você deseja. Você vai pertencer a mim. Você vai obedecer. — Seus dedos apertam brevemente meus cotovelos, como se ele estivesse lutando para não me puxar contra ele. — Nós representamos cada coisa depravada que quero fazer com você. Em público. — Ao meu olhar confuso, ele esclarece. — Zeus sabe que ocasionalmente faço sexo em público. É com isso que você está concordando.

Tempere sua reação, Perséfone. Deixe-o interpretar o lobo grande e mau, ao qual ele está tão determinado a se lançar. Eu lambo meus lábios e dou a ele olhos arregalados. Nunca fiz sexo em público, não realmente, mas não posso dizer que me oponho a essa ideia. É extremamente quente. — Vou ter que sorrir e aguentar, então.

— Você não deveria.

Oh, ele é muito delicioso. Não posso deixar de me inclinar um pouco para frente, puxada pela força gravitacional que ele exala. — Eu concordo com seus termos, Hades. Protegida por você, pertencendo a você, e tendo sexo público depravado com você, oh meu. — Eu deveria parar por aí, mas nunca fui tão boa em negar a mim mesma o que quero. — Suponho que devamos selar nosso acordo com um beijo. Essa é a maneira tradicional das coisas.

— É isso. — Sua inflexão torna as palavras menos questionáveis e mais zombeteiras, absolutas. Ele é tão frio que pode me congelar até o âmago. Isso deveria me assustar. Cada parceiro que tive até agora foi o oposto de Hades - pessoas dispostas a aceitar o que eu dou e não fazem perguntas, não exigem mais compromissos de mim. A reputação de minha mãe garantiu que o desejo deles por mim não superasse o medo dela, então todos eles se esforçaram para manter nosso relacionamento em segredo. No início, esgueirar-me foi divertido. Mais tarde, tornou-se exaustivo. Mas era seguro, tão seguro quanto alguém pode ser como a filha de Deméter enquanto vivia no Olimpo.

Hades não é seguro. Ele está tão longe de ser seguro, eu deveria estar repensando esta barganha antes mesmo de começar. Posso dizer a mim mesma que não tenho escolha, mas não é a verdade. Eu quero isso com cada parte sombria da minha alma que trabalho tanto para

manter trancada. Não há espaço na narrativa pública da mulher doce, ensolarada e obediente para as coisas que eu desejo na escuridão da noite. Coisas que de repente tenho certeza de que Hades é capaz de me dar.

E então sua boca está na minha e não tenho certeza de nada.

CAPÍTULO 7

Hades

Ela tem gosto de verão. Não sei como é possível, não quando ela estava apenas dormindo em uma banheira, não quando é inverno lá fora, mas é a verdade. Eu cavo minhas mãos em sua massa de cabelo e inclino sua cabeça para trás, angulando para melhor acesso. Fechar uma barganha é a desculpa mais frágil para beijá-la. Não tenho desculpa para manter o contato, para aprofundá-lo. Nenhuma desculpa além de desejá-la. Perséfone se move para fechar a fração de distância entre nós e então ela está totalmente em meus braços, quente e macia e, porra, ela morde meu lábio inferior como se ela realmente quisesse isso.

Como se não estivesse aproveitando.

O pensamento me tira da névoa e me forço a dar um passo para trás e depois outro. Sempre houve linhas que me recusei a cruzar, limites esboçados que são tão frágeis quanto aqueles que afastam Zeus da cidade baixa. Isso não muda o fato de eu nunca ter cruzado com eles antes.

Perséfone pisca para mim e, pela primeira vez desde que a conheci ontem à noite, ela parece completamente real. Não é a personificação de um raio de sol. Não a mulher assustadoramente calma em cima de sua cabeça. Nem mesmo a filha perfeita de Deméter que ela faz para o público. Apenas uma mulher que gostou daquele beijo tanto quanto eu.

Ou estou projetando e esta é apenas mais uma de suas muitas máscaras. Não posso ter certeza e, como não posso ter certeza, dou um

terceiro passo para trás. Não importa o que o resto do Olimpo pense de mim - do *bicho* - *papão* - não posso me permitir provar que estão certos. — Começamos hoje.

Ela pisca novamente, seus cílios impossivelmente longos batendo contra sua bochecha em um movimento que quase posso ouvir. — Eu preciso entrar em contato com minhas irmãs.

— Você fez isso ontem à noite.

É fascinante vê-la reunir sua armadura. Primeiro vem o endireitamento de sua coluna, só um pouquinho. Em seguida, o sorriso, alegre e aparentemente genuíno. Finalmente o olhar inocente naqueles olhos castanhos. Perséfone junta as mãos na frente dela. — Você tem os telefones grampeados. Eu suspeitei disso.

— Eu sou um homem paranoico. — É a verdade, mas não toda a verdade. Meu pai não foi capaz de proteger seu povo, proteger sua família, porque ele levava as coisas pelo valor de face. Ou é o que sempre me disseram. Mesmo sem Andreas colorir os eventos com sua própria percepção, os fatos permanecem. Meu pai confiou em Zeus, e ele e minha mãe morreram como resultado. Eu teria morrido também, se não fosse por pura sorte.

Perséfone encolhe os ombros como se não fosse nada mais do que ela esperava. — Então você saberá que minhas irmãs são mais do que capazes de aparecer na sua porta se devidamente motivadas, cruzando o rio Estige ou não. Elas são difíceis assim.

A última coisa que preciso é de *mais* mulheres como Perséfone em minha casa. — Chame-as. Vou mandar alguém encontrar roupas para você e trazê-las. — Eu me viro para a porta.

— Espere! — Uma pequena fratura em sua calma perfeita aparece. — É isso?

Eu olho para trás, esperando medo ou talvez raiva. Mas não, se estou lendo sua expressão direito, há *decepção* à espreita em seus olhos. Eu não posso confiar nisso. Eu a quero mais do que tenho o direito, e ela só está aqui porque não tem outro lugar para ir.

Se eu fosse um homem melhor, eu mesmo a tiraria da cidade e lhe daria dinheiro suficiente para sobreviver até seu aniversário. Ela está certa; se ela tem força para atravessar o rio, provavelmente tem força para deixar a cidade com a ajuda adequada. Mas não sou um homem melhor. Não importa o quão conflituoso esse negócio me torne, eu quero essa mulher. Agora que ela se ofereceu a mim em uma barganha do diabo, eu pretendo possuí-la.

Ainda não.

Não até que sirva ao nosso propósito mútuo.

— Falaremos mais esta noite. — Eu gosto de seu bufo de irritação enquanto saio pela porta e desço para o meu escritório.

Existem consequências para minhas ações na noite passada, consequências para o acordo que acabei de fazer com Perséfone. Tenho que preparar meu povo para eles.

Não estou nem um pouco surpreso ao encontrar Andreas esperando em meu escritório. Ele está segurando uma xícara que pode ser café ou pode ser uísque - ou ambos - e vestindo suas calças e suéter de lã habituais como o mais estranho cruzamento entre um pescador e um CEO que alguém já conheceu. As tatuagens salpicando suas mãos envelhecidas e subindo em seu pescoço apenas aumentam a desconexão. O que sobrou de seu cabelo ficou branco há muito tempo, deixando-o com a aparência de cada minuto de seus setenta anos.

Ele olha para cima quando entro e fecho a porta. — Ouvi dizer que você roubou a mulher de Zeus.

— Ela cruzou a fronteira sozinha.

Ele balança a cabeça. — Trinta anos e a mudança de evitar problemas e então você joga tudo fora por uma coisa bonita de saia curta.

Eu dou a ele o olhar que essa declaração merece. — Eu me curvo muito quando se trata daquele idiota. Antes era necessário, mas não sou mais criança. É hora de colocá-lo em seu lugar. — É o que eu queria desde que tinha idade suficiente para entender o escopo do que ele tirou de mim. É por isso que passei anos compilando informações sobre ele. Uma oportunidade que não posso deixar passar.

Andreas exala, longo e lento, alguns se lembram do medo persistente em seus olhos azuis lacrimejantes. — Ele vai esmagar você.

— Talvez dez anos atrás ele fosse capaz disso. Ele não é agora. — Tenho sido muito cuidadoso, construí minha base de poder muito intencionalmente. Zeus matou meu pai quando ele ainda era novo no título, muito inexperiente para distinguir amigo de inimigo. Tive toda a minha vida para treinar para enfrentar aquele monstro. Embora eu fosse um pouco mais do que uma figura de proa do Hades antes de completar dezessete anos, na verdade tive dezesseis anos no comando. Se já houve um tempo para fazer isso, para traçar meu limite na areia e desafiar Zeus a cruzá-lo, é agora. Não há como dizer se terei outra oportunidade como Perséfone, uma chance de humilhar Zeus e pisar na luz de uma vez por todas. O pensamento de todos os olhos do Olimpo em mim é o suficiente para abrir um buraco no meu estômago, mas faz muito tempo que Zeus tem vista para a cidade baixa e finge que é o governante aqui. — Está na hora, Andreas. Já faz muito tempo.

Outro de seus abalos de cabeça, como se eu o tivesse

desapontado. Eu odeio o quanto isso importa para mim, mas Andreas tem sido a forte luz que guia minha vida por muito tempo. Sua aposentadoria há alguns anos não diminui isso. Ele é o tio que eu nunca tive, embora nunca tenha tentado bancar o pai. Ele sabe melhor do que isso. Finalmente, ele se inclina para frente. — Qual é o seu plano?

— Três meses dando a ele o dedo médio. Se ele cruzar o rio e tentar levá-la de volta, nem mesmo os outros Treze ficarão com ele. Eles estabeleceram esse tratado por uma razão.

— Os Treze não salvaram seu pai. O que te faz pensar que eles vão te salvar?

Já tivemos essa discussão milhares de vezes ao longo dos anos. Eu sufoco minha irritação e dou a ele toda a minha atenção. — Porque o tratado não existia quando Zeus matou meu pai. — É uma merda inacreditável que meus pais tiveram que morrer para que o tratado fosse implementado, mas se as coisas se tornarem uma disputa entre os Treze, isso prejudica seus resultados financeiros, que é a única coisa com a qual eles se importam. Foi uma das poucas vezes na história do Olimpo que os Treze trabalharam juntos por tempo suficiente para desafiar o poder e a força de Zeus, um acordo que ninguém está disposto a quebrar.

Zeus não pode vir aqui e eu não posso ir lá. *Ninguém* pode prejudicar outro membro dos Treze ou suas famílias sem ser apagado da existência. É uma pena que a regra não pareça se aplicar a Hera. Esse papel costumava ser um dos mais poderosos, mas os últimos Zeus o reduziram até que se tornasse pouco mais do que uma posição de figura de proa para seu cônjuge. É permitido a Zeus agir da maneira que quiser, sem consequências, porque Hera é vista como

uma extensão de sua posição, ao invés de uma posição independente.

Se ele se casar com Perséfone, o tratado não irá *mantê-la* segura.

— Dificilmente um plano infalível.

Eu me permito um sorriso, embora pareça abatido em meu rosto. — Você se sentirá melhor se dobrarmos os guardas nas pontes, caso ele tente fazer o pequeno exército de Ares marchar sobre o rio? — Isso não vai acontecer e nós dois sabemos disso, mas já planejei aumentar a segurança no caso improvável de Zeus tentar atacar. Não serei pego de surpresa como meus pais foram.

— Não —, ele resmunga. — Mas suponho que seja um começo. — Andreas abaixa sua xícara. — Você não pode ficar com a garota. Engane-o se for preciso, mas não pode ficar com ela. Ele não vai permitir. Talvez ele não consiga se mover diretamente contra você, mas ele armará uma armadilha para colocá-lo em violação do tratado, e então todo o poder daqueles lindos idiotas cairá sobre você. Nem mesmo você pode sobreviver a isso. Certamente não o seu povo.

Aí está. O lembrete constante de que não sou um mero homem, de que o peso de tantas vidas repousa sobre meus ombros. Na cidade alta, a responsabilidade pelas vidas de seus cidadãos recai sobre doze pares de ombros. Na cidade baixa, sou apenas eu. — Não será um problema.

— Você diz isso agora, mas se fosse verdade, você nunca a teria trazido aqui.

— Eu não vou mantê-la. — A própria ideia é ridícula. Não posso culpar Perséfone por não querer usar o anel de Zeus, mas ela ainda é uma linda princesa a quem foi dado tudo em sua vida. Ela pode gostar de andar no lado selvagem durante o inverno, mas o pensamento de algo permanente a faria gritar noite adentro. Está

bem. Não tenho uso de longo prazo para uma mulher assim.

Andreas finalmente concorda. — Suponho que seja tarde demais para se preocupar com isso agora. Você verá até o fim.

— Eu vou. — De uma forma ou de outra.

O que seria necessário para incitar Zeus a quebrar o tratado? Muito pouco, espero. Sua raiva é lendária. Ele não vai gostar de mim "contaminando" sua linda noiva para que todos vejam. É fácil orquestrar um pequeno show para as pessoas certas, que com certeza farão o boato girar, e a história se espalhará pelo Olimpo como um incêndio. Chega de gente falando e Zeus pode achar que precisa fazer algo precipitado. Algo que terá consequências reais.

O povo do Olimpo finalmente ficará cara a cara com a verdade. Hades não é um mito, mas estou mais do que feliz em interpretar o bicho-papão na vida real se isso atingir meus objetivos.

Andreas tem uma expressão contemplativa no rosto. — Mantenha-me informado?

— Certo. — Sento-me na beirada da minha mesa. — Isso seria quando eu te lembrasse que você está aposentado.

— Báh! — Ele acena para longe. — Você parece aquele merdinha, Caronte.

Considerando que Caronte é seu neto biológico e está a caminho de se tornar meu braço direito, "merdinha" dificilmente se encaixa como o descrito. Ele tem vinte e sete anos e é mais capaz do que a maioria das pessoas sob meu comando. — Ele tem boas intenções.

— Ele é intrometido.

Uma batida na porta e o próprio homem enfia a cabeça para dentro. Ele é a cara do avô, embora seus ombros sejam largos e seu cabelo escuro cubra toda a cabeça. Mas os olhos azuis brilhantes, o

queixo quadrado e a confiança estão todos lá. Ele avista Andreas e sorri. — Ei, papai. Parece que você precisa de um cochilo.

Andreas o encara com fogo nos olhos. — Não pense que não posso remar sua bunda da mesma forma que fazia quando você tinha cinco anos.

— Nem sonharia com isso. — Seu tom diz o contrário, mas ele sempre gosta de brincar com fogo quando se trata de Andreas. Caronte entra no escritório e fecha a porta atrás dele. — Você queria me ver?

— Precisamos revisar as mudanças na programação das sentinelas.

— Dificuldade? — Seus olhos se iluminam com a ideia. — Isso tem alguma coisa a ver com a mulher?

— Ela vai ficar um pouco. — Posso ter sido franco sobre meus planos com Andreas, mas ele mereceu isso depois de tudo que ele sacrificou para me manter vivo e manter este território unido. Não estou pronto para falar sobre isso com mais ninguém, embora minha janela para manter essas merdas para mim esteja se fechando rapidamente. — Faça Minta vasculhar o armário dela para pegar algumas coisas que Perséfone pode pegar emprestado até que eu tenha a chance de pedir mais.

Caronte levanta as sobrancelhas. — Minta vai adorar isso.

— Ela vai superar isso. Vou reembolsá-la por tudo o que ela inventar. — Não vai suavizar completamente o pedido, não quando Minta é tão territorial sobre qualquer coisa que ela vê como *dela*, mas é o melhor que posso pensar agora. Preciso de todo o dia de hoje para colocar as defesas no lugar para proteger meu povo do que estou prestes a fazer.

E amanhã?

Amanhã temos que fazer nosso anúncio com espalhafato suficiente para que até aqueles idiotas dourados da Torre de Dodona ouçam.

Meu telefone toca e eu sei quem é antes de dar a volta na minha mesa para atender. Eu olho para os dois homens em meu escritório, e Caronte cai na cadeira ao lado de seu avô. Eles ficarão quietos. Eu não me permito respirar fundo para me preparar. Eu simplesmente respondo. — Sim?

— Você tem algumas bolas de latão, seu merdinha.

A satisfação se infiltra em mim. Zeus e eu tivemos motivos para lidar um com o outro várias vezes ao longo dos anos, e ele sempre foi condescendente e tempestuoso, como se me presenteasse com sua presença. Ele não parece nada além de furioso agora. — Zeus. Bom ouvir de você.

— Devolva-a imediatamente e ninguém terá que saber sobre esta pequena transgressão. Você não gostaria de fazer nada para colocar em risco a paz frágil que temos em andamento.

Mesmo depois de todos esses anos, me surpreende que ele pense que sou tão míope. Houve um tempo em que seu blefe teria enviado o pânico pelo meu peito, mas percorri um longo caminho desde então. Não sou uma criança para ele intimidar. Eu mantenho minha voz suave, sabendo que isso o enfurecerá ainda mais. — Eu não quebrei o tratado.

— Você levou minha esposa.

— Ela não é sua esposa. — Isso sai muito afiado, e levo meio segundo para remover qualquer emoção do meu tom. — Ela cruzou a ponte por conta própria. — Eu deveria deixar por isso mesmo, mas a

fúria fria me domina. Ele acha que pode foder com a vida das pessoas simplesmente porque ele é Zeus. Isso pode ser verdade na cidade alta, mas a cidade baixa é *meu* reino, não importa o que o resto do Olimpo acredite. — Na verdade, ela estava tão desesperada para se afastar de você, ela sangrou os pés e quase se deu hipotermia. Não tenho certeza do que pode ser considerado romance na cidade alta, mas essa não é uma reação normal a um pedido de casamento aqui.

— Devolva-a para mim ou você sofrerá as consequências. Assim como seu pai sofreu.

Apenas anos aprendendo a mascarar minhas emoções me impedem de vacilar. Aquele *bastardo* de merda. — Ela cruzou o rio Estige. Ela é minha agora, pelo poder e pelos termos do tratado. — Eu baixo minha voz. — Você é mais que bem-vindo quando eu terminar com ela, mas nós dois sabemos quais jogos eu gosto de jogar. Ela dificilmente será a princesa imaculada que você está procurando. — As palavras têm um gosto ruim na minha boca, mas não importa. Perséfone concordou que o objetivo é torcer a faca. Jogar esse jogo verbal de galinha com Zeus é apenas parte disso.

— Se você colocar um dedo imundo nela, vou esfolar você vivo.

— Vou colocar mais de um dedo nela. — Eu forço um fio de diversão em minha voz. — É engraçado, você não acha? Que ela prefere dar as boas-vindas a cada coisa depravada que eu quero fazer com aquele corpinho apertado do que deixar você tocá-la. — Eu ri. — Bem, *eu* acho isso engraçado.

— Hades, esta é a última vez que farei esta oferta. Você faria bem em considerar isso. — A raiva desaparece da voz de Zeus, deixando apenas uma calma gelada em seu rastro. — Devolva-a para mim nas próximas vinte e quatro horas, e vou fingir que isso nunca

aconteceu. Fique com ela e eu vou destruir tudo que você ama.

— Tarde demais, Zeus. Esse navio navegou há trinta anos. — Quando ele causou o incêndio que matou meus pais e me deixou coberto de cicatrizes. Deixo a pausa se estender por várias batidas antes de dizer: — Agora é minha vez.

CAPÍTULO 8

Perséfone

Uma pequena seleção de vestidos é entregue a mim por uma morena alta com uma atitude ranzinza que parece que poderia esmagar minha cabeça com uma mão. Não escuto o nome dela antes que ela vá embora, deixando-me sozinha novamente.

A ligação com minhas irmãs correu tão bem quanto eu poderia esperar. Elas estão furiosas por eu estar excluindo-as para o seu próprio bem. Elas acham que meu plano é terrível. Tenho certeza de que elas continuarão tentando encontrar outra opção, mas não posso impedi-las.

É quase o suficiente para me distrair do sol que cruza o céu e desce até o horizonte. Do conhecimento do que vem a seguir. Ou melhor, a *falta* de conhecimento. Hades é fã de declarações terríveis, com poucas informações para apoiá-las. Ele me instrui a estar pronta, mas não me dá nenhuma informação sobre o que devo fazer. E aí está aquele beijo. Passei a maior parte do dia tentando e falhando em evitar pensar sobre como era bom ter sua boca na minha. Se ele não tivesse se afastado, não sei o que eu teria feito, e isso deveria me assustar.

Tudo sobre essa situação deve me assustar, mas não vou deixar Hades me intimidar e desistir. O que quer que ele tenha planejado para esta noite, não pode ser pior do que Zeus. *Disso*, tenho certeza.

Eu levo meu tempo me preparando. Este quarto oferece uma seleção surpreendente de produtos para o cabelo, o que me leva a pensar se Hades tem o hábito de manter mulheres aqui. Não é da

minha conta. Eu poderia sair deste quarto e desta casa a qualquer momento, e isso é tudo que preciso saber.

Os vestidos são todos lindos, mas vários tamanhos grandes demais para mim. Eu encolho os ombros e coloco o mais simples, uma bainha frisada que é um estilo semelhante ao vestido que usei ontem à noite. As contas adicionam peso ao tecido e ele balança de uma forma realmente satisfatória. Estou de olho nos sapatos que a mulher deixou e considerando minhas opções quando uma batida soa na minha porta.

Hora de começar.

Eu respiro fundo e abro a porta. Hades está lá e, bons deuses, eu nunca vi um homem ficar bem em um terno preto do jeito que Hades pode. Ele é como uma sombra viva, uma sombra viva sensual e luxuriante. Ele olha para baixo e encara meus pés. Eu me arrasto de volta, repentinamente autoconsciente. — Estou apenas calçando os sapatos.

— Não seja absurda.

Eu agarro minha irritação com as duas mãos. Melhor entrar em um campo de batalha verbal do que deixar o medo e a incerteza tomarem conta de tudo. — Não estou sendo absurda.

— Você tem razão. Usar salto alto depois que seus pés foram mutilados há menos de 24 horas não é absurdo. É estupido. — Ele está carrancudo agora. — Assim como correr pelo Olimpo em nada mais do que um vestido de seda no meio da noite.

— Não sei por que estamos falando nisso de novo.

— Estamos trazendo *isso* à tona porque estou começando a ver uma tendência de você não priorizar sua saúde e segurança.

Eu pisco — Hades, eles são apenas sapatos.

— O fato permanece. — Ele entra no quarto, sua intenção clara.

Eu danço de volta. — Não se atreva a me pegar. — Eu golpeio o ar entre nós. — Já estou farta disso.

— Bonitinha. — Ele soa como se fosse tudo menos isso. Hades se move tão rapidamente que, mesmo antecipando-o, mal deixei escapar um grito indigno antes que ele me levantasse em seus braços.

Eu congelo. — Ponha-me no chão. — Beijar Hades antes era uma coisa. Concordar em dormir com ele era outra coisa. Isso é totalmente diferente. Tê-lo me segurando perto enquanto ele caminha pelos corredores de sua casa para que eu não me machuque mais... É uma sensação muito, *muito* diferente. Saber que ele não quer que eu me machuque foi uma ferramenta útil na negociação esta manhã. Agora parece um obstáculo, não sei como superar. — Você não precisa cuidar de mim.

— Sim, você mesma está fazendo um trabalho de se levantar. — Ele parece tão chateado com toda a situação que imediatamente me anima.

Meu desejo rabugento de irritá-lo aumenta novamente, e não me preocupo em resistir. Em vez disso, coloco minha cabeça em seu ombro e puxo sua barba. — Talvez eu só queira ser carregada por um homem grande e forte que está determinado a me salvar.

Hades arqueia uma única sobrancelha, conseguindo transmitir ceticismo e zombaria ao mesmo tempo. — É assim mesmo?

— Oh sim. — Eu agito meus cílios para ele. — Estou muito desamparada, sabe. O que eu faria sem o Príncipe Encantado em armadura preta amassada aparecendo para me salvar de mim mesma?

— Eu não sou um Príncipe Encantado.

— Nisso, podemos concordar. — Dou outro puxão suave em sua

barba. Gosto da maneira como ele me agarra mais forte quando faço isso. Ele está tendo o cuidado de manter as mãos no meu vestido e fora da minha pele, mas o pensamento de seus dedos cavando enquanto ele faz... outras coisas... é o suficiente para me fazer contorcer.

— Segure firme.

— Há uma solução muito simples para isso. Ponha-me no chão e deixe-me andar. Problema resolvido.

Hades desce as escadas para o piso principal... e depois continua. Aparentemente, ele vai me ignorar, o que é uma maneira de ganhar uma discussão. Eu costumava usar a mesma tática contra Psique quando éramos crianças e ela constantemente roubava meus brinquedos para levá-los em aventuras fantásticas. Brigar não funcionou para fazê-la parar. Ir para nossa mãe estava fora de questão. Contar para Calisto apenas resultaria em ela "consertar" o problema destruindo os brinquedos em questão. Não, a única coisa que funcionou foi ignorar Psique inteiramente. Eventualmente, ela sempre quebrava e devolvia os brinquedos. Às vezes, ela até se desculpava.

Eu não vou quebrar.

Já que nossa conversa aparentemente acabou, eu me acomodo nos braços de Hades como se fosse exatamente onde eu queria estar. Porque estamos nos tocando muito, posso senti-lo ficando cada vez mais tenso. Eu escondo meu sorriso contra sua camisa. *Pegue isso*.

Ele finalmente para na frente de uma porta. Uma porta *preta*. É perfeitamente plana, sem painéis para estragar sua superfície, e brilha assustadoramente na luz fraca. Eu fico olhando para o nosso reflexo levemente distorcido nela. É quase como olhar para uma piscina de

água sob a lua nova. Tenho a estranha suspeita de que, se eu tocar nele, minha mão vai afundar em sua superfície. — Estamos mergulhando direito?

Só agora Hades hesita. — Esta é sua última chance de mudar de ideia. Assim que chegarmos lá, você estará comprometida.

— Comprometida com atos depravados de sexo público. — É realmente fofo como ele insiste em me dar uma chance. Eu me inclino para trás o suficiente para ver seu rosto, para deixá-lo ver o meu. Não sinto nenhum conflito que vejo em seus olhos escuros. — Eu já disse que sim. Não estou mudando de ideia.

Ele espera um pouco. — Nesse caso, você precisa escolher uma palavra segura.

Meus olhos se arregalam antes que eu possa controlar a reação. Eu leio muito e sei que um conjunto muito específico de entretenimentos vem com o uso de uma palavra segura. Eu me pergunto qual sabor Hades prefere. Chicotes, escravidão ou distribuição de humilhação? Talvez todas as opções acima. Que tortuosamente delicioso.

Ele pega minha surpresa como confusão. — Considere isso um freio de segurança. Se as coisas ficarem muito intensas ou você ficar sobrecarregada, diga sua palavra de segurança e tudo para. Sem perguntas, sem necessidade de explicações.

— Bem desse jeito.

— Simples assim —, ele confirma. Hades olha para a porta e depois de volta para mim. — Quando eu disse que não barganhava por sexo, isso não era estritamente verdade. Cada encontro contém um elemento de barganha e negociação. O que eu realmente quis dizer é que valorizo o consentimento. Consentimento porque você não

tem outras opções não é consentimento.

— Hades, você planeja me colocar no chão antes de entrar por aquela porta? — Aonde quer que ele leve.

— Não.

— Então, este consentimento se aplica apenas a sexo?

Ele fica tenso como se estivesse prestes a se virar e me levar de volta para o meu quarto. — Você tem razão. Isso foi um erro.

— Espere, espere, espere. — Ele é tão teimoso que eu poderia beijá-lo. Eu franzo a testa para ele em vez disso. — Já tivemos essa conversa antes, não importa como você queira pintar agora. Eu tenho outras opções. Eu quero isso. Eu estava apenas brincando com você sobre me carregar.

Pela primeira vez desde que nos conhecemos, parece que ele está *realmente* olhando para mim. Sem restrições. Sem máscaras de rosnado no lugar. Hades olha para mim como se quisesse me consumir uma mordida decadente de cada vez. Como se ele já tivesse pensado em uma dúzia de maneiras pelas quais ele quer me ter, e ele as planejou nos mínimos detalhes. Como se ele já fosse meu dono e tivesse a intenção de reivindicar para que todos vissem.

Eu lambo meus lábios. — Se eu disser que gosto de você me carregando, você vai fazer isso sem parar pelos próximos três meses? Ou você vai decidir me punir, fazendo-me andar pelo meu próprio poder? — Alguns minutos atrás, eu diria que estava brincando com a psicologia reversa, mas, neste momento, nem mesmo sei o que quero que seja a resposta dele.

Ele finalmente registra que estou brincando e me choca revirando os olhos. — Nunca deixa de me surpreender o quão forte você está determinada a ser. Escolha uma palavra segura, Perséfone.

Um arrepio de apreensão passa por mim. Brincadeiras à parte, isso é real. Estamos realmente fazendo isso, e assim que passarmos por aquela porta, ele pode honrar minha palavra de segurança, mas no final do dia, não tenho como saber. Dois dias atrás, Hades era pouco mais do que um mito desbotado que poderia ter sido um homem algumas gerações atrás. Agora, ele é muito real.

No final, tenho que confiar em meus instintos, o que significa confiar em Hades.

— Romã.

— Bom o bastante. — Ele empurra a porta e entra em outro mundo.

Ou pelo menos é o que parece. A luz se move estranhamente aqui, e levo alguns minutos para perceber que é um truque inteligente de lâmpadas e água que envia faixas de luz dançando pelo teto. É como o oposto do salão de banquetes de Zeus. Não há janelas, mas grossas cortinas vermelhas dão ao cômodo uma sensação decadentemente pecaminosa, em vez de torná-lo claustrofóbico. Há até um trono honesto com os deuses, embora, como o resto do lugar, seja preto e realmente pareça confortável.

A realização rola por mim e eu rio. — Oh, uau, você é realmente mesquinho.

— Não tenho ideia do que você está falando.

— Sim, você tem. Tudo o que falta é um retrato gigante de você. — Ele deve ter visto o salão de banquetes em algum momento, porque ele construiu algo que é a sua antítese. É uma sala menor e tem mais móveis, mas é impossível não ver a conexão. Mas não é como o resto da casa. Hades obviamente gosta de coisas caras, mas os pedaços da casa que eu vi até agora parecem aconchegantes e habitáveis. Isso é

tão frio quanto a torre de Zeus.

— Não preciso de um retrato gigante —, diz ele secamente. — Todo mundo que passa por essas portas sabe exatamente quem manda aqui.

— Tão mesquinho, — eu repito e rio. — Eu gosto disso.

— Anotado. — Não posso ter certeza, mas acho que ele está lutando contra um sorriso.

Para evitar olhar para seu rosto bonito como uma idiota apaixonada, eu olho para os sofás e cadeiras confortáveis - todos de couro - reunidos estrategicamente ao redor do espaço, bem como uma série de peças de mobiliário que reconheço pela descrição, se não pela vista. Um banco de palmadas. Cruz de Santo André. Uma moldura que pode ser usada para suspender uma pessoa, se alguém for criativo com a corda.

A sala também está completamente vazia.

Eu me torço nos braços de Hades para olhar para ele. — O que é isto?

Ele me coloca no sofá mais próximo, e eu deslizo meus dedos sobre o couro liso. Como todas as outras peças de mobília que posso ver, é impecável e imaculado. E frio. Tão incrivelmente frio. É exatamente o que eu esperava de Hades, com base no mito que o cerca, e nada como o próprio homem. Eu olho para cima para encontrá-lo me observando mais de perto. — Por que não tem ninguém aqui?

Hades balança lentamente a cabeça. — Você pensou que eu iria jogar você para os lobos na primeira noite? Dê-me um pouco de crédito, Perséfone.

— Eu não tenho que te dar nada. — Isso sai muito forte, mas eu

criei minha coragem para isso, e a decepção está me deixando tonta. Este *lugar* está me deixando tonta. Não é nada como eu esperava. *Ele* não é nada como eu esperava. — Você tem que reivindicar seu direito, e você tem que fazer isso agora.

— E *você* tem que parar de me dizer o que *tenho* que fazer. — Ele olha ao redor da sala, expressão contemplativa. — Você diz que não é virgem, mas já fez alguma perversão antes?

Isso tira o vento das minhas velas. Não adianta mentir, pelo menos não neste momento. — Não.

— Isso foi o que eu pensei. — Ele tira o paletó e lentamente arregaça as mangas. Ele nem está olhando para mim, não está prestando atenção na maneira como devoro cada centímetro de pele revelada com meus olhos. Ele tem antebraços bonitos, musculosos e tatuados, embora eu não consiga distinguir o desenho. Parecem redemoinhos, e demoro vários minutos para perceber que as tatuagens estão se movendo ao redor das cicatrizes.

O que *aconteceu* com este homem?

Ele se senta ao meu lado, mantendo uma almofada cheia entre nós. — Há algumas perguntas preliminares que preciso responder.

Isso me surpreende e solto uma risada. — Não sabia que era uma entrevista inicial.

— Dificilmente. — Ele encolhe os ombros, parecendo um rei com a maneira como assumidamente ocupa mais do que seu quinhão de espaço. Não é nem mesmo seu corpo - ele não é particularmente grande. É a presença dele. Ele preenche esta grande sala até que eu mal consigo respirar. Hades está me observando muito de perto e tenho a sensação desagradável de que ele está observando cada uma das minhas microexpressões.

Ele finalmente se move ao redor da sala. — Este arranjo pode ter um propósito além do prazer, mas não estou interessado em traumatizar você. Se você vai me foder, é melhor se divertir também.

Eu pisco — Isso é muito atencioso de sua parte, Hades.

Meu sarcasmo rola dele como água nas costas de um pato. Embora eu tenha *certeza* de que seus lábios se contraem. — As respostas são sim, não, talvez.

— Eu...

— Escravidão.

Meu corpo fica quente com o pensamento. — Sim.

— Fodendo na frente das pessoas.

Não. Mas essa resposta não é a verdade. A verdade é que a própria ideia me deixa em chamas. Eu olho para o rosto dele, mas ele não está me oferecendo nada. Sem incentivo. Sem julgamento. Talvez seja por isso que sou capaz de responder honestamente. — Nós já conversamos sobre isso. Sim.

— Vale a pena ter certeza. — Ele continua assim. Ele nomeando uma coisa atrás da outra e eu tentando responder o mais honestamente que posso. A maioria dessas coisas, nunca pensei muito fora da ficção. Eu sei o que me deixa excitada e contorcida nos livros que leio, mas a possibilidade de representar isso na realidade é quase demais para contemplar.

A conversa, se é que se pode chamar assim, não é nada confortável, mas mesmo assim me tranquiliza. Ele realmente está fazendo o dever de casa adequado, em vez de me jogar no fundo do poço. Não consigo me lembrar da última vez em que recebi um foco tão intenso; a realização faz o calor percorrer meu caminho em ondas lentas, e minha respiração se agarra com a ideia de representar todos

os nomes de Hades.

Ele finalmente se recosta, expressão contemplativa. — É o bastante.

Eu espero, mas seu olhar está a mil quilômetros de distância. Eu poderia muito bem não estar na sala. Abro minha boca, mas decido não interromper onde quer que seus pensamentos tenham ido. Em vez disso, eu me levanto e viro para a mobília bizarra mais próxima. Parece um pouco com uma versão menos sem alma da mesa em que você se senta no médico, e quero ver exatamente como funciona.

— Perséfone.

O estalo em seu tom tem raízes crescendo na minha sola e me congelando no lugar. Eu olho por cima do ombro. — Sim?

— 'Sim, Senhor' é a resposta adequada quando estamos nesta sala. — Ele aponta para o local que acabei de desocupar. — Sente-se.

— O que acontece se eu não obedecer assim? — Eu estalo meus dedos.

Ele voltou a me observar de perto, seu corpo equilibrado e tenso como se fosse saltar sobre mim se tivesse a chance. Talvez isso devesse me assustar, mas não é o medo batendo um tambor no meu sangue. É excitação. Hades se inclina para a frente muito lentamente, muito incisivamente. — Então você será punida.

— Entendo. — Eu digo lentamente. Uma escolha, então. Não há ninguém assistindo agora, ninguém para interpretar. Não preciso ser perfeita, ensolarada ou brilhante ou qualquer um dos rótulos que adquiri ao longo dos anos. A compreensão me deixa tonta e quase bêbada.

Eu olho ao redor da sala novamente. — O que é este lugar para

você? Livre de rótulos?

— Este lugar *é* o rótulo. — Quando eu franzo a testa, ele suspira. — Existem muitos métodos de manter o poder. Medo, amor, lealdade. Os dois últimos são inconstantes na melhor das hipóteses, o primeiro difícil de adquirir, a menos que você esteja disposto a sujar as mãos.

— Como Zeus —, murmuro.

— Como Zeus, — ele confirma. — Embora aquele bastardo tenha charme suficiente para não ter que sujar as mãos quando não quiser.

— *Você suja* as mãos? — Eu olho ao redor da sala novamente, começando a entender. — Mas então, você não precisaria se todos estivessem com medo de você, não é?

— Reputação é tudo.

— Isso não é uma resposta.

Hades me estuda. — Você precisa de uma?

Eu preciso? Não é necessário para nossa barganha; já concordei e não tenho intenção de desistir agora. Mas não posso evitar a curiosidade que afunda suas presas em mim e se recusa a me soltar. Meu fascínio por Hades remonta a anos, mas conhecer o homem real por trás do mito é mil vezes mais atraente. Já adivinhei o propósito desta sala, deste palco cuidadosamente curado. Eu quero saber mais sobre *ele*. Eu mantenho seu olhar. — Eu gostaria de uma resposta, se você estiver disposto a dar.

Por um momento, acho que ele não vai responder, mas ele finalmente concorda. — As pessoas já estão preparadas para temer Hades. Como você sempre aponta, o título é o bicho-papão do Olimpo. Eu uso isso, amplifico isso. — Ele move ao redor da sala. — Eu tenho festas exclusivas para membros cuidadosamente

selecionados da cidade alta aqui. Meus gostos já eram pervertidos; simplesmente uso essa predileção para servir aos meus propósitos.

Eu estudo a sala, concentrando-me no trono. Tanto melhor para criar a imagem maior que a vida de Hades, um rei sombrio para o rei dourado de Zeus. Nenhuma das imagens que apresentam ao público é verdadeira, mas prefiro muito mais a versão de Hades. — Então você se senta lá e preside este covil de iniquidade e satisfaz seus desejos de uma forma que dá a todos que assistem um arrepio de medo e uma história para sussurrar.

— Sim. — Algo estranho em sua voz me faz virar para olhar para ele. Hades está me olhando como se eu fosse um quebra-cabeça que ele está morrendo de vontade de montar. Ele se inclina para frente. — Eles realmente não sabem o quanto você é valiosa na parte alta da cidade, não é?

Eu pinto meu sorriso de sol de sempre em minhas feições. — Tenho certeza de que não tenho ideia do que você está falando.

— Você está perdida com aqueles idiotas.

— Se você diz.

— Eu sei disso. — Hades sobe lentamente. Tudo o que ele precisa é de uma capa fluindo ao seu redor para completar a imagem sensual e ameaçadora que ele cria. — Devo dar uma demonstração de como será nossa primeira noite aqui?

De repente, tudo isso é muito real. Um arrepio percorre meu corpo que é parte nervosismo, parte antecipação. — Sim senhor.

Ele olha para os meus pés. — Eles estão incomodando você?

Verdade seja dita, eles já doem só de ficar aqui por alguns minutos. — Nada que eu não possa lidar.

— Nada que você não possa controlar —, ele repete lentamente e balança a cabeça. — Você vai correr seu corpo direto para o chão, se tiver meia chance. Eu me perguntei se aquela primeira noite foi a exceção, mas não é, é? É a regra.

Eu estremeço, a culpa cintilando através de mim, mesmo quando digo a mim mesma que não tenho razão para me sentir culpada. É *meu* corpo. Posso fazer com ele o que preciso para sobreviver. Se às vezes minha carne arca com o custo? Esse é o preço da vida. Para me distrair da sensação desconfortável que se espalha dentro de mim, dou mais um passo para trás. — Eu disse que está tudo bem, e falo sério.

— Vou acreditar na sua palavra. Desta vez. — Ele continua antes que eu possa dizer qualquer coisa. — Mas eu *vou* estar verificando suas ataduras no final da noite, e se você se machucou ainda mais por teimosia, haverá consequências.

— Você é excepcionalmente arrogante. É o meu corpo.

— Errado. Durante esta cena, é o *meu* corpo. — Ele aponta para o palco baixo montado no centro da sala. — Para cima.

Ainda estou processando *essa* declaração quando coloco minha mão na dele e permito que ele me ajude a apenas trinta centímetros de altura no estrado. Não é alto, mas dá a impressão de olhar para o resto da sala. De estar em exibição. Não importa que não haja mais ninguém aqui além de nós. Imaginar todas as cadeiras e sofás cheios faz meu coração bater em alta velocidade.

Hades libera minha mão. — Fique aí um momento.

Eu o vejo tecer através dos móveis até uma porta indefinida enfiada atrás de uma cortina cuidadosamente drapeada. Alguns segundos depois, um conjunto de luzes acende sobre o estrado. Elas

não são particularmente claras, mas na relativa escuridão, elas imediatamente cortam minha visão da sala. Eu engulo em seco. — Você não estava brincando sobre fazer uma cena, estava?

— Não. — Sua voz vem de uma direção inesperada - à minha direita e um pouco atrás de mim.

Eu me viro para encará-lo, mas não consigo ver muito no brilho. — O que é isto?

— Diga-me sua palavra segura.

Não era uma resposta, mas eu realmente esperava uma? Não sei dizer se ele está tentando me assustar ou se isso *é* realmente uma prévia do que ele pretende fazer na frente de um público. Eu lambo meus lábios. — Romã.

— Tire seu vestido. — Desta vez, ele fala de algum lugar na minha frente.

Minhas mãos caem para a bainha do vestido e eu hesito. Eu não acho que sou tímida, mas todos os encontros remotamente sexuais que tive até agora foram a portas fechadas e principalmente no escuro. O exato oposto dessa experiência. Eu fecho meus olhos, tentando conter o tremor em meu corpo. *Isso é o que eu quero, o que pedi*. Eu agarro a bainha e começo a levantar.

O ar frio provoca minhas coxas, a curva inferior da minha bunda, meus quadris.

— Perséfone. — Sua voz é enganosamente suave.

Não consigo recuperar o fôlego. Ainda não *fizemos* nada e sinto que meu corpo está pegando fogo. — Sim senhor?

— Você não está usando nada por baixo do vestido. — Ele afirma isso como se estivesse comentando sobre o tempo.

Tenho que lutar contra a vontade de me contorcer, de deixar cair

o vestido para cobrir minha nudez. — Faltam alguns itens em meu guarda-roupa emprestado.

— Isso é verdade? — Ele sai da escuridão e se junta a mim no estrado, e é quase como se a luz se afastasse dele. Hades me circula lentamente, parando nas minhas costas. Ele não me toca, mas posso *senti-lo* ali. — Ou você achou que poderia me tentar a fazer o que você queria?

O pensamento passou pela minha cabeça. — Funcionaria se eu tentasse?

Ele tira meu cabelo da nuca. Um toque inocente como essas coisas, mas sinto como se ele me jogasse na gasolina e acendesse um fósforo. A outra mão de Hades desliza para escovar a pele nua do meu quadril. — O vestido, Perséfone.

Eu respiro devagar e continuo aliviando meu corpo. Ele está perfeitamente imóvel atrás de mim, mas juro que posso sentir seu olhar devorando cada centímetro de pele recém-descoberto enquanto o tecido sobe. É uma sensação terrivelmente íntima e sensual além da crença. Finalmente puxo o vestido pela cabeça e, após uma breve hesitação, jogo-o no chão.

Não há nada escondendo meu corpo dele agora.

Eu pulo com a pressão de seus dedos em meus braços. Hades ri sombriamente. — Como você está se sentindo?

— Exposta. — Ter que responder à pergunta só torna a sensação mais aguda.

— Você *está* exposta. — Ele trilha seus dedos até meus ombros. — Na próxima vez que fizermos isso, todos os olhos na sala estarão em você. Eles vão olhar para você e querer você para eles. — E então ele está lá, seu corpo contra o meu, uma mão segurando

levemente minha garganta. Não aplicando pressão. É um simples toque de propriedade que me faz lutar para não dobrar os dedos dos pés. — Mas você não é deles, é?

Eu engulo em seco, o movimento pressionando minha garganta com mais firmeza contra sua palma. — Não. Eu não sou deles.

— Eles podem olhar para o seu preenchimento, mas eu sou o único que pode tocar em você. — Sua respiração assombra minha orelha. — Vou tocar em você agora.

Não consigo parar de tremer, e isso não tem nada a ver com a temperatura da sala. — Você está me tocando agora. — Essa é a minha voz, toda sussurrada, baixa e cheia de convite? Eu sinto que estou flutuando acima do meu corpo e, ainda assim, devastadoramente aterrada em minha carne.

Sua mão desce para o meu esterno, traçando uma linha entre meus seios. Ainda não onde preciso desesperadamente que ele esteja. Ele quase não fez nada e não consigo parar de tremer. Eu mordo meu lábio inferior com força e tento ficar parada enquanto seus dedos acariciam minhas costelas e descem pelo meu estômago. — Perséfone.

Deuses, a maneira como este homem diz meu nome. Como se fosse um segredo apenas entre nós. — Toque-me.

— Como você disse, *estou* tocando em você. — Aí está, aquele pedaço de diversão deliciosa. Ele fica quieto, com a mão apoiada na parte inferior do meu estômago. O peso parece ser a única coisa que me mantém presa a este mundo. Ele traça um dos ossos do meu quadril. — É assim que vai ser. Ouça com atenção.

Estou tentando, mas toda a minha concentração está envolvida em não abrir minhas pernas e tentar me contorcer para colocar sua

mão onde eu preciso desesperadamente. Eu me contento com um aceno trêmulo. — Sim senhor. — Engraçado, mas chamá-lo assim dificilmente parece estranho.

— Vou lhe dar todas as fantasias que você sonhou nesse seu cérebro ambicioso. Em troca, você segue todos os meus comandos.

Eu franzo a testa, tentando pensar além da sensação de seu corpo contra minhas costas, seu comprimento duro pressionado contra mim. Eu quero desesperadamente chegar perto desse homem, despi-lo e tocá-lo tão intimamente quanto ele está me tocando agora. — Eu tenho muitas fantasias.

— Disso, não tenho dúvidas. — Seus lábios roçam minha têmpora. — Você está tremendo de nervosismo ou desejo?

— Ambos. — Tão tentador deixar por isso mesmo, mas eu preciso que ele entenda. — Eu não odeio isso.

— E o pensamento de pessoas realmente enchendo esta sala e me vendo tocar em você assim?

— Eu não odeio isso. — Eu repito.

— Eu vou fazer você gozar, pequena Perséfone. E então vou levá-la lá para cima e trocar as bandagens em seus pés. Se você for muito Boa e conseguir se conter para não reclamar, vou deixar você chegar ao orgasmo pela segunda vez. — Ele dá outro golpe lento em meu estômago. — Amanhã, vamos vesti-la adequadamente.

É muito difícil se concentrar com seus dedos se aproximando cada vez mais da minha boceta, mas eu tento. — Achei que estávamos negociando orgasmos

— Isso é mais do que orgasmos.

Só entendo esse jogo em linhas gerais, mas reconheço que ele está pedindo permissão à sua maneira, como se eu não tivesse dado

luz verde meia dúzia de vezes só hoje. Ele não está exatamente me jogando no fundo do poço para esperar e ver se eu afundo ou nado. Ele está me puxando com cuidado, inexoravelmente, em direção a um único destino. Eu não acredito em destino, mas neste momento parece que nós dois passamos anos trilhando nossos respectivos caminhos até este ponto. Eu não posso me virar agora. Eu não quero.

— Sim. Eu digo sim.

CAPÍTULO 9

Hades

Estou errado sobre Perséfone. Cada vez que eu a empurro, a testo, para ver se isso vai mandá-la correndo para casa na cidade alta, ela dá um passo para frente. Mas é mais do que isso. Acho que andar um com o outro a excita tanto quanto a mim. Cada vez que seus lábios se curvam e ela incorpora um raio de sol em forma humana, eu sei que as coisas estão prestes a ficar interessantes.

E agora?

Não tenho palavras para descrever o que estou sentindo agora, não com ela nua em minha casa, sua pele bronzeada ruborizada de desejo pelo *meu* toque. Eu passo minha mão sobre sua barriga, odiando sua mãe e o resto da cidade alta por criar circunstâncias onde esta mulher está tão focada em sobreviver e sair que ela ignora as necessidades de seu corpo. Ela é muito magra. Não quebrável, exatamente, mas ela admitiu que não se cuida como deveria.

— Hades. — Perséfone se pressiona contra mim, encostando a cabeça no meu ombro, entregando-se inteiramente a mim. — Por favor.

Como se eu pudesse parar agora, mesmo se quisesse. Estamos juntos nesta estrada para o submundo, bem além do ponto sem volta. Não perco mais tempo. Eu seguro sua boceta, e não posso evitar meu grunhido quando a encontro molhada e querendo. — Você gosta desses jogos. Diverte-se em estar em exibição.

Ela acena com a cabeça. — Eu já disse que sim.

Eu me concentro em me mover lentamente, porque a alternativa

é cair sobre ela como uma criatura faminta e desfazer toda a frágil confiança que construí. Ela é macia, molhada e quente pra caralho. Eu coloco dois dedos nela e ela solta o som de choramingo mais delicioso e se agarra ao meu redor. Eu a exploro lentamente, procurando aquele ponto que a fará derreter, mas não é o suficiente. Eu preciso ver ela. Ver tudo dela.

Em breve.

Eu estendo minha mão livre e engancho sua coxa, levantando-a e abrindo-a para me dar melhor acesso. Colocando-a em exibição para um público de ninguém. Sempre gostei de jogar publicamente, e não posso negar o quão intensamente espero reivindicá-la assim na frente de uma sala lotada. A resposta dela hoje à noite indica que ela vai adorar isso tão forte quanto eu.

Eu acaricio seu clitóris com meu polegar, experimentando até encontrar o movimento certo que faz seu corpo inteiro ficar tenso. Eu me inclino até que meus lábios roçam sua orelha. — Amanhã à noite, esta sala estará cheia de pessoas. Todo mundo aparecendo para dar uma olhada em sua linda boceta, para ouvir o quão docemente eu posso fazer você gozar.

— Oh, deuses.

— Você fará um bom show para eles, Perséfone? — Não posso deixar de arrastar minha boca ao longo de seu pescoço. É como a percepção de que posso tocá-la como eu quiser, que ela está dançando à beira do orgasmo, que ela quer mais... Está finalmente me atingindo. Esta mulher é *minha*, mesmo que seja apenas por alguns meses. É um conhecimento inebriante.

— Hades, *por favor*.

Eu fico imóvel, e ela tenta rolar os quadris para continuar

fodendo meus dedos. Isso dá a ela um beliscão em seu ombro. — Por favor, o que? Seja explícita.

— Me faça vir. — Sua inspiração é irregular. — Me beije. Foda-me. Só não pare.

— Eu não vou parar. — Minhas palavras saem como um rosnado, mas eu não dou a mínima. Beijo Perséfone e volto a conduzi-la ao orgasmo. Ela ainda tem gosto de verão. Eu quero envolvê-la e mantê-la segura. Eu quero transar com ela até que todas as suas máscaras se quebrem e ela chore enquanto goza em volta do meu pau.

Eu *quero*.

Por mais que eu pretendesse prolongar este momento, estamos ambos dançando no limite do controle. Eu pressiono a palma da minha mão contra seu clitóris, dando a ela um pouco de fricção extra. Ela geme, ofegante e baixo, e eu daria qualquer coisa para ouvi-la fazer aquele som novamente. Saber que sou eu quem está causando isso. — Solte. Eu entendi você. — Eu volto para seu pescoço, beijando-a enquanto ela se contorce contra mim. Sua respiração vem em ofegos ásperos e então ela chega ao limite, sua boceta apertando em torno dos meus dedos enquanto ela tem orgasmo.

Eu suavizo meu toque, puxando-a de volta para a terra enquanto eu levanto minha cabeça. Perséfone estremece em meus braços, inclinando-se contra mim e me deixando carregar seu peso de uma forma que indica uma confiança que não mereço. Eu coloco sua perna para baixo, mas não consigo evitar beijar seu pescoço uma última vez. Ainda nem fizemos sexo e já estou desejando senti-la em meus braços, seu gosto na minha língua, com um desejo que beira o frenesi.

Eu tenho que fechar meus olhos por vários longos momentos para lutar contra o impulso de deitá-la neste estrado e transar com ela

agora. As razões pelas quais eu não deveria me sentir frágil como uma teia de aranha, fácil de rasgar sem pensar duas vezes.

Ainda não.

É preciso esforço para me bloquear, para recuar para trás da máscara fria que geralmente parece mais natural do que eu real. Eu me afasto de Perséfone, mantendo a mão em seu quadril para o caso de ela cambalear. Ela não sabe. Naturalmente.

Eu ignoro seu olhar questionador quando ela se vira para mim. Eu mal posso olhar para ela com medo de que a necessidade passando por mim tome o controle, então eu pego o vestido descartado e arrasto sobre sua cabeça. Ela dá uma maldição abafada, mas consegue colocar os braços no lugar certo e puxá-los o resto do caminho para baixo de seu corpo. Foi uma provocação tentadora, mesmo antes de eu saber tudo o que estava por trás disso. Agora tenho que me concentrar para me manter concentrado na tarefa. Seria tão fácil cair nessa mulher e passar o resto da noite aprendendo e descobrindo o que posso fazer para tirar aqueles gemidos deliciosos de seus lábios. Para memorizar o gosto e a sensação dela até que eu esteja impresso em sua pele.

Impossível. Se eu ceder um centímetro, Perséfone correrá um quilômetro com ele. Posso não conhecê-la bem, mas sei disso sem sombra de dúvida. Esta mulher não é uma princesa corada em uma torre. Ela é um maldito tubarão, e ela tentará chegar ao topo se tiver alguma chance.

Minha reputação, meu poder, minha habilidade de proteger as pessoas na cidade baixa, tudo depende de eu ser o maior e pior filho da puta deste lado do Rio Estige. Essa reputação é a razão pela qual não tenho que sangrar minhas mãos; todo mundo está com muito

medo de me testar.

Se uma socialite bonita da cidade alta começar a me puxar pelo pau, isso vai colocar em risco tudo pelo que passei minha vida inteira lutando.

Eu não posso permitir isso.

Eu a pego em meus braços. Para uma personalidade tão grande, ela parece pequena quando a seguro assim. Isso envia instintos de proteção que eu achava inexistentes subindo à superfície. A cada passo em direção à porta, é mais fácil ignorar a demanda do meu corpo por ela. Eu tenho um plano e estou cumprindo-o. Fim da história.

Perséfone encosta a cabeça no meu ombro e olha para mim. — Hades?

Sinto a armadilha, mas não poderia ignorar essa mulher se quisesse. — Sim?

— Eu sei que você tem esse plano para hoje à noite e amanhã.

— Mm-hmm. — Abro a porta e faço uma pausa para garantir que está fechada com firmeza atrás de nós. Então eu começo a descer o corredor na direção das escadas. Cinco minutos e estaremos de volta ao quarto dela para que eu possa obter um pouco de distância entre nós.

Ela passa a mão no meu peito para enganchar levemente meu pescoço. — Eu quis dizer isso quando disse que queria fazer sexo com você.

Quase perco um passo. Quase. Preciso de tudo que tenho para não olhar para ela. Se eu fizer isso, estaremos fodendo no meio deste corredor. — É mesmo?

— Sim. — Ela acaricia a pele sensível da minha nuca. — O

orgasmo foi bom, muito bom, mas você não acha que devemos fazer um teste antes de você me foder na frente de uma sala cheia de pessoas?

A pequena megera. Ela sabe exatamente o que está fazendo. Chego às escadas e me concentro em me mover rapidamente, mas não tão rápido que poderia ser chamado de corrida.

Perséfone mantém aquele toque leve que me faz sentir como se estivesse prestes a sair da minha pele. — Suponho que haja seu plano a considerar. Você parece um homem que gosta de um plano, e posso respeitar isso. — Ela se aconchega mais perto e esfrega sua bochecha contra meu peito. — Que tal um compromisso? Por que você não se assegura de que estou, de fato, tão bem quanto eu disse que estava, e então vou chupar seu pau?

Não respondo até chegar ao quarto dela e entrarmos. Então eu a sento na cama e enredo meus dedos em seu cabelo sedoso. A maneira como seus lábios se separam quando eu envolvo meu punho me faz lutar para não rosnar de novo. — Perséfone. — Eu dou outro puxão no cabelo dela. — Parece-me que você está acostumada a fazer o que quer.

Ela está me olhando como se esperasse que eu puxasse meu pau para fora e fodesse sua boca até que ambos estivéssemos desfeitos. Ela arqueia um pouco as costas. — Apenas em algumas arenas.

— Mmmm. — Um último puxão e me forço a parar de tocá-la. Não *posso* perder o controle agora, ou nunca o recuperarei. Se eu fosse apenas outro homem, não hesitaria em aceitar tudo o que ela está oferecendo. Mas não sou apenas mais um homem. Eu sou Hades. — Eu tenho uma palavra com a qual você faria bem em se acostumar.

Suas sobrancelhas se juntam. — Qual palavra?

— Não. — É preciso mais esforço do que eu jamais admitirei para me afastar de uma Perséfone amarrotada sentada em sua cama e entrar no banheiro. A distância não ajuda em nada. Esta mulher está no meu sangue. Eu procuro no armário embaixo da pia o kit de primeiros socorros. Nós os mantemos em todos os banheiros da casa. Não estou tecnicamente em guerra com ninguém, mas minha linha de negócios significa que às vezes meu pessoal está lidando com ferimentos inesperados. Como ferimentos à bala.

Eu meio que espero encontrar Perséfone pronta para montar sua próxima sedução quando eu voltar para o quarto, mas ela está sentada afetadamente onde eu a deixei. Ela até conseguiu alisar o cabelo um pouco, embora o rubor em sua pele a trai. Desejo ou raiva, ou alguma combinação de ambos.

Eu me ajoelho ao lado da cama e lanço um olhar para ela. — Comporte-se.

— Sim senhor. — As palavras são açucaradas e venenosas o suficiente para me bater na minha bunda se eu não estivesse esperando.

Nunca mantive uma pessoa submissa. Prefiro limitar as coisas ao salão de jogos e a cenas individuais, mesmo que haja parceiras repetidas. A única regra é que ele para no segundo em que a cena termina. Isso é outra coisa, e não estou preparado para os sentimentos conflitantes que se agitam em meu peito enquanto desembrulho os pés de Perséfone e os examino. Eles estão se curando bem, mas ainda estão uma bagunça. Aquela corrida pela cidade alta realmente chegou perto de mutilá-la. Sem mencionar que ela estava perigosamente perto da hipotermia quando chegou a mim. Muito mais tempo fora durante

a noite e ela poderia ter causado danos irreparáveis a si mesma.

Ela poderia ter *morrido,* porra.

Eu esperava que os homens de Zeus tivessem interferido naquele ponto, mas não tenho fé quando se trata de Zeus. Ele tem a mesma probabilidade de deixá-la correr até a morte para puni-la pelo ato de fugir dele, assim como ele de varrê-la e puxá-la de volta para seu lado.

— Por que você não chamou um táxi quando saiu do evento? — Não pretendo verbalizar a pergunta, mas ela cai no espaço entre nós todos da mesma forma.

— Eu queria pensar e faço isso melhor em movimento. — Ela se mexe um pouco enquanto eu aplico Neosporin nas piores feridas. — Eu tinha muito em que pensar na noite passada.

— Estúpido.

Ela fica tensa. — Não é estúpido. Quando percebi que estava sendo perseguida, estava sendo conduzida para o rio e então simplesmente... — Perséfone levanta a mão e a deixa cair. — Eu não poderia voltar. Eu *não* vou voltar.

Eu deveria deixar por isso mesmo, mas eu não consigo manter minha boca fechada em torno desta mulher. — Machucar-se quando eles te cruzam não faz absolutamente nada com eles. Na verdade, é o que eles querem. Você trata seu corpo como se fosse o inimigo; isso a torna muito fraca para lutar contra eles.

Perséfone solta um suspiro. — Você age como se eu estivesse cometendo automutilação ou algo assim. Sim, às vezes coloco as necessidades do meu corpo em banho-maria por causa do estresse ou de lidar com todas as várias besteiras que uma das filhas de Deméter acarreta, mas não estou fazendo isso para me machucar.

Assim que estou satisfeito por ter aplicado a pomada em todos os cortes, começo o processo de envolver seus pés em bandagens novamente. — Você só tem um corpo e é uma guardiã de merda do seu.

— Você está levando um pequeno ferimento para o lado pessoal.

Talvez eu esteja, mas a maneira como ela insiste em minimizar o perigo em que estava me agrava ao extremo. Significa que ela já fez isso antes, com frequência suficiente para que nem valha a pena mencionar. Significa que ela fará de novo se tiver chance. — Se você não é confiável para cuidar do seu corpo, então vou fazer isso por você.

O silêncio se estende por tanto tempo que eu finalmente olho para cima e a encontro olhando para mim com a boca em um O perfeito. Ela finalmente se sacode. — É um pensamento bonito, eu suponho, mas dificilmente necessário. Eu posso ter concordado com sexo - e felizmente - mas não concordei com você se tornando a babá mais mal-humorada do mundo. Você está planejando me alimentar de colher também? — Ela ri alegremente. — Não seja absurdo.

Sua dispensa irrita mais do que tem o direito. Não porque ela está tentando me negar. Não, há algo frágil sob sua diversão fingida. Alguém já cuidou de verdade de Perséfone? Não é da minha conta. Eu deveria me levantar e sair do quarto e *deixá-la* até as cenas públicas necessárias.

Fazer qualquer outra coisa é um convite ao tipo de ruína da qual um homem como eu não poderia se recuperar.

CAPÍTULO 10

Perséfone

Quando Hades disse que pretendia cuidar de mim, não acreditei nele. Por que eu deveria? Sou uma mulher adulta e mais do que capaz de cuidar de mim mesma, não importa o que ele pareça pensar. Se ele não fosse tão incrivelmente agressivo, eu poderia até admitir o quão perigosa a noite em que nos conhecemos foi para minha saúde. Eu não *pretendia* ignorar o frio e a dor, mas quando percebi que era um problema, não tive outra escolha a não ser seguir em frente. Posso até assegurá-lo de que, embora às vezes me esqueça de comer ou de outras coisas pequenas como essa, não tenho o hábito de me colocar no caminho do perigo real.

Mas Hades *está* sendo agressivo e, por mais que uma parte de mim goste disso de uma forma meio perplexa, o resto de mim não consegue evitar o contra-ataque.

Ele se levanta lentamente, elevando-se sobre mim, e meu corpo fica tenso em antecipação. Mesmo com a conversa irritante, meu orgasmo anterior foi... além das palavras. Ele reivindicou meu prazer como devido, e levou cerca de trinta segundos para descobrir como me dar corda e me irritar. Se ele pode fazer isso apenas com os dedos, o que pode fazer com o resto do corpo?

Mais egoisticamente, quero tocá-lo e saboreá-lo. Quero entrar por baixo do elegante terno preto e ver tudo o que esse homem tem a oferecer. Não desejo alguém tão intensamente desde... Não me lembro quando. Talvez Maria, a mulher que conheci em um pequeno barzinho fora do distrito de armazém superior alguns anos atrás. Ela

virou meu mundo de cabeça para baixo da melhor maneira possível e ainda mandamos mensagens às vezes, embora nosso tempo juntas nunca tenha sido mais do que uma aventura.

Estou destinada a ter conexões com pessoas com as quais devo estar apenas por um curto período de tempo?

O pensamento me deprime, então eu o deixo de lado e procuro Hades. Ele pega minhas mãos antes que eu possa tocá-lo e balança a cabeça lentamente. — Você parece estar com a impressão equivocada de que pode simplesmente estender a mão e pegar o que quiser.

— Não há razão para não tomá-lo quando é o que nós dois queremos.

Ele solta minhas mãos e dá um passo para trás. — Durma um pouco. Temos muito trabalho a fazer amanhã.

Só quando ele chega à porta percebo que não é um blefe. — Hades, espere.

Ele não se vira, mas faz uma pausa. — Sim?

Se a humilhação pudesse matar, eu seria uma poça de gosma no chão. O orgulho exige que eu o deixe sair deste quarto e xingar seu nome até que finalmente adormeça. Não consigo guardar rancor tão bem quanto Psique ou Calisto, mas não sou desleixada. Eu instintivamente sei exatamente o que ele quer de mim e odeio isso. Sim, eu definitivamente odeio isso.

Eu lambo meus lábios e tento um tom não afetado. — Você me prometeu um segundo orgasmo se eu me comportasse.

— Você realmente acha que se *comportou*, Perséfone?

Cada vez que ele diz meu nome, parece que está passando as mãos ásperas por toda a minha pele nua. Eu não deveria amar isso tanto quanto amo. Eu certamente não deveria querer que ele fizesse

isso de novo e de novo e de novo. Ele ainda não olhou para mim. Eu levanto meu queixo. — Você sabe, eu sou apenas hedonista o suficiente para ser motivada pelo orgasmo. Suponho que posso prometer estar no meu melhor comportamento amanhã se você fizer valer a pena esta noite.

Ele ri. O som é um pouco irregular, quase enferrujado, mas enquanto Hades ri, ele se vira e se encosta na porta. Pelo menos ele não vai embora ainda. Ele desliza as mãos nos bolsos, um movimento que deveria ser completamente mundano, mas me faz lutar para não apertar minhas coxas. Finalmente, ele diz: — Você está fazendo promessas que não tem intenção de cumprir.

Eu dou a ele olhos inocentes. — Tenho certeza de que não tenho ideia do que você está falando.

— Você, pequena Perséfone, é uma pirralha. — Ele dá outra risada enferrujada. — Aqueles idiotas da cidade alta sabem disso?

Eu quero rebater com uma piada, mas por algum motivo, a pergunta me faz pensar. — Não. — Eu me choquei respondendo honestamente. — Eles veem o que querem ver.

— Eles veem o que *você* quer que eles vejam.

Eu encolho os ombros. — Suponho que seja uma avaliação justa. — Não sei o que há sobre esse homem que me tenta a abandonar a persona ensolarada - ou transformá-la em uma arma -, mas Hades está sob minha pele. Posso ficar impressionada em outras circunstâncias. Ele está tão determinado a me *ver*, quando eu estou igualmente determinada a não ser vista. Não dessa forma. A vulnerabilidade é um convite a ser cortado e desmontado peça por peça. Aprendi isso da maneira mais difícil no primeiro ano em que minha mãe assumiu o cargo de Deméter. As únicas pessoas em quem

posso realmente confiar são minhas irmãs. Todo mundo quer algo de mim ou quer me usar para promover sua própria agenda. É exaustivo e muito mais fácil não lhes dar absolutamente nada.

Aparentemente, essa não é uma opção com Hades.

Ele está me observando de perto, como se pudesse tirar os pensamentos diretamente da minha cabeça como um caramelo quente. — Não espero perfeição.

Isso me faz soltar uma risada áspera. — Poderia ter me enganado. Você quer obediência perfeita.

— Na verdade. — Agora é a sua vez de encolher os ombros. — O jogo pode ser jogado de várias maneiras. Em uma única cena, a maioria das coisas é negociada de antemão. Essa situação é infinitamente mais complicada. Então, vou perguntar de novo - o que você quer? A perfeição obviamente irrita. Você quer que eu force a obediência? Permitir a você sua liberdade e puni-la quando você sair da linha? — Seus olhos escuros são um inferno apenas esperando para me queimar. — O que vai te deixar melhor, Perséfone?

Minha respiração para no meu peito. — Eu quero me comportar mal. — Eu não quero dizer isso. Eu realmente não quero. Mas Hades está me oferecendo o que eu preciso? É mais inebriante do que qualquer álcool que experimentei. Ele está oferecendo um tipo estranho de parceria, que eu não sabia que desejava. Ele pode dominar. Eu posso me submeter. Mas o equilíbrio de poder é surpreendentemente igual.

Eu não sabia que poderia ser assim.

— Aí está você. — Ele diz isso como se eu tivesse revelado algo profundo com essas cinco pequenas palavras. Hades volta para a cama, e se ele era casualmente dominante antes, agora ele parece

opressor. Eu recuo no colchão, incapaz de tirar meus olhos dele. Ele estala os dedos. — O vestido. Tire.

Minhas mãos se movem para a bainha antes que meu cérebro o alcance. — E se eu não quiser?

— Então eu vou embora. — Ele levanta aquela sobrancelha maldita novamente. — A escolha é sua, é claro, mas nós dois sabemos o que você realmente quer. Tire o vestido. Em seguida, deite-se e abra as pernas.

Ele me encurralou e não posso nem fingir que não. Eu olho, mas parece indiferente na melhor das hipóteses com a antecipação lambendo minha pele. Eu não perco tempo brincando com ele; eu apenas arranco o vestido e jogo para o lado.

Hades segue o movimento do tecido, a desaprovação irradiando dele. — Da próxima vez, você dobra, ou vou fazer você rastejar pelo chão em penitência.

Choque. Raiva. Luxúria pura.

Eu me inclino para trás em meus cotovelos e olho feio. — Pode tentar.

— Pequena Perséfone. — Ele balança a cabeça lentamente enquanto abro minhas pernas. — Você nem sabe o que deseja, não é? Tudo bem. Eu vou te mostrar.

Eu deveria deixar pra lá. Eu realmente deveria. Mas, por algum motivo, não consigo me manter trancada na presença de Hades. — Por favor. Eu sei do que gosto.

— Prove.

Eu pisco — Com licença

Ele acena com a mão casual como se não estivesse devorando minha boceta com o olhar. — Mostre-me. Você quer um orgasmo tão

desesperadamente? Dê a si mesma.

Agora meu brilho quase não está tocando. — Não é isso que eu quero.

— Sim, é .— Ele sobe na cama para se ajoelhar entre minhas coxas abertas. Hades não me toca, mas parece que ele tatuou sua posse em cada parte do meu corpo. Seu desejo óbvio por mim aumenta minha necessidade.

Eu vou fazer isso. Eu vou alcançar entre minhas coxas e acariciar meu clitóris até que eu goze na frente dele. Com o quão excitada estou agora, não vai levar muito tempo. E eu... eu quero fazer isso, maldito seja. Eu não posso simplesmente desistir, no entanto. Não está na minha composição genética. Eu lambo meus lábios. — Eu proponho uma barganha.

Lá se vai sua sobrancelha de novo, mas ele apenas diz: — Estou ouvindo.

— Eu gostaria muito de... — Não sei como dizer isso sem morrer de vergonha, então simplesmente avanço. — Eu quero que você venha quando eu vier. — Quando ele continua me observando, esperando, me forço a continuar. — Se estou tendo um orgasmo... gostaria muito, *muito* que você também tivesse um orgasmo.

Ele me encara por um longo momento, como se esperasse que eu mudasse de ideia. Eu poderia dizer a ele que não há absolutamente nenhum perigo *disso*, algo que ele parece perceber alguns segundos depois.

As mãos de Hades se movem como se ele não pudesse evitar, descansando em minhas coxas e me dando um golpe leve. — Você pode ter o seu caminho esta noite, mas não adquira o hábito de esperar por isso.

Eu dou a ele um sorriso ensolarado que faz um músculo em sua bochecha se contrair. — Se eu pudesse, você já estaria dentro de mim.

— Mmmm. — Ele balança a cabeça. — Você é incorrigível.

— Palavras bonitas. — Não consigo resistir mais. Eu coloco a mão no meu estômago e separo minha boceta. Estou extraindo isso porque gosto da maneira como suas mãos apertam minhas coxas, como se ele estivesse lutando para não me tocar mais. Este homem tem o controle enrolado em torno dele como correntes. Eu me pergunto o que seria necessário para essas restrições quebrarem. O que acontecerá quando elas finalmente quebrarem?

Eu uso meu dedo médio para desenhar minha umidade para cima e ao redor do meu clitóris, e Hades bufa. — Atrevida.

— Não sei do que você está falando. — Mesmo comigo indo intencionalmente devagar, intencionalmente levemente, o prazer me envolve. Tenho o pensamento quase histérico de que poderia ser capaz de gozar simplesmente com a força de seu olhar em meu corpo. Eu circulo meu clitóris novamente. — Hades, *por favor*.

— Gosto da maneira como você diz meu nome. — Ele me solta, tirando os dedos das minhas coxas tão lentamente que é óbvio que ele não quer parar de me tocar. Eu também não quero que ele pare, mas o resultado final vale o desvio temporário. Ele alcança a frente de suas calças. Prendo minha respiração enquanto ele tira seu pau. Ele é... Uau. Ele é perfeito. Grande e grosso, e meu corpo aperta com a necessidade de tê-lo dentro de mim. Hades dá a si mesmo um golpe áspero. — Não pare.

Percebo que diminuí meus movimentos até parar e acelerei meu ritmo novamente. Não consigo tirar os olhos de seu pau enquanto ele se acaricia. — Você é lindo.

Ele dá uma daquelas risadas ásperas que já estou aprendendo a desejar. — Você está bêbada de luxúria.

— Pode ser. Não o torna menos verdadeiro. — Eu mordo meu lábio inferior. — Toque-me? Por favor? — Quando ele não responde imediatamente, eu prossigo. — Por favor, Hades. Por favor, *senhor.*

Hades amaldiçoa e bate minha mão longe do meu clitóris. — Você é uma merda para o meu autocontrole.

— Sinto muito. — Murmuro, tentando parecer apologética.

— Não, você não sente. Não *se* mova, ou isso acaba.

— Eu não vou. Eu prometo.

Eu olho para baixo em meu corpo enquanto Hades envolve um punho em torno de seu pênis e o inclina para baixo para arrastar a cabeça cega sobre meu clitóris. Parece sujo e um pouco errado, e eu nunca quero que isso pare. Deuses, como isso é mais quente do que parte do sexo que eu tive? É puramente porque é *ele?* Eu não tenho uma resposta. Agora não. Talvez nunca.

Ele espera uma batida e depois me acaricia novamente, circulando meu clitóris como eu fiz com meus dedos antes. Prendo minha respiração, desejando que ele faça mais. É como se Hades tirasse o pensamento da minha cabeça, porque ele arrasta seu pau para baixo, molhando-se com o meu desejo. Malvado. Isso é muito além de perverso.

Está na ponta da minha língua implorar para ele me foder agora, mas eu mordo as palavras. Não importa o quão delirante o prazer me faça, ainda estou ciente o suficiente para saber que o empurrei ao seu limite esta noite. Se eu tentar mais, há todas as chances de ele recuar. Que ele vai parar o movimento decadente de seu pau através de minhas dobras. Para baixo e depois para cima para circundar meu

clitóris e depois para baixo.

Ele fica tenso enquanto pressiona a minha entrada, mas não tenho a chance de jogar a cautela ao vento antes que ele fale. — Mãos acima da cabeça.

Eu não hesito. Ele não vai me deixar esperando esta noite. Apesar do que ele parece pensar, *sou* capaz de obedecer quando devidamente motivada. O olhar que ele me dá, diz que notou a rapidez com que paro de discutir agora que estou conseguindo o que quero. Ele se move para frente para pressionar meu corpo com força contra o colchão, seu peso sólido me prendendo no lugar. E então ele muda seus quadris e todo o comprimento de seu pau está de repente esfregando contra meu clitóris com cada impulso lento.

Muito cuidadoso. Ele é cuidadoso comigo, mesmo agora. Me segurando, mas garantindo que seu peso não tire o fôlego dos meus pulmões. Eu poderia ter dito a ele que é uma causa perdida - o prazer já conquistou isso. Estou ofegando a cada expiração, lutando para ficar parada, obedecer, para não fazer nada que possa fazer com que ele pare.

Seus movimentos lentos fazem sua roupa deslizar contra minha pele nua. Nesse momento, daria meu pulmão direito para tê-lo tão nu quanto eu.

Espero que ele me beije, mas ele beija ao longo do meu queixo e vai para beliscar o lóbulo da minha orelha. — Vê como é bom obedecer, pequena Perséfone? — Outra longa tragada de seu comprimento contra meu clitóris. — Faça o que eu peço amanhã, e eu vou deixar você ter meu pau.

Meus pensamentos se dispersam, disparando em mil direções diferentes. — Promete?

— Eu prometo. — Ele acelera seus movimentos levemente. Meus dedos do pé enrolam, e não posso deixar de arquear para ele. Hades engancha um braço sob minha coxa e me espalha, deixando minhas pernas no ar. A menor mudança e ele estará dentro de mim. Eu quero isso tão desesperadamente que estou correndo o risco de implorar.

Meu corpo não me dá chance. Eu tenho um orgasmo forte, todos os músculos se contraem e meus dedos dos pés se contraem. Hades continua se movendo, puxando-o para fora, e então ele dá um pulo para trás e se derrama em meu estômago. Eu fico olhando atordoada para o líquido marcando minha pele e tenho o desejo absurdo de correr meus dedos por ele.

Enquanto ainda estou me recuperando, Hades arruma suas roupas e se senta nos calcanhares. A maneira como ele me olha... Ainda nem fizemos sexo, e este homem me olha como se quisesse ficar comigo. Deve ser o suficiente para me fazer correr, mas não consigo reunir forças para me preocupar. Nós temos nosso acordo. Não sei por que tenho tanta certeza, mas *sei que* Hades não vai quebrar sua palavra. No final disso, ele vai garantir que eu saia ilesa do Olimpo.

— Não se mova. — Ele sai da cama e vai até o banheiro. Alguns segundos depois, ele retorna com um pano úmido. Eu vou para pegá-lo, mas ele balança a cabeça. — Segure firme.

Eu o vejo me limpar. Isso deveria me incomodar... não deveria? Não tenho certeza, não quando ainda estou voando alto do meu orgasmo. Hades coloca o pano de lado e se arruma contra a minha cabeceira. — Venha aqui.

Mais uma vez, parte de mim protesta que eu deveria fincar o pé, mas já estou me aproximando dele e permitindo que ele me coloque em seu colo. Ainda assim, não consigo ficar em silêncio. — Não sou

muito carinhosa.

— Não se trata de abraços. — Ele alisa a mão nas minhas costas e guia minha cabeça em seu ombro.

Eu espero, mas ele não parece muito motivado para continuar falando. Uma risadinha escapa. — De qualquer forma, não sinta que precisa elaborar. Vou ficar aqui sentada em uma agradável confusão até o fim.

— Para alguém com sua reputação, você tem uma boa boca em você. — Ele não parece irritado com esse fato. Não, se eu não errar meu palpite, ele está positivamente divertido.

Eu suspiro e relaxo contra ele. Ele obviamente não vai me deixar ir até que termine com o que quer que seja essa coisa de não abraçar, e ficar tensa durante toda a coisa é muito exaustivo. Além disso... é legal mentir assim. Só um pouco. — Eu não sei por que você está tão surpreso. Você já admitiu que usa sua reputação como uma arma. É tão estranho pensar que posso fazer o mesmo?

— Por que você parece como o sol? Nenhuma de suas outras irmãs fez a mesma escolha.

Com isso, eu me inclino um pouco para que possa levantar minhas sobrancelhas para ele. — Hades... você parece saber muito sobre nós. Você deve seguir os sites de fofoca.

Ele não parece remotamente arrependido. — Você ficaria surpresa com as informações que alguém pode obter delas se ler nas entrelinhas e tiver uma perspectiva interna.

Eu não posso discutir isso. Eu me sinto da mesma forma. Com uma pequena risada, relaxo contra ele novamente. — Eurídice não está desempenhando um papel, não inteiramente. Ela realmente é a sonhadora inocente, e foi assim que acabou ficando com aquele

namorado idiota.

A risada de Hades retumba em seu peito. — Você não aprova Orfeu.

— Você aprovaria se ele estivesse em um relacionamento com alguém que você gosta? Ele abraça o tropo artista faminto a um grau absurdo, especialmente considerando que ele é um bebê de fundo fiduciário como o resto de nós. Ele pode pensar que Eurídice é sua musa agora, mas o que acontece quando ele ficar entediado com ela e começar a procurar *inspiração* fora de seu relacionamento? — Eu sei exatamente o que vai acontecer. Eurídice será esmagada. Isso pode realmente quebrá-la. Mantivemos nossa irmã mais nova tão protegida quanto uma pessoa pode ficar quando está um lugar distante dos Treze. O pensamento de Eurídice perdendo sua inocência... Dói. Eu não quero isso para ela.

— E suas outras irmãs?

Eu encolho os ombros tanto quanto posso. — Psique prefere voar sob o radar. Ela nunca deixa que eles saibam o que está pensando, e às vezes parece que todo o Olimpo a ama por isso. Ela é uma definidora de tendências, mas faz com que pareça fácil, como se ela não se importasse em tentar. — Embora às vezes eu pego um olhar vazio em seus olhos quando ela acha que ninguém está olhando. Ela nunca teve aquele olhar antes de mamãe se tornar Deméter.

Eu limpo minha garganta. — Calisto não está desempenhando um papel. Ela realmente é tão feroz quanto parece. Ela odeia os Treze, odeia o Olimpo, odeia todos, exceto nós. — Eu me perguntei uma e outra vez por que ela não foi embora. Ela é a única de nós que tem acesso ao seu fundo fiduciário e, em vez de usá-lo para criar uma saída de emergência, ela apenas pareceu penetrar mais

profundamente em seu ódio.

Hades lentamente enrola uma mecha do meu cabelo em torno de seu dedo. — E você?

— Alguém tem que manter a paz. — Era meu papel em nossa pequena unidade familiar, mesmo antes de subirmos na escada social e política no Olimpo, por isso parecia natural estendê-lo. Eu suavizo as coisas, faço planos e coloco todos a bordo. Não era para ser para sempre. Só até que eu pudesse tirar minha nave daqui.

Eu nunca poderia ter previsto que usar a máscara da filha doce e obediente poderia ser a mesma coisa que me prenderia aqui para sempre.

CAPÍTULO 11

Hades

É preciso mais determinação do que imagino para deixar a cama de Perséfone depois que ela adormece. É bom tê-la em meus braços. Bom demais. É como acordar e descobrir que o sonho feliz sempre foi real e que fantasia é a única coisa que não posso permitir. Em última análise, é isso que me leva a dar um beijo em sua têmpora e ir embora.

A exaustão me pesa, mas não vou conseguir descansar antes de fazer minhas rondas noturnas. É uma compulsão à qual cedi muitas vezes, e esta noite não é exceção. Estou melhor do que costumava ser, no entanto. Em um ponto, eu não conseguia fechar meus olhos antes de verificar todas as portas e janelas desta casa. Agora, são apenas as portas e janelas do térreo, terminando com uma parada em nosso hub de segurança. Meu pessoal nunca comenta sobre o fato de eu verificar o trabalho deles, o que agradeço. É menos sobre suas capacidades e mais sobre o medo que lambe meus calcanhares quando baixo a guarda.

Eu não esperava que a presença de Perséfone na casa piorasse a sensação. Prometi minha proteção a ela, dei minha palavra de que ela estará segura aqui. A ameaça dos Treze pode ser suficiente para deter Zeus, mas se ele decidir, vale a pena correr o risco de tentar um ataque que pode não ser rastreado até ele...

Ele realmente colocaria fogo neste lugar sabendo que Perséfone está lá dentro?

Eu sei a resposta antes mesmo que o pensamento seja registrado

em minha mente. Claro que sim. Ainda não, não, não quando ele ainda acha que tem uma chance de recuperá-la. Mas a imprudência de seus homens perseguindo-a a tal distância prova que se ele decidir que ela está fora de seu alcance, ele não hesitará em atacar. Melhor ela estar morta do que pertencer a qualquer outra pessoa, *especialmente* a mim.

É algo que preciso levar a ela, mas a última coisa que quero é renovar o medo que vi em seus olhos na primeira noite. Ela se sente segura aqui, e eu quero ter certeza de não trair a confiança que ela depositou em mim. Minha hesitação em dar a ela o resumo completo fala mais para mim do que para ela, e eu preciso corrigir isso amanhã, não importa o quão pouco eu goste da ideia.

No momento em que entro em meu quarto, sei que não estou sozinho. Eu me movo para a arma que mantenho escondida no cofre magnético debaixo da mesa lateral, mas eu só dou um passo quando uma voz feminina emerge da escuridão. — Surpreenda um amigo e quase levará um tiro na barganha. *Tsk*, *tsk*.

Parte da tensão desliza para fora de mim, a exaustão crescendo em seu rastro. Eu franzo a testa na escuridão. — O que você está fazendo aqui, Hermes?

Ela sai valsando do meu armário, uma das minhas gravatas mais caras enrolada em sua mão, e me dá um sorriso brilhante. — Eu queria ver você.

É um esforço para não revirar os olhos. — Mais como se você tivesse voltado para o resto da minha adega.

— Bem, claro, e isso também. — Ela se afasta enquanto eu entro no meu armário e tiro o meu paletó. Hermes se encosta no batente da porta. — Você sabe, manter todas as suas janelas e portas trancadas

envia um tipo especial de mensagem para seus amigos. É quase como se você não quisesse companhia.

— Eu não tenho amigos.

— Sim, sim, você é uma montanha solitária. — Ela acena para longe.

Penduro meu paletó no lugar apropriado e tiro os sapatos. — Não é como se isso te mantivesse fora.

— Isso é verdade. — Ela ri, o som enganosamente alto, considerando o quão pequena ela é. Essa risada é parte do motivo pelo qual não tentei aumentar minha segurança. Por mais agravante que eu ache as travessuras dela e de Dionísio, a casa parece menos grande e ameaçadora quando eles estão por perto.

Ela franze a testa para mim e aponta para a minha camisa e calças. — Você não vai continuar o show de strip?

Eu posso tolerar sua presença aqui, mas não temos em nenhum lugar o nível de confiança necessário para eu me despir completamente na frente dela. Não confio tanto em ninguém, mas em vez de dizer isso, mantenho meu tom cautelosamente leve. — É um show de strip se você não foi convidada?

Ela sorri. — Não sei, mas eu adoraria mesmo assim.

Eu balanço minha cabeça. — Por quê você está aqui?

— Oh. Isso. O dever chama. — Ela revira os olhos. — Eu tenho uma mensagem oficial de Deméter.

A mãe de Perséfone. Há um elemento nesse show de merda que Perséfone não abordou de verdade, e é como sua mãe decidiu empurrá-la para um casamento com um homem perigoso apenas por uma questão de ambição, *sem falar com ela sobre isso*. Tenho muitos pensamentos sobre isso, nenhum deles gentil.

Eu deslizo minhas mãos em meus bolsos. — Bem, vamos ouvir o que ela tem a dizer.

Hermes se endireita e levanta o queixo. Apesar de toda uma série de diferenças, tenho a impressão repentina de Deméter. Quando Hermes fala, é *a* voz *de Deméter* que emerge. O mimetismo de Hermes faz parte de como ela acabou se tornando Hermes, e é perfeito, como sempre. — Não sei que rancor você guarda contra Zeus e o resto dos Treze e, francamente, não me importo. Liberte minha filha. Se você a machucar ou se recusar a devolvê-la, vou cortar todos os recursos sob meu controle para a cidade baixa.

Eu suspiro. — Não é nada mais do que eu esperava. — A crueldade está quase além da compreensão, no entanto. Ela quer que sua filha participe do jogo, então ela tem toda a intenção de arrastar Perséfone de volta para a cidade alta - e para o altar. E ela pisará no meu pessoal para garantir que isso aconteça.

Hermes relaxa sua postura e encolhe os ombros. — Você sabe como são os Treze.

— *Você* é um membro dos Treze.

— Então é você. Além disso, sou peculiar. — Ela torce o nariz. — Também fofa e adorável e sem um certo nível de loucura de poder.

Eu não posso exatamente argumentar isso. Hermes nunca parece jogar os jogos que os outros fazem. Até Dionísio está focado em expandir seu pequeno canto do mapa de poder do Olimpo. Hermes apenas... esvoaça. — Então, por que assumir a posição?

Ela ri e me dá um tapa no ombro. — Talvez seja porque eu gosto de zombar de pessoas poderosas que se levam muito a sério. Conhece alguém que se encaixa no projeto?

— Encantador.

— Sim, eu sou. — Ela fica séria. — Espero que saiba o que está fazendo. Você está irritando muita gente agora, e tenho a sensação de que pretende irritar muito mais antes que isso acabe.

Ela não está errada, mas ainda tenho que lutar contra um grunhido. — Todo mundo é tão rápido em esquecer que Perséfone fugiu deles porque ela não queria o casamento que Zeus e Deméter planejaram.

— Oh eu sei. E, sem mentir, isso me faz gostar dela um pouquinho. — Ela mantém o indicador e o polegar separados por uma fração de centímetro. — Mas não fará diferença. Zeus balança seu pau gigante e todos se esforçam para dar a ele o que ele quer.

Eu ignoro isso. — Para alguém que investiu tanto na personalidade bondosa da mãe-terra, Deméter é rápida em colocar suas filhas na mão de obra.

— Ela *ama* suas meninas. — Hermes dá de ombros. — Você não sabe como é lá fora. Deste lado do rio, você é o rei e conquistou algo realmente bom para o seu povo. Eles não perdem esforços e recursos recriando o brilho e o glamour da cidade alta, e não estão se apunhalando pelas costas com adagas incrustadas de diamantes. — Ao meu olhar, ela balança a cabeça rapidamente. — Aconteceu. Você deve se lembrar daquela luta entre Kratos e Ares. Aquele filho da puta simplesmente caminhou até ele no meio da festa, sacou uma adaga e... — Ela faz movimentos de esfaqueamento. — Se Apolo não tivesse intervindo, teria sido um assassinato direto em vez de apenas um ataque com uma arma mortal.

— Tenho certeza de que devo ter encoberto a parte do relatório em que Ares foi preso por essas acusações.

Ela encolhe os ombros. — Você sabe como é. Kratos não é um

dos Treze, e ele *tinha* sido dispensado da linha de fundo de Ares. A luta foi um drama delicioso; um julgamento não teria sido.

Se alguma vez houve um bom exemplo de como os Treze abusam de seu poder, aí está. — Não muda nada. Perséfone cruzou a ponte. Ela está aqui. — *E ela é minha.* Não digo o último, mas o olhar perceptivo de Hermes se estreita em meu rosto. Eu limpo minha garganta. — Ela está livre para ir embora a qualquer momento. Ela está optando por não fazê-lo. — Eu deveria deixar por isso mesmo, mas o pensamento de Deméter e Zeus arrastando Perséfone de volta para a cidade alta contra sua vontade faz com que a raiva cresça dentro de mim. — Se eles tentarem levá-la, eles terão que passar por mim para fazer isso.

— 'Eles terão que passar por mim para fazer isso.'

Eu pisco. A impressão de Hermes sobre mim foi perfeita. — Isso não foi uma mensagem.

— Não foi? — Ela examina suas unhas. — Soou como uma mensagem para mim.

— *Hermes.*

— Não tomo partido, desde que todos sigam as regras. Ameaças não as violam. — Ela sorri de repente. — Eles apenas adicionam um pouco de tempero à vida de todos. Tá dã!

— Hermes!

Mas ela se foi, disparando porta afora. Persegui-la não mudará absolutamente nada. Depois de definir algo em sua mente, ela o fará, não importa o que as pessoas ao seu redor digam. Para o *tempero*. Eu arrasto minhas mãos sobre meu rosto. Isso é uma bagunça do caralho.

Não sei se Deméter é capaz de cumprir sua ameaça. Ela está no papel há anos, mas sua reputação é cuidadosamente selecionada para

ter uma boa leitura sobre o que ela fará em uma situação como essa. Ela está realmente disposta a machucar milhares de pessoas cujo único crime é viver do lado errado do rio Estige?

Porra. Não sei. Eu realmente não sei.

Se eu não fosse um maldito mito para a maior parte da cidade alta, seria capaz de lutar contra isso com mais eficácia. Ela nunca tentaria esse blefe com um dos outros Treze por causa do potencial golpe para sua reputação. Estou nas sombras, então ela pensa que está segura, que não tenho recurso. Ela descobrirá o quanto está errada se continuar com isso.

Neste ponto, estou inclinado a pagar o blefe de Deméter. Os outros Treze não dão a mínima para a cidade baixa, mas até eles têm que ver como é perigoso deixar Deméter enlouquecer. Além disso, passei uma vida inteira sem confiar nos Treze, então meu povo está preparado para enfrentar qualquer tempestade que tentarem lançar sobre nós.

Se Deméter pensa que pode foder comigo sem ver as consequências, ela tem outra ideia vindo.

***

Depois de uma noite quase sem dormir, eu me arrumo e desço para a cozinha em busca de café. O som de risadas ecoa pelos corredores vazios quando chego ao andar térreo. Eu reconheço a voz de Perséfone, mesmo que ela nunca tenha rido tão livremente perto de *mim*. É tolice sentir ciúme desse fato depois de conhecê-la apenas alguns dias, mas aparentemente a razão foi jogada pela janela no que diz respeito a essa mulher.

Eu levo meu tempo caminhando para a cozinha, apreciando o

quão mais viva a casa parece esta manhã. Eu realmente não tinha notado a falta até agora, e a compreensão não me cai bem. Não importa a *vida* que Perséfone traga para minha casa, porque ela vai embora em algumas semanas. Acostumar-se com a ideia de acordar com ela rindo na minha cozinha é um erro.

Eu empurro a porta para encontrá-la em pé no fogão com Georgie. Georgie é tecnicamente minha governanta, mas ela tem um pequeno exército de funcionários para cuidar da limpeza deste lugar, então ela preside principalmente a cozinha e ainda cozinha. Há uma razão pela qual a maioria do meu povo passa por essas portas para pelo menos uma refeição por dia; ela é uma feliz mulher branca de meia-idade que poderia ter cinquenta ou oitenta. Tudo o que sei é que ela não parece ter envelhecido nos vinte anos desde que assumiu o cargo. Seu cabelo sempre foi um lustroso prateado, e sempre houve linhas de riso ao redor de seus olhos e boca. Hoje, ela está usando um de seus aventais habituais com babados nas bordas.

Ela aponta para minha cadeira normal sem olhar. — Acabei de preparar um novo bule de café. Chegando sanduíches para o café da manhã.

Eu olho o par de mulheres enquanto me sento. Perséfone está do outro lado da ilha e tem um pouco de farinha no vestido. Obviamente, ela tem participado ativamente do café da manhã. A constatação me faz sentir estranho. — Desde quando você nos deixa ajudar?

— Não existe 'nós'. Perséfone se ofereceu para lidar com algumas pequenas tarefas enquanto eu configurava as coisas. Simples.

Simples. Como se ela não tivesse rejeitado nenhuma oferta de ajuda que fiz nas últimas duas décadas. Aceito meu café e tento não encará-lo. O mais próximo que Georgie me deixou de "ajudar" é

observar uma panela de água por quinze segundos enquanto ela vasculha a despensa em busca de alguns ingredientes. Certamente, nada envolvia o suficiente para colocar farinha em minhas roupas.

— Talvez essa expressão seja o motivo pelo qual Georgie não quer que você desempenhe o papel de uma nuvem de tempestade humana em sua cozinha.

Eu lanço um olhar para Perséfone e a encontro lutando contra um sorriso, seus olhos castanhos dançando com alegria. Eu levanto minhas sobrancelhas. — Alguém está de bom humor esta manhã.

— Tive bons sonhos. — Ela pisca para mim e se volta para o fogão.

Eu já não tinha planos de devolvê-la a Deméter e Zeus, mas mesmo se estivesse pensando na ideia, esta manhã a teria destruído. Ela está na minha casa há menos de 48 horas e algo já se desenrolou nela. Se eu fosse mais arrogante, eu atribuiria isso aos orgasmos da noite passada, mas eu sei melhor. Ela se sente segura, então ela abaixou uma ou duas camadas de sua guarda. Eu posso ser um bastardo, mas não posso retribuir essa confiança novata jogando-a para os lobos.

Vou manter minha palavra.

Para melhor ou pior.

CAPÍTULO 12

Perséfone

Espero que Hades chame pessoas para me vestir em vez de me deixar sair de casa. Tudo em nome da segurança, é claro. Então, fico surpresa quando ele me leva até a porta da frente. Um par de botas de pele de carneiro estava lá. Ele aponta para o banco escondido em uma alcova do foyer. — Sente-se.

— Você comprou botas para mim. — Elas são horríveis, mas não é isso que me faz levantar as sobrancelhas. — Esta é a sua ideia de um compromisso?

— Sim, acredito que já ouvi essa palavra antes. — Ele espera que eu as coloque, observando de perto como se estivesse prestes a pular e fazer isso por mim. Quando levanto minhas sobrancelhas, ele enfia as mãos nos bolsos, quase conseguindo fingir que não é uma mãe ursa superprotetora. — Estou bem ciente de que você não se submeterá a ser carregada pela rua.

— Muito astuto da sua parte.

— Como você disse: compromisso. — Em seguida, vem uma grande jaqueta tipo gabardina que cobre meu vestido emprestado. Eu pareço absolutamente ridícula, mas isso não impede meu coração de esquentar.

Hades, rei da cidade baixa, bicho-papão do Olimpo, alguém mais mito do que realidade, está cuidando de mim.

Encontro-me prendendo a respiração quando Hades abre a porta da frente e saímos para a rua. Não se parece em nada com o beco que levava à passagem subterrânea que ele usou para me levar para sua

casa. Sem lixo. Sem quartos fechados e sujeira.

A cidade alta é toda arranha-céus, os edifícios quase bloqueando o céu; eles podem ganhar mais caráter à medida que se distanciam do centro da cidade, mas não perdem altura. Todos os prédios *desta* rua terminam em três ou quatro andares e, quando olho em volta, pego uma lavanderia, dois restaurantes, alguns lugares com empresas que não consigo determinar e um pequeno armazém de esquina. Todos os edifícios têm uma sensação de idade, como se estivessem aqui cem anos e ainda estarão aqui daqui a cem anos. A rua é limpa e há muito tráfego de pedestres nas calçadas. As pessoas são variadas, vestidas com tudo, desde business casual a jeans até um cara de calça de pijama que entra na loja da esquina. É tudo tão *normal*. Essas pessoas obviamente não estão preocupadas que paparazzi vão aparecer na esquina ou que um movimento errado possa causar consequências sociais catastróficas. Há uma facilidade aqui que não sei como explicar.

Eu me viro e olho para a casa de Hades. Parece exatamente como eu esperaria das partes do interior que vi. Quase vitoriana com seus telhados íngremes e todos os extras estilísticos. É o tipo de casa que fala de uma história longa e complicada, o tipo de lugar que as crianças se atrevem a correr e tocar os portões depois de escurecer. Aposto que existem tantas lendas sobre esta casa quanto sobre o homem que mora nela.

Não deveria combinar com o resto da vizinhança, mas o choque eclético de estilos não é um choque de forma alguma. Parece estranhamente perfeito, mas com o caráter que falta ao centro da cidade alta.

Eu amo isso.

Eu olho para trás, apenas para encontrar Hades me observando. — O que?

— Você está cobiçando.

Suponho que sim. Eu dou outra varredura na rua, demorando-me nas colunas que cercam a lavanderia. Não posso ter certeza dessa distância, mas quase parece que há cenas gravadas nelas. — Eu nunca cruzei o rio. — Nunca me pareceu estranho antes - a maneira como o Olimpo é dividido em dois pelo rio Estige. A pura falta de cruzamento entre os dois lados. Certamente outras cidades não são assim? Mas então, o Olimpo não é como qualquer outra cidade.

— Por que você? — Ele pega minha mão e a desliza na dobra de seu cotovelo como um cavalheiro do velho mundo. — Apenas os mais teimosos - ou desesperados - conseguem atravessar o rio sem um convite.

Eu passo ao lado dele. — Você... — eu respiro fundo. — Você poderia me mostrar a casa?

Hades para. — Porque você iria querer isso?

A dureza da pergunta me choca, mas apenas por um momento. Claro que ele protegeria este lugar, essas pessoas. Eu cuidadosamente toco seu braço. — Eu só quero entender, Hades. Não fique boquiaberto como uma turista.

Ele olha para minha mão e depois para meu rosto, sua expressão ilegível. Exceto que não é totalmente ilegível, não é? Ele só fica gelado quando quer distância ou não sabe como reagir. — Podemos dar uma curta caminhada depois de comprarmos algumas roupas adequadas para o clima.

Parte de mim quer discutir sobre a parte *curta* da caminhada, mas a verdade é que meus pés doem e, depois dos acontecimentos dos

últimos dias, é inteligente não me esforçar demais. — Obrigada.

Ele acena com a cabeça e começamos a andar novamente. Depois de um quarteirão, não consigo mais manter minhas perguntas bloqueadas. — Você diz que as pessoas não são permitidas aqui sem um convite, mas Hermes e Dionísio estiveram aqui há menos de dois dias. Você os convidou?

— Não. — Ele faz uma careta. — Não há limite que possa conter esses dois. É irritante pra caralho. — Suas palavras dizem uma coisa, mas há um certo nível de carinho em seu tom que me faz lutar contra um sorriso.

— Como você os conheceu?

— Foi menos uma reunião do que uma emboscada —, ele murmura. Ele está olhando para a rua como se esperasse um ataque, mas sua postura é solta e relaxada. — Não muito depois de Hermes assumir o cargo, eu a encontrei na minha cozinha, comendo minha comida. Ainda não tenho certeza de como ela passou pela segurança. Como ela *continua* passando pela segurança. — Hades balança a cabeça. — Dionísio e eu somos familiares porque distribuição é algo que ambos lidamos com partes diferentes, mas não foi até Hermes que ele começou a aparecer fora das reuniões de negócios também. O homem pode beber como um peixe e está sempre na minha geladeira, comendo minhas sobremesas.

Já conheci os dois antes, é claro, mas, ao contrário de muitos dos outros Treze, eles não parecem se importar com politicagem. Na última festa, eles estavam sentados em um canto e se engajaram em um comentário bastante alto, criticando as escolhas de roupas de todos como se estivessem em um tapete vermelho. Afrodite, em particular, não achou graça quando chamaram seu vestido de “uma

vagina fofa".

Hermes é um papel ambíguo. Ela é um gênio técnico que lida com todos os recursos de segurança da cidade alta. Sempre me pareceu estranho que os Treze a deixassem ficar tão perto quando guardam seus segredos como amantes ciumentos, mas estou uma posição distante. Talvez eles entendam algo que eu não entendo. Ou talvez sejam vítimas dessa fraqueza flagrante em suas defesas, porque é assim que as coisas sempre foram feitas. Difícil dizer.

Dionísio? Ele é um pau para toda obra sob a égide do entretenimento. Festas, eventos e posicionamento social são o seu forte. E também o são as drogas, o álcool e outros entretenimentos ilícitos. Ou pelo menos esse é o boato. Minha mãe sempre saiu de seu caminho para garantir que nunca estivéssemos perto dele, o que é um pouco irônico, considerando como ela está tentando me vender para *Zeus.*

Eu estremeço.

— Frio?

— Não, apenas pensando muito. — Eu me sacudo. — Vivemos em um mundo estranho.

— Isso é um eufemismo. — Ele me guia ao virar da esquina e caminhamos em silêncio fácil por alguns quarteirões. Mais uma vez, me ocorre como as pessoas parecem *confortáveis* aqui. Elas não olham para Hades e eu enquanto passamos, algo que eu não percebi que perdi. Na cidade alta, a única coisa que as pessoas amam mais do que politicagem e ambição é a fofoca e, como resultado, os sites de fofoca pagam um bom dinheiro por fotos e notícias sobre os Treze e seus respectivos círculos. Minhas irmãs e eu estamos constantemente sendo fotografadas como celebridades da meia-idade.

Aqui, eu poderia ser qualquer um. É incrivelmente revigorante.

Estou tão ocupada contemplando as diferenças entre a cidade alta e a cidade baixa que levo uns bons dez minutos para perceber que Hades está se movendo muito mais devagar do que naturalmente. Eu continuo pegando ele controlando seu passo. — Estou bem.

— Eu não disse nada.

— Não, mas tenho quase certeza de que aquela senhora acabou de nos dar uma volta no quarteirão. — Eu aponto para a mulher latina de cabelos grisalhos em questão. — Honestamente, Hades. Meus pés estão muito melhores. Eles mal doem hoje. — É até a verdade, não que eu ache que ele vai acreditar em mim.

Como esperado, ele ignora minha tentativa de ser razoável. — Estamos quase lá.

Eu luto contra a vontade de revirar os olhos e deixá-lo me levar mais um quarteirão para o que parece ser um distrito de depósito. Temos várias áreas como essa na cidade alta, prédios grandes após prédios grandes, todos em tons variados de cinza e branco. Minha mãe fica encarregada do que está ligado ao abastecimento de alimentos.

Hades se move para uma porta estreita sem identificação e a mantém aberta para mim. — Aqui.

Dou um passo para dentro e paro abruptamente. — Uau. — O armazém é uma sala enorme que deve ocupar a maior parte do quarteirão da cidade, um espaço divino cheio de tecidos e roupas em todas as cores e texturas imagináveis. — Uau, — eu digo novamente. Minhas irmãs *morreriam* para ter uma chance de examinar este espaço.

Hades fala suavemente, as palavras destinadas a não serem

carregadas. — Juliette costumava ser a principal designer de Hera - aquela de duas Heras atrás - mas quando ela morreu, Juliette foi um pouco vocal demais sobre suas suspeitas de Zeus, então ele decidiu destruir seu negócio. Ela cruzou o rio em busca de santuário.

Eu me aproximo do manequim feminino com um vestido mais próximo, vestido com um vestido vermelho magnífico. — Eu vi a filha mais velha de Zeus, Helen, vestindo algo parecido com isso há duas semanas.

— Sim. — Hades bufa. — Só porque Juliette está efetivamente exilada não significa que ela perdeu sua clientela. É assim que os Treze funcionam. Eles fazem uma coisa publicamente e outra a portas fechadas.

— Mais uma vez, apenas lembrando que *você* é um dos Treze.

— Tecnicidade.

A voz de uma mulher vem de algum lugar mais distante no armazém. — É Hades que eu ouço?

Ele solta um suspiro quase silencioso. — Olá, Juliette.

A mulher negra que surge entre as prateleiras de roupas tem aquele tipo de beleza atemporal que começa nas passarelas e só fica melhor com a idade. Seu cabelo preto curto deixa seu rosto em plena exibição e eu realmente suspiro um pouco com o quão linda ela é. Como uma pintura ou uma obra de arte. Perfeita. Ela caminha em nossa direção, cada movimento gracioso, e estou duplamente certa de que ela costumava passar o tempo em fugitivos. Juliette me observa com um único olhar. — Você me trouxe um presente. Que atencioso.

Ele me dá um pequeno empurrão em sua direção. — Precisamos das obras.

— Hmmm. — Ela me circula como um tubarão, todo movimento

predatório elegante. — Eu conheço essa garota. Ela é a filha do meio de Deméter.

— Sim.

Ela para na minha frente e inclina a cabeça para o lado. — Você está muito longe de casa.

Não tenho certeza do que devo dizer sobre isso. Não consigo fazer uma boa leitura desta mulher. Normalmente, eu a confundiria com outras pessoas bonitas e poderosas que conheci, mas Hades confia nela o suficiente para me trazer aqui e isso significa algo. Finalmente, eu encolho os ombros. — A cidade alta pode ser extremamente cruel.

— Não é verdade? — Ela olha para Hades. — Você vai ficar ou vai?

— Vou ficar por aqui.

— Como quiser. — Ela acena para mim. — Por aqui. Vamos medi-la e ver onde estamos.

As próximas horas passam como um borrão. Juliette tira minhas medidas e, em seguida, traz prateleiras e mais prateleiras de roupas para eu experimentar. Espero os vestidos. Não estou à espera de roupas relaxantes ou casuais. Quando ela tira a lingerie, estou me mexendo nos pés doloridos.

Ela percebe, é claro. — Quase pronto.

— Eu não estaria aqui por muito tempo. Não sei se tudo isso é necessário. — Sem mencionar que o projeto de lei em perspectiva me faz estremecer. Eu duvido muito das funções de Juliette.

Ela balança a cabeça. — Você sabe melhor. A pavimentação pode não ser tão flagrante na cidade baixa, mas se Hades está usando você para fazer uma declaração, então você deve *fazer uma declaração.*

— Quem disse que Hades está me usando para fazer uma declaração? — Não sei por que estou discutindo. É exatamente por isso que Hades e eu fizemos nosso trato.

Ela me lança um longo olhar. — Vou fingir que você não apenas insultou minha inteligência. Eu conheço Hades há anos. O homem não faz nada sem razão e certamente não roubaria a noiva de Zeus debaixo de seu nariz se não quisesse mexer na panela.

Não pergunto como ela sabe que fui prometida a Zeus. A cidade baixa tem acesso aos mesmos sites de fofoca que a cidade alta; só porque não olhei as manchetes, não significa que elas não existam. Elas devem ter informado sobre meu noivado e meu desaparecimento. Talvez se Zeus e minha mãe não estivessem tão seguros de mim, não teria chegado a esse ponto. Agora estamos ambos encurralados e estou determinada a não ser a única a piscar primeiro.

Eu respiro fundo e viro para a última prateleira. — Lingerie, então.

Demora mais uma hora antes de eu passar pelas prateleiras para encontrar Hades acampado no canto do armazém que parece ser exclusivamente para esse propósito. Tem várias cadeiras, uma televisão que está no modo mudo e uma pilha de livros em uma mesa de centro. Tenho um vislumbre do que está nas mãos de Hades quando ele o fecha e o solta no topo da pilha. — Eu não pensei que você fosse um verdadeiro fã do crime.

— Eu não sou. — Ele se levanta. — Você parece confortável.

— Vou interpretar isso como uma declaração factual e não como um insulto. — Eu olho para a minha legging forrada de lã e suéter. Juliette também me deu um casaco incrivelmente quente para

combater a temperatura externa. — Você prometeu me mostrar o lugar.

— Eu prometi. — Ele tira o casaco das minhas mãos, examinando-o como se para determinar sua capacidade de me manter aquecida. Eu *deveria* estar irritada com sua superproteção, mas tudo que sinto é um estranho tipo de calor no meu peito. A sensação fica mais quente quando ele coloca o casaco em volta dos meus ombros e olha para mim. Ele acaricia as lapelas e quase parece que está *me* tocando, em vez do pano. — Você está bonita, Perséfone.

Eu lambo meus lábios. — Obrigada.

Ele olha por cima do meu ombro enquanto Juliette se aproxima, mas ele não dá um passo para trás, não deixa cair as mãos. — Caronte estará aqui para pegar o pedido mais tarde hoje.

— É claro. Divirtam-se, vocês dois. — E então ela se foi, movimentando várias prateleiras mais fundo no armazém.

Eu a vejo ir, incapaz de me impedir de franzir a testa. — Eu não paguei.

— Perséfone. — Ele espera que eu olhe para ele. — Você não tem dinheiro.

A vergonha aquece minha pele. — Mas...

— Eu já cuidei disso.

— Eu não posso deixar você fazer isso.

— Você não me *deixou* fazer nada. — Hades pega minha mão e me puxa em direção à porta da frente. Quase não consigo perceber o quão casual ele está me tocando agora. Parece tão natural, como se estivéssemos fazendo isso há muito mais tempo do que alguns dias.

Hades não solta minha mão quando chegamos à rua. Ele simplesmente se vira e volta por onde viemos. Com ou sem botas,

meus pés doem e a exaustão se instala sobre minha pele em uma onda. Eu ignoro os dois sentimentos. Quando terei outra chance de ver a cidade baixa, ainda mais com Hades liderando o caminho? É uma oportunidade muito grande para ser rejeitada só porque meu corpo ainda não está cem por cento.

E talvez eu só queira passar mais tempo com Hades também.

No meio do caminho de volta para a casa, ele vira à direita e me leva a uma porta com uma massa de flores pintadas de forma alegre. Como alguns dos outros negócios que vi em nossa caminhada, ele tem colunas brancas de cada lado da entrada. Não tenho conseguido olhar de perto as outras, mas estas mostram um grupo de mulheres junto a uma cascata, rodeadas de flores. — Por que algumas empresas têm colunas e outras não?

— É um sinal de que este lugar existe desde a fundação da cidade.

O sentido da história me deixa perplexa. Não temos isso na cidade alta. Ou, se o fazemos, nunca vi isso. A história é menos importante para as pessoas no poder do que apresentar uma imagem polida, por mais falsa que seja. — Eles são tão detalhados.

— Um artista fez todos eles. Ou pelo menos é assim que a história continua. Tenho uma equipe cujo único trabalho é mantê-los e repará-los conforme necessário.

Claro que sim. É claro que ele veria esse sinal da história como um assentimento, em vez de algo a ser apagado em favor do novo e brilhante. — Eles são lindos. Eu quero ver todos eles.

Ele tem uma expressão estranha no rosto. — Não sei se poderíamos chegar a todos eles antes da primavera. Mas podemos tentar.

A estranha sensação de calor em meu peito floresce. — Obrigada, Hades.

— Vamos entrar e sair do frio. — Ele se inclina por mim para abrir a porta.

Não sei o que espero encontrar lá dentro, mas é uma pequena floricultura, com grupos organizados em lindos baldes de lata ao redor dos balcões. Um homem branco com a cabeça raspada e um bigode preto realmente impressionante nos vê e se afasta da parede em que estava encostado. — Hades!

— Matthew. — Hades acena com a cabeça. — A estufa está aberta?

— Para você? Sempre. — Ele enfia a mão embaixo do balcão e joga um molho de chaves. Se eu não estivesse olhando de perto, poderia confundir sua ansiedade com medo, mas *é* ansiedade. Ele está encantado que Hades está aqui, e ele mal consegue esconder isso.

Hades acena com a cabeça novamente. — Obrigado. — Sem outra palavra, ele me puxa pela loja até uma pequena porta enfiada no canto traseiro. Isso leva a um corredor estreito e sobe um conjunto de escadas íngremes para outra porta. Eu faço a subida em silêncio, lutando para não estremecer quando cada passo envia uma dor surda ecoando pelas minhas pernas.

A visão que nos dá as boas-vindas por trás desta última porta faz com que o desconforto valha a pena. Eu pressiono minha mão na minha boca e fico olhando. — Oh, Hades. É lindo. — Uma estufa cobre o que espero ser todo o telhado do prédio, abrigando fileiras e mais fileiras de flores de todos os tipos e cores. Existem vasos pendurados com trepadeiras e flores rosas e brancas caindo em cascata. Rosas, lírios e flores para as quais não tenho nome, alinhadas

cuidadosamente sob linhas de água habilmente escondidas. O ar está quente e ligeiramente úmido e me aquece de imediato.

Ele se afasta e observa enquanto eu me movo pelo corredor. Eu paro diante de um aglomerado de flores gigantes em forma de bola roxa. Deuses, elas são bonitas. Encontro-me falando sem querer. — Quando eu era pequena, antes de minha mãe ser Deméter, morávamos no campo que circunda o Olimpo. Havia um campo de flores silvestres em que minhas irmãs e eu brincávamos. — Eu me movo para a massa de rosas brancas e me inclino para inalar, apreciando seu perfume.

— Fingíamos que éramos fadas até superarmos esse tipo de jogo. Este lugar me lembra disso. — Apesar de tudo o que é cultivado em vez de flores que crescem selvagens, existe uma aura de magia neste lugar. Talvez seja um pouco da primavera no meio de uma cidade encoberta pelo inverno. O vidro está levemente embaçado, escondendo o lado de fora e dando a impressão de estarmos no meio de outro mundo.

Hades parece determinado a me levar através de portal após portal. Primeiro a sala atrás da porta preta. Agora, esta pequena fatia do paraíso floral. Que outros tesouros a cidade baixa possui? Eu quero experimentar todos eles.

Sinto Hades nas minhas costas, embora ele mantenha uma distância cuidadosa entre nós. — É fácil esquecer que você está no Olimpo quando está aqui.

Um trunfo quando alguém carrega os fardos que Hades carrega. Mesmo que ele não seja um membro publicamente ativo dos Treze, está ficando claro que ele tem muitas responsabilidades nos bastidores. Com toda a parte baixa da cidade apoiada em seus

ombros, não é de se admirar que ele anseie por escapar de vez em quando.

Eu me viro e olho para ele. Ele está tão deslocado aqui em seu terno preto e boa aparência taciturna, como um cão infernal que entrou em uma festa no jardim. — Porque aqui?

— Eu gosto das flores. — Seus lábios se curvam um pouco. — E a vista é excelente.

Por um segundo sem fôlego, acho que ele está falando sobre *mim*. Está na maneira como ele me olha, como se tudo deixasse de existir à nossa volta. Não posso deixar de prender a respiração, esperando o que ele fará a seguir, mas Hades apenas pega minha mão novamente e me puxa pelo corredor e através de um conjunto de portas de vidro que eu não tinha notado antes. Elas levam a um segundo cômodo menor que foi organizado quase como uma sala de estar. Ainda há flores nas paredes, mas o centro contém várias cadeiras e um sofá, todos empoleirados em cima de um tapete grosso. Há uma mesa de centro baixa com uma pilha de livros, e toda a cena convida a pessoa a se enrolar e se perder por algumas horas.

Hades contorna os móveis e para na frente da parede de vidro que se estende até o perímetro do telhado. — Veja.

— Oh. — Eu murmuro.

Ele tem razão. A vista é excelente. A estufa tem vista para a jornada curva do rio Estige, abrindo uma faixa entre a cidade alta e a cidade baixa. Esta seção do rio se curva em uma forma de C profundamente invertido, criando uma pequena península no lado da cidade alta, trazendo a água para mais perto de nós. A divisão entre as duas partes da cidade é quase imperceptível a partir desta posição. Não estamos perto do centro da cidade; os prédios na parte

alta da cidade são mais antigos e mais variados do que estou acostumada a ver. Eu me pergunto se eles têm o mesmo tipo de colunas que eu vi na cidade baixa, se o artista que os criou cruzou o rio para deixar sua marca.

— A loja é propriedade de um velho amigo da família. A certa altura, tive alguns problemas quando criança, e minha punição foi cuidar da estufa por algumas semanas.

Eu consigo desviar meu olhar da vista para atirar nele um olhar. — Que tipo de problema?

Ele faz uma careta. — Não importa.

Oh, agora eu tenho que saber. Eu me aproximo dele e sorrio. — Vamos, Hades. Diga-me. Que tipo de problema você poderia ter arranjado?

Ele hesita, e a decepção ameaça azedar o clima, mas finalmente ele resmunga a contragosto: — Eu levei o carro do proprietário para um passeio. Eu tinha quatorze anos. Parecia uma boa ideia na época.

— Que escandaloso da sua parte.

Ele olha para o rio. — Eu queria dar o fora do Olimpo e nunca mais olhar para trás. Alguns dias é demais, sabe?

— Eu sei —, eu sussurro. O desejo de tocá-lo aumenta, mas não tenho certeza se ele aceitará conforto de mim. — Você foi pego?

— Não. — Ele olha para o vidro. — Cheguei aos limites da cidade e não consegui. Eu nem tentei cruzar a fronteira para fora da cidade. Fiquei sentado naquele carro parado por algumas horas, xingando a mim mesmo, aos meus pais, Andreas. — Ao meu olhar questionador, ele esclarece. — Ele era o braço direito do meu pai. Depois que meus pais morreram, ele cuidou de mim. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Eu dirigi de volta, devolvi o carro e disse a

Andreas o que tinha tentado fazer. Ainda não tenho certeza se a estufa foi um castigo ou sua maneira de me dar um tempo.

Meu coração dói pela versão de quatorze anos desse homem, que deve ter doído muito. — Parece que trabalhar aqui ajudou.

— Sim. — Ele encolhe os ombros como se não significasse nada, quando não poderia ser mais óbvio que significa tudo. — Eu ainda apareço e ajudo às vezes, embora desde que Matthew assumiu o lugar de seu pai, ele fica tão nervoso quanto um gato em uma sala cheia de cadeiras de balanço toda vez que eu apareço.

Eu rio um pouco. — Ele tem uma séria adoração a você como um herói.

— Não é isso. Ele tem medo de mim.

Eu pisco — Hades, se ele tivesse um rabo, estaria abanando no segundo que você entrou pela porta. Não é assim que o medo se parece. Confie em mim, eu sei. — Ele não parece convencido. Mas então, está ficando claro que Hades se mantém à parte de todos os outros. Não é de admirar que ele não reconheça a verdade de como as pessoas olham para ele quando ele está apenas procurando o medo em seus olhos.

Estendo a mão e toco seu braço. — Obrigada por me mostrar isso.

— Se você quiser voltar aqui a qualquer momento e eu não estiver disponível, mando alguém com você. — Ele se move, quase como se ele estivesse desconfortável. — Eu sei que a casa pode ficar sufocante e, embora seja seguro o suficiente aqui, não confio em Zeus para não tentar algo se seu povo encontrar você andando sozinha.

— Na verdade, estou ansiosa para explorar a casa. — Eu olho ao redor da sala. — Mas, sem dúvida, vou aceitar esse convite. Este lugar

é realmente reconfortante. — Um bocejo me surpreende e pressiono minha mão contra a boca. — Desculpa.

— Vamos voltar.

— Ok. — Não sei se é estresse, tarde da noite ou se Hades está certo e eu sou muito boa em ignorar os sinais do meu corpo. Certamente não o último. Dou um passo e depois outro, impulsionando-me para frente por pura teimosia. Mas no terceiro degrau, a sala fica enjoativamente ondulada e meus joelhos viram geléia. Estou caindo e já sei que não vou levantar as mãos a tempo de me salvar.

— Sua idiota teimosa. — Hades amaldiçoa e me envolve em seus braços antes que eu tenha a chance de bater no chão. — Por que você não disse que estava se sentindo tonta?

Demoro um momento para reconciliar o fato de que estou mais uma vez nos braços de Hades, que o contato áspero com o chão nunca aconteceu. — Estou bem.

— Você não está fodidamente bem. Você quase deu um mergulho. — Ele atravessa a estufa e desce as escadas dois degraus de cada vez, sua expressão ensurdecedora. — Você e todas as outras pessoas em sua vida podem estar dispostas a brincar com a sua saúde de forma rápida e solta, mas eu não estou.

Eu tenho um vislumbre de um Matthew assustado enquanto Hades joga as chaves de volta, e então estamos na rua. Eu me movo em seus braços. — Eu posso andar.

— Você com certeza *não* pode. — Ele percorre os quarteirões entre a floricultura e sua casa em um ritmo surpreendente. Ele realmente *estava* controlando seu passo quando passeamos casualmente mais cedo. Parte de mim quer continuar discutindo, mas

a verdade é que ainda estou um pouco tonta.

Ele praticamente chuta a porta da frente. Em vez de me colocar no chão como eu esperava, ele marcha escada acima, contornando o segundo patamar. Por mais que eu me ressinta de ser tratada como uma criança - mesmo que *talvez* eu devesse ter dito algo no caminho para a estufa sobre não me sentir bem - ele despertou minha curiosidade. Georgie me pegou esta manhã antes que eu tivesse a chance de fazer qualquer exploração real, então os únicos pedaços que vi foram a masmorra do sexo, meu quarto e a cozinha. O terceiro andar é novo para mim.

Isso me anima um pouco. — Onde estamos indo?

— Obviamente, você não pode ser confiável para cuidar de si mesma, então eu tenho que ficar de olho em você.

Eu desisto e descanso minha bochecha em seu ombro. Eu realmente não deveria gostar de ser carregada por este homem tanto quanto eu. — Eu provavelmente só tenho baixo nível de açúcar no sangue —, murmuro. — Não é grande coisa. Eu só preciso comer alguma coisa

— Não é grande coisa —, ele repete, como se não entendesse as palavras. — Você tomou café da manhã apenas algumas horas atrás.

Minha pele esquenta e eu não consigo encontrar seu olhar. — Fiz um lanche.

— Perséfone. — Ele faz um som impressionante, como um rosnado. — Quando foi a última vez que você fez uma refeição completa?

Não quero ser honesta, mas sei que não devo mentir para ele quando ele está assim. Eu examino minhas unhas. — Talvez o café da manhã no dia da festa.

— Isso foi há três dias.

— Eu comi desde então, é claro. Só não o que eu suspeito que você queira dizer. — Ele não responde imediatamente e eu finalmente olho para ele. Hades ficou tão frio que é uma maravilha que minha respiração não aparece no ar entre nós. Eu franzo a testa. — Eu não como quando estou estressada.

— Isso muda agora.

— Você não pode simplesmente decretar que algo vai mudar e torná-lo assim.

— Observe-me. — Ele rosna.

Hades abre uma porta para o que parece ser um escritório, embora eu possa ver uma cama pela porta do outro lado. Ele caminha até o sofá e me coloca no chão. — Não se mexa.

— Hades.

— Perséfone, juro pelos deuses, se você não me obedecer desta vez, vou amarrá-la e alimentá-la com as mãos. — Hades aponta um dedo sem corte para mim. — Não saia desse sofá, porra. — Então ele se foi, varrendo para fora do escritório.

Eu coloco minha língua para fora na porta fechada. — Rainha do drama.

A tentação de bisbilhotar é quase insuportável, mas não acho que ele esteja blefando com sua ameaça de me amarrar, então consigo reprimir minha curiosidade e ficar quieta. Hades não me faz esperar muito. Menos de dez minutos depois, a porta se abre e ele entra, seguido por meia dúzia de pessoas.

Eu posso sentir meus olhos ficando cada vez mais arregalados quando uma delas arruma uma pequena mesa na minha frente e as outras cinco colocam comida para viagem de cinco restaurantes

diferentes nela. — O que é isso, Hades? Você roubou a comida de alguém para tê-la aqui tão rápido? — Em seguida, o valor absoluto é registrado. — Não posso comer *tudo* isso.

Ele espera que seu pessoal saia e fecha a porta. — Você vai comer um *pouco.*

— Isso é um desperdício.

— Por favor. Meu povo ama as sobras em um grau verdadeiramente profano. O resto da comida não vai durar um dia depois que você terminar. — Ele reorganiza as caixas sobre a mesa e empurra tudo para perto de mim. — Coma.

Uma parte não insignificante de mim quer resistir apenas por resistir. Mas isso é míope. Se estou tonta, isso significa que preciso de calorias, e há um banquete delas bem na minha frente. Essa é uma lógica simples. Eu ainda olho para ele. — Pare de me olhar enquanto tento comer.

— Deuses proíbem. — Ele caminha até a mesa do outro lado do escritório. É menor do que eu esperava, embora a madeira escura e as figuras esculpidas em suas pernas deem um toque dramático. Na primeira chance que eu tiver, estarei no chão tentando descobrir o que aquelas esculturas representam. Para ver se elas combinam com o estilo das colunas dos edifícios.

Não é aqui que ele realiza o trabalho real. Não tem jeito. Hades parece sério o suficiente para preferir seu espaço de trabalho limpo e organizado, mas isso é muito puro para ser usado no dia a dia. Mais do que isso, seu quarto fica logo depois da porta do canto. Ninguém conduz reuniões tão perto de onde dorme. Seria tolice ao extremo.

O que não explica bem por que ele me trouxe *aqui* em vez de um dos muitos outros cômodos da casa.

Afasto o pensamento e, enquanto examino minhas opções de comida, minha mente volta para a estufa. Aborrecimento com o quão autoritário Hades é ou não, não posso ignorar o fato de que ele me deu um vislumbre por trás da cortina. Esse lugar é especial para ele e ele me permitiu o acesso a ele, planeja *continuar* a me permitir o acesso a ele. Para alguém tão obviamente fechado como Hades, é um presente da mais alta ordem.

Não tenho certeza se isso significa alguma coisa, mas parece que sim. Se ele pode confiar tanto em mim, acho que posso tentar parar de ser um pé no saco, pelo menos quando se trata de cuidar de mim mesma. Mesmo que eu goste da maneira como Hades fica superprotetor e rosnador.

Tenho certeza de que posso encontrar outra maneira de cutucá-lo.

Na verdade, já tenho várias ideias.

CAPÍTULO 13

Hades

Perséfone me colocou em uma posição nada invejável. Ela está certa - precisamos divulgar que estaremos juntos mais cedo ou mais tarde - mas ela também está provando repetidamente que colocará sua saúde e segurança em último lugar em sua longa lista de prioridades. Aqueles filhos da puta na cidade alta podem aplaudi-la por isso, mas aqui embaixo, significa que não posso confiar que ela seja honesta comigo. O que significa que posso machucá-la se não tomar cuidado.

Eu não quero ser cuidadoso. Porra, mas nunca estive tão perto de perder o controle com outra pessoa antes. Cada comentário inteligente vindo daqueles lindos lábios rosados e sinal de diversão naqueles olhos castanhos me faz querer arrastá-la para o escuro comigo. Para adivinhar todas as suas fantasias mais sombrias e sujas que ela mal consegue admitir para si mesma que deseja... e então dá-las a ela.

Isso não explica por que eu a levei para a estufa, no entanto. Esse lugar não tem nada a ver com reputação ou sexo. É um dos meus poucos refúgios. Eu só a levei lá porque parece que ela precisa de um pequeno refúgio agora também. É isso. Realmente simples. Não há razão para investigar mais a fundo.

Eu viro uma página do livro em minhas mãos e a vejo comer com o canto do meu olho. Seus movimentos são curtos e irritados, mas ela parou de me olhar como se quisesse me apunhalar com o garfo.

Demora mais do que eu esperava antes de ela se sentar com um suspiro. — Eu não posso comer mais nada.

Eu a ignoro e viro outra página. Vai ser um saco voltar e descobrir onde eu realmente estava neste livro, porque eu tenho certeza que não estou lendo agora. Perséfone solta uma maldição baixa que quase, *quase* me faz sorrir e se encosta no sofá.

Em cinco minutos, ela está roncando baixinho.

Eu balanço minha cabeça e me levanto. Como, em nome dos deuses, ela conseguiu chegar tão longe ignorando suas necessidades mais básicas? A mãe dela é Deméter há anos. Uma pessoa só pode avançar às cegas por algum tempo antes que tudo desmorone ao seu redor. Aparentemente, ninguém ensinou essa lição a Perséfone.

Eu envio uma mensagem para Caronte, e alguns minutos depois, ele e dois outros aparecem para levar a comida silenciosamente. Eu puxo um cobertor do pequeno baú dobrado contra a parede e coloco sobre Perséfone. Ela parece menor durante o sono. Isso faz com que instintos que eu considerava inexistentes ganhassem destaque. Então, novamente, tudo sobre essa mulher fode com meus instintos.

Eu a vejo dormir por alguns momentos, medindo sua respiração. Ela está bem. Eu sei que ela está bem. Não sei por que tenho tanta certeza no momento em que me viro, ela vai descer de rapel pela lateral da minha casa ou criar o caos.

Meus planos originais para esta noite precisam de uma atualização, o que significa que preciso fazer algumas ligações.

No momento em que Perséfone acorda algumas horas depois, eu tenho coisas em movimento para minha satisfação. Ela se senta como se alguém tivesse disparado uma arma perto de sua cabeça e pisca para mim. — Adormeci.

— Sim.

— Por que você me deixou dormir?

Ela parece tão acusadora que quase sorrio. Novamente. — Você precisava disso. Você tem uma hora para se preparar. Juliette já enviou algumas coisas para esta noite. Elas estão na minha cama. — Quando ela apenas me encara, faço um movimento de enxotar. — Você está tão determinada a me convencer de que está bem. A menos que você realmente não esteja se sentindo bem...

— Estou bem. — Ela quase se enrosca no cobertor ao se levantar, mas consegue se endireitar antes de cair. Perséfone me lança um olhar penetrante. — Eu tenho meu próprio quarto, você sabe.

Quanto mais tempo ela está aqui, mais difícil é lembrar que ela não é *realmente* minha para protegê-la. Prometi segurança a ela, sim, mas as coisas mundanas do dia-a-dia não caem sob esse guarda-chuva. A menos que eu queira. Não tenho nada para dizer a ela que ela vai ficar no meu quarto daqui para frente, não importa o quão atraente eu ache a ideia. — Prepare-se.

Ela franze a testa, mas finalmente se move para o meu quarto. Perséfone faz uma pausa logo após a porta. — Se eu demorar muito, você vai chutar a porta porque tem certeza que desmaiei?

É uma coisa boa eu não sentir culpa, ou posso estar corando. — Você tem uma história de ignorar as necessidades do seu corpo. E isso só nas últimas quarenta e oito horas.

— Isso foi o que eu pensei. — Ela me dá um sorriso positivamente angelical; se eu tivesse pelos, eles seriam criados vendo isso. Perséfone morde o lábio inferior. — Por que não salvamos a entrada dramática? Você pode brincar de cão de guarda e supervisionar ao mesmo tempo. — Ela pressiona os dedos na

têmpora. — Não corro o risco de desmaiar, mas nunca se pode ter certeza, certo?

Calor corre através de mim, e eu tenho que me bloquear para resistir a dar um passo em direção a ela. — Você não estaria tentando me fazer perder o controle, não é?

— Claro que não. — Ela se vira e definitivamente há um pouco mais de balanço em seus passos do que antes. Enquanto eu observo, Perséfone puxa o suéter pela cabeça e o joga no chão. Ela não está usando nada por baixo.

Mesmo quando digo a mim mesmo para ficar firme, eu a sigo para o meu quarto. Ela para na porta do banheiro e tira a calça, dobrando a cintura. *Foda-se*. Fico feliz ao ver sua bunda redonda e então ela desaparece no banheiro.

Segui-la é um erro. Ela está tentando subir de baixo novamente, e se eu a deixar dirigir isso...

Estou tendo dificuldade em lembrar por que preciso manter o controle. Ela pode acender a faísca que nos transformará em um inferno, mas eu sou muito dominante para deixá-la dirigir as coisas por muito tempo. Também sou autoconsciente o suficiente para perceber quando estou dando desculpas. Esse conhecimento não é suficiente para me impedir de segui-la até o banheiro.

Perséfone entra no box amplo como se não fosse a tentação em pessoa. Gosto que ela não tenha nem um pouco de vergonha de estar nua na minha frente. Que ela é destemida o suficiente para agarrar o tigre pelo rabo. Porra, eu meio que gosto *dela*.

— Perséfone.

Ela para e olha por cima do ombro para mim. — Sim senhor?

Ela sabe exatamente o que está fazendo comigo, e a pirralha está

curtindo cada momento. Verdade seja dita, eu também. Posiciono-me no banco perto da entrada do chuveiro, bem fora do jato de água. — Venha aqui.

Seu sorriso é nada menos que radiante. Ela valsa de volta para mim e para bem antes de seus joelhos tocarem os meus. Ela é uma deusa dourada com longos cabelos loiros, seu corpo uma tentação que não tenho intenção de ignorar. — Sim senhor?

— Sua boca está sendo obediente, mas suas ações não.

Ela faz aquela coisa adorável de morder os lábios de novo, seus olhos dançando. — Suponho que isso significa que você quer recompensar minha boca.

Isso me surpreende e uma risada escapa. Parece tão enferrujada quanto parece, mas gosto da maneira como seus lábios se curvam em resposta. Não é seu sorriso radiante de sol. Não, esta expressão é diversão genuína. Eu bufo. — Não estou nem remotamente surpreso que você tenha chegado a essa conclusão.

Ela se inclina um pouco para frente, colocando seus mamilos rosados bem no nível dos olhos. — Devo nomear minha recompensa?

Eu balanço minha cabeça lentamente. — Você está perdendo tempo. Chuveiro, Perséfone.

Ela hesita um pouco, como se eu a tivesse surpreendido, e então se move para obedecer. Em alguns segundos, o vapor quente está me envolvendo. Ela pisa sob o spray e passa as mãos pelo corpo lentamente. Provocando-me. Provocando-se. Não sei qual é o seu objetivo principal, mas não importa. Meu pau está tão duro que mal consigo pensar direito o suficiente para lembrar por que não posso tocá-la. Ainda não.

Se eu começar, não vou conseguir parar. A noite passada foi meu

limite. Se ela não estivesse praticamente implorando pelo meu pau, eu poderia ter uma chance melhor de resistir, mas Perséfone quer isso ainda mais do que eu, o que é algo que eu não pensei que fosse possível vinte e quatro horas atrás. Agora? Eu não confio em nós juntos. Se eu arrastar essa mulher para minha cama, não viremos à tona por dias, semanas até. Isso pode resultar em um inferno de muito prazer, mas não fará absolutamente nada para atingir o coração de Zeus. O que o resto do Olimpo não sabe não vai machucá-lo.

Esse é o problema.

Perséfone puxa os mamilos e desliza as mãos pelo estômago. Eu já estou balançando minha cabeça. — Não.

— Não?

— Você ouviu o que eu disse.

Ela apoia as mãos nos quadris. — Você me quer.

— Sim.

— Então me *leve.*

Sim, é oficial. Eu gosto dela. Eu mordo de volta um sorriso. — Eu vou. Quando eu estiver pronto. — Eu me coloco de pé lentamente. — Você parece ter as coisas sob controle. Não demore muito. Esteja você pronta ou não, nós partimos... — Eu verifico meu relógio. — Quarenta minutos. Então é melhor você se apressar.

Suas maldições me seguem até o quarto. Só então me permito sorrir. Eu não esperava dançar tango com ela, muito menos curtir tanto. Volto para o escritório e sento para esperar.

Trinta e oito minutos depois, Perséfone entra no escritório. — Diga-me a verdade, Hades. Você tem um fetiche pela Princesa Leia, não é?

Eu fico olhando para ela. Mudo. Estou fodidamente *sem*

palavras. Ela prendeu o cabelo em um estilo que parece quase uma coroa, e está usando as roupas que escolhi para ela. É um conjunto de sutiã e calcinha que seria mundano se não fosse pelas alças de seda que se cruzam ao redor de seus seios, cintura e quadris. Posso admitir que a saia é muito parecida com o traje do biquíni de Leia, com um painel longo e transparente nas costas e um estreito na frente.

Ela parece um presente que mal posso esperar para desembrulhar.

Eu faço um movimento giratório com meu dedo. Perséfone bufa, mas obedece, virando-se lentamente. Tanto o sutiã quanto a calcinha são tecnicamente abrangentes, mas são de renda e dão um peek-a-boo tentador para os mamilos e a buceta. Eu a quero na minha boca, e eu quero agora.

No momento em que ela me encara novamente, estou sob controle. Na maioria das vezes. Eu me levanto e estendo minha mão. — Eu tenho algo especial planejado esta noite.

— Eu espero que sim. Levei vinte minutos inteiros para entrar nessa coisa. — Ela puxa uma das alças e estremece. Cada passo que ela dá em minha direção mostra suas pernas. Ela é magnífica. Lanço um olhar para seus pés, e ela rapidamente interrompe antes que eu possa dizer qualquer coisa. — Eu tenho curativos pequenos. Eu não precisava dos grandes.

É tentador verificar, mas o olhar ardente em seus olhos diz que ela está apenas esperando que eu tente para que possa me rasgar um novo. Não estou disposto a dizer que fui excessivamente cuidadoso com ela, não quando, aparentemente, tenho que ser cuidadoso por nós dois, mas pretendo ficar de olho nela esta noite. O pensamento me faz sorrir. — Vamos.

Saímos do escritório juntos para encontrar Caronte esperando. Ele lança um olhar sobre Perséfone, mas mantém sua atenção em mim. — Estamos prontos.

Não me divirto tanto quanto antes. Existem outros locais ao redor da cidade baixa que atendem aos ricos e excêntricos que querem se divertir jogando no lado negro. *Minha* casa não está aberta para qualquer pessoa; é estritamente apenas para convidados. Houve um tempo em meus vinte e poucos anos em que eu não dava a mínima para quem aparecesse, minha imprudência dando às minhas festas um status quase lendário, o que só aumentava o mito de Hades. Isso foi há muito tempo atrás. Agora, eu escolho quem passa por essas portas.

Esta noite, afrouxei um pouco as rédeas, escolhi alguns nomes selecionados da longa lista de espera. Caronte e minhas outras pessoas garantirão que os novos convidados permaneçam nos lugares apropriados e não tenham ideias engraçadas sobre espionagem. — Duas pessoas na porta?

— Sim, Hades.

— Mais nas outras entradas.

Ele não revira os olhos, mas parece que quer. — Repassamos todo o plano mais cedo. Eu segui suas especificações. Estamos todos bem. Ninguém vai acabar onde você não quer.

Não parece o suficiente, mas terá que servir. — Bom.

Nós descemos até a porta que mostrei a Perséfone ontem. É tão brilhante, é quase um espelho quando nos aproximamos, e o reflexo de mim em meu terno e ela naquela roupa... Perséfone é um lindo presente - uma linda cativa - e eu sou o filho da puta assustador que cortará qualquer um que tentar tirá-la de mim.

Eu me dou uma sacudida mental. Não adianta pensar assim. Ela pode ser minha enquanto isso, mas ela não é realmente *minha*. Ela não é para ser mantida. Não posso me dar ao luxo de esquecer isso, nem por um segundo.

Caronte se posiciona próximo à porta. Eu ajusto a mão de Perséfone contra a curva em meu braço. — Estamos prestes a ter uma audiência. Vai ser real desta vez.

Ela respira fundo. — Estou pronta.

Ela não está, mas isso é parte do que se trata esta noite. Facilitando-a nisso. Confirmando minha reivindicação, sim, mas fazendo isso de uma forma que não a jogue no fundo do poço para se afogar. — Eu sou sua âncora. Lembre-se disso.

Seus lábios se curvam como se ela quisesse dar uma resposta espertinha, mas ela finalmente concorda. — Eu posso ser obediente.

Eu ri. Porra, isso é quatro vezes em um período de 24 horas. Eu ignoro o olhar surpreso que Caronte me envia e aceno para a porta. — Vamos.

Entrar é sempre um pouco como entrar em outro mundo, mas esta noite o efeito é mais pronunciado. As luzes estão todas reduzidas, fazendo com que o lugar pareça maior do que realmente é. Perséfone acertou na cabeça ontem; é realmente a antítese do salão de banquetes de Zeus. A luz prateada lançada no teto pela água dá a impressão de que estamos em algum lugar abaixo da superfície do mundo. Uma verdadeira fantasia do submundo.

As luzes ainda não iluminam totalmente o estrado. Esse será o sinal de que o show está prestes a começar. No momento, as pessoas estão se misturando nos sofás e cadeiras. Algumas conversando, outras já dando início às suas festinhas. As regras da cidade alta não

se aplicam aqui, e as pessoas convidadas a atravessar o rio tendem a se atirar ao prazer com um abandono temerário.

Eu desacelero, dando a Perséfone tempo para se aclimatar com a iluminação mais baixa. Dar aos nossos hóspedes tempo para nos ver, para perceber que as coisas finalmente estão começando. Os olhos se viram em nossa direção, e um murmúrio baixo surge quando eles percebem quem está no meu braço.

Eu guio Perséfone para o trono escuro situado contra a parede no centro do salão. É dramático pra caralho e absolutamente ridículo, mas serve ao seu propósito. Um rei só é rei se todos ao seu redor o reconhecerem. Posso nunca mais colocar os pés na cidade alta de novo, mas meu interesse avança em lembrar a cada pessoa neste salão quem governa *aqui*.

Afinal, tenho uma reputação a defender.

Afundo na cadeira e puxo Perséfone para sentar no meu colo. Ela está rígida, eu poderia muito bem ter uma estátua empoleirada em minhas coxas. Eu levanto uma sobrancelha. — Você vai ficar dolorida se não relaxar.

— Todo mundo está olhando —, diz ela com o canto da boca.

— Essa é a questão.

Ela olha para as mãos entrelaçadas, a mandíbula tensa. — Eu sei que é esse o ponto, mas saber e experimentar são duas coisas muito diferentes.

É por isso que mudei meus planos iniciais para a noite. Ela é muito destemida - ela corre para frente, mesmo quando sua mente e corpo estão gritando para ela ir mais devagar. Afundo ainda mais na cadeira, levando-a comigo. No início, ela resiste, mas quando eu dou a ela um olhar significativo, ela permite que eu a arrume de forma que

ela fique encostada no meu peito. — O show vai começar em breve. — E então ela estará muito distraída para se preocupar com todos os outros no salão.

— *Que* show?

Eu me permito um sorriso e envolvo vagamente um braço em volta de sua cintura. Por todo o salão, as luzes diminuem um pouco e as que estão voltadas para o estrado central aumentam um pouco. — Você se lembra de estar em exibição?

— É claro. Aconteceu ontem.

Eu a coloco com mais firmeza no meu colo. Outra noite, serviria aos meus interesses mantê-la fora do centro, mas eu a quero à vontade. — Você não estará lá esta noite.

Não perco a maneira como seus músculos se afrouxam sutilmente. Eu sei que a ideia de ser observada a excita, mas ela também é nova nisso. Ser empurrada para o centro seria muito, muito em breve, e não posso negar que quero muito que ela aproveite este tempo comigo. — Eu não vou?

— Não. Agora relaxe e aproveite o show, — murmuro em seu ouvido. — É só para você.

CAPÍTULO 14

Perséfone

Como devo focar no "show" quando Hades está me tocando em *todos os lugares*? Suas coxas estão duras sob as minhas, seu peito sólido nas minhas costas, seu braço uma faixa de ferro em meus quadris que eu não me importo nem um pouco. Eu me movo um pouco apenas para sentir a tensão dele me segurando sem me segurar.

— Fique quieta.

Eu me mexo novamente apenas para ser contrária e, em seguida, vivo para me arrepender da minha decisão quando sinto seu pau duro contra a minha bunda. Uma tentação na qual não posso ceder, pelo menos não ainda. Achei que poderia convencê-lo a mudar de ideia no chuveiro, mas deveria saber disso. Hades não vacilou. Se não consegui convencê-lo a me levar nua e molhada, certamente não tenho uma chance agora, com lingerie complicada ou não.

Estou temporariamente distraída por duas pessoas subindo no estrado. Um homem branco e uma mulher branca gordinha que não reconheço. Ele está vestindo uma calça de couro de cintura baixa e ela não está usando nada. Deve haver quase cinquenta pessoas no salão, mas ele só tem olhos para ela. Não consigo ouvir o que eles dizem um ao outro daqui, mas ela cai graciosamente de joelhos como se o movimento fosse pura memória muscular.

Um pulso de resposta passa por mim, um reconhecimento profundo. Eu relaxo contra Hades e viro minha cabeça ligeiramente. — Quem são eles?

— Isso importa? Olhos para a frente. Preste atenção.

Eu bufo e volto para o estrado. O homem pressiona o dedo sob o queixo da mulher e inclina a cabeça dela para cima. O que quer que ele diga, tem um sorriso beatífico nos lábios. Ele não *fez* nada ainda, mas estou extasiada, apesar de tudo. Ele se afasta alguns passos, e é quando percebo que há uma bolsa na beira do estrado. O homem agarra um pedaço de corda com fio e começa a amarrar sua parceira.

É *quase* o suficiente para não perceber o fato de que as cabeças ainda estão girando em nossa direção. Não consigo ver a maior parte do público claramente por causa das sombras, mas não há como errar um murmúrio baixo que começou quando chegamos e não diminuiu. Pego meu nome falado e tenho que lutar para não ficar tensa.

Não há como voltar agora.

Nunca existiu.

Fecho meus olhos por um longo momento, lutando contra a sensação de vibração em meu peito. Eu escolho isso. Vou continuar a escolher isso. E uma pequena parte proibida de mim gosta da atenção, gosta do choque que sei que algumas dessas pessoas estão experimentando. Eu quero continuar chocando-os.

Eu respiro lentamente e me concentro no casal no estrado. Ele já está no meio de amarrar sua parceira. Cada torção, cada linha que ele corta visualmente em seu corpo curvilíneo, faz com que a tensão fique cada vez mais forte através de mim. É como assistir a um artista criar uma obra-prima, exceto que a obra-prima é outra pessoa e o desejo óbvio entre os dois pulsa a cada minuto que passa. Minha respiração fica instável e eu tenho que lutar contra o desejo do meu corpo de me mover contra Hades.

Seus lábios tocam a curva da minha orelha. — É a escravidão ou

a exposição que está deixando você com calor e ciúmes?

— Todo mundo está assistindo, — eu sussurro de volta. — Podemos ver ela *inteira*. — Pelo menos podemos agora que ele amarrou as pernas dela e está trabalhando em uma série de nós entre suas coxas. O rubor espalhando-se por sua pele diz que ela está gostando de experimentar isso ainda mais do que eu estou gostando de assistir.

Hades se move, movendo-se para arrastar levemente as pontas dos dedos em meu estômago. Demoro vários segundos para perceber que ele está traçando as alças que cruzam meu corpo e mais alguns segundos para fazer a conexão entre o que estou vestido e a cena que se desenrola diante de nós. Sua respiração assombra meu pescoço. — Vou tocar em você agora.

— Você *está* me tocando. — Não sei por que estou discutindo, agindo como se não estivesse prendendo a respiração para não implorar a ele para me tocar mais.

— Perséfone. — Um pouquinho de censura misturada com diversão. — Diga-me que você não vai gozar mais forte do que ontem à noite se eu te fizer gozar bem aqui na frente de todos... Diga-me e eu vou parar.

Eu não posso dizer isso sem mentir. De repente, quero que ele me leve para o palco, me incline sobre uma cadeira ou apenas me jogue no chão e me foda ali mesmo com tantos olhos em nós. Há *já* os olhos em nós, mesmo que eles não possam nos ver mais claro do que eu posso vê-los. Eles notarão Hades deslizando a mão em minha calcinha? Eu quero que eles vejam?

Sim.

Eu cuidadosamente me movo para trás e movo meus braços para

baixo para pressionar contra seus quadris. A nova posição deixa meu corpo completamente aberto para ele. Eu engulo e me esforço para um tom agradável e arrependido, em vez de uma exigência. — Por favor, me toque, Hades.

— Você está singularmente motivada com o seu prazer na linha. — Ele ri no meu ombro. Apesar da minha maldita quase imploração, ele não acelera o ritmo. Ele arrasta o dedo médio ao longo da alça que mede minha cintura. — Metade dos olhos neste lugar estão em você, Perséfone.

Eu tremo, pressionando minhas mãos com mais força em seus quadris em um esforço para me manter parada. — Bem, estamos enviando uma mensagem, não estamos?

— Sim. Olhe em volta. — Se ele fosse um demônio literal no meu ombro, ele não poderia ser mais tentador. Hades deixa cair a mão mais um centímetro até que seu dedo mindinho roça o topo da minha calcinha na frente da saia.

Com certeza, ele está certo. Apesar da pouca luz, posso ver claramente que metade das pessoas no salão está *nos* observando e não o casal no estrado. Quase parece que *eles* estão aqui para aumentar *meu* prazer. Não imaginei olhos em mim quando Hades me fez despir ontem? Quando estávamos naquele mesmo estrado e ele me fez gozar com tanta força que minhas pernas tremeram? Acontece que a coisa real é exponencialmente mais quente.

A barba de Hades faz cócegas em meu ombro nu. — Saia transparente. Calcinha de renda. Eles serão capazes de ver tudo o que eu faço com sua linda boceta. Está preparada para isso?

Estou preparada para isso?

Tenho certeza de que posso morrer na hora se ele não seguir o

feitiço de luxúria que está tecendo sobre mim. Eu lambo meus lábios e luto para não levantar meus quadris para guiar sua mão para baixo. — Sim senhor.

Ele pressiona um beijo no meu ombro. — Diga a palavra e tudo para. Sem dano, sem falta.

Para alguém tão determinado a ser rotulado de monstro, ele está incrivelmente investido no meu prazer e consentimento. Uma emoção de poder passa por mim. Eu não estou no comando. Não por qualquer esforço da imaginação. Mas saber que não importa o que Hades faça comigo, *eu* estou escolhendo isso? É além de sensual. — Eu sei. Eu confio em você.

A menor hesitação, como se eu o tivesse surpreendido. — Bom. — Ainda assim, ele se move lentamente, deslizando a mão para baixo para cobrir minha boceta através da saia. O tecido é tão fino que nem existe, e não consigo evitar um pequeno salto com o calor da palma da mão. Ele dá uma maldição baixa. — Eu posso sentir como você está molhada.

— Faça alguma coisa sobre isso.

Ele aperta seu aperto, me segurando naquele lugar íntimo como se ele fosse meu dono. — Um dia, você aprenderá a parar de tentar de cima para baixo. — Ele move sua mão livre para o meu seio direito e puxa a renda para baixo, me expondo ao salão. Eu recuo, mas seu peito não me dá nenhum lugar para ir e sua mão entre as minhas pernas me segue, pressionando meu corpo com mais firmeza contra o dele. Em seguida, Hades repete o tratamento para meu seio esquerdo. Ainda estou coberta com as alças de seda, mas meus mamilos estão nus e à mostra. Ele faz um som baixo de *tsk*. — Só por esse desafio, vou fazer você gozar forte, bem aqui na frente deles.

Nem me ocorre cobrir meus seios. Em vez disso, abro um pouco mais as pernas. — Faça o seu pior.

— Meu pior, Perséfone? — Sua voz fica mais baixa, quase um rosnado. — Você mergulha um dedo do pé na água e pensa que está pronta para nadar ao longo do rio Estige. Você não pode começar a lidar com o que meu *pior* tem a oferecer. — Ele finalmente move a mão para cima, apenas para enfiá-la na minha calcinha e me espetar com dois dedos. O contato curva minhas costas, mas sua outra mão está lá, envolvendo minha garganta e me segurando no lugar. — Você pode sentir os olhos deles em você?

Quero continuar a desafiá-lo, mas meu cérebro está confuso de prazer. Ele nem está me fodendo com os dedos. Ele está me segurando, me possuindo de uma forma que eu nunca experimentei antes. Como se ele estivesse defendendo sua reivindicação na frente de um salão inteiro de testemunhas da maneira mais primitiva possível. *Não, a maneira mais primitiva possível seria me curvar nesta cadeira e me foder até eu gritar*. Eu tremo. — Sim —, eu suspiro. — Eu posso sentir eles assistindo.

— Você sabe o que eles veem? — Ele não se move, apenas me prende a ele. — Eles veem um monstro prestes a devorar uma linda princesa. Eles me veem pegando um deles e arrastando-a para o escuro comigo. Estou arruinando você diante de seus olhos.

— Bom —, eu sussurro ferozmente. — Me arruíne, Hades. Eu quero você.

— Você está apertando em torno de mim. — Sua voz ficou mais profunda ainda. — Você gosta disso.

— Claro que eu gosto. — Hades move sua mão, esfregando a palma contra o meu clitóris, e de repente as palavras estão saindo dos

meus lábios. — Eu gosto de você apostar em mim.

— É isso que estou fazendo? — Ele finalmente começa a mover a mão, seus dedos procurando encontrar meu ponto G e acariciá-lo levemente.

— Não é? — Eu tenho que lutar para não levantar meus quadris, lutar para não gemer. — Confirmando sua reivindicação. Me manchando. Avisando todo mundo.

— Perséfone. — Ele diz meu nome como se fosse uma música que ele memorizou recentemente. — Quem disse alguma coisa sobre alertar todos os outros? — Ele belisca minha orelha levemente. — E se eu quiser compartilhar? E se eu puxar sua calcinha para o lado e deixar quem estiver interessado vir aqui e te foder contra meu peito?

Meu corpo inteiro se contrai, mas estou muito atordoada para decidir se é em protesto ou desejo. — Você faria isso?

Ele fica imóvel por um momento infinito. Então Hades amaldiçoa e me puxa para cima, então estou sentada transversalmente em seu colo. Ele agarra meu cabelo com uma mão e bate nas minhas pernas com o outro cotovelo. Então ele para de brincar. Cada toque de seus dedos me leva mais perto da borda. — Não, pequena Perséfone. Compartilhar não é minha perversão. Eu serei o único a tocar em você. Sua boceta é minha até que não seja, e não estou perdendo um único momento para presentear outra pessoa.

Palavras grosseiras.

Palavras sensuais.

Eu estendo a mão trêmula para segurar seu pescoço. — Hades?

— Sim? — Ele diminui seus golpes, adiciona seu polegar à mistura, traçando círculos devastadores ao redor do meu clitóris. — Você quer algo.

Eu me esqueço de ser tímida. Eu esqueço as regras. Esqueço tudo, exceto a ponta do prazer caindo sobre mim, uma onda que de repente tenho certeza que vai me afogar se eu não tomar cuidado. Não sobrou nada além de perfeita honestidade. — Quero você.

— Você ama muito suas palavras. Use-as.

— Foda-me —, eu murmuro. — Foda-me na frente deles. Mostre a cada um deles a quem eu pertenço. — Eu preciso parar, para manter as palavras, mas não posso com ele me tocando assim. — Sua, Hades. Não de Zeus. Nunca dele.

Algo como um conflito dança em seu rosto, lá e desaparecendo tão rápido quanto o luar piscando na água agitada. — Eu não decidi se você merece.

Eu poderia rir se tivesse ar. Eu arrasto minha mão em seu peito para pressionar contra seu pau. — Puna-me mais tarde se quiser. Basta nos dar o que nós dois precisamos agora. — Estou remotamente ciente do som de sexo vindo do estrado, o tapa de carne contra carne, mas eu só tenho olhos para Hades. — Por favor. — Eu o beijo. Ele tem gosto de uísque e pecado, uma tentação que quero abraçar totalmente. Minhas razões para concordar com essa barganha começam a parecer distantes neste momento, com a luxúria batendo em meu corpo. Eu preciso dele. Eu preciso dele mais do que comida, mais do que água, mais do que *ar*. Eu levemente arrasto meus dentes sobre seu lábio inferior. — *Por favor*, Hades.

— Você vai ser a minha morte. — Ele murmura.

Antes que eu possa dar uma resposta para isso, ele retira os dedos. Há um rasgo e a frente da minha saia sumiu. Outro puxão vicioso e minha calcinha segue. Eu pisco para ele e ele dá um sorriso malicioso. — Se questionando?

— Nem um pouco. — Eu não preciso de sua vontade para me mover para montá-lo. Estou em perigo de esmagar seu pau através das calças como um monstro drogado por sexo. Eu mal, *mal* consigo me segurar dele. — Preservativos?

— Mmmm. — Ele estende a mão para o lado da cadeira e aparece com um pacote de papel alumínio. Eu espero... não tenho certeza. Eu deveria saber melhor do que tentar antecipar Hades neste momento. Ele pressiona a camisinha na minha mão e me empurra para trás o suficiente para ele desfazer a calça.

Eu rasgo o preservativo enquanto ele puxa seu pau para fora. Eu lambo meus lábios. — Prometa-me que logo terei você nu.

— Não.

Eu olho feio, mas parece indiferente na melhor das hipóteses. Estou muito ansiosa por ele. Demora menos do que nenhum tempo para rolar o preservativo sobre seu comprimento rígido. Ele agarra meu quadril com uma mão, me segurando no lugar até que eu olhe para ele. — O que?

— Não vai voltar se você fizer isso. Se você montar meu pau com eles assistindo, eles vão realmente acreditar que você é minha.

As palavras parecem sérias, cheias de camadas nas quais não posso mergulhar com meu corpo praticamente chorando de necessidade por ele. Amanhã. Eu vou descobrir tudo amanhã. — Sim, você disse isso. — De repente, tenho medo de que ele mude de ideia. Eu suspeito que haverá um orgasmo para mim de qualquer maneira, mas eu quero seu pau dentro de mim demais para jogar limpo. Eu me inclino até que meus lábios roçam a concha de sua orelha. — Pegue o que é seu, Hades. Eu quero você.

— Você não é uma princesa. Você é uma merda de sereia. — Ele

me puxa para frente e então ele está dentro de mim. Eu mal posso respirar enquanto ele me arrasta para baixo em seu pau, enchendo-me quase desconfortavelmente cheio.

— Oh, deuses.

— Eles não têm nada a ver com isso. — Ele parece furioso e excitado, mas ainda não está nem perto de ser tão rude quanto eu de repente preciso que ele seja. — Isso é o que você queria, pequena sereia. Meu pau dentro de você. — Só assim, ele me solta e coloca os braços sobre a cadeira, parecendo cada centímetro o rei indulgente. — Monte em mim, Perséfone. Use-me para vir.

O choque me acalma. Fazer sexo na frente de um salão cheia de pessoas é uma coisa quando ele está ali comigo, mas ele está colocando distância entre nós à força, mesmo que não tenha se movido um centímetro. De repente, *sou eu quem* está em exibição, em vez de *nós* estarmos em exibição.

Eu gosto disso.

Nem uma única pessoa pode assistir a esta cena e pensar que sou qualquer coisa, exceto uma participante entusiasmada. Hades tem que saber disso, tem que saber o quanto isso vai importar. Transar com ele aqui, assim, é tão bom quanto gritar para todo o Olimpo que eu realmente sou dele.

Eu deslizo minhas mãos em seu peito, desejando estar sentindo a pele em vez de sua camisa. Outra hora. E *haverá* outras vezes. Eu agarro seus ombros e começo a me mover. Não importa o quão frenético meu pulso bata em mim, eu quero que isso dure.

Porque é um show, sim, mas mais importante, porque é a nossa primeira vez. Eu não quero que isso acabe tão cedo.

Eu o monto lentamente, trabalhando para cima e para baixo em

seu pênis, levando meu prazer cada vez mais alto. Não é suficiente e, ao mesmo tempo, é demais. Mais. Eu preciso de mais. Muito mais.

Por mais que eu queira fechar a distância e beijar Hades novamente, o jeito que ele está me olhando é muito inebriante. Seu olhar viaja pelo meu corpo em uma varredura que quase posso sentir contra minha pele. Beber a visão de mim transando com ele, mesmo enquanto suas mãos apertam os braços da cadeira. Ele pode estar com a máscara fria no lugar, mas está lutando para não me tocar.

Eu mantenho seu olhar e me inclino para trás, apoiando minhas mãos em suas coxas e arqueando minhas costas, colocando meus seios em exibição. Uma parte distante de mim está ciente de que estou fazendo um show para mais do que ele, mas agora, ele é o único com quem me importo. — Vê algo que você gosta?

— Uma pirralha tagarela.

Meu orgasmo dança mais perto. Eu sinto que Hades e eu estamos jogando um jogo de galinha, correndo em direção um ao outro para ver quem vai se dobrar primeiro. Eu sempre, sempre me inclinei no passado. Com minha família, com os Treze, com *tudo*. Curvei-me para que eles não me quebrassem, mantendo meus olhos no horizonte.

Eu não vou fazer isso agora. Eu recuso.

Eu mordo meu lábio inferior e desacelero ainda mais, circulando meus quadris em pequenas e agonizantemente boas rotações. — Hades.

— Mmmm?

Minha respiração engata e ele observa meus seios subirem e descerem com o movimento. Demoro duas tentativas para encontrar as palavras. — Você tem uma ameaça para seguir em frente.

— Eu? — Ele arqueia aquela sobrancelha maldita. — Sinta-se à vontade para me lembrar.

— Você disse que me faria gozar forte, bem na frente de todos. — Eu não consigo desenterrar meu sorriso normal de luz do sol. — Que você me levasse de uma forma que mostrasse a todos aqui que sou sua.

Seu corpo fica tenso embaixo de mim. — Sim, não é? — Ele me levanta e tira seu pau antes que eu registre seu movimento. Eu não tenho a chance de protestar antes que Hades me vire e me guie para baixo sobre ele novamente. Com minhas pernas de cada lado de suas coxas, estou de frente para o salão e totalmente aberta. Sua mão está na minha garganta novamente, o polegar acariciando a pele sensível enquanto sua voz rosna em meu ouvido. — Odiaria que eles perdessem o resto do show.

No estrado, o homem tem a mulher de bruços no chão, amarrada e indefesa, enquanto a fode por trás. A expressão de felicidade em seu lindo rosto é igualada apenas pelo olhar de total concentração no dele. É muito sensual.

Mas a maioria das pessoas que consigo distinguir estão voltadas para *nós*. Eles estão me observando fodendo Hades, observando-o me tocar enquanto ele leva meu prazer mais alto.

Hades desliza a mão pela minha barriga e circunda levemente meu clitóris. — Não pare. Pegue o que você precisa.

Minha expiração sai quase como um soluço. É um pouco mais difícil montá-lo assim, mas eu consigo. Cada movimento faz seus dedos deslizarem contra meu clitóris, mas ele está me forçando a fazer todo o trabalho. Nesta posição, não há como ignorar quantas pessoas estão nos observando. A atenção só me deixa mais quente, mais

desesperada. — Hades, por favor.

— Não me implore por isso. Pegue.

Estou tendo uma experiência extracorpórea e, no entanto, de repente tenho certeza de que posso sentir cada terminação nervosa individualmente. Sua força nas minhas costas, seus braços me ancorando no lugar enquanto eu o fodo, a atenção de tantas pessoas... Tudo está criando uma experiência diferente de todas as que eu tive antes. Eu coloco minhas mãos na cadeira e rolo meu corpo, montando em seu pau, esfregando meu clitóris contra seus dedos. O prazer me envolve cada vez mais forte, tão intenso que preciso fechar os olhos. Uma respiração presa, uma sensação de estar sendo derrubada, e então estou gozando com mais força do que nunca. As palavras saem da minha boca, mas estou muito oprimida para entender o que estou dizendo. Tudo o que sei é que nunca quero que isso pare.

Nada dura para sempre.

A crista das ondas recua lentamente, o toque suave de Hades me trazendo de volta à terra. Ele desliza para fora de mim e me move o suficiente para enfiar seu pau longe, mas sou incapaz de fazer mais do que permitir que ele me mova de acordo com sua vontade. Quando ele finalmente me puxa para seu colo, descanso minha cabeça em seu peito e expiro lentamente. — Hum.

Sua risada ressoa em minha bochecha. — Sim?

Não tenho certeza do que devo dizer. Agradecê-lo? Perguntar se ele me deixou com algum afrodisíaco mágico porque eu nunca tive um orgasmo como *esse* antes? Acusá-lo de jogar sujo? Eu me aconchego mais perto. — Você não veio.

— Não, eu não vim.

Algo parecido com a insegurança passa por mim, amortecendo a

deliciosa sensação de leveza em meus ossos. — Por que não?

Ele passa a mão pela minha espinha. — Porque não estou nem perto de terminar com você ainda.

CAPÍTULO 15

Hades

Não há nada que eu queira mais do que carregar Perséfone até meu quarto e terminar o que começamos. Mesmo que eu devesse saber melhor agora, ela me surpreendeu novamente. Eu quero continuar aprendendo com ela, para encontrar cada fantasia que ela tem para que eu possa fazê-la gozar indefinidamente.

Infelizmente, a noite está longe de terminar. Nós nos divertimos. Agora é hora de política.

Eu não posso deixar de pressionar um beijo em sua têmpora. — O show está quase acabando.

— Pelo menos um deles já está. — Ela fuça meu peito como um gato procurando carinho. Isso faz meu coração dar um baque desconfortável. Ela fechou os olhos e se aninhou em mim como se eu fosse seu cobertor favorito. É fofo.

— Perséfone. — Eu coloco apenas o suficiente em meu tom para fazê-la olhar para mim. — Temos que jogar, pelo menos um pouco. É disso que se trata esta noite. — Exceto que era muito fácil esquecer isso, uma vez que entrei nele. O salão desapareceu até que tudo que eu podia ver era ela.

Suas sobrancelhas se juntam e ela suspira. — Eu sabia que era pedir demais apenas continuar fodendo até o amanhecer.

Eu tenho que lutar contra um sorriso. — Acho que podemos poupar o tempo que isso vai levar.

— Uh-huh. — Ela brinca com um dos botões da minha camisa e me lança um olhar malicioso. — Eu não suponho que você vai me

compensar mais tarde?

— Você é impossível.

— Você é o único que parece trazer à tona esse meu lado.

Eu gosto disso, de uma forma meio perversa. Perséfone pode me irritar como ninguém que eu já conheci, mas gosto de nossas brincadeiras mais do que tenho o direito. Gosto de muitas coisas sobre Perséfone. Fui salvo de ter que dar uma resposta pelas luzes se acendendo um pouco e um homem branco se aproximando. Ele é incrivelmente bonito, seus traços tão perfeitos que quase dói olhar para ele. Queixo quadrado, lábios sensuais, uma confusão selvagem de cabelos loiros encaracolados na cabeça. Ele parece muito bonito para ser levado a sério, mas é filho de Afrodite. Eu sei com certeza que ele lida com tarefas desagradáveis para ela, para que ela possa manter suas mãos intactas. Ele é perigoso ao extremo.

Eu bato um dedo contra o quadril de Perséfone e me inclino para trás. — Eros.

Ele sorri, dentes brancos e retos. — Obrigado pelo show. — Seu olhar desliza para Perséfone. — Você irritou muita gente na cidade alta.

Ela se mexe no meu colo. Espero que ela enrubesça, gagueje, faça algo para sinalizar seu arrependimento por deixar as coisas irem tão longe na frente dos outros. Ela nunca fez nada como acabamos de fazer; fazer sexo na frente de uma audiência é um grande negócio para uma princesa protegida como Perséfone. Eu começo a intervir verbalmente para salvá-la.

Ela me surpreende mais uma vez. Sua voz fica doentiamente doce e envenenada. — Engraçado, mas muitas pessoas na cidade alta *me* irritaram.

Seu sorriso não vacila, embora seus olhos azuis sejam frios. — Zeus está furioso e é do interesse de todos mantê-lo feliz.

— Não tenho interesse em manter Zeus feliz. — Ela dá seu sorriso radiante. — Seja um querido e dê meus cumprimentos a Afrodite. Ela está gerenciando Zeus há tanto tempo. Tenho certeza de que ela é mais do que capaz de controlá-lo um pouco mais.

Isso mata o sorriso de Eros. Ele olha para ela como se nunca a tivesse visto antes. Eu posso entender o sentimento. Ele assobia baixinho. — Parece que alguém subestimou a filha perfeita de Deméter.

A voz de Perséfone ganha um tom duro. — Certifique-se de dizer isso a eles também, quando entregar seu relatório para esta noite.

Eros ergue as mãos, seu sorriso fácil voltando. É uma máscara, mas nem de longe tão boa quanto a de Perséfone. — Esta noite, estou aqui apenas para me divertir.

Esta noite. É a mais básica das garantias. Eu mantenho seu olhar. — Então divirta-se... esta noite. Mas lembre-se de cuja hospitalidade você está se beneficiando atualmente.

Ele inclina um chapéu imaginário para mim e se afasta. Um casal em um sofá do outro lado da plataforma acena para ele, e ele se junta a eles. Em alguns segundos, eles o estão despindo para participar da diversão. Eu olho para baixo para encontrar Perséfone assistindo com uma carranca. Ela mordisca o lábio inferior. — Você sabe que ele está aqui como um espião.

— Melhor do que ele estar aqui para representar a vingança de Afrodite. — Algo que dizem que ele faz regularmente.

Ela olha ao redor do salão, e eu posso praticamente ver sua

mente girando quando ela finalmente consegue distinguir os rostos da multidão. — Há muito mais pessoas da cidade alta aqui do que eu esperava. Pessoas que frequentam as mesmas festas que eu costumava.

— Sim. — Enrolo uma mecha de seu cabelo loiro em volta dos meus dedos, esperando que ela trabalhe com o que está mastigando.

— Eles *sabiam* que você estava aqui. Por que você é apenas um boato se todas essas pessoas sabem que você existe?

Eu acaricio meu cabelo com o polegar. — Essa é uma pergunta fácil e uma resposta complicada. A versão simplificada é que Zeus tem interesse em me manter um mito.

Ela me olha. — Porque dá a ele mais poder. Poseidon mantém seu território em torno das docas e não tem paciência para politicagem. Você é o único outro título legado. Sem você na mistura, não há ninguém para ficar no caminho de Zeus bancar o rei de todo o Olimpo.

Pequena sereia inteligente.

— Sim. — Todos os outros Treze respondem a Zeus à sua maneira. Nenhum deles pode trazer à tona o poder que um dos títulos legados pode. Nem mesmo Deméter, com seu controle do suprimento de alimentos da cidade, ou Ares com seu pequeno exército de soldados contratados.

Quando Perséfone continua franzindo a testa, dou um puxão suave em seu cabelo. — O que mais?

— É tão... hipócrita. Na cidade alta, tudo é cultura de pureza e fingir que estão acima dessas necessidades humanas básicas, valorizando negar a si mesmo. Então, eles vêm aqui e tiram vantagem de sua hospitalidade para jogar o tipo de jogos sexuais que os

deixariam exilados de seus círculos sociais e publicamente envergonhados. — Ela olha ao redor do salão. — Embora não sejam apenas jogos sexuais, não é? Eles vêm para a cidade baixa por causa de uma série de coisas que não querem que os outros saibam.

Realmente não me surpreende que Perséfone conecte os pontos tão rapidamente, não quando ela já provou ter uma mente astuta por trás daquela persona de fofura bonita. — Se seus pecados acontecem no escuro, eles ao menos contam?

Sua expressão é absolutamente feroz. — Eles usam você e então colocam você de volta nas sombras e fingem que você é um bicho-papão. Não está certo.

Essa estranha pulsação no meu peito se fortalece. Acho que estou sem palavras. É a única explicação para eu estar olhando para ela como nunca a tinha visto antes. Mas não é só isso. Eu a vi feroz *pra* caralho, mas ela nunca dirigiu isso em *minha* defesa. É estranho e novo e não sei o que fazer com isso.

Felizmente, fui salvo de ter que dar uma resposta por Hermes e Dionísio se aproximando. Uma vez que os shows - oficiais e não oficiais - terminaram, todos ao nosso redor estão em vários estados de nudez e cenas iniciais. Não esses dois. Eles sempre aparecem, mas Hermes é a única que participa, embora raramente. Da parte de Dionísio, seus vícios não incluem sexo de qualquer sabor.

Dionísio aponta para uma cadeira ocupada por duas mulheres. — Movam-se.

Elas se movem, afastando-se alguns metros, e ele arrasta a cadeira até a nossa. — Balada Boa.

— Que bom que você gostou —, eu digo secamente. Ele cai na cadeira e Hermes empoleira-se no braço dela. Ela passa os dedos pelos

cabelos de Dionísio distraidamente, mas seus olhos escuros são astutos. Eu suspiro. — Sim, Hermes?

— Você sabe que não gosto de dizer a você como viver sua vida.

— Quando isso te impediu? — Sinto Perséfone ficar tensa como uma cobra enrolada, e aliso minhas mãos por seu corpo, colocando-a com mais firmeza contra mim - e colocando um braço em volta de sua cintura. Não *acho* que minha pequena sereia vá atacar fisicamente alguém, muito menos um dos Treze, mas também não esperava que ela cortasse Eros com tanta eficiência. Ela está cheia de surpresas, o que não deveria me encantar tanto quanto faz.

Dionísio envolve um braço em volta da cintura de Hermes e inclina a cabeça para que ela tenha melhor acesso para manter seu carinho ausente. Não importa o quão relaxado ele pareça, ele está tão sóbrio e astuto quanto ela agora. — Você está cutucando o urso, meu amigo. Você está preparado para o que acontece a seguir?

Não deveria ser possível que tanto Hermes quanto Dionísio sejam *mais* dramáticos quando estão sóbrios do que quando estão bêbados. E ainda assim aqui estamos. — Nem todos nós tomamos decisões na hora.

— Sabe, quando dissemos que você deveria se soltar, não queríamos dizer exatamente que você deveria transar com a noiva de Zeus na frente de cinquenta pessoas que estão espumando pela boca para correr de volta para a cidade alta e contar a ele o que viram em detalhe explícito. — Hermes ajusta seus óculos. — Não nós, é claro. Não nos permitimos espalhar contos como esse.

Eu bufo. — Se há alguém neste salão que acredita nisso, tenho uma bela propriedade à beira-mar em Ohio para vendê-los.

— Hades. — Ela para de acariciar Dionísio e se endireita. — Isso

foi uma *piada?* — Ela aponta para Perséfone. — O que você fez com ele? Três dias e ele está contando piadas. É estranho e antinatural, e vocês dois precisam parar com isso imediatamente.

Perséfone solta um suspiro. — Talvez você soubesse que ele tem um senso de humor seco se parasse de falar por tempo suficiente para deixá-lo dizer uma palavra.

Hermes pisca lentamente. — Hum.

— E por outro lado, se vocês são tão bons amigos, talvez considerem não correr diretamente de volta para Zeus e tagarelar sobre tudo que vocês viram aqui toda vez que vocês visitam. Esse tipo de coisa faz de vocês *péssimos* amigos, não bons amigos, não importa quantas noites vocês terminem bêbado na casa de Hades.

Hermes dá outra piscada lenta. — Hades, estou apaixonada.

— Calma, garota.

— Essa é *outra* piada. — Ela dá um grito e balança o corpo inteiro que força Dionísio a se mover rápido para evitar que ela caia do braço da cadeira. — Oh meus deuses, eu a *amo*. — Ela se endireita e sorri para Perséfone. — Você é realmente uma delícia.

Perséfone se vira para mim. — Eu apenas gritei com ela, e agora ela está falando sobre o quanto ela me ama. O que há de errado com ela?

— Ela é apenas Hermes. — Eu encolho os ombros. — Carregar contos de um lado para o outro pelo rio Estige faz parte de seu trabalho. É por isso que todas essas pessoas estão aqui.

As bochechas de Perséfone ganham dois pontos brilhantes de cor. — Certo. Eu esqueci por um segundo.

Ela se esqueceu porque foi muito rápida em me defender. Eu não entendo. Ela não tem nada a ganhar me defendendo. Ela veio até *mim*

em busca de proteção, não o contrário. Mais uma vez, Dionísio me salva de ter que inventar uma resposta adequada.

Ele ri. — Você deveria ver o quão chateado Zeus está. Ele está agindo com calma em público, mas há rumores de que ele destruiu uma sala inteira quando descobriu aonde você tinha ido. Quando ele descobrir que você está montando o pau de Hades para que todos vejam? — Ele balança a cabeça. — A nuclear não começa a cobrir isso.

Perséfone fica tensa e não preciso ver seu rosto para saber que está pensando em suas irmãs. Ela pode ter sentimentos conflitantes sobre sua mãe, mas de tudo que ela disse e tudo que eu vi, o mesmo não pode ser dito das outras irmãs Dimitriou. Se há um ponto de pressão que Zeus tem disponível para ele, são elas. *Porra.* Eu deveria ter pensado nisso antes. Não posso enviar meu povo para mantê-las seguros sem violar o tratado, e Zeus não vai ficar parado se eu permitir que elas entrem em minha casa. É um problema para o qual não tenho uma solução pronta, mas vou resolvê-lo.

Eu pressiono um beijo em sua têmpora. — Cansada?

— Isso é um eufemismo para quero sair daqui e subir para o seu quarto? — Ela torce apenas o suficiente para seus lábios roçarem os meus. — Se sim, então *sim*. Se não, então esteja preparado para eu convencê-lo do contrário.

— Eu. Amo. Ela. — Hermes bate palmas. — Hades, você tem que mantê-la. Ela está transformando você em humano e você a tornando interessante, e já faz menos de uma semana. Imagine como vocês dois serão divertidos em um ou cinco anos.

— Hermes. — Eu afundo o aviso suficiente em meu tom para chocar qualquer um.

Naturalmente, ela me ignora. — Embora eu suponha que se

vocês tentarem Zeus a atacar, então estamos olhando para a guerra, e isso vai colocar um freio nas coisas.

Perséfone se volta para ela. — Espere, guerra? Se ele quebrar o tratado, os Treze virão atrás dele. É assim que funciona.

— Correção, é assim que *deve* funcionar. — Hermes encolhe os ombros. — A verdade é que pelo menos um terço deles são pequenos asseclas de Zeus e estão fortemente investidos em manter o status quo. Eles se juntarão a ele para levar Hades ao esquecimento se acharem que ele vai balançar o barco.

— E os outros dois terços?

Outro encolher de ombros. — Poderia ir de qualquer maneira.

A informação não é exatamente uma surpresa, embora seja uma decepção e tanto. Se *eu* for o único a sair da linha, todos eles se unirão para me derrubar sem hesitação. Hermes e Dionísio podem se sentir mal com isso, mas eles cairão com os outros quando chegar a hora. Claro que o mesmo não se aplica a esse merda do Zeus.

Pego Perséfone em meus braços e fico de pé, ignorando seus protestos de que ela pode andar. Carregá-la agora não tem nada a ver com o que ela pode e não pode fazer. É sobre o que eu quero, sobre o pequeno conforto que vou me permitir. Tenho que pensar e não posso fazer isso aqui. Embora eu não saiba o que espero realizar. Já traçamos nosso plano e caímos em queda livre. Não há como voltar agora. Não importa quais sejam as consequências, temos que ver isso até o fim.

Eu só tenho que descobrir como garantir que não vou matar todas as pessoas pelas quais sou responsável no processo.

CAPÍTULO 16

Perséfone

Ainda estou pensando nas novas informações enquanto Hades me carrega para fora do salão. Eu protesto por ser carregada por aí assim, mas uma pequena parte secreta de mim realmente gosta. Gosto de muitas coisas sobre Hades, verdade seja dita. Ele é espinhoso e arrogante, mas mesmo depois de apenas alguns dias, posso ver a verdade sobre ele.

— Hades. — Eu coloco minha cabeça em seu ombro e deixo a batida constante de seu coração me acalmar. — Eu sei o seu segredo.

Ele sobe as escadas. — O que é?

— Você rosna, estala e rosna, mas tem um centro pegajoso sob a crosta exterior. — Eu circulo seu botão superior com meu dedo indicador. — Você se *importa*. Eu acho que você realmente se importa mais do que qualquer um dos outros Treze, o que é irônico, considerando o papel para o qual você foi calçado no Olimpo.

— O que te faz dizer isso? — Ele ainda não está olhando para mim, mas tudo bem. Na verdade, é mais fácil falar com ele dessa maneira, sem sentir que ele pode ler minha mente com um único olhar intenso.

— Você quer que Zeus pague, mas não às custas de seu povo. E eles são *seu* povo. Observei como você é com Georgie e novamente com Juliette e Matthew. É assim com todo mundo, não é? Todos eles atravessariam o fogo por você, e você os protege com sua presença grande e taciturna.

— Eu não acho.

— Você é a própria definição de ninhada.

Ele bufa. — Certamente eu não me importo mais do que sua mãe. É ela quem garante que toda a cidade seja alimentada e abastecida com as necessidades.

— Sim, ela é. — Impossível evitar a amargura em meu tom. — Ela é muito boa em seu trabalho, mas não o faz por caridade de sua alma. Ela está perseguindo poder e prestígio. A sensação de *suficiente* está sempre no próximo horizonte. Ela ia me vender para Zeus. Ela não verá dessa forma, mas é o que aquele noivado foi - uma transação. Ela me ama, mas isso é secundário em relação a todo o resto.

Hades não responde imediatamente, e eu olho para cima para encontrá-lo com uma expressão estranha no rosto. Ele parece quase... em conflito. Eu fico tensa. — O que você sabe que eu não sei?

— Uma série de coisas.

Recuso-me a ser distraída por essa piada meia-boca. — Hades, por favor. Estaremos nisso juntos, de uma forma ou de outra, pelo resto do inverno. Diga-me.

Quanto mais ele hesita, mais ansiedade começa a surgir nas bordas. Ele espera até chegarmos ao seu quarto e a porta se fechar entre nós e o resto da casa para finalmente atender. — Sua mãe deu uma espécie de ultimato.

Não sei por que estou surpresa. Claro que ela fez. Ela não está mais feliz comigo fugindo do que Zeus. Todos os seus planos cuidadosos desperdiçados por causa de uma filha desobediente. Ela não seria capaz de deixar isso ficar, não se ela soubesse onde estou. Eu me mexo até que Hades cuidadosamente me põe de pé. Isso não me deixa mais estável. — Diga-me. — Eu repito.

— Se eu não te devolver, ela cortará os suprimentos para a cidade baixa.

Pisco, esperando que as palavras se reorganizem em uma ordem que faça sentido. — Mas isso… existem milhares e milhares de pessoas na cidade baixa. Pessoas que não têm nada a ver com você ou comigo ou com os Treze.

— Sim. — Ele diz simplesmente.

— Ela está ameaçando matá-los de fome.

— Sim. — Ele não desvia o olhar, não faz nada além de me dar a honestidade que eu exijo.

Eu espero, mas ele não continua. Certamente este é o fim de tudo. Certamente não podemos seguir em frente com este plano quando tantas pessoas serão prejudicadas. A barreira que mantém o Olimpo separado do resto do mundo é forte demais para as pessoas saírem para buscar suprimentos, sem mencionar que parte do papel de Deméter é negociar preços favoráveis para garantir que todos tenham acesso a recursos para uma nutrição equilibrada, independentemente de seus renda. Sem esses suprimentos chegando, as pessoas passarão fome.

Não acredito que ela faria isso, mas minha mãe não blefa.

Eu respiro devagar. — Eu tenho que voltar.

— Você *quer* voltar?

Eu dou uma risadinha impotente. — A ironia, se é que se pode chamar assim, é que a única coisa que minha mãe e eu temos em comum é o olhar no horizonte. Tudo que eu quero é me livrar deste lugar e descobrir quem eu sou se não sou a filha do meio de Deméter. Se eu não tiver que desempenhar um papel específico para sobreviver, em que tipo de pessoa posso me transformar?

— Perséfone...

Mas não estou ouvindo. — Acho que isso me torna tão egoísta quanto ela, não é? Ambas queremos o que queremos e não nos importamos com quem mais terá que arcar com o custo. — Eu balanço minha cabeça. — Não. Eu não vou fazer isso. Não vou deixar seu povo ser ferido por minha liberdade.

— Perséfone. — Hades recupera o espaço entre nós e gentilmente, mas com firmeza, pega meus ombros. — Você quer voltar?

Eu não posso mentir para ele. — Não, mas eu não vejo como isso...

Ele balança a cabeça como se eu tivesse respondido a mais do que uma única pergunta. — Então você não vai.

— O que? Você acabou de dizer...

— Você acha que sou ingênuo o suficiente para confiar aos Treze a saúde e o bem-estar do meu povo? Estávamos sempre a um passo de irritar um deles e causar uma perturbação como esta. — Seus lábios se curvam, embora seus olhos permaneçam frios. — Meu povo não morrerá de fome. Temos muitos recursos na cidade baixa. As coisas podem ficar desconfortáveis por um tempo, mas ninguém será prejudicado de forma irreparável.

Que?

— De onde você está conseguindo suprimentos?

— Tritão e eu temos um arranjo por baixo da mesa. — Ele não está surpreso ou com raiva ou qualquer uma das emoções passando por mim agora. Ele nem mesmo está preocupado.

Os choques continuam chegando. — Você... você negociou com o braço direito de Poseidon para contornar os Treze. Há quanto tempo

isso vem acontecendo?

— Desde que assumi aos dezessete anos. — Ele segura meu olhar. — Eu sei melhor do que ninguém que não se pode se dar ao luxo de confiar na boa vontade dos Treze. Era apenas uma questão de tempo até que um deles tentasse usar meu povo para me machucar.

Eu olho para ele com novos olhos. Este homem... Deuses, ele é ainda mais complexo do que eu suspeitava. Um verdadeiro líder. — Você sabia que isso poderia acontecer quando concordou em me ajudar.

— Eu sabia que era uma possibilidade distinta. — Ele muda as mãos para segurar meu rosto e arrasta os polegares ao longo das minhas bochechas. — Há muito tempo atrás, eu prometi a mim mesmo que não iria deixar aqueles idiotas da cidade alta machucarem nada meu nunca mais. Há pouco que eles possam fazer, exceto a guerra, que afetará excessivamente as coisas aqui.

Como seria se Hades governasse o Olimpo em vez de Zeus? Eu mal consigo entender o próprio conceito. Hades realmente se *importa*.

Eu o beijo antes de perceber que vou fazer isso. Não há nenhum plano, nenhum estratagema, nada além da necessidade de mostrar a ele... Eu nem tenho certeza. Algo. Algo que não consigo colocar em palavras. Ele fica parado por meio de uma respiração, e então ele muda suas mãos para meus quadris e me puxa contra ele. Ele me beija de volta com o mesmo nível de ferocidade borbulhando em meu peito. Um sentimento que beira o desespero, algo mais complexo ainda.

Eu me afasto o suficiente para dizer: — Eu preciso de você.

Ele já está se movendo, me empurrando em direção à cama. Hades olha para o meu corpo quase nu e rosna. — Eu quero

você nua.

— Espero que você esteja preparado para esperar.

— Eu não estou — Ele enfia a mão no paletó e pega uma pequena faca. — Não se mova.

Eu fico parada. Prendo minha respiração enquanto ele desliza a lâmina entre minha pele e a primeira tira. É surpreendentemente quente, provavelmente por estar tão perto de seu corpo. A tira cede facilmente sob a borda afiada. E então outra, e outra, e outra, até que estou completamente nua diante dele. Ele fecha a lâmina e dá um passo para trás, varrendo seu olhar sobre mim da minha cabeça aos meus pés e vice-versa. — Melhor.

Ele vai até o interruptor de luz e o acende, ignorando meu protesto sem palavras. Eu quero *ver*. Hades passa por mim em direção às janelas e empurra as cortinas pesadas abertas. Meus olhos se ajustam rápido o suficiente e percebo que posso ver, pelo menos um pouco. As luzes da cidade banham o quarto com um brilho de néon baixo.

Hades se despe enquanto caminha em minha direção. Paletó e camisa. Sapatos e calças. Ele para a poucos metros de distância e não posso deixar de estender a mão para ele. Ele pode estar me dando a visão que desejo, mas preciso de algo ainda mais vital - sua pele contra a minha.

Exceto que ele pega minha mão antes que eu faça contato com seu peito e a conduz até seu pescoço. Ele termina fechando a distância entre nós, nos trazendo peito a peito. Tenho a leve impressão de cicatrizes ásperas contra a minha pele, mas Hades me beija novamente e eu esqueço de tudo, exceto colocá-lo dentro de mim o mais rápido possível.

Ele me levanta e eu envolvo minhas pernas em volta de sua cintura. A nova posição tem seu pau quase alinhado perfeitamente onde eu preciso dele, mas ele se move antes que eu possa perder minha mente o suficiente para tirar vantagem. Minha necessidade é uma coisa que me consome desde o momento em que coloquei os olhos nele. Fazer sexo na frente da multidão era uma coisa, mas mal diminuía. Era uma questão de reputação. Isso é sobre *nós*.

Hades nos leva até a cama e sobe nela. Ele pega minhas mãos e as guia até a cabeceira da cama. — Mantenha-as aqui.

— Hades. — Estou ofegante como se tivesse corrido uma grande distância. — Por favor. Eu quero te tocar.

— Mantenha as mãos aqui. — Ele repete e aperta meus pulsos.

Ele não tem que dizer isso de novo. Eu já estou assentindo. Qualquer coisa para continuar, para evitar que este momento termine. — Ok.

Hades volta a se ajoelhar entre minhas coxas abertas. Sua frente está na sombra, mas tenho a sensação de que ele pode me ver em detalhes pela luz que atravessa as janelas. Ele segura meus seios, mas não demora muito antes de deslizar pelo meu corpo e dar um beijo de boca aberta no ponto sensível logo abaixo do meu umbigo. E então ele está na minha boceta. Sua respiração estremece contra o meu clitóris como se ele estivesse tão afetado por este momento quanto eu. Talvez mais.

— Eu vou ter você, pequena sereia. Em todas as posições, em todos os sentidos.

Não sei se ele está falando comigo ou sozinho, mas não me importo. Eu agarro a cabeceira da cama com força e luto para ficar parada. — Então me leve. — Um eco do que eu disse a ele no trono,

mas significa algo diferente agora. Não posso fingir que quero isso apenas para o benefício de nossa reputação mútua.

Não, eu só quero *ele*.

Meu desejo de ouvir a risada seca e áspera de Hades está se tornando um sério vício. É mil vezes melhor quando ele está fazendo barulho contra minha boceta. Ele arrasta sua língua sobre mim. Seu rosnado é o único aviso que recebo antes que ele agarre minhas coxas e as pressione para cima e para os lados, me segurando completamente aberta. Não há saborear, nem provocação, nem me tentar. Ele vai atrás da minha buceta como se nunca tivesse essa chance novamente. Como se ele precisasse do meu orgasmo mais do que da próxima respiração.

Cada exalar soluça. Não consigo pensar, não consigo me mover, não consigo fazer nada além de obedecer à sua ordem de me segurar e ter o prazer que ele sente subindo com cada movimento de sua língua. Eu começo a tremer e não consigo parar. — Hades!

Ele não responde, apenas mantém os mesmos movimentos que fazem o desejo se enroscar cada vez mais em mim. É muito bom. Eu quero que dure e quero o final prometido e simplesmente *desejo*. Hades chupa meu clitóris com força em sua boca e empurra dois dedos em mim. Eu gozo com tanta força que parece que todos os sistemas estão fechando.

É como se o orgasmo diminuísse seu ânimo, porque agora ele toma seu tempo, arrastando sua boca sobre minha barriga, beijando as curvas de meus seios. Ainda estou girando, mas cada toque, combinado com o peso de seu corpo no meu, lentamente me traz de volta à terra. Eu lambo meus lábios. — Hades.

Ele faz uma pausa. — Sim?

— Posso tocar em você agora? Por favor?

Sua respiração estremece contra meu pescoço. — Você está me tocando.

— Não é isso que eu quero dizer e você sabe disso. — Eu não solto a cabeceira da cama, não vou quebrar seu comando sem permissão. Este parece um momento importante, como se estivéssemos à beira de algo *grande*. Não faz nenhum sentido. Isso é apenas sexo, um ato que pode ser reduzido a seus componentes básicos. Eu o desejo, então naturalmente quero tocá-lo. Não quero que isso pare, então é claro que não desobedecerei sua ordem.

Exceto que não parece tão simples.

Hades está se escondendo muito intencionalmente de mim. Pela vista, pelo toque, por tudo. Eu não deveria me ressentir desse último pedaço de distância entre nós, não quando ele está tão investido no meu prazer. Mas eu sim. Eu quero tudo, assim como ele está exigindo de mim. Meu peito fica apertado. — Hades, por favor.

Ele hesita tanto que acho que vai me negar novamente. Finalmente, ele amaldiçoa e alcança minha cabeça para pegar uma das minhas mãos e trazê-la para baixo para pressionar contra seu peito, e então repete o movimento com a minha outra mão. A pele está estragada, muito lisa em alguns lugares e saliente em outros. Cicatrizes. Estou sentindo cicatrizes.

Eu não digo uma única coisa enquanto eu lentamente acaricio minhas mãos em seu peito e subo novamente. Hades se mantém perfeitamente imóvel. Não tenho certeza se ele está respirando. Algo - alguém - o machucou, e muito. Mesmo sem ver a extensão dos danos, posso dizer que ele tem sorte de estar vivo.

Talvez um dia, ele confie em mim o suficiente para me deixar vê-

lo completamente.

Eu me levanto e o beijo. Não precisamos de mais palavras agora. Ele instantaneamente relaxa contra mim, e tenho o pensamento distante de que ele esperava que eu o rejeitasse. Homem tolo. Cada pedaço dele que eu descubro, cada pequena nuance e mistério, só me faz desejá-lo mais. Hades é um quebra-cabeça que eu poderia passar a vida inteira explorando e nunca ter o quadro completo.

É uma pena que só tenho três meses.

Ele interrompe o beijo o tempo suficiente para se abaixar na mesa de cabeceira e pegar uma camisinha. Eu o pego e o empurro de volta com a mão em seu peito. — Deixe-me.

— Você é péssima na submissão. — Ele murmura, mas ele tem aquela risada rouca em sua voz.

— Errado. — Eu rasgo o preservativo. — Eu sou realmente excelente nas finalizações. Sou igualmente excelente em comunicar o que quero, quando quero. Chama-se ser adaptável.

— É assim mesmo? — Sua respiração sibila enquanto eu acaricio seu pau, então faço isso de novo.

— Hades?

Ele dá uma risada tensa. — Sim?

— Me prometa que eu posso te dar um boquete em breve. Muito em breve. Eu preciso muito de você dentro de mim agora, mas eu quero isso.

Ele estende a mão e arrasta o polegar pelo meu lábio inferior. — Sempre que você decidir que precisa do meu pau em sua boca, ajoelhe-se e peça gentilmente. Se estiver me sentindo bem, vou até dar para você.

Eu belisco seu polegar. — Ok, eu merecia isso.

— Coloque a camisinha, Perséfone. Agora.

Acontece que não estou com humor para provocá-lo ainda mais. Eu rolo a camisinha em seu comprimento. Eu mal tiro minhas mãos do caminho quando Hades me empurra de volta para a cama. Antes de estar com ele, eu teria dito que não quero ser maltratada, com cuidado ou de outra forma. Acontece que eu só precisava do homem certo me tratando. Ele me empurra para o lado e levanta uma perna para envolver seu braço enquanto se ajoelha entre minhas coxas. É uma posição estranha, mas não tenho tempo para comentar porque, meio segundo depois, ele está dentro de mim. Ele se embainha ao máximo e nós expiramos juntos.

Hades mal me dá um segundo para me ajustar antes de começar a me foder. Golpes longos e completos que me prendem completamente à cama. — Toque-se —, ele rosna. — Eu quero sentir você gozar em torno do meu pau. Sem testemunhas. Sem audiência. Desta vez, é só para mim.

Eu faço o que ele ordena, deslizando minha mão para baixo para acariciar meu clitóris. É tão, tão bom. Parece que tudo o que fazemos juntos é bom. Estar com Hades é como ter um sonho febril do qual nunca quero acordar. Eu nunca, nunca quero que isso pare.

Hades ajusta seu ângulo e aumenta seu ritmo, enviando um prazer crescente em uma onda que não consigo conter. — Oh deuses.

— Não pare. Não se atreva a parar. — É como se ele estivesse puxando as palavras do meu peito e falando de volta para mim.

Eu não poderia, mesmo se quisesse. Palavras escapam de meus lábios, formando seu nome, uma e outra vez. Ele se inclina, dobrando meu corpo à sua vontade, e reclama minha boca quando eu gozo. Seus golpes ficam mais ásperos, menos regulares, e então ele está me

seguindo até o limite.

Meus ossos ficam líquidos enquanto eu luto para não quebrar o beijo. Passou de feroz a algo gentil, quase amoroso. Como se ele estivesse me dizendo sem palavras o quão satisfeito está comigo. Não é algo que eu teria pensado que precisava antes, mas instala-se em um pedaço irregular em meu peito.

Hades finalmente se afasta. — Não se mova.

— Não poderia nem se eu quisesse.

Sua risada áspera trilha atrás dele enquanto ele entra no banheiro. Alguns segundos depois, ele está de volta. Eu o vejo caminhar em direção à cama, desejando melhor luz. Ele mal parece humano assim. É quase como se ele fosse um incubus enviado para cumprir meus desejos sombrios e ele irá embora com a luz da manhã. — Fique.

Hades para em breve. — O que?

— Fique. — Eu me sento, algo semelhante ao pânico vibrando na minha garganta. — Não saia.

— Perséfone. — Ele chega à cama e sobe para me puxar para seus braços. — Pequena sereia, eu não vou embora. — Demora algumas manobras para nos colocar debaixo dos cobertores, mas Hades não para de me tocar o tempo todo. Acabamos caindo de lado, ele me acariciando por trás.

Só quando estou totalmente envolvida nele é que posso respirar novamente. — Obrigada.

— Para onde eu iria? Você está na minha cama.

Eu quero rir, mas não posso. Em vez disso, eu acaricio minhas mãos em seus braços. — Mas você está saindo eventualmente. Ou eu estou, melhor. — Eventualmente, não importa o quão bom isso seja,

isso *vai* acabar.

— Sim.

Eu fecho meus olhos, odiando o quão desapontada sua resposta me deixa. O que eu esperava? Nós nos conhecemos há menos de uma semana neste momento. A única razão pela qual empurrei tanto esse negócio foi para que eu pudesse ser bem e verdadeiramente livre. Saltar de um noivado com Zeus para esta barganha com Hades... Isso não é liberdade. Eu sei disso, mas ainda há um ardor estranho em meus olhos com a ideia de tudo isso ter acabado.

Ainda não.

Ainda tenho um pouco mais de tempo e pretendo aproveitar cada momento ao máximo.

CAPÍTULO 17

Hades

Acordo com o sol e abro meus olhos para encontrar Perséfone em minha cama faz algo para mim que tenho medo de examinar muito de perto. Eu gosto dela aqui. Isso me *acalma*, o que é besteira. Não posso me dar ao luxo de olhar em seus olhos meio implorando para que eu fique durante a noite. Ela estava voltando da onda de adrenalina da cena e do sexo. Mesmo se não estivéssemos na minha cama, eu não a teria deixado pendurada naquele momento.

Isso não muda o fato de que gosto de ver seus cabelos dourados espalhados sobre um travesseiro ao lado do meu. E a evidência de que ela dormia inquieta, o lençol emaranhado em volta da cintura, deixando seus seios nus para encontrar a luz da manhã que entra pelas janelas. É quase o suficiente para me fazer esquecer de mim mesmo e acordá-la com a minha boca.

Quase.

Eu olho para o meu peito, para a confusão de cicatrizes deixadas pelo incêndio que matou meus pais. Uma memória da qual nunca posso escapar porque está escrita na minha própria pele. Com um suspiro, eu saio da cama, com cuidado para dobrar os cobertores em torno de Perséfone para que ela não fique com frio, e caminho para fechar as cortinas. Um banho rápido depois e estou vestido. Quase desço para o meu escritório no andar principal, mas hesito. Perséfone vai ver isso como uma rejeição, como eu a deixando? Não posso ter certeza. Porra, eu não deveria me importar de uma forma ou de outra. Não importa o quão bom seja o sexo, não estamos

namorando. Esquecer essa verdade, esquecer a data de validade, é uma receita para o desastre.

Continuo dizendo isso a mim mesmo, mesmo quando caio na cadeira da minha escrivaninha mal usada no escritório fora do quarto. Uma verificação rápida no meu telefone revela meia dúzia de mensagens de texto. Eu procuro por elas, parando em uma de Hermes.

Hermes: Reunião obrigatória @9. Não perca isso, Hades. Estou sendo estranhamente séria.

Eu sabia que isso ia acontecer, embora já esperasse dias atrás. Eu respiro fundo e abro o laptop. Leva alguns minutos para inicializar tudo, mas ainda estou dez minutos adiantado para a reunião. Sem surpresa, todo mundo está aqui.

A tela se divide em quatro. Uma imagem é a minha imagem refletida de volta. Uma é Hermes e Dionísio, que parecem estar sentados em uma cama de hotel e comendo Cheetos, ainda usando as roupas da noite anterior. O terceiro mostra Poseidon, seus ombros grandes e corpulentos consumindo a estrutura. Ele está com uma expressão de raiva sob seu cabelo e barba ruivos, como se ele não quisesse estar aqui mais do que eu. O quadrado restante contém as outras oito pessoas que representam o restante dos Treze sentados ao redor de uma mesa da sala de reuniões. Já que Zeus é solteiro depois que a última Hera morreu, temos um a menos.

O pensamento de Perséfone sentada naquela mesa me deixa mal do estômago.

Zeus está sentado no centro, e não deixo de notar o fato de que sua cadeira é um pouco mais alta do que o resto deles. Mesmo que tecnicamente o poder esteja no próprio grupo, ele sempre se imaginou

um rei moderno. À sua direita está Afrodite, sua pele impecável e seu cabelo loiro fluindo ao redor de seus ombros em ondas cuidadosamente selecionadas. À sua esquerda, Deméter.

Eu estudo a mãe de Perséfone. Já a vi antes, é claro. É impossível evitar sua imagem nas colunas de fofoca e feeds de notícias. Vejo um pouco de Perséfone nos penetrantes olhos castanhos e na linha de sua mandíbula, embora a de Deméter tenha suavizado um pouco com a idade. Ela é tão real quanto uma rainha em seu terninho e parece pronta para chamar minha cabeça. Adorável.

Por um longo momento, ninguém fala. Eu me recosto. Certamente não serei eu quem quebrará o silêncio. Eu não convoquei esta reunião. Zeus me quer aqui, então é melhor ele ir em frente.

Como se pudesse sentir meus pensamentos, Zeus se inclina para frente. — Devolva minha noiva.

— O tratado foi honrado e você sabe disso. Ela correu de você, correu até sangrar os pés e quase congelar até a morte, porque ela não conseguia fugir de você rápido o suficiente. Ela cruzou o rio Estige por seu próprio poder. Ela está livre para voltar quando quiser. — Eu faço um show olhando para todos reunidos antes de responder. — Ela não quer. Você está perdendo o tempo de todo mundo com isso.

— Você está contaminando meu bebê, seu monstro.

Eu levanto minhas sobrancelhas para Deméter. — Você estava preparada para vender seu *bebê* a um homem com a reputação de matar suas esposas. Não vamos atirar pedras.

Deméter engasga, mas é tudo teatral. Não a conheço bem o suficiente para ter certeza se estou vendo culpa ou apenas fúria em seu rosto. Não importa para mim. Perséfone fará de tudo para fugir

dessas pessoas, e vou me jogar literalmente em uma espada antes de devolvê-la contra sua vontade.

Zeus balança a cabeça lentamente. — Não me teste. O último Hades...

— Você quer dizer meu pai. Aquele que você assassinou. A razão pela qual este tratado foi criado em primeiro lugar. — Eu me inclino para frente. — Se você vai me ameaçar, escolha uma arma melhor. — Eu encontro os olhares dos outros membros dos Treze por sua vez. — Eu honrei o tratado. Perséfone está livre para ir e vir quando quiser. Terminamos aqui?

— Prove. — Deméter rosna.

Eu a sinto atrás de mim um momento antes de Perséfone tocar levemente meu ombro. No monitor, eu a vejo no meu ombro, enrolada no meu lençol. Seu cabelo está emaranhado e há queimaduras de bigode em seu pescoço e o pouco de seu peito está à vista. Ela se inclina e olha para a tela. — Estou onde quero estar, mãe. Estou *muito feliz* com Hades. — Ela estende a mão por cima do meu ombro e fecha o laptop.

Eu me viro lentamente para olhar para ela. — Você acabou de desligar na cara dos Treze.

— Foda-se eles.

Não sei se devo rir ou embrulhá-la e levá-la a algum lugar que a proteja da vingança inevitável de Zeus. — Perséfone.

— Hades. — Ela corresponde ao meu tom de censura. — Eles não iriam acreditar em você se não vissem por si mesmos, e metade deles ainda não vai acreditar. Deixar Zeus reclamar só desperdiça o tempo de todo mundo. Você deveria estar me agradecendo.

— Eu deveria estar agradecendo?

— Sim. — Ela sobe no meu colo e monta em mim. — De nada.

Eu deixo minhas mãos descansarem em seus quadris. — Eles não têm ideia de quem você realmente é, não é?

— Não. — Ela passa as mãos no meu peito, sua expressão contemplativa. — Mas então, eu realmente não sei quem eu realmente sou, também. Eu esperava que sair do Olimpo me ajudasse a descobrir.

Eu cubro suas mãos com as minhas. — Você ainda está saindo do Olimpo. — Dói-me dizer isso, mas nada disso vaza em meu tom. Fiz uma promessa e, por mais que tenha gostado de sair com ela nos últimos dias, vou cumpri-la. Temos até abril. Será o suficiente.

Tem que ser o suficiente.

Ela me dá um sorrisinho triste. — Vou ter que ligar para minhas irmãs em breve para checar novamente se você não quiser que elas invadam o lugar.

— Vou pegar um telefone para você hoje. — Eu faço uma pausa. — Aquele que não está grampeado.

— Obrigada. — Ela me dá um lindo sorriso. Eu fico olhando para ela em algo semelhante ao choque. Eu vi Perséfone astuta, brilhante e zangada. Eu nunca a vi assim. Isso é felicidade? Tenho medo de perguntar, apenas para descobrir que é apenas outra versão de sua máscara usual.

Perséfone dá um beijo rápido em meus lábios e desliza do meu colo para o chão para se ajoelhar entre minhas coxas. Ela me lança um olhar de expectativa e eu coloco de lado meus sentimentos confusos para me concentrar no aqui e agora. — Quer alguma coisa, pequena sereia?

Ela passa as mãos nas minhas coxas e morde o lábio inferior. —

Você prometeu que se eu ficasse de joelhos e pedisse com educação, eu poderia ter seu pau. — Ela estende a mão para a frente da minha calça. — Eu gostaria muito, muito mesmo do seu pau, Hades. Por favor.

Eu pego suas mãos. — Você sabe que não precisa fazer isso.

— Sim, estou ciente. — Ela me lança um olhar imperioso, como se estivesse me dando indulgência. — Dizer que não tenho que fazer nada que não quero é ridículo, porque *quero* fazer tudo com você. Absolutamente tudo.

Ela está apenas falando sobre sexo, mas meu coração ainda dá um baque surdo em resposta, como se estivesse acordando de um longo sono. Enferrujado e sem uso, mas ainda vivo. Eu a solto e pressiono minhas mãos trêmulas nos braços da minha cadeira. — Então não me deixe impedi-la.

— Estou tão feliz que você esteja vendo as coisas do meu jeito. — Ela abre minha calça e puxa meu pau para fora. Perséfone lambe os lábios. — Oh, Hades. Eu meio que gostaria de ter alguma habilidade artística, porque adoraria pintar você.

Ainda estou processando essa declaração estranha quando ela se inclina e leva meu pau em sua boca. Espero... não sei o que estou esperando. Já deveria ter percebido que Perséfone nunca é bem o que penso que será. Ela me suga como se quisesse saborear e deleitar-se em cada centímetro. Um deslizamento quente e úmido que deixa todos os músculos do meu corpo tensos. Eu luto para ficar parado, para deixá-la ter este momento enquanto ela termina sua exploração e olha para cima.

Seus olhos estão escuros e a cor está forte em suas bochechas. — Hades?

— Sim?

Ela massageia minhas coxas com a ponta dos dedos. — Pare de ser tão legal comigo e me diga o que você quer.

O choque me fez responder honestamente. — Eu quero foder sua boca até você chorar.

Ela me dá um lindo sorriso. — Pronto. Foi tão difícil? — Perséfone se distancia. — Você joga o lobo grande e mau, mas tem sido tão cuidadoso comigo desde que nos conhecemos. Você não tem que ser. Eu prometo que posso aceitar tudo o que você me der. — Ela deixa o lençol cair no chão ao seu redor. A mulher diz que quer me pintar, mas *ela* é a obra de arte, a própria imagem da sereia que a chamei.

Estou começando a pensar que me afogaria de bom grado por essa mulher.

Eu me levanto lentamente e aliso seu cabelo para trás. Porra, ela é tão linda, ela me rouba o fôlego. Eu a quero mais do que qualquer outra coisa em minha vida, um fato que não estou preparado para olhar muito de perto. Eu torço seu cabelo em um punho e dou um puxão. — Se for demais, dê um tapa na minha coxa.

— Não vai ser muito.

Eu toco seu lábio inferior com meu polegar. — Abra.

Perséfone é todo um prazer perverso enquanto coloco meu pau em sua boca. Começo devagar, deixando que ela se ajuste ao ângulo, mas o desejo sombrio de fazer exatamente o que descrevi é muito forte. Eu pego meu ritmo, empurrando mais fundo em sua boca. Em sua garganta. Ela fecha os olhos.

— Não. Não faça isso. Olhe para mim enquanto eu fodo sua boca. Testemunhe o que você está fazendo comigo.

Instantaneamente, ela abre os olhos. Perséfone fica solta e relaxada, submetendo-se totalmente a mim neste momento. Eu sei que não vai durar, o que torna tudo mais doce. O prazer aumenta a cada estocada, ameaçando me fazer em pedaços. Só fica mais intenso quando as lágrimas escorrem do canto dos olhos. Eu seguro seu rosto e limpo com meus polegares, terno mesmo neste momento de brutalidade contida.

É muito. Nunca será o suficiente. — Eu vou gozar! — Eu grito.

Ela passa as mãos pelas minhas coxas e me dá um aperto. Um assentimento. É toda a permissão que preciso para deixar ir. Tento manter meus olhos abertos, tento saborear cada momento deste presente que ela está me dando enquanto dirijo em sua boca disposta meu orgasmo. Perséfone me bebe, segurando meu olhar. Ela me olha como se me *visse*. Como se ela estivesse amando isso tanto quanto eu.

Nunca me senti tão possuído em minha vida.

Não sei o que fazer com isso, como processá-lo. Eu me forço a liberá-la, e ela dá uma última chupada preguiçosa no meu pau antes de se inclinar para trás e lamber os lábios. Rastros de lágrimas marcam suas bochechas e ela sorri, parecendo particularmente satisfeita consigo mesma. É um contraste que não sei o que fazer, então eu a coloco de pé e a beijo, forte e completamente. — Você é um presente.

Ela ri contra minha boca. — Eu sei.

Eu a apoio em direção à porta do meu quarto. — Eu tenho coisas para fazer hoje.

— Você? — Perséfone enlaça seus braços atrás do meu pescoço e sorri para mim, totalmente impenitente. — Eu acho que você deveria fazê-las.

— Mmm. — Eu pego a parte de trás de suas coxas e a levanto para cair de volta na cama. — Daqui a pouco. — Ajoelho-me ao lado da cama e afasto suas pernas. Sua buceta é bonita e rosada e, oh, tão molhada. Eu separo seus lábios com meus polegares e expiro contra seu clitóris. — Você gostou quando eu comi sua boca.

— Eu realmente, realmente gostei. — Ela levanta a cabeça o suficiente para olhar seu corpo para mim. — Eu disse que posso lidar com qualquer coisa que você puder dar. Eu deveria esclarecer. Eu *anseio por* tudo e qualquer coisa que você faça para mim.

Doce foda, a confiança que ela deposita em mim. Ainda não tenho certeza se mereço.

Eu mantenho seu olhar e circulo seu clitóris com a ponta da minha língua. — Suponho que os negócios podem esperar um pouco mais. — Seu sorriso em resposta é recompensa o suficiente, mas eu a tenho praticamente vibrando com a necessidade de montar meu rosto...

Na verdade, é uma ideia fantástica do caralho.

Eu a deslizo para cima da cama e rastejo para o colchão. — Venha aqui.

Perséfone já está obedecendo, segue minha liderança para escalar meu peito. Eu deslizo para baixo e aí está ela, bem onde eu a quero. — Não se segure, pequena sereia. Você sabe que quer ser má.

Ela faz um teste experimental e eu a recompenso com uma longa lambida. Não demora muito para que Perséfone esteja balançando contra minha boca, perseguindo seu próprio orgasmo, mesmo enquanto eu me perco no sabor dela. Ela goza com um grito que se parece muito com o meu nome, seu corpo estremecendo acima de mim enquanto ela se esfrega contra a minha língua.

Não é o suficiente. Quantas vezes vou pensar isso antes de reconhecer que *nunca* será o suficiente? Não importa. Pelo menos mais uma vez.

Eu a jogo de volta na cama e continuo comendo ela, impulsionado pela necessidade de fazer isso... eu não sei. Quero garantir que não importa aonde ela vá ou quanto tempo passe, ela sempre se lembrará disso.

Que ela sempre se lembrará de *mim*.

CAPÍTULO 18

Perséfone

Hades e eu não saímos da cama até quase na hora do almoço, e só então porque meu estômago roncando parece ofendê-lo em um nível pessoal. E é assim que acabo sentada na ilha da cozinha com três pratos de comida na minha frente. Ainda estou catando as batatas fritas quando Hermes entra na cozinha.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Você nunca vai para casa?

— O lar é um conceito tão fluido. — Ela acena com a cabeça para o telefone novo no balcão perto do meu cotovelo. — Então você *tem* um telefone. Suas pobres irmãs recorreram a me usar como mensageira porque não conseguem falar com você.

Eu fico olhando para ele e depois para ela. — Minhas irmãs enviaram você aqui?

— Aparentemente, você deveria contatá-las há alguns dias, e quando não o fez, elas presumiram o pior. Além disso, Psique enviou uma mensagem. — Ela limpa a garganta e então a voz da minha irmã sai de seus lábios. — Eu só posso segurar Calisto por mais um ou dois dias. Ligue assim que receber isso para que possamos acalmá-la. Ela e a mãe têm brigado, e você sabe como *isso* é. — Hermes sorri e rouba uma batata frita do meu prato. — Fim da mensagem.

— Hum, obrigada. — Ouvi dizer que ela pode fazer isso, mas ainda é assustador como o inferno testemunhar isso.

— É o meu trabalho. — Ela pega outra batata frita. — Então, você e Hades estão fazendo a besta com duas costas na vida real, não apenas fingindo. Não estou exatamente surpresa, mas também muito,

muito surpresa.

Não estou prestes a começar a compartilhar segredos com a mulher cujo trabalho principal é colecioná-los. Eu levanto minhas sobrancelhas. — Você e Dionísio parecem terrivelmente próximos apenas para amigos. É verdade que ele não está particularmente interessado em sexo?

— Entendi. — Ela ri. — Melhor ligar para suas irmãs. Eu odiaria que Calisto fizesse algo para irritar Zeus.

O pensamento me deixa fria. Psique sabe bem o suficiente para jogar o jogo. Eurídice é todos os sabores distraídos por seu namorado. Calisto? Se Calisto e nossa mãe ficarem cara a cara, não tenho certeza se a cidade vai sobreviver. Se ela for atrás de Zeus... — Vou chamá-las.

— Boa menina. — Ela me dá um tapinha no ombro e sai da cozinha, provavelmente para atormentar alguma outra alma inocente. Apesar disso, gosto dela. Hermes pode jogar jogos mais profundos do que eu posso começar a imaginar, mas ela é pelo menos interessante. E acho que ela e Dionísio realmente se importam com Hades. Não tenho certeza se é o suficiente para impedi-los de ficar do lado dos outros Treze se for o caso, mas isso é uma preocupação para outro dia.

Eu dou uma última mordida, pego o telefone que Hades me deu mais cedo, saio da cozinha e desço o corredor para um cômodo que encontrei durante uma exploração superficial do primeiro andar. Suponho que seja uma sala de estar, mas parece um pequeno recanto de leitura aconchegante com duas cadeiras confortáveis, uma lareira gigante e várias estantes de livros cheias de tudo, de não ficção a fantasia.

Afundo na cadeira roxa escura e ligo o telefone. Ele já tem as informações de contato das minhas irmãs e o aplicativo de bate-papo por vídeo instalado. Respiro fundo e ligo para Psique.

Ela atende imediatamente. — Oh, graças aos deuses. — Ela se inclina para trás. — Ela está aqui!

Calisto e Eurídice aparecem atrás dela. Qualquer um que olhasse para nós quatro não pensaria que somos irmãs. Tecnicamente, somos todas meio-irmãs. Minha mãe passou por quatro casamentos antes de atingir seu objetivo de se tornar uma das Treze e parar de precisar de homens para realizar suas ambições. Todas nós temos os olhos castanhos de nossa mãe, mas é aí que as semelhanças param.

Eurídice parece prestes a chorar, sua pele marrom-clara já manchada. — Você está viva.

— Sim, estou vivo. — A culpa passa por mim. Eu estava muito preocupada em chegar o mais perto possível de Hades para lembrar de contatar minhas irmãs. Egoísta. Tão egoísta da minha parte. Mas então, o que mais você chama de meu plano de deixar o Olimpo para sempre? Afasto o pensamento.

Calisto se inclina para frente e passa um olhar crítico sobre mim. — Você parece bem.

— Eu estou bem. — Por mais tentador que seja minimizar a situação, ser perfeitamente honesta com elas é o único caminho a percorrer. — Hades e eu fizemos um acordo. Ele vai me manter a salvo até que eu consiga sair do Olimpo.

Calisto estreita os olhos. — A que custo?

Aqui está o ponto crucial. Eu mantenho seu olhar. — Se Zeus me considerar menos desejável porque tenho dormido com Hades, ele não tentará me perseguir quando eu for embora. — Quando minhas

irmãs apenas olham para mim, eu suspiro. — E sim, estou furiosa com minha mãe e furiosa com Zeus e queria provar um ponto.

Psique franze a testa. — Há um boato circulando esta manhã que você e Hades estavam, bem, fazendo sexo na frente da metade da cidade baixa. Eu pensei que eram apenas pessoas fofocando bobagens, mas...

— É verdade. — Posso sentir meu rosto ficando vermelho. — Nosso plano não funcionará se for apenas fingir. Tem que ser real.

É Eurídice, minha doce e inocente irmã, quem fala a seguir, com a voz baixa e furiosa. — Nós estamos indo para te pegar agora. Se ele acha que pode forçá-la...

— Ninguém está me *forçando* a fazer nada. — Eu levanto a mão. Eu tenho que me antecipar a isso. Eu deveria saber que tentar ser vaga apenas incitaria cada um de seus instintos de proteção. — Vou lhes dizer toda a verdade, mas vocês têm que parar de reagir e ouvir.

Psique põe a mão no ombro de Eurídice. — Conte-nos e então decidiremos como reagir.

Essa é a melhor oferta que vou receber. Eu suspiro e então conto tudo a elas. Como eu empurrei o negócio. A constante maternidade de Hades. Quão *bom* é o sexo.

Eu deixo de fora a história de Hades com Zeus, as cicatrizes envolvendo seu corpo que sem dúvida vieram do incêndio que matou seus pais. O fogo que *Zeus* causou. Eu confio em minhas irmãs implicitamente, mas algo em mim se rebela em compartilhar essa história. Não é exatamente um segredo, mas parece um, como um conhecimento que Hades e eu compartilhamos, que nos une ainda mais.

E…

Hesito, mas no final, com quem mais posso falar sobre isso? — Eu sinto que posso respirar aqui. Não tenho que fingir com Hades, não tenho que ser perfeita e brilhante o tempo todo. Eu me sinto como se estivesse finalmente começando a descobrir quem eu sou por trás da máscara.

Eurídice tem corações em seus olhos. — Só você conseguiu fugir e cair na cama com um homem sensual determinado a fazer qualquer coisa para protegê-la. Você é verdadeiramente abençoada pelos deuses, Perséfone.

— Não me pareceu quando anunciaram o noivado.

A felicidade de Eurídice diminui. — Não, suponho que não.

Psique está me olhando como se nunca tivesse me visto antes. — Tem certeza de que nem tudo é uma armadilha elaborada? Você desenvolveu essas defesas *por um motivo*.

Eu mordo minha negação instintiva e me forço a pensar sobre isso. — Não, não é uma armadilha elaborada. Ele odeia Zeus tanto quanto eu; ele não tem nenhuma razão para pensar que me quebrar faria mal a ninguém além de mim. Ele não é assim mesmo. Ele não é como o resto dos Treze em tudo. — Isso, eu sei a verdade. Eu sobrevivi movendo-me através do círculo de poder e influência do Olimpo por tanto tempo, confiando em meus instintos e mentindo descaradamente. Eu não tenho que mentir com Hades. Meus instintos o marcam como seguro.

— Tem certeza? Porque todos nós sabemos que você teve esse fascínio pelo título de Hades por...

— *Hades* não é o problema. — Não quero contar a elas o que sei sobre mamãe, mas elas precisam saber. — Minha mãe ameaçou cortar toda a linha de abastecimento para a cidade baixa até que Hades me

devolvesse.

— Nós sabemos. — Calisto passa a mão pelos longos cabelos escuros. — Ela tem falado sobre isso desde que você partiu, entrando em um frenesi.

— Ela está preocupada —, diz Eurídice.

Calisto bufa. — Ela está com *raiva*. Você a desafiou e a deixou com uma torta no rosto na frente do resto dos Treze. Ela está enlouquecendo tentando salvar sua face.

— *E* ela está preocupada. — Eurídice lança um olhar para nossa irmã mais velha. — Ela está limpando.

Eu suspiro. Fácil de pintar a minha mãe como a vilã ao lado de Zeus, mas ela nos ama. Ela simplesmente não permite que o amor atrapalhe suas ambições. Minha mãe pode ficar impassível ao dar ordens como uma general prestes a ir para a batalha, mas quando está preocupada, ela limpa. É a única coisa dela.

No final das contas, isso não muda nada. — Ela não deveria ter dito isso para mim.

— Ninguém está discutindo isso. — Psique ergue as mãos. — Ninguém está discutindo *nada*. Estamos apenas preocupados. Obrigada por se registrar.

— Fiquem seguras. Eu sinto falta de vocês.

— Nós sentimos sua falta também. — Psique sorri. — Não se preocupe conosco. Temos as coisas sob controle aqui, tanto quanto possível. — Ela desliga antes que eu realmente registre a declaração.

Não me preocupo com elas.

Eu *não estava* preocupada com eles, não realmente. Até agora.

Eu ligo de volta. Toca muito antes de Psique atender. Desta vez, Calisto e Eurídice não estão em evidência, e Psique não parece tão

animada como há alguns minutos. Eu franzo a testa. — O que está acontecendo? O que você não está me dizendo?

— Estamos bem.

— Sim, você continua dizendo isso, mas parece que você está tentando me tranquilizar e *eu não estou tranquila*. Fale francamente. O que está acontecendo?

Ela olha por cima do ombro, e a luz do quarto fica um pouco mais fraca, como se ela tivesse fechado a porta ou janela ou algo assim. — Eu acho que alguém está seguindo Eurídice. Na verdade, não apenas ela. Calisto não disse nada, mas ela está ainda mais nervosa do que a situação justifica. E acho que vi a mesma senhora nas últimas três vezes que saí da cobertura.

Um arrepio desce pela minha espinha. — Eles sabem onde estou. Por que eles tentariam rastrear vocês até mim?

Psique aperta os lábios e finalmente diz: — Acho que eles estão garantindo que nenhuma de nós tente fugir.

— Por que mamãe... — Eu paro abruptamente. — Não mamãe. Zeus.

— Esse é o meu pensamento. — Psique passa os dedos pelos cabelos e os torce, um gesto de nervosismo que ela faz desde que éramos crianças. Ela está assustada.

Eu fiz isso. Zeus não estava seguindo nenhuma de nós antes de eu correr. Eu fecho meus olhos, tentando jogar através de possíveis cenários, possíveis razões para ele fazer isso além de salvaguardar sua presença na cidade alta. Eu não gosto do que eu sempre volto. — Você não acha que ela vai inscrever uma de vocês no casamento em vez de mim, não é? — Se for esse o caso, *tenho* que voltar. Não posso ser a razão de uma das minhas irmãs acabar casada com aquele monstro,

mesmo que eu tenha que levar o golpe para garantir que isso não aconteça.

— Não. — Ela balança a cabeça e balança novamente com mais força. — Absolutamente não. Eles se encurralaram ao anunciar isso publicamente. Eles *não podem* forçar uma de nós a tomar o seu lugar sem parecerem tolos, e isso é uma coisa que Zeus e mamãe não farão.

É um alívio, mas não tanto quanto eu gostaria. — Então por que?

— Acho que ele pode tentar enganá-la para que volte pelo rio Estige. — Psique sustenta meu olhar, o mais sério que já a vi. — Você não pode fazer isso, Perséfone. Não importa o que aconteça, você mantém o curso com Hades e sai do Olimpo. Temos coisas tratadas aqui.

O frio sangra por todo o meu corpo. Até que ponto Zeus irá para me trazer de volta? Eu estava tão focada em como ele poderia tentar me levar que não olhei para os outros ângulos. Mamãe nunca machucaria suas filhas, mesmo que ela nos mova como peças de xadrez. Ela pode nos permitir experimentar um certo nível de perigo, mas ela não é um monstro completo. Tenho a sensação de que, se eu realmente prosseguisse com o casamento, ela teria algum tipo de plano secundário em vigor para garantir que eu não terminasse como a outra Hera. Não importa, porque ela não me perguntou.

Mas Zeus?

Sua reputação não é fabricada. Mesmo que ser um assassino de esposas seja apenas um boato, a maneira como ele lida com os inimigos não é. Ele não mantém seu controle ferrenho sobre o Olimpo sendo gentil e atencioso e evitando fazer ligações brutais. As pessoas o obedecem porque o temem. Porque ele lhes deu motivos para temê-lo.

Psique deve ver o medo em meu rosto, porque ela se inclina e

abaixa a voz. — Eu falo sério, Perséfone. Estamos bem e temos tudo sob controle aqui. Não se *atreva* a voltar por nós.

A culpa em que estive com muito cuidado, sem pensar por dias, ameaça sair pela minha garganta. Estive tão focada no meu plano, no meu jogo final, que realmente não parei para considerar que minhas irmãs poderiam estar pagando o preço. — Eu sou a pior irmã.

— Não. — Ela balança a cabeça. — Nem um pouco. Você quer sair e deveria sair. Todas as três poderíamos partir, se quiséssemos.

Isso não me faz sentir melhor. Na verdade, pode me fazer sentir pior. — Estar naquela cobertura, estar perto dessas pessoas... Isso me faz sentir como se estivesse me afogando.

— Eu sei. — Seus olhos escuros são simpáticos. — Você não tem que se justificar para mim.

— Mas meu egoísmo...

— Pare com isso. — Uma nota áspera se insinua na voz da minha irmã. — Se você quer culpar alguém, culpe mamãe. Culpe Zeus. Deuses, culpe os Treze inteiros se quiser. Não escolhemos esta vida. Estamos apenas tentando sobreviver. Isso parece diferente em nós quatro. Não *se* desculpe comigo e certamente não se chame de egoísta.

Minha garganta está queimando, mas me recuso a ter autopiedade o suficiente para chorar. Eu luto por um sorriso. — Você é muito inteligente para uma irmã mais nova.

— Tenho duas irmãs mais velhas brilhantes com quem aprender. — Ela desvia o olhar. — Eu tenho que ir. Ligue se precisar de alguma coisa, mas não se atreva a mudar seus planos por nós.

A ferocidade em sua voz garante que eu não vou. Eu forço um aceno de cabeça. — Eu não vou. Eu prometo.

— Bom. Fique segura. Amo você.

— Amo você também.

Em seguida, ela se foi, deixando-me olhando para a lareira vazia e me perguntando se eu cometi um erro horrível.

CAPÍTULO 19

Hades

O crepúsculo está caindo no céu quando termino as várias coisas que precisavam ser realizadas hoje e vou encontrar Perséfone. Nosso território está tão preparado quanto possível para o que está por vir. Meu pessoal avisou que pode haver interrupções no fornecimento e que deve planejar de acordo. Os espiões na parte alta da cidade estão em alerta máximo e prontos para voltar a atravessar o rio em segurança. Todo mundo está assistindo e esperando para ver o que Zeus e Deméter farão.

Estou cansado. Realmente cansado pra caralho. O tipo de exaustão que sobe sorrateiramente e arrasta uma pessoa entre um degrau e outro.

Eu não percebo o quanto estou ansioso para ver Perséfone até que eu entro na mini biblioteca e a encontro enrolada no sofá. Ela está usando um dos vestidos que Juliette entregou, um azul brilhante e feliz, e lendo um livro. Há um pequeno fogo crepitando na lareira, e a pura normalidade da cena quase me bate na bunda. Por uma fração de segundo, permito-me imaginar que *este* é um espetáculo que me saudaria no final de cada dia. Em vez de me arrastar para o meu quarto e desabar no meu colchão sozinho, eu encontro esta mulher esperando por mim.

Eu coloquei a fantasia de lado. Não posso me dar ao luxo de querer coisas assim. Não em geral, e não com ela. Temporário. Tudo isso é *temporário*.

Eu me preparo e dou um passo mais para dentro da sala, deixando a porta fechar suavemente atrás de mim. Perséfone olha para cima, e a expressão assombrada em seu rosto me faz mover imediatamente para ela. — O que está errado?

— Além do óbvio?

Sento-me no sofá ao lado dela, perto o suficiente para ser um convite se ela quiser, mas longe o suficiente para lhe dar espaço se ela precisar. Eu mal me acomodei quando Perséfone rasteja para o meu colo e puxa as pernas para cima até que ela se equilibre nas minhas coxas. Eu envolvo meus braços em torno dela e descanso meu queixo em sua cabeça. — O que aconteceu?

— Hermes entregou uma mensagem de minhas irmãs.

Eu sabia disso, é claro. Hermes pode ter uma habilidade fantástica de passar por meus guardas, mas nem mesmo ela consegue se esquivar completamente das câmeras. — Você ligou para elas e a conversa com suas irmãs te aborreceu.

— Eu acho que você poderia dizer isso. — Ela relaxa alguns centímetros contra mim. — Eu só estive sentada aqui, fervendo em minha autocomiseração. Eu sou uma idiota egoísta que jogou toda essa bagunça em movimento porque eu queria ser livre.

Nunca a ouvi soar tão amarga. Dou-lhe um golpe experimental e ela suspira, então faço de novo. — Sua mãe não foi forçada a assumir a posição de Deméter. Ela foi atrás disso.

— Estou ciente. — Ela traça meus botões com um único dedo. — Como eu disse, é autopiedade, o que é quase imperdoável, mas estou

preocupada com minhas irmãs e com medo de ter piorado a situação decolando em vez de apenas seguir os planos da minha mãe.

Não tenho certeza do que devo dizer para fazê-la se sentir melhor. Um dos efeitos colaterais de ser filho único e órfão é que não tenho muitas habilidades sociais. Posso intimidar, ameaçar e governar, mas o conforto está além da minha habilidade. Eu a puxo para mais perto como se isso fosse o suficiente para juntar todas as suas peças espalhadas novamente. — Se suas irmãs são metade tão capazes quanto você, elas vão ficar mais do que bem.

Ela dá uma risada estremecida. — Eu acho que elas podem ser mais capazes do que eu. Pelo menos Calisto e Psique. Eurídice ainda é *jovem*. Nós a mantivemos protegida ao longo dos anos, e agora estou me perguntando se isso foi um erro.

— Por causa de Orfeu.

— Ele não é um cara mau, eu acho. Mas ele ama a si mesmo e sua música mais do que ama minha irmã. Eu nunca vou ficar bem com isso. — Enquanto ela fala, ela relaxa, o resto da tensão se esvai. Bastou uma distração. Talvez eu não seja tão ruim nessas coisas reconfortantes quanto pensava. Arquivei a informação para mais tarde, mesmo quando digo a mim mesmo que não vale a pena. O tempo já está se esgotando, por mais que tenhamos o resto do inverno. Depois disso, não importa se eu sei como consolar Perséfone quando ela está chateada. Ela irá embora.

É tentador usar sexo para distraí-la, mas não sei se é o que ela precisa agora. — Você gostaria de sair daqui um pouco?

A maneira como ela se anima confirma que esta foi a decisão certa. Perséfone vira aqueles grandes olhos castanhos para mim. — Sério?

— Sim, sério. — Eu reprimo a vontade de dizer a ela para se vestir com roupas mais quentes. Não iremos longe, e a última coisa que quero agora é pressioná-la com muita força em qualquer coisa, não quando ela já está se sentindo tão frágil. Eu a tiro do meu colo e seguro sua mão enquanto ela fica de pé. — Vamos.

Perséfone sorri para mim. — Este é outro segredo como a estufa?

Ainda não consigo acreditar como é íntimo ter compartilhado isso com ela. Como se ela tivesse visto uma parte de mim que ninguém mais consegue ver. Em vez de se virar, ela parece entender o que aquele lugar significa para mim. Eu balanço minha cabeça lentamente. — Não, isso é outra coisa. Uma espiada atrás da cortina da cidade baixa.

Na verdade, seus olhos brilham ainda mais. — Vamos.

Quinze minutos depois, estamos de mãos dadas enquanto caminhamos pela rua. Parte de mim se pergunta se devo retirar minha mão, mas eu não quero, porra. Gosto da sensação de sua palma contra a minha, nossos dedos entrelaçados. Eu a conduzo para o leste, longe de casa, estabelecendo um ritmo que não a sobrecarregue muito. Não importa o que mais seja verdade, Perséfone não se recuperou totalmente da noite que a trouxe até mim. Ou talvez eu esteja apenas procurando uma desculpa para cuidar dela.

Caminhamos em silêncio fácil, mas posso dizer que seus pensamentos ainda estão ocupados com as irmãs. Não tenho nada a dizer que vá realmente confortá-la com essa nota, então me proponho a fornecer uma experiência que a tirará um pouco da cabeça. — Estamos quase lá.

Ela finalmente olha para mim. — Você vai me dizer onde *lá* é?

— Não.

— Que provocação.

Eu aperto a mão dela. — Talvez eu apenas goste da expressão em seu rosto quando você experimenta algo pela primeira vez.

É difícil dizer nas sombras da escuridão crescente, mas acho que ela cora. — Sabe, se você quiser me distrair, sexo é sempre uma boa opção.

— Vou manter isso em mente. — Eu nos viro por um beco estreito. Perséfone me segue sem hesitação até a grande porta de metal no final. Eu olho para ela. — Nervosa?

— Não —, ela responde imediatamente. — Estou com você, e nós dois sabemos que você não vai deixar nada acontecer comigo.

Eu pisco — Você tem certeza de mim?

Ela sorri, parte da preocupação em seus olhos se dissipando. — Claro que sim. Você é o temível Hades. Ninguém fode com você, o que significa que ninguém vai foder comigo enquanto eu estiver com você. — Ela se inclina, seus seios pressionando contra meu braço. — Certo?

— Certo. — Eu digo fracamente. Eu não posso nem desfrutar de sua provocação porque estou muito ocupado pensando em sua declaração casual. *Estou com você, e nós dois sabemos que você não vai deixar nada acontecer comigo.* Como se fosse tão simples. Como se fosse verdade.

Isto é. Eu cometeria atos imperdoáveis para manter Perséfone segura. Mas de alguma forma ouvi-la dizer em voz alta torna tudo muito mais real.

Ela confia em mim.

Eu aponto para a porta simplesmente para fazer algo. — Ainda há luz suficiente para estudar as colunas, se quiser.

— Eu gosto. — Ela segura minha mão enquanto olha para as colunas brancas de cada lado da porta. Eu a observo em vez deles, já sabendo o que ela está vendo. Um deleite em uma floresta mágica com sátiros e ninfas comendo, bebendo e se divertindo. Perséfone finalmente se inclina para trás e sorri para mim. — Outro portal.

— Portal?

— Mostre-me o que está atrás da porta, Hades.

Abro a porta e o suspiro de Perséfone quase se perde na comoção do outro lado. Ela começa a me empurrar, mas mantenho meu aperto em sua mão. — Não precisa correr.

— Fale por você mesmo. — Seus olhos estão ainda mais arregalados do que o normal quando ela vê a cena à nossa frente.

O mercado coberto está aberto na maioria das noites da semana durante o inverno. O teto está perdido na escuridão acima de nós, o armazém um espaço ecoante - ou seria se estivesse vazio. Nesta época do ano, está repleta de compradores e vendedores apressados. As baias semipermanentes são instaladas em filas estreitas. Todos têm um tamanho uniforme, mas os proprietários tornaram cada espaço seu, com dosséis de cores vivas e placas anunciando de tudo, desde produtos agrícolas a sabonetes, sobremesas e bugigangas. Todos eles têm lojas espalhadas pela cidade baixa, mas guardam aqui uma amostra de seus produtos.

Algumas dessas pessoas têm lojas desde que eu era criança. Algumas delas remontam gerações. Todo o armazém está cheio com o clamor de pessoas comprando e vendendo e uma mistura emaranhada de cheiros deliciosos de comida.

Eu uso o barulho como uma desculpa para deslizar meu braço em volta da cintura de Perséfone e puxá-la para perto para falar

diretamente em seu ouvido. — Com fome?

— Sim. — Ela ainda não tirou os olhos do mercado. Não está tão lotado hoje à noite como nos fins de semana, mas ainda há um grande número de pessoas amontoadas nas fileiras entre as barracas. — Hades, o que é isso?

— Mercado de inverno. — Eu inalo seu perfume de verão. — Durante os meses mais quentes, toda essa configuração se transforma em um quarteirão especificamente designado para essa finalidade. Está aberto todas as noites da semana, embora alguns dos fornecedores circulem.

Ela se vira para olhar para mim. — Isto é como um mundo secreto. Podemos... Podemos explorar? — Sua curiosidade e alegria são um bálsamo para minha alma que eu nunca soube que ansiava.

— É para isso que estamos aqui. — Mais uma vez, eu a puxo de volta quando ela foge no meio da multidão. — Comida primeiro. Essa é a minha única condição.

Perséfone sorri. — Sim senhor. — Ela salta na ponta dos pés e beija minha bochecha. — Leve-me ao seu restaurante favorito aqui.

Aí está de novo, a sensação de compartilhar partes de mim com essa mulher que ninguém mais consegue ver. De ela apreciar e desfrutar os pedaços de mim que não são estritamente Hades, governante da cidade baixa, o membro sombra dos Treze. Em momentos como este, é como se ela realmente me *visse*, e isso é inebriante ao extremo.

Acabamos em uma cabine giroscópica, e eu aceno para Damien atrás do balcão. Ele sorri para mim. — Há quanto tempo.

— Ei. — Eu empurro Perséfone para mais perto da cabine. — Damien, esta é Perséfone. Perséfone, este é Damien. A família dele

vende giroscópios no Olimpo, o que é? Três gerações?

— Cinco. — Ele ri. — Embora, se você perguntar ao meu tio, é mais perto de dez e, além disso, podemos traçar nossas linhas de volta à Grécia para algum cozinheiro chefe que serviu ao próprio César.

— Eu acredito nisso. — Eu rio exatamente como ele quer. Já tivemos essa troca dezenas de vezes, mas ele gosta, então estou mais do que feliz em atendê-lo. — Teremos dois regulares.

— Já está indo. — Ele leva alguns minutos para colocar os giroscópios juntos, e eu me permito apreciar a maneira como seus movimentos suaves falam de anos de prática. Ainda me lembro de vir aqui como um adolescente e assistir o pai de Damien conduzi-lo no processo de anotar um pedido e fazer o giroscópio, supervisionando seu filho com paciência e amor que invejei. Eles têm um bom relacionamento e era algo que eu queria absorver perifericamente, especialmente durante aqueles anos angustiantes da adolescência.

Damien segura os giroscópios. — Sem custos.

— Você sabe melhor. — Tiro o dinheiro do bolso e coloco no balcão, ignorando seus protestos indiferentes. Isso também fazemos quase todas as vezes que visito. Aceito os giroscópios e entrego um para Perséfone. — Por ali. — Eu a conduzo ao redor da borda do armazém para onde um punhado de mesas e cadeiras foram colocadas e escoradas contra a parede. Existem várias áreas de estar semelhantes espalhadas por toda a área, então, não importa onde alguém compre comida, eles não precisam caminhar muito para encontrar um lugar para sentar e comer.

Eu olho para encontrar Perséfone olhando para mim com uma expressão estranha no rosto. Eu franzo a testa. — O que?

— Com que frequência você vem aqui?

Minha pele se arrepia e tenho a desconfortável suspeita de que estou corando. — Normalmente, pelo menos uma vez por semana. — Quando ela continua olhando, eu tenho que lutar para não arrastar meus pés. — Eu acho o caos calmante.

— Esse não é o motivo completo.

Mais uma vez, ela é muito perceptiva. Estranhamente, não me importo em elaborar. — Esta é apenas uma pequena porção da população da cidade baixa, mas gosto de ver as pessoas cuidando de seus negócios. É normal.

Ela desembrulha seu giroscópio. — Porque elas estão seguras.

— Sim.

— Porque *você os* torna seguros. — Ela dá uma mordida antes que eu possa responder e dá um gemido totalmente sexual. — Deuses, Hades. Isso é incrível.

Comemos em silêncio, e a pura normalidade deste momento me bate bem no peito. Por um breve momento, Perséfone e eu poderíamos ser duas pessoas normais movendo-nos pelo mundo sem que o Olimpo inteiro ameaçasse cair se fizermos um movimento errado. Este pode ser um primeiro encontro, um terceiro ou um de dez anos depois. Eu fecho meus olhos e afasto esse pensamento. Não somos normais e isso não é um encontro, e no final do nosso tempo juntos, Perséfone vai deixar o Olimpo. Em dez anos, eu posso estar neste mesmo lugar curtindo um giroscópio sozinho, assim como fiz inúmeras vezes no passado, mas ela estará em algum lugar longe, vivendo a vida que sempre quis.

Um gasto sob a luz do sol.

Seu invólucro vazio amassa quando ela o embala. Ela se inclina para frente, expressão intensa. — Mostre-me tudo.

— Não há como vermos tudo esta noite. — Antes que ela possa murchar, eu prossigo. — Mas você pode explorar um pouco esta noite e voltar a cada poucos dias até ver tudo o que deseja.

O sorriso que ela me dá é tão puro que parece que ela abriu meu esterno e colocou o punho em volta do meu coração. — Promete?

Como se eu fosse negar a ela este prazer simples. Como se eu fosse negar a ela *qualquer* prazer. — Eu prometo.

Passamos uma hora vagando pelas barracas antes de levar Perséfone de volta à entrada. Durante esse tempo, ela conseguiu encantar cada pessoa que conhece, e acabamos com uma braçada de sacolas cheias de doces, um vestido que chamou sua atenção e um trio de estatuetas de vidro para suas irmãs. Quase me sinto culpado por encurtar o tempo dela, mas a sabedoria disso se torna imediatamente aparente quando voltamos para casa. Quando chegamos ao nosso quarteirão, Perséfone está se apoiando em mim.

— Eu não estou cansada.

Eu luto contra um sorriso. — Certo.

— Eu não estou. Estou apenas conservando energia.

— Mm-hmm. — Eu tranco a porta atrás de nós e a considero. — Então, suponho que devo resistir a carregá-la para cima e colocá-la na cama.

Perséfone mordisca o lábio inferior. — Quer dizer, se você *quiser* me carregar, acho que posso reduzir meus protestos ao mínimo.

Essa sensação dela apertando meu coração só fica mais forte. — Nesse caso... — Eu a pego, com sacolas e tudo, apreciando seu pequeno grito. Apreciando a maneira como ela deita a cabeça no meu peito com tanta confiança. Apenas desfrutando dela.

Hesito no patamar do segundo andar, mas ela se inclina e dá um beijo no meu pescoço. — Leve-me para a cama, Hades. — Não dela. Minha.

Dou um breve aceno de cabeça e continuo subindo as escadas para o meu quarto. Eu coloco Perséfone na cama e dou um passo para trás. — Você quer que eu traga suas coisas aqui?

Ela faz aquela coisa adorável de mordiscar o lábio novamente. — Isso é presunçoso? Eu sei que a noite passada foi uma coisa, mas estou sendo agressiva sobre isso, não estou?

Talvez, mas gosto da maneira como ela constrói um espaço para si mesma na minha casa, na minha vida. — Eu não ofereceria se não quisesse você aqui.

— Então sim, por favor. — Ela estende a mão para mim. — Venha para a cama.

Eu pego suas mãos antes que ela possa começar a desabotoar minha camisa. — Guarde suas coisas. Preciso fazer minhas rondas antes que qualquer outra coisa aconteça.

— Suas rondas. — Ela me encara, vendo muito, como sempre parece. Fico tenso, esperando que ela questione, pergunte por que sinto a necessidade de verificar as fechaduras quando tenho um dos melhores sistemas de segurança que o dinheiro pode comprar e uma equipe de seguranças. Em vez disso, ela apenas balança a cabeça. — Faça o que você precisa fazer. Estarei esperando.

Mesmo que eu queira correr, sei que não vou conseguir dormir até que verifique todas as entradas e saídas no andar térreo adequadamente. Especialmente agora que Perséfone está aqui, confiando em mim para mantê-la segura. Por todos os direitos, o conhecimento deve adicionar peso aos meus ombros, mas é

estranhamente confortável. Como se as coisas devessem ser assim. Não faz nenhum sentido para mim, então tirei isso da minha mente.

Eu paro na sala de segurança para checar meu pessoal, mas como esperado, não há nada novo para relatar. Qualquer movimento que Zeus faça ainda está para ser visto, mas é improvável que ele o faça esta noite.

Haverá um tempo para *eu* fazer outro movimento, mas estou hesitante em fazê-lo. Ainda não, não quando as coisas estão indo tão bem com Perséfone. Melhor deixar as coisas ferverem um pouco e ver o que Zeus faz antes de fazermos qualquer outra coisa.

A desculpa parece frágil pra caralho, provavelmente porque é. Eu não me importo. Afasto os pensamentos e volto para o meu quarto. Não tenho certeza do que espero, mas não é encontrar Perséfone na minha cama, dormindo profundamente.

Eu fico lá e fico olhando, deixando a cena tomar conta de mim em ondas. A maneira como ela está enrolada de lado, os cobertores agarrados ao peito com um punho solto. Seu cabelo já está uma massa emaranhada sobre o travesseiro. Ela está de costas para o que era o meu lado da cama na noite passada, como se estivesse apenas esperando que eu me junte a ela e enrole meu corpo em torno dela.

Esfrego meu polegar contra meu esterno, como se isso fosse aliviar a dor lá. É tentador me juntar a ela na cama agora, mas eu me forço para o meu armário, tiro a roupa e vou para o banheiro para fazer meu ritual noturno.

Ela está exatamente onde a deixei quando eu volto, e apago as luzes e desligo entre as cobertas. Talvez eu esteja lendo muito sobre isso. Ela adormeceu, mas já disse que não é muito carinhosa. Só

porque ela está aqui não significa que seja um convite...

Perséfone se estica para trás e agarra minha mão. Ela vem minha direção enquanto me puxa para mais perto, apenas parando quando estamos selados do tronco à coxa. Ela puxa meu braço para enrolar em torno de seu peito com o cobertor e dá um suspiro sonolento. — Boa noite, Hades.

Eu pisco na escuridão, não sendo mais capaz de negar o fato de que essa mulher mudou irreversivelmente minha vida. — Boa noite, Perséfone.

CAPÍTULO 20

Perséfone

Um dia se passa, e depois outro, uma semana sangrando na próxima. Eu passo meus dias alternadamente obcecada sobre quando minha mãe e Zeus farão sua mudança e afundando na distração que a vida com Hades oferece. Cada lugar de sua casa é uma nova exploração, contendo um segredo para guardar perto do meu coração. Existem prateleiras enfiadas em cada canto e fenda, todas cheias de livros com lombadas desgastadas por muitas releituras. Conquisto um cômodo por dia, prolongando essa jornada, sentindo que estou cada vez mais perto de conhecer o dono deste lugar.

Várias vezes por semana, revisitamos o mercado de inverno e Hades me permite puxá-lo como um animal de pelúcia bem amado enquanto eu exploro. Ele também começou a me mostrar outras joias escondidas que a cidade baixa tem a oferecer. Consigo ver dezenas de colunas, cada uma retratando uma cena única que se relaciona com o negócio que abrangem. Eu nunca me canso de como sua expressão vai de cautelosa a um pouco pasma quando ele percebe o quanto eu valorizo essas experiências. Sinto que está me permitindo conhecer essa parte da cidade, sim, mas também o homem que a governa.

E as noites? Minhas noites são repletas de conhecê-lo de uma maneira totalmente diferente.

Fecho o livro que não estava lendo e olho para ele. Ele está sentado do outro lado do sofá com uma pilha de papéis e um laptop. Se eu apertar os olhos um pouco, quase posso fingir que

somos pessoas normais. Que ele trouxe seu trabalho para casa com ele. Que estou perfeitamente satisfeita em ser uma dona de casa ou qualquer rótulo que se encaixe no meu status atual.

— Você está pensando bastante aí. — Ele diz sem olhar para cima.

Eu mexo com o livro. — É um livro muito bom. Um verdadeiro quebra-cabeças. — Não pareço nem remotamente convincente.

— Perséfone. — A seriedade em seu tom exige uma resposta. Uma resposta *verdadeira*.

As palavras borbulham antes que eu possa chamá-las de volta. — Você não me levou de volta para sua masmorra de sexo.

— Não é uma masmorra de sexo.

— Hades, é a própria definição de masmorra de sexo.

Com isso, ele finalmente deixa seu laptop de lado e me dá toda a atenção. Suas sobrancelhas se juntam. — Estamos nos divertindo.

— 'Divertindo' dificilmente começa a cobrir isso. Gosto de explorar sua casa e a cidade baixa. Eu gosto de explorar *você*. — Minhas bochechas esquentam, mas eu continuo. — Mas você disse que queria que as pessoas nos levassem a sério, e como elas podem nos levar a sério se você não está me tratando como elas esperam que você faça?

— Eu não queria compartilhar você com os voyeurs da cidade alta. — Ele diz isso de forma simples, como se não estivesse jogando uma bomba. Hades puxa o cobertor sob o qual me enrolei e o joga no chão. — Você está certa, no entanto. É possível que eles ainda não tenham se movido porque não os forçamos.

Eu fico um pouco derretida com a sensação de sua mão fechando em volta do meu tornozelo. É sempre assim com ele. Eu continuo

esperando que a intensidade desapareça, que o acesso um ao outro acabe com o brilho de fazer sexo um com o outro. Ainda não aconteceu. Na verdade, as últimas semanas me fizeram desejá-lo mais. Sou o cachorro de Pavlov. Ele me toca, e estou instantaneamente doendo por ele.

Sobre o que estamos falando?

Eu me dou uma sacudida mental e tento me concentrar. — Estamos tentando fazê-los agir?

— Estamos tentando machucá-los. Ou ele, pelo menos. — Hades desliza a mão pela minha panturrilha para enganchar a parte de trás do meu joelho e me puxar para baixo do sofá para ele. Fomos direto para o quarto dele depois de jantar em um pequeno restaurante charmoso na rua, então ainda estou usando um dos vestidos que Juliette fez para mim. Pela forma aquecida como Hades passa seu olhar sobre mim, ele gosta ainda mais quando está agrupado em torno das minhas coxas. — Mostre-me.

Eu me abaixo com as mãos trêmulas e puxo meu vestido para cima, só um pouco, apenas o suficiente para dar a ele uma olhada por baixo.

Hades levanta as sobrancelhas. — Olhe para você, usando calcinha como uma boa menina.

— Sim, bem, às vezes eu gosto da provocação. — Eu deixo a saia cair até minha cintura e puxo minha calcinha para o lado. Não importa que Hades tenha visto e colocado sua boca em cada centímetro de mim. É uma *sensação* ruim fazer isso, e chegar ao limite desse sentimento é um vício que não tenho certeza se algum dia vou me livrar. Não consigo pensar nisso agora, não consigo contemplar *depois*.

Depois que o inverno acabar. Depois de ganhar minha liberdade. Depois de sair da vida de Hades para sempre.

Ele me puxa mais alguns centímetros para mais perto e se inclina para se acomodar entre minhas coxas abertas. Um único olhar e eu libero minha calcinha e me apoio nos cotovelos. Hades pressiona um beijo de boca aberta na seda. Eu choramingo. — Deuses, isso é bom.

Ele parece não ter interesse em tirar minha calcinha do caminho, trabalhando-me através do tecido lentamente, deixando-me toda molhada e escorregadia. É só quando estou respirando com dificuldade e lutando para não levantar meus quadris que ele olha para cima. — Teremos uma festa amanhã.

— Uma festa.

— Mm-hmm. — Ele finalmente, *finalmente* fuça a calcinha para o lado e dá um beijo lento e profundo na minha boceta. — Me diga o que você quer. Descreva em detalhes.

Eu tenho que morder de volta um gemido. — O que?

— Agora.

Eu fico olhando para ele. Ele quer que eu descreva o que eu quero agora, enquanto ele está me fodendo com a língua? Aparentemente sim. Eu mordo meu lábio inferior e tento me concentrar nas ondas de prazer que ele está enviando pelo meu corpo. Tive muito tempo para conhecer meus gostos e os gostos de Hades, mas parece um nível completamente diferente. — Eu, uh, eu quero...

Eu não quero contar a ele.

Eu cavo meus dedos em seu cabelo e levanto meus quadris para dar a ele melhor acesso. A próxima lambida nunca vem. Apesar do meu controle sobre ele, Hades se levanta facilmente para longe de

mim. Suas sobrancelhas se juntam enquanto ele procura meu rosto. — Com tudo o que fizemos nas últimas semanas, o que você poderia querer que a faça hesitar agora?

— Eu gosto de estar com você. Eu amo o que fazemos juntos.

Ele franze a testa com mais força. — Perséfone, se eu não estivesse pronto para dar a você tudo o que você precisa, eu não teria pedido.

Eu não quero. Eu realmente, realmente não quero. É muito errado, muito sujo, mesmo para nós. Eu sei que é hipócrita ao extremo chamar Hades para se conter comigo e depois virar e fazer o mesmo com ele, mas é diferente. Ele *é* diferente.

Ele se move enquanto eu ainda estou lutando comigo mesma, sentando-se e me puxando para seu colo. Minhas costas para seu peito, minhas pernas se espalharam para fora de suas coxas. Assim como eu estava naquela noite em que ele me fez gozar e então montei seu pau na frente de todos.

A mesma noite que semeou a fantasia que tenho medo de expressar.

Hades desliza a mão em minha calcinha para espalhar minha boceta e empurra dois dedos em mim. Então ele para, me segurando no lugar da maneira mais íntima possível. — Você está tensa, pequena sereia. Isso está trazendo de volta memórias?

— Claro que não. Por que você diria isso? — Falo muito rápido, minha voz muito ofegante para fazer minha bravata nem um pouco convincente.

Ele beija meu pescoço e se move até minha orelha. — Diga-me.

— Eu não quero.

— Você acha que vou julgá-la?

Não é isso. Eu choramingo enquanto ele enrola os dedos ao longo da minha parede interna. Só assim, a verdade derrama de meus lábios. — Eu não quero fazer nada que você não queira fazer.

Ele fica parado por um longo momento e então ri contra a minha pele. — Eu acertei um nervo naquela noite, não foi? — Outra deliciosa onda de seus dedos. Sua voz ressoa em meu ouvido. — Diga. Diga-me que fantasia você teve no fundo da sua mente desde aquela festa.

Minha resistência desmorona. Eu fecho meus olhos. — Eu quero ser a única no estrado. Não no canto sombrio com você. Bem ali no centro das atenções enquanto você me fode na frente de todos. Onde você me reivindica e me torna sua, onde todos possam ver.

Ele continua acariciando meu ponto G. — Foi tão difícil?

— *Sim*. — Eu agarro seu antebraço, mas nem eu posso dizer se estou tentando afastá-lo ou mantê-lo me tocando. — Eu sei que você não gosta de ser exposto assim.

— Mmmm. — Ele belisca minha orelha. Ele pressiona a palma da mão contra meu clitóris. — Você acha que há algo que eu não daria a você enquanto você é minha? Porra *qualquer coisa*, pequena sereia.

Eu não tenho palavras, mas tudo bem porque ele aparentemente tem palavras suficientes para nós dois. Ele mantém aqueles movimentos lentos, uma espiral constante de prazer através de mim, mais e mais forte, como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

Tempo é algo que não temos.

Sua mão livre sobe para arrancar as alças do meu vestido dos meus ombros e deixá-lo cair na minha cintura. De alguma forma, estar meio vestida enquanto ele me fode com os dedos é ainda mais sensual do que se eu estivesse nua. Hades sempre sabe o que me tira do sério e nunca hesita em colocar isso em realidade. — Eu vou te curvar em

uma cadeira e levantar sua saia para que todos possam ver sua pequena boceta necessitada. Abrir bem você com meus dedos.

— Sim. — Eu murmuro.

— Eu vou dar isso a você, amor. Vou te dar tudo. — Ele ri sombriamente. — Você gostaria de saber uma verdade?

— Sim.

— Vou começar a brincar com essa fantasia também. — Ele empurra um terceiro dedo em mim. — Se eu quiser te despir e te foder até que você implore por misericórdia, é exatamente o que vou fazer. Porque me agrada. Porque isso vai te tirar do sério. Porque não há nada que você possa me pedir que eu não lhe dê. Você entende?

— *Sim*. — É isso, a coisa que eu não conseguia conceituar, a razão pela qual aquela ameaça sombria era tão promissora para mim. Eu deveria saber que ele entenderia, não deveria ter duvidado dele.

Hades me puxa para cima e me dobra sobre o braço do sofá. Ele levanta minha saia e puxa minha calcinha até minhas coxas. — Não se mova. — Ele desaparece por alguns segundos e há o som de uma embalagem de preservativo. E então ele está abrindo caminho dentro de mim, uma polegada por polegada devastadora.

A posição cria um ajuste mais apertado e minha calcinha me impede de espalhar minhas coxas. É a escravidão mais leve que se possa imaginar, mas a torna mil vezes mais quente. Hades engancha os dedos em meus quadris e então ele está me fodendo. Eu me esforço para segurar a almofada, mas meus dedos deslizam pelo couro, incapaz de encontrar apoio. Hades não hesita. Ele me puxa para cima e para trás contra seu peito, uma mão segurando minha garganta e a outra mergulhando para pressionar contra meu clitóris. Cada golpe

cria uma fricção deliciosa que me eleva a novas alturas.

Sua voz é tão baixa que quase posso sentir mais do que ouvir. — Sua boceta é minha para fazer o que eu quiser. Em público. Em particular. Onde eu quiser. A pequena sereia, é *minha.*

— Se eu sou sua... — E eu sou. Sem dúvida sou. Não consigo recuperar o fôlego, mal consigo pronunciar as próximas palavras. — Então você é meu também.

— Sim. — Sua voz áspera em meu ouvido. — Porra, sim, eu sou seu.

Eu gozo forte, me contorcendo contra sua mão e ao redor de seu pênis. Hades me inclina de volta sobre o sofá e termina com uma série de estocadas brutais. Ele puxa para fora, e eu mal tenho a chance de perder a sensação dele nas minhas costas antes de ele retornar e me levantar em seus braços. Depois daquela primeira noite visitando o mercado de inverno, parei de reclamar sobre ele me carregando. Nós dois sabemos que seria uma mentira se eu continuasse, porque eu gosto desses momentos tanto quanto ele parece gostar.

Ele nos leva até o que se tornou nosso quarto e me coloca no chão. Eu pego seu pulso antes que ele possa mover-se para o interruptor de luz como ele normalmente faz. — Hades?

— Sim?

O desejo de baixar meu olhar, de deixar isso ir, é quase opressor, mas depois que ele exige que eu seja honesta e vulnerável com ele, não posso exigir nada além do mesmo em troca. Eu encontro seus olhos. — Mantenha as luzes acesas? Por favor.

Ele fica tão quieto que acho que para de respirar. — Você não quer isso.

— Eu não pediria se não quisesse. — Eu sei que deveria parar de

empurrar, mas não consigo evitar. — Você não confia em mim para não me afastar?

Sua respiração estremece. — Não é isso.

É assim que parece. Mas dizer isso o coloca em uma posição terrível. Quero sua confiança da mesma forma que ele parece desejar a minha; forçar o problema não é a maneira de obtê-lo. Relutantemente, eu libero seu pulso. — Ok.

— Perséfone... — Ele hesita. — Tem certeza?

Algo vibra em meu peito, tão leve e fluido quanto a esperança, mas de alguma forma mais forte. — Se você se sentir confortável com isso, sim.

— Ok. — Suas mãos se movem para os botões de sua camisa e param. — Ok —, ele repete. Lentamente, muito lentamente, ele começa a tirar a roupa.

Mesmo quando digo a mim mesma para não olhar, não consigo deixar de beber à vista dele. Eu senti suas cicatrizes, mas elas são quase horríveis de se ver na luz. O perigo absoluto que ele deve ter corrido, a dor que ele sobreviveu, me deixa sem fôlego. As queimaduras cobrem a maior parte de seu torso e descem pelo quadril direito. Suas pernas têm cicatrizes menores, mas nada no mesmo nível do peito e das costas.

Zeus fez isso com ele.

Aquele bastardo teria matado uma criança pequena da mesma maneira que matou os pais de Hades.

O desejo de envolver este homem e protegê-lo torna meu tom feroz. — Você é lindo.

— Não comece a mentir para mim agora.

— Quero dizer. — Eu levanto minhas mãos e as pressiono

cuidadosamente em seu peito. Já o toquei dezenas de vezes, mas esta é a primeira vez que o vejo completamente. Parte de mim se pergunta o que aconteceu com ele nos anos desde o incêndio que fez com que ele se escondesse de forma tão eficaz, mesmo durante o sexo, e o desejo protetor girando em mim fica mais forte. Não posso curar as cicatrizes desse homem, nem internas nem externas, mas certamente posso ajudar de alguma forma? — Você é lindo para mim. As cicatrizes são parte disso, parte de *você*. Elas são uma marca de tudo que você sobreviveu, de quão forte você é. Aquele filho da puta tentou te matar quando criança e você sobreviveu a ele. Você vai vencê-lo, Hades. Você irá.

Ele me dá a sombra de um sorriso. — Eu não quero vencê-lo. Eu o quero morto.

CAPÍTULO 21

Hades

Eu acordo com Perséfone em meus braços. Tornou-se minha parte favorita do dia, aquele primeiro deslize de consciência e o calor dela. Apesar do que ela disse naquela primeira vez, ela é carinhosa, e não importa por onde começamos quando caímos no sono, porque ela encontra seu caminho até mim no escuro. Repetidamente, todas as noites que passamos juntos na minha cama.

Se eu fosse um tipo de homem esperançoso, veria isso como um sinal de algo mais. Eu sei melhor. Ela gosta do que fazemos juntos. Ela até gosta de *mim* pelo menos uma quantidade tolerável. Mas a única razão de estarmos juntos agora é porque estamos em caminhos paralelos para fazer Zeus pagar. O segundo que for cumprido, isso termina.

Nenhum de nós é tolo o suficiente para acreditar que as últimas semanas não passam de um silêncio antes da tempestade. Todo mundo pensa que Zeus é barulhento e impetuoso, mas ele só serve para distrair o que está fazendo nos bastidores. Por três semanas, ele foi a festas e agiu como se nada estivesse errado. Deméter não cumpriu publicamente sua ameaça, mas as remessas para a cidade baixa diminuíram consideravelmente. Se não tivéssemos passado anos nos preparando para sermos cortados, meu povo estaria sofrendo agora.

Tudo por orgulho.

Eu aliso o cabelo dourado de Perséfone para trás de seu rosto. Se eu fosse um homem melhor... Mas não sou. Eu me coloquei neste

caminho e vou acompanhá-lo até o fim. Eu deveria estar encantado por ela querer representar a fantasia que descrevi para ela naquela noite. Talvez ela me foder não seja o suficiente para forçar a mão de Zeus, mas cada vez que ela cavalga meu pau em público, chegamos mais perto desse ponto. Cada vez que o boato gira com o que as pessoas testemunharam ao visitar meu salão de jogos, seu valor percebido diminui aos olhos de Zeus. Uma jogada brilhante, mesmo que não seja por motivos brilhantes.

Ela quer. Eu quero dar a ela. Isso é motivo suficiente para mim.

Perséfone se mexe contra mim e abre aqueles olhos castanhos. Ela sorri. — Dia.

O baque surdo em meu peito que acontece cada vez mais ao redor dela ganha dentes e garras. Não posso deixar de sorrir em resposta, mesmo que parte de mim queira dar o fora desta cama e começar a andar e não parar até que esteja sob controle. Só porque nunca me senti assim antes, não significa que não estou ciente do que está acontecendo.

Estou me apaixonando por Perséfone.

Talvez houvesse tempo para me salvar se eu desistisse agora, mas não tenho tanta certeza. De qualquer maneira, não importa. Não vou parar até que seja necessário, não importa quanta dor isso cause no final disso. Eu aliso seu cabelo para trás novamente. — Dia.

Ela se aconchega mais perto e coloca a cabeça no meu peito cheio de cicatrizes, como se a visão não a repulsasse. Quem sabe? Talvez não. Ela seria a única, no entanto. Tive um relacionamento muito cedo em que fiquei nu com meu parceiro, e sua resposta foi forte o suficiente para garantir que eu nunca mais fizesse isso. Talvez outros fossem mais acolhedores, mas nunca lhes dei a chance.

Não estou dando a ela uma chance agora.

— As coisas estão indo bem? — Sua mão treme como se ela quisesse me tocar, mas então ela parece forçadamente imobilizá-la na minha cintura. Respeitando o quão difícil ainda é para mim ficar deitado aqui na luz da manhã com minhas cicatrizes expostas. — Você não falou muito esta semana sobre linhas de abastecimento e coisas do gênero.

Eu solto uma respiração lenta e tento relaxar. Não sei se quero que ela me toque ou não. Eu não sei merda nenhuma quando se trata dessa mulher, aparentemente. É quase um alívio focar no problema maior fora deste quarto. — Estamos em um padrão de espera. Os suprimentos continuam diminuindo, mas estávamos preparados para isso. Zeus nem mesmo mexeu em nossas fronteiras.

Ela fica tensa. — Eu não posso acreditar que minha mãe seria tão cruel. Eu sinto muito. Eu honestamente pensei... — Ela dá uma risada melancólica. — Não sei o que pensei naquela primeira noite. Que ninguém sentiria minha falta se eu desaparecesse? Parece muito míope quando olho para trás agora.

— Não foi tão míope, mas você estava apavorada e reagindo. — Mas agora conheço Perséfone bem o suficiente para saber que agir sem um plano equivale a um pecado imperdoável. — Significa apenas que você é humana. Os humanos ficam assustados e correm às vezes. Não é algo pelo qual você precisa se bater.

Ela solta um suspiro, mas ela ainda está olhando para as coisas além deste quarto. — Eu não consigo ser humana. Não quando todo o meu futuro está em jogo. E mesmo assim, eu deveria estar pensando em outra pessoa além de mim.

Então, estamos de volta a isso.

Eu a envolvo em meus braços e a seguro perto. — Você confia em mim, Perséfone?

— O que? — Ela estica o pescoço para ver meu rosto, suas sobrancelhas escuras franzidas. — Que tipo de pergunta é essa?

— Uma legítima. — Tento não prender a respiração enquanto espero por uma resposta.

Graças aos deuses ela não me faz esperar muito. Perséfone acena com a cabeça, de repente solene. — Sim, Hades, eu confio em você.

A sensação de arranhões no meu peito só fica mais forte. Parece que meu coração está tentando cavar seu caminho através do tecido calcificado para chegar até ela. Estou rapidamente chegando ao ponto em que cortaria meu peito e arrancaria meu coração apenas para poder apresentá-lo a ela. O que diabos há de errado comigo? Ela está indo embora. Ela está saindo.

Nunca pensei que ela levaria meu coração partido com ela quando fosse embora.

— Hades?

Eu pisco e afasto a nova revelação. — Se você confia em mim, então confie em mim quando digo que você está se saindo melhor do que qualquer outra pessoa estaria na sua situação.

Ela está franzindo a testa para mim novamente. — Não é tão simples assim.

— É simples assim.

— Você não pode simplesmente decretar que assim seja e limpar todas as dúvidas da minha mente.

Eu ri. — Eu não faria isso mesmo se pudesse. Eu gosto de você quando você é difícil.

Perséfone se mexe, deslizando uma perna sobre meus quadris e

se movendo para sentar em mim. Com o cabelo uma bagunça e o corpo iluminado pelo sol fraco da manhã entrando sorrateiramente pelas cortinas, ela parece uma espécie de deusa da primavera, toda quente e terrosa.

Ela sustenta meu olhar. — Já que estamos no assunto de confiança, quero falar sobre proteção. — Ela está perfeitamente imóvel, como se ela não notasse meu pau endurecendo contra ela. — Tipo, eu gostaria de parar de usá-la.

Minha respiração fica presa na minha garganta. — Você não tem que fazer isso.

— Eu sei, Hades. Eu não tenho que fazer nada com você que eu não queira fazer.

A maneira fácil como ela diz isso me faz sentir... Ela simplesmente me faz sentir. Bastante. Eu gentilmente coloco minhas mãos em seus quadris. — Eu sou testado regularmente.

Ela balança a cabeça como se não esperasse menos, acreditando na minha palavra. A confiança absoluta que ela deposita em mim é um pouco impressionante. Perséfone cobre minhas mãos com as dela. — Não estive com ninguém desde a minha ex-namorada e fui testada depois disso. Eu também estou usando anticoncepcional - um DIU.

— Você não tem que fazer isso. — Eu repito. Eu quero estar dentro dela sem uma barreira mais do que quase qualquer coisa agora, mas também não quero que ela concorde com algo para o qual não está cem por cento pronta. Eu realmente deveria conhecer Perséfone melhor agora.

— Hades. — Ela não se move. — Do *que você* não quer? Porque está tudo bem se você não fizer isso. Eu sei que há alguma confiança

envolvida em todo o assunto do controle de natalidade, e se você não se sentir confortável com isso, tudo bem também. Eu prometo que é.

Por um momento, eu apenas fico olhando para ela em estado de choque. Quando foi a última vez que alguém levou em consideração *meu* nível de conforto? Não sei. Eu realmente não tenho a porra da ideia. Quando estive com parceiros no passado, *eu* era o dominante, o responsável por projetar as cenas e executá-las. Gosto desse papel, como ter outros se submetendo a mim, mas não percebi como estou *cansado* até que Perséfone me oferece a menor das considerações.

Ela está franzindo a testa novamente. — Oh deuses, eu cruzei uma linha, não foi? Eu sinto muito. Esqueça o que eu disse.

Eu aperto meu punho em seus quadris antes que ela possa se mover. — Aguente. Me dê um segundo.

— Leve o tempo que precisar. — Ela diz isso com tanta mansidão que quase rio.

Eu finalmente consigo me controlar. — Acho que estamos na mesma página. — Falo devagar, sentindo meu caminho. — Se você mudar de ideia a qualquer momento, voltaremos aos preservativos.

— Se você mudar de ideia também. — Ela me dá um sorriso feliz e agarra meus pulsos, lentamente trazendo minhas mãos até seus seios. — Nunca é um momento melhor para começar do que agora.

— Não posso discutir isso.

Ela arqueia as sobrancelhas. — Sério? Você não vai discutir nem um *pouco*? Que decepcionante.

Eu agarro sua nuca e a puxo para baixo para encontrar minha boca. Por mais que eu goste de ir e vir com ela, não estou com humor agora. A quantidade de confiança que ela está colocando em mim me

deixa desconcertado em um nível com o qual não estou preparado para lidar. Isso não é nada tão simples quanto dizer verdades uns aos outros. Ela está acreditando na minha palavra de que está segura comigo neste momento.

Perséfone derrete contra meu peito, encontrando ansiosamente meu beijo. Eu deslizo minhas mãos para agarrar sua bunda e a movo o suficiente para que meu pau entalhe em sua entrada. Eu fico perfeitamente imóvel, dando a ela muito tempo para mudar de ideia. Eu realmente deveria saber melhor agora. Ela se colocou neste caminho e está pronta para correr ansiosamente, assim como parece fazer com todo o resto.

Ela circula seus quadris lentamente, trabalhando a cabeça do meu pau dentro dela. Perséfone se move para sussurrar em meu ouvido. — Isso parece tão ruim, não é? Você é tão difícil que me deixa louca. — Ela dá outro giro de quadril. — Fale comigo, Hades. Diga-me como se sente. Eu adoro quando você derrama sujeira sensual em meus ouvidos enquanto está dentro de mim.

Eu também adoro. Eu deixo minhas mãos descerem por sua bunda para acariciar o ponto onde a curva encontra a parte de trás de suas coxas. — Você está tão apertada e molhada, pequena sereia. Eu acho que você gosta de ser perversa.

— Sim. — Ela afunda mais um centímetro lento em mim.

— Não banque a tímida. Você queria meu pau. Agora pegue.

Ela geme e bate todo o caminho para baixo, me embainhando ao máximo. Eu enredo meus dedos em seu cabelo e a puxo para outro beijo. É bagunçado e perfeito pra caralho. Fica ainda melhor quando ela começa a se mover, girando os quadris mesmo enquanto ela luta para não interromper o beijo. Já posso dizer que não será o suficiente.

Eu a solto e a cutuco de volta para pressionar minha mão no centro de seu peito, pedindo-lhe que se sente. — Monte-me.

Ela obedece, arqueando as costas e me montando em golpes lentos e decadentes. Eu vejo meu pau desaparecer em sua buceta e tenho que lutar para não gozar sozinho. A sensação dela sem uma barreira entre nós, a quantidade absoluta de confiança que ela está colocando em mim, é tudo muito inebriante. Eu não consigo pensar. Eu sinto que estou tendo uma experiência fora do corpo, porque a única coisa que posso fazer é segurá-la enquanto ela me fode lenta e completamente.

Ela é uma deusa dourada e eu sou apenas um mortal que nunca a merecerá.

Perséfone agarra meus pulsos novamente, movendo uma mão para o ápice de suas coxas. — Toque-me. Por favor, Hades. Me faça vir. — Ela move a outra para segurar sua garganta e se inclina para o contato. — Não pare.

Foda-se doce.

Eu tensiono meu braço, deixando-a pressionar sua garganta com mais força contra a palma da minha mão, deixando-a controlar a pressão e traçar círculos lentos em torno de seu clitóris com meu polegar. Seus olhos se fecham de prazer, e então ela goza, sua boceta apertando em volta do meu pau. É muito. Outra vez, irei mais devagar, durarei mais, mas agora tudo que quero é segui-la até o limite. Eu derramo dentro dela, o prazer me oprimindo.

Perséfone pega minha boca, *me* pega, em um beijo que desacelera tudo e me acomoda de volta ao meu corpo, célula por célula. Eu envolvo meus braços em torno dela e a seguro perto. Meu coração parece sangrento e cru e isso deveria me assustar, mas de alguma

forma é catártico pra caralho. Não entendo, mas não preciso entender.

Eu pressiono um beijo em sua testa. — Vamos tomar um banho e começar a andar.

— Sério? — Ela se estica contra mim, uma sensação inebriante de sua pele contra a minha. — Achei que talvez pudéssemos apenas matar a saudade e ficar na cama

— Se fizermos isso, não poderemos visitar a estufa novamente hoje.

Ela levanta a cabeça tão de repente que quase me acerta no queixo. — A estufa?

Se eu tivesse alguma dúvida sobre meus planos para o dia, a felicidade escrita em suas feições os teria banido. — Sim.

Ela está de pé e fora de mim antes que eu tenha a chance de me preparar para isso. — Bem, então, o que você está esperando? Vamos andando.

Eu observo sua bunda enquanto ela atravessa o quarto e desaparece pela porta do banheiro. Alguns segundos depois, a água é aberta e sua voz sai flutuando. — Chegando? Acho que vamos economizar tempo se compartilharmos um banho. — A cadência perversa de seu tom desmente as palavras.

Eu me pego sorrindo enquanto saio da cama e vou em direção ao banheiro. — Economizar tempo e água. Soa como um plano.

CAPÍTULO 22

Perséfone

Hades e eu passamos uma hora feliz na estufa, e então fazemos algumas paradas enquanto voltamos para casa para que ele possa ver e ser visto. Ele não diz explicitamente que é por isso que estamos vagando pelos corredores de uma loja de ferragens depois que fizemos o mesmo em uma pequena loja de mercado, mas vejo como as pessoas o observam. Pela maneira cuidadosa com que ele observa as prateleiras vazias, não tenho dúvidas de que ele está criando uma lista mental de lacunas na cadeia de suprimentos e procurando maneiras de tampar esses buracos para que seu pessoal não sofra.

Ele é brusco e direto ao ponto da grosseria, mas não poderia estar mais claro que seu povo idolatra o solo em que ele pisa. Perco a conta de quantas vezes os lojistas o agradecem por cuidar deles enquanto as coisas estão apertadas.

E ainda, as pessoas estão trabalhando juntas para garantir que todos sejam cuidados. É uma mentalidade da qual me lembro vagamente de uma época antes de me mudar para o Olimpo, mas anos na cidade alta fizeram com que parecesse nova e inédita. Não é que todos na cidade alta sejam egoístas ou perversos. Dificilmente. É mais porque eles seguem suas sugestões do resto dos Treze e estão muito, muito conscientes de que nunca estão verdadeiramente seguros.

Mais uma diferença na legião que separa Hades de Zeus.

Saímos da loja de ferragens e andamos pela rua. Parece a coisa mais natural do mundo deslizar minha mão na de Hades, como

sempre pareço quando fazemos essas caminhadas. Ele entrelaça seus dedos nos meus e parece *tão certo* que não consigo respirar por alguns passos. Abro a boca para dizer... nem tenho certeza.

Eu vejo o sinal antes de ter a chance. Eu paro abruptamente. — O que é isso?

Hades segue meu olhar. — É uma loja de animais. De propriedade de uma família, já existe há três ou quatro gerações, se bem me lembro. Sem contar os três que a dirigem atualmente. — Ele conta a história assim como fez sobre a família que dirige a barraca do giroscópio no mercado de inverno, sem ter a menor noção de como é novo ter essas informações prontamente disponíveis na memória.

— Podemos entrar? — Eu não me preocupo em esconder a emoção da minha voz. Quando ele levanta uma única sobrancelha, não posso deixar de tentar explicar. — Quando eu era muito jovem, tínhamos dois cães. Eles eram cães de trabalho, é claro - nada se perde em uma fazenda, industrial ou não - mas eu os amava. Ter animais de estimação no arranha-céus é estritamente proibido, é claro. — Tenho que lutar contra a vontade de pular na ponta dos pés como uma criança. — Por favor, Hades. Eu só quero olhar.

Se qualquer coisa, sua sobrancelha sobe ainda mais. — De alguma forma, eu não acredito em você. — Mas ele dá um de seus sorrisos lentos. — Claro que podemos entrar, Perséfone. Lidere o caminho.

Um sino toca acima de nossas cabeças quando passamos pela porta. Eu inalo o cheiro misto de animais e aparas de madeira, e um sentimento brota dentro de mim que é parte nostalgia e parte algo que não consigo identificar. Não passo muito tempo pensando na minha vida antes de minha mãe se tornar Deméter e nos mudarmos para a

cidade. De jeito nenhum ela nos deixaria para trás, e ansiar por uma vida que não era mais minha parecia um estudo de loucura. Melhor, mais fácil, focar no futuro e no meu caminho para a liberdade.

Eu nem tenho certeza de por que uma loja de animais traz tudo de volta, mas meu coração está na minha garganta enquanto caminho pelo primeiro corredor, olhando para porquinhos-da-índia e pássaros coloridos. Chegamos ao final perto de um balcão e vemos duas lindas mulheres negras paradas ali, as cabeças inclinadas sobre um computador. Elas olham para cima e nos avistam. Uma delas, a mulher vestindo jeans desbotados e um suéter de tricô laranja, sorri em reconhecimento. — Finalmente decidiu seguir meu conselho?

— Olá, Gayle. — Ele passa por mim e ela o puxa para um abraço. — Estamos apenas fazendo as rondas.

— Oh isso. — Ela acena para longe. — Estamos bem. Você mais do que se certificou disso. — Ela agarra seus ombros e olha para ele. — Nós apoiamos você. Não importa o que.

Aí está de novo, a pura lealdade que Hades comanda. Ele faz isso sem ameaças ou fazer promessas pródigas. Seu povo irá segui-lo até o fim da terra simplesmente porque ele os respeita e faz o melhor para cuidar deles. É uma coisa poderosa de se testemunhar.

Ele concorda. — Agradeço.

Ela deixa cair as mãos e sorri novamente. — Não acho que hoje é finalmente o dia em que vou convencê-lo a comprar um ou dois cachorros para que você não assombre aquela casa gigante sozinho?

Eu me animo. — Cachorros?

Ela finalmente olha para mim e sua atitude esfria um pouco. — Normalmente, não mantemos nenhum cachorro, exceto o Velho Joe na loja. — Ela aponta atrás dela em uma cama de cachorro que eu pensei

que continha um monte de toalhas. A cabeça levanta e eu percebo que não são toalhas. É um cachorro Komondor. Ele sacode o pelo dos olhos e dá um grande bocejo.

— Oh meus deuses —, eu sussurro. — Hades, olhe para essa criatura magnífica.

— Sim. — Diz ele secamente.

Gayle encolhe os ombros. — Como eu estava dizendo, normalmente não mantemos cães aqui, mas Jessie encontrou uma caixa deles perto da Ponte Cypress. Não sei se alguém da cidade alta decidiu despejá-los lá ou se foi um dos nossos, mas... — Ela suspira. — As pessoas podem ser verdadeiras idiotas às vezes.

Consigo desviar minha atenção do cachorro com isso. — Eles simplesmente os jogaram lá? — Não tenho absolutamente nenhum sentimento de afinidade por esses filhotes que nunca vi, mas não posso negar que parece uma estranha reviravolta do destino. — Podemos vê-los?

— Sim. — Ela empurra o polegar por cima do ombro. — Nós os temos de volta aqui. Eles parecem ter idade suficiente para serem desmamados, então isso é um forro de prata.

Já estou me movendo, passando por Hades e Gayle na direção que ela indicou. Com certeza, há uma grande caixa instalada perto dos fundos da loja. Eu me inclino e olho para dentro e suspiro. — Oh meus *deuses.*

Existem três deles, todos perfeitamente pretos. Não tenho certeza da raça - suspeito que sejam vira-latas - mas são fofos enquanto dormem em uma pilha de cachorrinhos em um canto. Estendo a mão e paro para olhar para Gayle. — Posso?

— Certamente. — Quase toda a frieza desapareceu quando ela

olhou para mim, e tenho certeza de que vejo diversão persistente em seus olhos escuros. — Acho que você adora cachorros.

— Sou um animal de estimação que oferece oportunidades iguais. — Eu fico de joelhos ao lado da caixa e me abaixo para passar a mão suavemente sobre as costas do cachorrinho no topo da pilha. — Eu também gosto de gatos. Peixe, posso pegar ou largar.

— Anotado. — Agora Gayle está definitivamente lutando contra o riso, mas tudo bem. Não me importo que ela me ache divertida.

— Hades, *olhe.*

Ele afunda de joelhos ao meu lado. — Estou olhando. — Há algo estranho em seu tom, e é o suficiente para me fazer tirar minha atenção dos filhotes. *Oh meus deuses, eles são tão macios.*

Eu estudo seu rosto. Ele parece quase dolorido. — O que está errado?

— Nada.

Eu torço meu nariz. — Suas palavras não dizem 'nada', mas sua expressão diz algo completamente diferente.

Ele suspira, mas não como se estivesse irritado. Mais como se ele estivesse cedendo. — Eles são muito fofos. — Ele se abaixa e levanta um cuidadosamente em seus braços. Agora ele *realmente* parece aflito. — Eles não deveriam ter sido deixados assim.

Estou ciente de que Gayle está voltando para o computador com a mulher que deve ser sua mãe, dando-nos espaço e pelo menos a ilusão de privacidade. — Acontece muito, principalmente se não forem de raça pura. Eles são essencialmente inúteis para os criadores e apenas mais bocas para alimentar. É uma porcaria.

— Insanos —, Hades ecoa. O cachorrinho fuça seu peito e se acomoda em seus braços com um suspiro. Ele acaricia sua cabeça com

um único dedo como se tivesse medo de machucá-lo. — É uma coisa terrível não ser desejado.

Meu coração dá uma torção dolorosa. Falo antes de me dar a chance de pensar. — Você deveria adotar um. Ela está certa sobre aquela casa grande e vazia, e ninguém ama como um cachorro. Ele ou ela vai conquistá-lo antes que você perceba.

Ele contempla o cachorrinho, ainda acariciando-o metodicamente. — Não é uma boa ideia.

— Por que?

— É mais fácil não ligar.

Eu poderia rir se restasse algum ar na loja. Hades pode fingir que não se importa, mas este homem se importa mais do que qualquer outro que já conheci. Ele se esforça demais para manter as pessoas à distância, mas obviamente não percebeu como ele fracassou de forma épica. Não tenho certeza se devo dizer a ele, que cabe a mim puxar a cortina e mostrar a ele a verdade sobre suas circunstâncias. Não sou um elemento permanente em sua vida. O pensamento me deixa com uma sensação de vazio.

De repente, estou decidida a convencê-lo a comprar este cachorrinho. O pensamento de Hades vagando pelos corredores de sua casa sozinho depois que eu partir, um senhor do vazio e da tristeza... Eu não aguento. Eu não posso deixar isso acontecer. — Hades, você deveria adotar o cachorrinho.

Ele finalmente olha para mim. — Isso é importante para você.

— Sim. — Quando ele apenas espera, dou-lhe um pedaço da verdade. — Todos deveriam ter um animal de estimação pelo menos uma vez na vida. É uma bênção e acho que faria você feliz. Gosto de pensar em você feliz, Hades. — O último sai quase como uma

confissão. Como um segredo, só entre nós.

Ele me encara por um longo tempo, e não consigo adivinhar o que está acontecendo por trás de seus olhos escuros. Ele está pensando no prazo que se aproxima de nós também? Impossível dizer. Ele finalmente balança a cabeça lentamente. — Talvez um cachorro não seja uma má ideia.

Não consigo evitar prender a respiração. — Sério?

— Sim. — Sua atenção se concentra nos dois filhotes restantes. — Ele ficará terrivelmente sozinho sem seus irmãos de ninhada.

— Hum. — Tenho certeza de que meus olhos estão em perigo de pular para fora da minha cabeça. — O que?

Em vez de responder diretamente, ele levanta a voz. — Gayle? — Quando ela reaparece, ele acena para os filhotes. — Vamos levar todos eles.

Ela aperta os lábios. — Não sou de dizer a você como fazer seus negócios.

Ele arqueia uma sobrancelha. — Quando isso te impediu?

— Três cães é muito, Hades. Três cachorrinhos? Você está mordendo mais do que pode mastigar. — Ela aponta para os filhotes. — E eles vão mastigar a merda de seus sapatos caros.

Ele não se intimidou. Ele se colocou neste caminho e não será dissuadido. — Eu darei o pagamento de periculosidade ao pessoal. Vai tudo ficar bem.

Por um momento, acho que ela vai continuar discutindo, mas finalmente dá de ombros. — Não venha chorar para mim em uma ou duas semanas, quando as mordidas realmente começarem.

— Eu não vou.

Um último olhar e ela balança a cabeça. — É melhor chamar

alguns de seu pessoal para ajudar a buscar e carregar. Você não está preparado para cachorros, então vamos precisar carregá-los.

— Considere isso feito. Nós vamos conseguir o que você achar que é melhor.

Ela se afasta, ainda balançando a cabeça e resmungando sobre homens teimosos. Eu volto para Hades e não consigo parar de sorrir amplamente. — Você está comprando três cachorros.

— *Estamos* comprando três cachorros. — Ele se levanta facilmente, o filhote ainda embalado em seus braços. — Você já deveria saber que não posso dizer não para você, Perséfone. Você vira aqueles grandes olhos castanhos para mim, e eu sou massa de vidraceiro em suas mãos.

Eu bufo. Eu não posso evitar. — Você é tão cheio de merda.

— Linguagem. — Ele murmura, alegria iluminando seus olhos.

Eu começo a rir. A vertigem que cresce através de mim é felicidade pura e sem diluição. Um sentimento ao qual não tenho direito, não com tudo pairando sobre nossas cabeças, mas de alguma forma isso o torna mais precioso. Quero me agarrar a este momento, empurrar a realidade para longe e permitir que este tempo seja ininterrupto.

Porque não importa o que ele diga, esses cães não são realmente meus. Eles são dele, do jeito que deveria ser. Vou pegá-los pelo resto do inverno, mas é só. Então eu vou embora e eles serão a pequena matilha de Hades. Companheirismo que ele esperançosamente permitirá, mesmo se ele mantiver os humanos ao seu redor à distância.

Minha pequena bolha de felicidade esvazia instantaneamente. Ele merece muito mais do que a mão que a vida lhe

deu. Ele merece ser feliz. Ele merece estar rodeado de amigos e entes queridos que irão encher sua casa gigante de risos e experiências. Ele é uma pessoa tão *boa*, mesmo que seja um vilão no que diz respeito ao Olimpo - pelo menos as partes do Olimpo que acreditam nele.

Demora trinta minutos sólidos para conseguir tudo o que precisamos e para o homem de Hades, Caronte, aparecer com dois caras para ajudar a transportar tudo de volta para casa. Não é até que eu passo pela porta da frente que eu percebo que antes de hoje estava pensando neste lugar como um *lar*. Que parece mais um lar do que a cobertura de um arranha-céu que minha mãe possui, com a presença de minhas irmãs ou não.

Uma lasca de pânico passa por mim. Não importa o quanto estou aproveitando meu tempo com Hades, esta *não pode* ser minha casa. Eu sacrifiquei muito, pedi a minhas irmãs que sacrificassem muito, para não seguir em frente agora. Tenho que ir embora depois de completar 25 anos, tenho que pegar meu fundo fiduciário e conseguir minha saída do Olimpo. Se eu não... Qual era mesmo o ponto?

Terei trocado uma linda gaiola por outra.

E isso é uma coisa que não posso permitir.

CAPÍTULO 23

Hades

— Hades, vamos nos atrasar.

Sento-me no chão enquanto os três filhotes pretos brincam dentro e fora do meu colo. Eles levaram a maior parte do dia para se aquecer para o espaço, e decidimos limpar uma sala perto do pátio interno para que tivéssemos fácil acesso ao exterior para pausas do penico. Tanta coisa a considerar que quase me distraiu do que estava por vir.

Quase.

Eu olho para cima e minha respiração fica presa na minha garganta. Perséfone é linda em tudo que ela veste, mas ela é *deslumbrante* de preto. A cor nítida realça sua pele dourada e cabelo loiro. Não cobre exatamente seu brilho, mas dá a sensação de um raio de sol perdido que de alguma forma encontrou seu caminho para o Mundo Inferior. O vestido se agarra a sua pele como óleo, derramando-se sobre seus seios e desce por seus quadris até cair no chão em torno de seus pés.

Ela parece uma maldita rainha.

— Hades?

Eu me dou uma sacudida mental, mas não consigo tirar meus olhos dela. — Você está linda.

Ela olha para si mesma e alisa as mãos nos quadris. — Juliette se superou com este. É aparentemente simples, mas o corte e o tecido são simplesmente magistrais.

Eu cuidadosamente tiro os filhotes do meu colo e fico de pé. —

Não pareceria tão magistral em ninguém.

— Agora você está apenas me provocando. — Mas ela está sorrindo como se meus elogios a deixassem feliz. Tenho que controlar o impulso de prometer cumprimentá-la todos os dias se isso colocar essa expressão em seu rosto. Ela percebeu como está lentamente relaxando e se desenrolando nas últimas semanas? Eu percebi. Ela parou de guardar suas palavras tão de perto, parou de considerar cada conversa como um campo de batalha do qual ela não poderia sair do outro lado. Outra indicação clara da confiança que ela deposita em mim.

Em como ela se sente segura.

Ela acena para os filhotes, sua expressão ficando indulgente. — Você considerou nomes?

— Cachorro. — Eu não quis dizer isso. Só digo isso para vê-la revirar os olhos para mim.

Ela não desaponta. — Hades, você tem três cães. Você não pode chamá-los de 'cachorro'. Eles precisam de nomes.

— Cerberus. — Aponto para o maior dos três, aquele que é o líder claro, mesmo nessa idade. — Este é Cerberus.

— Eu gosto desse. — Ela sorri. — Agora, os outros dois.

— Eu quero que você os nomeie.

Suas sobrancelhas se juntam e, pela primeira vez desde que entrou na sala, ela parece insegura. — Não acho que seja uma boa ideia. — Porque ela está indo embora.

O instinto me diz para recuar, para me proteger, mas o prazo me torna imprudente. — Perséfone.

— Sim? — Existe esperança em seu tom? Tenho medo de assumir.

Há mil coisas que eu poderia dizer agora, mil coisas que quero dizer. Passar as últimas semanas com ela me deixou mais feliz que me lembro de estar. Ela me desafia e também me encanta, e tenho a sensação de que poderia conhecer essa mulher por décadas e ela ainda encontraria maneiras de me surpreender. De repente, quero desesperadamente que este inverno nunca termine, quero que a primavera nunca chegue, quero ficar com ela aqui para sempre.

Mas não existe para sempre. Não para nós.

Eu vou até ela e seguro seu rosto em minhas mãos. — Se fôssemos pessoas diferentes em circunstâncias diferentes, eu ficaria de joelhos e imploraria para você ficar no final do inverno. Eu moveria céus e terra e o próprio submundo para mantê-la comigo.

Ela pisca aqueles grandes olhos castanhos para mim e lambe os lábios. — Se... — Ela parece tão hesitante, eu simultaneamente quero pegá-la em meus braços e não quero me mover, caso ela nunca termine essa frase. Ela não me deixa esperando por muito tempo. — Se fôssemos pessoas diferentes, você não teria que implorar. Eu plantaria minhas raízes aqui mesmo nesta casa, e seria necessário um evento catastrófico para me fazer ir embora.

Sim. Uma palavra-chave, uma palavra vital, que pode muito bem ser uma barreira de trinta metros entre nós e aquele futuro que sou muito idiota para não querer. — Não somos pessoas diferentes.

Seus olhos ficam um pouco brilhantes. — Não. Não somos pessoas diferentes.

Meu corpo inteiro fica pesado enquanto a verdade se instala em meus ossos. Eu amo essa mulher. Eu tenho que me preparar para não fazer exatamente o que eu disse, de cair de joelhos e implorar para ela ficar. Não é justo com ela fazer uma manobra como essa. Não quero

ser mais um carcereiro de quem ela se ressentirá. Perséfone quer liberdade, e a única maneira de obtê-la é saindo do Olimpo. Não posso ser a razão pela qual ela não seguirá seu plano. Eu me recuso a ser.

Minha voz está rouca quando eu finalmente pego as palavras. Não aquelas que vão mantê-la comigo. Eu posso amá-la - porra, a própria ideia me deixa tonto - mas se eu contar a ela, isso vai mudar as coisas. É uma armadilha que não vou abrir. — Deixe-me um pedaço de você, pequena sereia. Dê um nome aos filhotes.

Ela aperta os lábios e finalmente concorda. — Ok. — Perséfone dá um passo para trás e eu a solto. Observo enquanto ela se abaixa para acariciar os filhotes que agora tentam subir em suas pernas. — Este será Caribdis.

— *Caribdis?*

Ela me ignora. — E esta pequena será Scylla.

Eu pisco — Esses nomes são... alguma coisa.

— Eles são, não são? — Ela me dá um sorriso malicioso. — Eles vão crescer e se tornar neles, tenho certeza.

Georgie entra apressada na sala, olha para nós e coloca as mãos nos quadris. — O que vocês ainda estão fazendo aqui?

— Nomeando filhotes, — Perséfone diz facilmente. — Conheça Cerberus, Caribdis e Scylla.

Georgie balança a cabeça como se esses nomes fossem completamente normais e esperados. — Bons nomes fortes para cães bons e fortes. Agora saiam daqui e deixem-me brincar com eles. — Ela deu uma olhada em nós entrando pela porta mais cedo e declarou os filhotes os netos que ela nunca terá. Tenho a sensação de que vou ter que lutar com ela para conseguir tempo com eles daqui para frente,

mas vamos descobrir.

Ofereço meu braço a Perséfone e ela põe a mão em meu antebraço, tão graciosa e majestosa quanto a rainha que a chamei antes. Enquanto caminhamos pelos corredores em direção ao porão, eu me permito imaginar como seria se não tivesse uma data de validade. Se ela governasse ao meu lado, uma rainha das trevas para o meu rei da cidade baixa.

Eu não a deixaria ficar nas sombras indefinidamente. Eu lutaria para dar a ela cada pedacinho de luz do sol e felicidade que pudesse encontrar.

Não está nas cartas para nós.

Eu forço minha atenção para frente e nos paro perto da porta. — Você sabe como isso vai. Se você mudar de ideia ou quiser que as coisas parem, me diga e tudo para.

Ela me dá a sombra de um sorriso. — Eu sei. — Por um segundo, ela parece nervosa, mas desliga quase imediatamente. — Estou pronta.

— Está tudo bem se você não estiver.

Perséfone abre a boca, parece reconsiderar. — Estou mais nervosa do que pensei que estaria. Nós fizemos sexo nas sombras da última vez, e mesmo se as pessoas estivessem assistindo, foi diferente. A fantasia parece tão quente e presente quando estou pensando nela, mas saber que realmente vai acontecer é um pouco... intimidante.

Eu estudo sua expressão. Não sei dizer se ela tem um certo nervosismo ou se está começando a se arrepender de pedir isso. — Você não tem que fazer isso.

— Eu sei. — A certeza se infiltra em seu tom. — Eu sei que não

tenho que fazer nada que não queira quando estou com você. — Perséfone respira fundo e endireita os ombros. — Talvez possamos tocar de ouvido?

— Isso soa como um plano. — Não sei o que estou sentindo agora. Não me oponho ao sexo em público sob os holofotes. Com as partes certas envolvidas e um conjunto claro de expectativas, pode ser quente como o inferno. Quando Perséfone finalmente confessou que é o que ela quer, eu estava tão excitado quanto ela.

Não me senti tão mal naquela noite. Eu sabia que me preocupava com ela, mas amor? Passei trinta e três anos sem sentir isso, então meio que me convenci de que não sou capaz de sentir essa emoção. Confie nessa mulher para me fazer um mentiroso.

Eu nos coloco em movimento novamente e então passamos pela porta e entramos no salão. Apesar de ter enviado convites esta manhã, o espaço está lotado. Eles podem estar aqui para jogar, mas eles realmente apareceram para assistir a outro espetáculo comigo e a queridinha da sociedade que roubei debaixo do nariz de Zeus. Se apenas isso fosse verdade. Então eu poderia ficar com ela.

Eu pego sua mão e começo a tecer pelo salão. O único caminho para o trono nos leva por vários conjuntos de cadeiras e sofás. Foi projetado dessa forma, permitindo que eles olhassem para mim como um tigre em um zoológico. Perto o suficiente para tocar, mas eles sabem que não devem tentar. Vejo rostos familiares conforme avançamos pelo salão. Eros está aqui de novo, um homem embaixo de um braço e uma mulher embaixo do outro. Ele me dá um sorriso arrogante quando passamos. Pela primeira vez, ninguém parece ter começado a festa sem nós.

Eles estão todos esperando pelo show.

A cada passo, o passo de Perséfone torna-se mais afetado. Eu olho para trás e encontro seus olhos castanhos vítreos, embora seu sorriso radiante esteja no lugar. A *máscara* dela. Porra.

Meu trono está vazio, como sempre. Eu afundo nele e puxo Perséfone em meu colo. Ela está tensa, tremendo, e isso só confirma ainda mais o que eu suspeito. Eu coloco suas pernas para cima e sobre minhas coxas, envolvendo-a tanto quanto possível com meu corpo. — Respire devagar, Perséfone.

— Estou tentando. — Parece que ela está se afogando. Não no desejo. Não em antecipação. Com medo.

Eu pego seu queixo e guio seu rosto até que ela encontre meu olhar. — Eu mudei de ideia.

— O que?

Eu tenho que jogar isso com cuidado. Ela não vai me agradecer por gerenciá-la, mas também não vou deixar seu soldado continuar simplesmente por fazer isso. Haverá outras noites, outras oportunidades. Não estou me envolvendo em nada que a machuque. Eu dou a ela um longo olhar. — Não estou com vontade de foder sua linda boceta no estrado esta noite.

O alívio brilha em seus olhos e ela dá um sorriso tímido. — Eu sou tão transparente?

— Aprendi a ler você melhor do que a maioria. — Eu me inclino. — Embora eu esteja dizendo a verdade. Não estou pronto para exibi-la nesse nível ainda. Gosto que fiquemos nas sombras, que o que temos seja só para nós. Me perdoe.

— Sempre. — Ela relaxa contra mim e pressiona um beijo rápido no canto da minha boca. — Parece tão quente na teoria, mas agora que estou aqui...

— Se você decidir que nunca está pronta para tirar isso da fantasia, tudo bem.

Ela se inclina para trás. — Mas é algo que você deseja. Eventualmente

Eu pego sua mão e jogo meu polegar sobre os nós dos dedos. — Isso me atrai, sim. Parte desse apelo, no entanto, é a *sua* diversão. Se você não está entusiasmada com isso, então é um ponto discutível.

— Mmmm. — Ela observa nossas mãos. — Talvez possamos começar esta noite com algo nas sombras, neste trono? Em seguida, construir a partir daí da próxima vez?

— Se você quiser —, eu digo com cuidado. Não comento que precisaríamos de muito mais tempo do que seis semanas para resolver todas as coisas sujas que ela está mexendo naquele cérebro impressionante dela. Não seria jogar limpo e não quero machucá-la, mesmo de passagem.

— Mas não esta noite?

— Não esta noite. — Eu confirmo.

— Ok. — Ela parece relaxar ainda mais, então um sorriso malicioso aparece nos cantos de seus lábios. — Nesse caso, Hades, eu gostaria muito de começar a noite com você fodendo minha boca enquanto se senta em seu trono.

Eu ainda vou. Ela colocou os lábios em volta do meu pau dezenas de vezes desde a primeira vez, mas acho que nunca vou me acostumar com essas palavras sujas vindo dela. Eu nunca vou parar de desejá-las também. Não digo a ela que a noite é uma criança. Ela tem sido vulnerável comigo, e agora ela está nos oferecendo algo que ambos queremos para nos colocar de volta em terreno mais firme. Eu a solto e me recosto, colocando meus braços sobre a cadeira. —

Certamente, pequena sereia. Fique de joelhos.

Ela não perde tempo escorregando de mim e obedecendo. Mesmo de joelhos, ela parece cada centímetro uma rainha. Ela desfaz a frente da minha calça e puxa meu pau para fora. A pequena provocadora lambe os lábios e olha para mim. — Eles estão todos olhando, não estão?

Não preciso procurar para saber a resposta, mas faço isso mesmo assim. Agora que eles perceberam que a agenda mudou, há um punhado de figuras sombrias que já estão no meio das cenas e fodendo, mas a maioria deles está recostada em sofás e cadeiras e olhando em nossa direção. — Eles não podem ver com clareza, mas sua imaginação está fazendo o trabalho por eles.

— Mmmm. — Ela estremece, e desta vez é tudo desejo. — Eles olham para nós e veem você degradando a propriedade de Zeus.

— Você não é propriedade dele. — Sai mais duro do que eu pretendia.

Ela envolve a mão em torno da base do meu pau. — Eu sei. — Perséfone me dá um sorriso de partir o coração. — Estrague minha maquiagem, Hades. Faça um bom show, só para nós.

Nós.

Essa mulher vai me matar se continuar falando assim, como se fôssemos nós contra o mundo. Como se fôssemos uma equipe, uma unidade, um par. Eu não a corrijo, no entanto. Em vez disso, permito-me mergulhar na fantasia da mesma maneira que ela parece estar fazendo. A fantasia de *nós*.

Eu envolvo seu cabelo em volta do meu punho e endureço minha expressão para algo frio e contido. — Chupe meu pau, pequena sereia. Faça-o bem.

— Sim senhor. — Ela não hesita, apenas me engole até que ela tenha que mover a mão para que seus lábios encontrem minha base. Ela engasga um pouco, mas isso não a detém nem um pouco. Eu não estou fazendo nada, mas segurando enquanto Perséfone pega um ritmo com bastante facilidade, praticamente engasgando com meu pau a cada golpe para baixo. Mas parece que estou. Enquanto as lágrimas mancham seu rímel e ela deixa batom em volta da minha base e manchas nas bordas de seus lábios, *parece* que estou forçando-a.

Mesmo sem olhar, posso sentir a tensão sexual no salão aumentando. Mas eu olho. Examino o salão enquanto Perséfone luta para colocar meu pau em sua garganta, vendo aqueles que olham para a cena com luxúria e aqueles que parecem quase preocupados.

Eu odeio isso.

Todas as outras vezes que fiz uma cena como esta, foi para construir outra camada para o mito de Hades, para aumentar a reputação de que sou um homem que não se pode foder. Eles já me olharam com medo antes, e isso nunca me incomodou porque o medo deles serve a um propósito. Perséfone não é apenas uma parceira anônima desempenhando um papel antes de voltar à vida normal. Não importa que ela precise dessa cena, precise do resultado final tanto quanto eu. O pensamento de que eles pensam que estou manchando a noiva de Zeus puramente por vingança se assenta como vidro quebrado em meu peito.

O fato de eles acreditarem que algo tão terreno e natural como o *sexo* pode manchar uma pessoa só faz com que esses fragmentos sejam ainda mais profundos.

Seus dedos cavam em minhas coxas e eu puxo meu olhar do salão para Perséfone. Ela se afasta do meu pau o suficiente para

dizer. — Fique comigo, Hades. Somos os únicos que importam esta noite.

Ela está certa. Eu sei que ela está certa. Eu fecho meus olhos por uma respiração, duas, e os abro. A única pessoa neste salão que importa está ajoelhada entre as minhas pernas, olhando para mim com os olhos castanhos que ficaram tão quentes que é uma maravilha que nós dois não entramos em combustão no local. Ela é uma bagunça linda e sabendo que ela permitiu isso para *mim*? Isso é uma merda inebriante.

— Estou aqui. — Limpo minha garganta repentinamente apertada. — Estou contigo.

Ela sorri e leva meu pau de volta em sua boca, voltando a me levar para fora da minha mente de prazer. Eu não tento resistir. Não quando Perséfone está me chupando tão docemente, não quando ela transformou isso em algo só para nós, em vez de um show para *eles*. Eu passo meus polegares sobre suas bochechas, pegando suas lágrimas. — Eu estou quase lá. — Um aviso e uma promessa. Ela imediatamente pega seu ritmo, chupando meu pau como se sua redenção estivesse do outro lado deste orgasmo.

Eu deixo ir. O salão inteiro encolhe para ela e eu, e o prazer assume. Ela me engole enquanto eu gozo, me chupando até que eu tenho que empurrá-la para fora do meu pau. Perséfone lambe os lábios e me dá um sorriso feliz. — Eu realmente amo ver você destruída assim.

Eu realmente te amo.

De alguma forma, mantenho as palavras dentro de mim. Não posso dizer isso a ela sem acorrentá-la a mim, sem estragar tudo. Mas... posso mostrar a ela. Posso dar a ela um presente em troca

de tudo que ela me deu nas últimas semanas, acumulando nesta cena. Esta mulher não merece ficar de joelhos. Ela merece ser adorada. Ela merece estar no trono como minha igual.

Eu pretendo colocá-la lá.

Eu me enfio de volta em minhas calças. — Pra cima.

Ela deve esperar acabar de volta no meu colo, porque seus olhos se arregalam quando eu me movo e a empurro para a cadeira que acabei de ocupar. Para o trono. Suas sobrancelhas se juntam, mas eu não dou a ela a chance de me questionar. Eu simplesmente fico de joelhos diante dela.

Seus olhos se arregalam. — Hades, o que você está fazendo?

Por um momento, só consigo olhar para ela. Seu vestido cai sobre suas pernas e cai no chão, o trono escuro atrás dela e a iluminação cuidadosa dando a seu cabelo loiro um efeito de auréola. Mesmo com sua maquiagem menos do que perfeita, não há como negar o poder vibrando de cada célula de seu ser. Eu pensei que ela parecia uma rainha antes, mas eu estava errado pra caralho.

Ela é uma maldita deusa.

CAPÍTULO 24

Perséfone

Não consigo olhar para o resto do salão, então me concentro inteiramente no homem ajoelhado aos meus pés. Ele não entende como isso é antinatural? Sim, ele já esteve de joelhos diante mim, mas era diferente então. Privado, só entre nós. Não importa nossas posições, não tenho dúvidas de que ele é dominante até a alma. Ele nunca realmente se *submeteu* a mim.

Ele não está fazendo isso agora também.

Mas parece que sim, o que é tudo o que importa para as pessoas que estão testemunhando. Eles estão assistindo Hades dos Treze se ajoelhar aos pés de uma mulher sentada em *seu* trono. Achei que estávamos me marcando como dele e apenas dele, mas isso não se encaixa nesse plano.

— O que você está fazendo? — Eu sussurro.

— Prestando homenagem.

As palavras não fazem sentido, mas ele não me dá tempo para compreender. Ele pega a barra do meu vestido e passa as mãos pelas minhas pernas, levando o tecido com ele. Expondo minhas panturrilhas, joelhos e coxas e, finalmente, prendendo meu vestido em volta dos meus quadris.

É tão diferente da última vez que estivemos neste salão. Eu não estava preocupada com a modéstia, estava tão louca de desejo que não me importava com quem visse o que fazíamos nas sombras, mas a posição de Hades faz esse ato parecer secreto.

Como se fosse só para nós.

Ele me olha como se nunca tivesse me visto antes, como se eu fosse a poderosa nessa equação e ele realmente estivesse prestando homenagem a alguém acima de sua posição. Não faz sentido, mas minha confusão não diminui meu desejo. Especialmente quando ele passa os polegares levemente na parte interna das minhas coxas e me incentiva a abrir para ele.

Sua atenção se estreita na minha boceta. — Você adora chupar meu pau.

— Culpada. Mas você já sabia disso. — Nós dois estamos falando baixinho, quase um sussurro. Isso empresta uma camada extra de intimidade a este momento, apesar dos olhos em nós. — Hades... — Eu não sei o que dizer. Não sei o que *devo* dizer. — O que estamos fazendo?

Ele responde com a boca, mas não com palavras. Hades abaixa a cabeça e beija minha buceta. Uma carícia longa e persistente que tira todas as perguntas da minha mente. Eu não. No momento, a única regra é o prazer e ele está lidando com isso em espadas. Ele guia uma das minhas pernas para cima e por cima do braço da cadeira, abrindo-me amplamente para ele.

Cada lambida e beijo é como se ele estivesse me memorizando. Ele não está concentrado no meu orgasmo, isso é claro, mesmo quando o desejo canta em meu sangue. Ele pode estar caindo em cima de mim, mas Hades faz isso como se fosse puramente para *seu* prazer. De alguma forma, isso torna toda a experiência muito mais quente.

E então eu olho para cima.

Não é exagero dizer que todos os olhos no salão estão voltados para nós. As pessoas pararam de fazer o que queriam antes de Hades

e eu começarmos nosso pequeno show. Sua luxúria goteja sobre mim, levando a minha ainda mais alto. O poder e a necessidade se enredam em mim enquanto encontro um par de olhos após o outro, quando vejo ciúme e desejo ali.

Alguns deles querem ser eu.

Alguns deles querem ser os que estão ajoelhados aos meus pés.

Negá-los não se parece com nada que eu já experimentei antes. Estávamos certos em ficar nas sombras, em não nos exibirmos na luz. Isso é muito melhor, criando uma fantasia de fruta proibida que todos no salão podem ver, mas não podem tocar.

Todos, exceto Hades.

Ele suga meu clitóris em sua boca, trabalhando com sua língua. É tão chocante depois de seus toques leves e lambidas provocantes que curvo as costas e um grito sai dos meus lábios. A tensão no salão aumentou vários graus, mas não estou mais olhando para o nosso público. Não, apenas Hades prende minha atenção. Eu corro meus dedos por seu cabelo e me afundo, segurando-o contra mim.

Ele rosna contra a minha pele, e é tão perverso que eu mal posso suportar. — Faça-me gozar —, eu sussurro.

Por um segundo, acho que ele pode recuar, me lembrar que não importa o quão iguais sejamos, *ele* é o responsável agora. Ele não sabe. Ele... obedece.

Hades coloca um dedo e depois dois dentro de mim, torcendo o pulso enquanto procura o local que vai transformar todas as minhas articulações em líquido, mesmo enquanto ele traça meu clitóris em círculos constantes com a ponta da língua. Onde antes ele construía meu prazer em ondas constantes, lambendo meu controle, agora ele gira em um tsunami de desejo que não tenho esperança de lutar.

Nunca tive a intenção de lutar contra isso.

Venho com seu nome em meus lábios, o som dele parecendo cantar em todos os cantos do salão. Mesmo enquanto ele suaviza seus toques e me persuade de volta ao meu corpo, estou abalada pela sensação de que nada será o mesmo novamente. Cruzamos um ponto sem volta que nenhum de nós reconheceu. Não há como voltar agora. Não tenho certeza se quero, mesmo que a estrada permaneça aberta.

Hades finalmente move meu vestido de volta ao lugar e se levanta. À primeira vista, ele parece perfeitamente composto... pelo menos até eu chegar a seus olhos. Eles estão selvagens com a mesma necessidade surgindo sob minha pele. Isso não foi o suficiente. Isso mal diminuiu.

Ele estende a mão.

Eu fico olhando para ele pelo espaço de um batimento cardíaco. Parece um gesto tão simples, mas mesmo tão abalada como estou, eu o conheço bem. Ele não é exigente. Ele está solicitando. Colocando-nos em pé de igualdade. A única coisa que não entendo é *por quê*.

No final, isso não importa. Eu deslizo minha mão na dele e o deixo me puxar para ficar de pé. Ele se vira para encarar o resto do salão, todos os quais pararam de fingir que estão fazendo qualquer coisa além de nos encarar. Parece... estranho, mas não necessariamente de uma maneira ruim. Eles estão esperando por nosso capricho e vão esperar o tempo que exigirmos.

É assim que parece o poder?

Hades parece olhar para cada pessoa presente. — Tenha certeza, quando vocês voltarem correndo para seus arranha-céus e suas vidas

glamorosas na cidade alta, que vocês estarão contando toda a verdade sobre o que aconteceu aqui esta noite. Ela é minha. — Sua mão aperta brevemente a minha. — E eu sou dela.

Isso não fazia parte do plano. Eu não estou exatamente certa se *era* um plano de vir para hoje à noite, não depois que eu comecei os pés frios. Mas Hades não está me declarando dele da mesma forma que tem feito desde o início disso, a forma projetada para provocar Zeus.

Ele está declarando que é mútuo.

É algo que falou de forma privada, mas fazê-lo como *isso* é algo completamente diferente. Eu não sei o que isso significa. Porque eu não sei o que isso significa, eu só posso lutar para manter minha expressão sob controle enquanto Hades nos vira em direção à saída e saímos do salão. A porta mal se fecha atrás de mim quando murmuro: — Não está ficando na corte esta noite?

— Foda-se eles. — Ele mal soa como ele mesmo. — Eles estão aqui apenas para fofocar e não estou com vontade de bancar o vilão. — Ele se move pelo corredor em direção às escadas, quase me arrastando atrás dele. — Eles não me veem. Ninguém me *vê*, porra, além de você.

Meu coração se aloja na minha garganta. — O que?

Mas ele não fala novamente até que entramos em sua suíte e ele bater a porta atrás de si. Eu nunca o vi assim. Zangado, sim. Até um pouco em pânico. Mas isso? Eu não sei o que é isso. — Hades, o que há de errado?

— Eu jurei que não faria isso. — Ele passa as mãos pelos cabelos. — O que temos não é simples, mas é o mais honesto que estive com outra pessoa desde que me lembro. Isso significa algo,

Perséfone. Mesmo que não signifique algo para você, significa para mim.

Ainda não entendo, mas pelo menos tenho uma resposta para isso. — Isso significa algo para mim também.

Isso o acalma um pouco. Ele cai no sofá e expira com força. — Me dê um minuto. Isso não é culpa sua. É uma merda na minha cabeça. Eu só... preciso de um minuto.

Mas não quero dar a ele um minuto. Eu quero entender o que o aborrece. Eu quero consertar isso. Ele me deu muito nas últimas semanas, mais do que posso começar a categorizar. Eu não posso ficar parada e deixá-lo sentir dor enquanto giro meus polegares. Então eu faço a única coisa que posso pensar.

Eu ando até ele e caio de joelhos na frente dele. Quando ele apenas me olha, eu me coloco entre suas coxas até que ele seja forçado a me empurrar para trás ou abrir caminho. Ele abre as pernas com outro daqueles suspiros de partir o coração. — Você já chupou meu pau uma vez esta noite, pequena sereia.

— Isso não é o que é. — Se eu pensasse por um segundo que ajudaria, eu o teria em minha boca e com prazer. Sexo não vai resolver isso, no entanto. Disso tenho certeza.

Em vez disso, eu me pressiono em seu torso e envolvo meus braços em torno dele da melhor maneira que posso. Ele fica tão quieto que eu poderia pensar que ele estava prendendo a respiração se eu não pudesse sentir seu peito subir e descer contra o meu rosto. Lentamente, oh tão lentamente, ele envolve seus braços em volta de mim, suavemente no início e depois me abraçando com força contra ele.

— Vai doer quando você sair.

Ele fala tão baixinho que mal registro as palavras. Quando elas atingem, é com a força de uma explosão nuclear.

Eu suspeitava que ele se importava, é claro. Hades pode ser assustador de muitas maneiras, mas ele é muito honesto para ser capaz de mentir com seu corpo. Ele me toca como se eu significasse algo para ele. Ele puxou a cortina em pedaços da cidade baixa, me mostrando coisas com as quais ele se preocupa, me deixando entrar. Mesmo que eu não tenha me permitido contemplar as implicações *disso* muito de perto, eu percebi. Claro que percebi.

Eu também me importo.

— Hades...

— Eu quis dizer o que disse antes. Não vou pedir para você ficar. Eu sei que não é possível. — Ele solta um longo suspiro.

Eu mordo minha língua antes que eu possa dizer qualquer outra coisa. Ele está certo - não é possível eu ficar - mas isso não muda o fato de que eu quis dizer o que disse hoje à noite. Se fôssemos pessoas diferentes, este lugar seria o meu lar e este homem seria o meu.

— Três meses pareceram uma eternidade quando concordei com isso.

Uma risada suave escapa, abafada contra sua camisa. — Não parece uma eternidade agora. — Faltam pouco menos de dois meses e parece um pontinho no tempo. Desvie o olhar por muito tempo e isso vai passar despercebido, aumentando a distância entre nós.

Eu nunca vou ver Hades novamente.

De alguma forma, com tudo acontecendo, *isso* nunca me ocorreu. Que eu possa sentir falta desse homem. Que vai parecer como arrancar uma parte de mim para ir embora. Pensamentos tolos e idiotas. Faz apenas algumas semanas. Talvez uma das minhas outras

irmãs se apaixonou tanto por uma pessoa alguma vez, mas essa não sou eu. Eu entendia os limites disso quando lutei tanto para fazer Hades concordar com o acordo. Era apenas para mostrar, apenas porque não tínhamos outra escolha.

Ele não teria me escolhido se eu não fosse de Zeus antes de ser dele.

Ele não teria nem olhado para mim duas vezes, uma mulher que é o epítome de tudo sobre a cidade alta que ele odeia. Um raio de sol ambulante, uma persona falsa que projeto para levar as pessoas a fazerem o que eu quero.

Eu me inclino para trás e tento dar outra risada. Sai quebrada, perto de um soluço. — Eu... — O que devo dizer? Nada mudará o curso em que estamos. Um caminho compartilhado por um curto período de tempo enquanto sua necessidade de vingança e meu desejo de liberdade se sobrepõem.

Nunca foi feito para durar para sempre.

Deveria me encher de alívio saber que Hades não vai me pedir para ficar, que ele não vai turvar as águas ao nosso redor com coisas que nenhum de nós deveria querer. Não é verdade. Em vez disso, um estranho desespero abre caminho pelo meu corpo, subindo e subindo, até sair dos meus lábios. — Me beije.

Ele só hesita por um breve momento, como se para memorizar minhas feições antes de fechar a distância minúscula entre nós e tomar minha boca. Hades me beija rudemente, sem nenhum cuidado terno que ele demonstrou uma e outra vez. *Bom*. Eu não quero sua ternura. Eu quero a memória dele tecida no tecido da minha própria alma.

Ele se levanta e me puxa com ele, mal interrompendo o

beijo. Usamos mãos ásperas para tirar as roupas um do outro, rasgando meu vestido quando o tecido não se move rápido o suficiente, fazendo com que os botões voem de sua camisa. Ainda estou livre quando ele me leva de costas pelo quarto até sua cama.

— Mal posso esperar.

Eu já estou assentindo. Eu não preciso de uma sedução lenta agora. Eu só preciso dele. — Rápido.

Ele me levanta e eu envolvo minhas pernas em volta de sua cintura. O menor ajuste e seu pau está empurrando em mim, as mãos de Hades na minha bunda controlando minha descida em seu comprimento. Rápido, rápido, rápido demais. Eu não me importo. Eu me contorço, tentando chegar mais perto. Não paramos de nos beijar, não nos cansamos. Quem precisa respirar quando tenho Hades? Ele é meu próprio ar.

O pensamento deve me assustar. Talvez aconteça quando eu tiver algum tempo para pensar sobre isso. Agora, tudo o que tenho é a necessidade.

Ele me levanta e me abaixa, usando sua força para me foder onde ele está. É o suficiente para me deixar tonta. Eu puxo minha boca da dele por tempo suficiente para dizer: — Mais. Mais forte.

Espero que ele me leve para a cama. Em vez disso, ele se vira e vai até a cômoda para me colocar nela. Hades envolve minha garganta, me empurrando de volta para me prender contra a parede. — Assista. — Ele mal soa como ele mesmo, sua voz ficou baixa e cruel. — Observe o quanto você precisa de mim neste momento. Quando você estiver livre e perseguindo aquele sonho de uma vida que você deseja, você se lembrará como é bom ser preenchida por mim, pequena sereia. — Ele bate em mim e então se

retira, seu pau brilhando com a minha umidade. Eu não consigo desviar o olhar. Eu não quero.

Hades continua me seduzindo com suas palavras, me prendendo. — Algum dia, quando você deixar algum idiota seduzi-la e você estiver montando seu pau, lembre-se desta noite e saiba que eles nunca se compararão a mim. Você pensará em mim quando eles estarão dentro de você.

Meu olhar voa para o rosto dele, a fúria possessiva lá tão quente quanto o que ele está fazendo com o meu corpo. Eu quero afundar nele e nunca vir à tona. Eu não posso, no entanto. Eu *não posso*. — Não seja cruel. — Eu murmuro.

— Eu *sou* cruel. — Ele bate em mim de novo, nos selando tão próximos quanto duas pessoas podem estar, e me beija com força. Ele levanta a cabeça o suficiente para dizer: — Você me *arruinou*, Perséfone. Perdoe-me se eu quiser retribuir o favor.

E então não há mais nada a dizer. Nós voltamos ao nosso eu básico, perseguindo nosso prazer mútuo compartilhado. Quando gozo, parece que meu orgasmo foi arrancado de mim, como se fosse algo que eu nunca pudesse voltar atrás. Hades me segue ao longo da borda alguns momentos depois, nos selando juntos e enterrando o rosto no meu pescoço quando ele goza.

A quietude desce.

Eu me agarro a ele e mantenho meus olhos fechados, não querendo deixar a realidade se intrometer. Ele está lá, no entanto, pairando no limite de nosso prazer desaparecendo. A frieza do quarto contra nossa pele escorregadia de suor. A dor em várias partes do meu corpo pelo que fizemos um ao outro. A respiração áspera de Hades desacelerando, mesmo quando a minha faz o mesmo.

Ele finalmente levanta a cabeça, mas não olha para mim. — Eu sinto muito.

Eu deveria deixar isso terminar assim. Podemos circular tudo o que quisermos, mas isso não muda nada em nossa situação, em nosso prazo. Em vez disso, engulo em seco. — Eu não sinto.

CAPÍTULO 25

Hades

Eu não durmo mesmo depois de tomar banho e rastejar para a cama com Perséfone, segurando-a em meus braços enquanto sua respiração se equilibra, o sono não virá para mim. Não consigo me livrar do pavor que surge a cada minuto, desde o momento em que puxei para fora dela, minhas palavras duras ainda soando em meus ouvidos. Eu cruzei a linha, e ela estar ali comigo não muda o fato de que está feito.

Eu não quero deixá-la ir.

Um cenário impossível. Eu poderia muito bem tentar laçar a lua do que tentar manter Perséfone comigo. Mesmo se ela quisesse, o preço é muito alto. Sua mãe nunca vai reconhecer que sua querida filha pode preferir a cidade baixa - pode preferir a *mim* - ao veneno cintilante que a corte de Zeus tem a oferecer. Ela vai continuar a punir meu povo para tentar forçar minha mão. Podemos durar alguns anos por conta própria, contanto que não puxemos muito as linhas de suprimento que configurei com Tritão, mas no segundo Poseidon ou Deméter perceberem o que está acontecendo, esse caminho estará fechado para nós. Pessoas que dependem de mim para segurança vão sofrer.

E Zeus?

Ele nunca vai descansar enquanto Perséfone estiver ao meu lado. Eu pensei que ele faria seu jogo agora, mas aquele velho bastardo é mais astuto do que eu esperava. Ele vai se mover contra mim, mas ele vai fazer isso de uma forma que não pode ser rastreada

até ele. Se eu não posso provar isso...

Não, há mil razões para honrar meu acordo com Perséfone e pavimentar o caminho para que ela ganhe sua liberdade. Só há um para pedir a ela para ficar - eu a amo. Insuficiente. Nunca será o suficiente com as probabilidades contra nós.

Estou tão no fundo da minha cabeça que demoro alguns instantes para registrar o som de um telefone tocando. Eu levanto minha cabeça, mas não é o meu toque. — Perséfone.

Ela se mexe e pisca aqueles grandes olhos castanhos para mim. — Hades?

— Alguém está ligando para você. — Quando ela continua tentando se livrar do sono, eu saio da cama e pego seu telefone na cômoda. Uma rápida olhada na tela mostra o nome de Eurídice rolando. — É sua irmã mais nova.

Isso a faz se mexer. Ela se senta e joga o cabelo para trás com uma das mãos enquanto pega o telefone com a outra. Espero que ela atenda a ligação no banheiro ou na sala de estar para ter um pouco de privacidade, mas ela coloca no viva-voz. — Eurídice?

— Perséfone? Oh, graças aos deuses. Ninguém mais está respondendo. — O pânico na voz da mulher faz os pequenos cabelos da minha nuca se arrepiarem.

— O que está acontecendo?

— Tem alguém me seguindo. Eu deveria encontrar Orfeu neste bar, mas ele nunca apareceu e esse cara ficou muito agressivo, então eu saí, mas... — Sua respiração soluça. — Ele está me seguindo. Não há táxis. Eu não sei o que fazer. Havia gente por perto, mas agora estamos muito perto do rio e todas as ruas estão vazias. Tentei ligar para Orfeu, mas ele não atendeu. O que eu faço, Perséfone?

Quanto mais assustada sua irmã parece, mais Perséfone silencia suas próprias emoções, sua voz ficando enérgica. — Onde você está? Sua localização exata.

— Uh...— O som do vento no alto-falante. — Juniper e Quinta-Sexta.

Eu encontro o olhar de Perséfone. Sua irmã está perto do rio Estige, mas não o suficiente. Se ela tentar fazer a travessia, o povo de Zeus tentará levá-la. Se eu fizer isso, estou violando o tratado. — Ela tem que chegar ao rio —, murmuro.

Perséfone acena com a cabeça. — Você precisa cruzar o rio Estige, Eurídice. Você me entende? Se você descer Juniper, você verá a ponte. Eu vou te encontrar lá.

É um símbolo do medo de Eurídice de que ela nem mesmo questiona. — Estou com medo, Perséfone.

— Estou indo.

Já estou me movendo, correndo para o armário e puxando os primeiros itens que coloco em minhas mãos e, em seguida, enfio uma arma na parte de trás da minha cintura. Espero que não seja necessária esta noite, mas quero estar preparado. Pego um jeans e uma blusa para Perséfone. Ela está desligando quando eu entro no quarto. Eu mando uma mensagem para Caronte para nos encontrar na porta com uma equipe. Temos que fazer isso com cuidado, mas basta olhar para a rigidez na expressão de Perséfone e eu sei que vou jogar a cautela ao vento e fazer o que for necessário para garantir que sua irmãzinha esteja segura.

— Isto é minha culpa.

Já estou balançando a cabeça antes que ela termine. — Não, não aceite isso.

— Como você pode dizer isso? Isso não soa familiar? Um homem estranho conduzindo uma mulher assustada para o rio? Tem Zeus escrito por toda parte.

Ela está certa, mas isso não muda nada. Precisamos chegar à ponte. — Saberemos mais assim que a colocarmos em segurança. Concentre-se nisso agora.

Eu meio que espero que ela discuta, mas ela endireita os ombros e respira lentamente. — Ok.

— Vamos.

Corremos escada abaixo para encontrar Caronte e os outros esperando. A ponte Juniper é muito longe para se chegar a pé com algum grau de urgência, então todos nos amontoamos em dois carros. Eu mantenho a mão de Perséfone durante todo o trajeto. Não adianta tentar dissipar sua tensão, não quando alguém de quem ela gosta está na linha. A única coisa que posso fazer é oferecer o pouco conforto que tenho disponível. Ela continua ligando para números e, finalmente, xinga. — Aquele filho da puta está me enviando direto para o correio de voz. O telefone dele não estava desligado antes, e agora está.

Não é um salto saber de quem ela está falando. — Orfeu não é o mais confiável. — Uma declaração neutra, já que não tenho certeza do que ela precisa agora.

— Eu *nunca* vou perdoá-lo por isso. — Seus olhos ficam frios. — Eu mesmo vou matá-lo se algo acontecer com Eurídice.

Não há nada a dizer sobre isso que seja remotamente útil. *Vou matá-lo por você* dificilmente é o tipo de declaração romântica que uma pessoa deseja ouvir, não importa o quão preocupada e furiosa ela esteja agora. Estou salvo de ter que dar uma resposta melhor com

nossa chegada à ponte.

Nós paramos bruscamente e saímos do carro. Parece uma noite para as pessoas fazerem coisas ruins, o ar frio e próximo, uma névoa baixa subindo do rio e cobrindo o solo. Isso dá à atmosfera uma borda sinistra e obscurece nossa visão.

Isso me lembra da noite em que Perséfone cruzou o rio Estige.

Sigo Perséfone até as grandes colunas que a Ponte Juniper tem de cada lado, uma indicação clara da fronteira do nosso lado do rio. É uma das pontes mais bem iluminadas, e sei que ela está procurando do outro lado por sinais de sua irmã, assim como eu. Fomos rápidos, mas mesmo a pé, ela já deveria estar aqui.

— Hades. — O medo na voz de Perséfone é uma chamada que não posso deixar de atender. Ela nunca deveria ter medo. Não enquanto ela está comigo.

— Ela estará aqui. — Não tenho nada que oferecer esta garantia. Eu não sei as circunstâncias, além de Eurídice sendo perseguida.

Como se minhas palavras a convocassem, a névoa do outro lado da ponte muda e a forma de uma mulher emerge. Ela não está correndo. Ela está tropeçando. Não consigo distinguir os detalhes a esta distância, mas ela está segurando o braço perto do corpo como se estivesse ferido.

Foda-se.

Perséfone agarra meu braço e solta um grito sem palavras. Ela dá um único passo antes de eu pegá-la pela cintura. — Não podemos cruzar a ponte.

— Nós... — Ela não teve a chance de dizer o resto. Um homem sai da névoa atrás de Eurídice, um falcão de caça para sua pomba

ferida. Perséfone fica quieta e, quando fala, sua voz está assustadoramente calma. — Me deixe ir.

Se eu a deixar ir, ela irá correr para a irmã, provavelmente se jogando nas mãos de Zeus. Se isso significa pegá-la na rua hoje à noite ou um jogo mais longo, é irrelevante. Isso vai acontecer.

Se eu segurá-la enquanto algo acontece com sua irmã, vou perdê-la muito antes do final do inverno. Não serei capaz de viver comigo mesmo se ficar de braços cruzados enquanto esta mulher é ferida. — Perséfone...

O homem que caça Eurídice a alcança e agarra seu ombro, girando-a. Ela grita, o som agudo e aterrorizado. Estou me movendo antes de registrar que tomei uma decisão. Eu me viro e empurro Perséfone nos braços de Caronte. — Você *não* irá deixá-la atravessar a ponte. — Serei o único a pagar o preço pelas transgressões desta noite. Eu não vou permitir que ela faça.

Ela amaldiçoa e luta com ele, mas Caronte a envolve em um abraço apertado, prendendo seus braços ao lado do corpo e mantendo-a imóvel sem machucá-la. É o suficiente. Eu corro pela ponte em direção a sua irmã, correndo mais rápido do que há muito tempo. Não é rápido o suficiente. Eu sei disso quando chego na metade do caminho.

O atacante de Eurídice a joga no chão. Ela bate com um baque que me faz mal do estômago, mas ela não fica quieta. Ela nem mesmo olha para ele. Ela apenas fixa os olhos em sua irmã e começa a engatinhar em direção à ponte.

— Eurídice!

O grito agonizante de Perséfone me dá asas. Isso e o homem pairando sobre sua irmã mais nova. Seu rosto está contorcido em uma

carranca feroz. Ele não grita, mas suas palavras carregam a distância apesar disso. — Chame sua irmã, Eurídice. Grite por ela.

Suspeitei que Zeus está por trás disso; as palavras do homem o confirmam. Não me lembro de puxar minha arma, mas seu peso frio está em minhas mãos quando alcanço os pilares na parte superior da cidade da ponte. — Afaste-se dela!

Ele finalmente, finalmente olha para mim. — Ou o que? — Um lampejo de metal em sua mão quando ele se inclina e agarra Eurídice pelos cabelos. — Você está do lado errado do rio, Hades. Toque-me e haverá consequências.

— Eu sei. — Eu puxo o gatilho. A bala o atinge no pulso da mão que segurava a lâmina, fazendo-a girar para longe dela.

Um olhar para a irmã de Perséfone e fica claro que Eurídice não será capaz de cruzar a distância entre nós. Há um olhar assustadoramente vazio em seus olhos que eu reconheço muito bem. Eu costumava ver no espelho quando era criança. Ela foi para algum lugar interno, conduzida pelo medo e pela violência.

A rua parece deserta, mas eu conheço melhor. Zeus tem seu povo vigiando seu lado do rio, assim como eu tenho meu povo vigiando o meu. Se eu sair desta ponte, está tudo acabado. A guerra chegará ao Olimpo.

O homem se senta, segurando o pulso contra o peito, sua expressão é feia. Eurídice dá uma espécie de soluço entrecortado. Assim como antes, não me lembro de ter tomado a decisão de fazer isso. Uma piscada e o empurro para o chão e o acerto no rosto. Porra, não estou pensando em nada. A única coisa que importa é remover a ameaça. Cada soco alimenta algo sombrio em mim, como se eu pudesse acertar esse idiota com força suficiente para

que o monstro na Torre de Dodona sentisse. Outro, e outro, e outro.

— *Hades.* Hades, *pare*. — O grito de Perséfone me paralisa. Minhas mãos doem. Há sangue por toda parte. Ele há muito parou de se mover, embora seu peito suba e desça. Vivo. Eu me viro para olhar para o outro lado da ponte. Caronte ainda tem Perséfone presa em seu peito, mas os dois parecem chocados.

Ambos parecem horrorizados.

Que porra estou fazendo?

Eu me empurro para longe do homem e agacho ao lado da mulher chorando. — Eurídice.

Ela recua para longe de mim. — Não me toque.

— Eurídice, sua irmã está esperando por você. — Não tenho tempo para ser sutil. Pego seu queixo e saio do caminho para que ela possa ver Perséfone do outro lado da ponte. Meus dedos ensanguentados dificilmente dão uma imagem tranquilizadora, mas é tarde demais para retirá-la agora. — Você pode andar?

Ela pisca os grandes olhos escuros, seu medo é tão grande que ameaça engolir nós dois inteiros. — Não sei.

— Eu vou carregar você. Não lute comigo. — Eu não dou a ela uma chance de se preparar para isso, simplesmente puxando-a em meus braços e correndo de volta através da ponte. Fiquei no território de Zeus por um total de dois minutos, mas não sou ingênuo o suficiente para pensar que isso não contaria. Mesmo que ele não tenha orquestrado isso - e todas as evidências sugerem que ele *fez* - ele *vai* aproveitar a abertura que acabei de dar a ele.

Eu me preparo para o medo de Perséfone. Ela apenas me viu perder a cabeça e bater violentamente em um homem. Ela encara meu rosto, olhando para mim como se nunca tivesse me visto antes. —

Hades…

— Conversaremos quando voltarmos para casa. — Eu mantenho meu controle sobre Eurídice e vou para o carro. — Entre agora.

Pela primeira vez, Perséfone não discute. Ela desliza para o banco de trás à minha frente e pega a mão de sua irmã enquanto eu coloco Eurídice cuidadosamente ao lado dela. Seus olhos castanhos estão brilhando. — Obrigada, Hades —, diz ela calmamente. — Eu sei o custo.

— Cuide de sua irmã. Eu te encontro em casa. — Fecho a porta antes que ela possa argumentar e acenar para Minta. — Leve-as de volta. Tranque a casa inteira. Ninguém entra. Ninguém sai. E te ajude, porra, se Hermes passar do nosso perímetro esta noite.

Minta acena com a cabeça e corre para o lado do motorista. Eu fico de olho no carro até que ele esteja fora de vista e então me viro para Caronte. — O problema está chegando.

A pele de Caronte adquiriu um tom de cera. — Você cruzou o rio.

— Eu não tive escolha.

Ele abre a boca como se quisesse discutir, mas finalmente balança a cabeça. — Não importa, eu acho. Está feito. O que fazemos agora?

Tento parar de reagir e *pensar*. Zeus fará um ataque frontal ou tentará torcer meu braço para conseguir algo que deseja para evitar uma guerra total? Não sei. Eu não consigo pensar, porra. Tudo o que posso ouvir são os ecos do grito de Perséfone. Tudo o que posso ver é o olhar indefeso nos olhos de sua irmã. E tudo o que posso sentir é a dor nos nós dos dedos por bater em um homem até a morte.

Eu pressiono meus dedos em minhas têmporas. O que Andreas

diria? Eu bufo assim que o pensamento passa pela minha mente. Andreas vai chutar minha bunda por ser tão impulsivo. — Não podemos presumir que eles cruzarão as pontes. Retire o máximo de pessoas que pudermos das bordas do território. Se eles não quiserem ir, não os force, mas divulgue. Guerra está vindo.

Caronte hesita e então acena com a cabeça. — Você quer que eu leve todo o nosso pessoal para a casa principal?

A tentação quase me oprime. Quero Perséfone segura e já sei que ela será um alvo. O desejo de reforçar nossas defesas até que nada passe é forte.

Mas Perséfone não é a única pessoa na cidade baixa que precisa de proteção contra o que está por vir.

Eu me forço a balançar minha cabeça. — Não, mantenha as patrulhas duplas no rio. Esvazie quem você precisa para ajudar aqueles que querem sair da zona de conflito potencial.

— Hades. — Caronte tem que parar e lutar contra o medo de seu tom. — Toda a cidade baixa será uma zona de conflito se eles vierem atrás de nós.

— Eu sei. — Eu aperto seu ombro. — Eu vou nos ajudar, Caronte. Não tenha dúvidas sobre isso.

Só não sei como ainda. Não posso agir até que Zeus o faça. Estou dividido entre a esperança de que ele não ataque imediatamente e o medo de que ele vá prolongar isso até que todos estejamos loucos.

Durante todo o trajeto de volta para casa, não consigo me livrar do medo de que eu chegue e que Perséfone tenha ido embora. Que Zeus de alguma forma escapou de todas as minhas defesas e a levou de volta. Que ela terá percebido que não posso protegê-la de verdade como prometi e decidiu arriscar sozinha. Que ela vai me reconhecer

como o monstro que o resto do Olimpo pensa que sou e fugirá. Mil cenários, cada um alimentado pelo conhecimento de como as coisas vão ficar feias. Eu tinha planejado vários cenários quando começamos isso, mas em nenhum lugar deles foi o que aconteceu esta noite.

Algumas coisas você não pode retirar.

Quando a encontro com sua irmã sentadas na sala de estar com os três filhotes brincando ao redor delas, é como se estivessem levando um soco. Elas estão aqui. Elas estão seguras. Por enquanto.

Eu afundo em uma das cadeiras e pego o olhar de Perséfone. Ela coloca dois dos filhotes no colo da irmã e se recosta. Eu aprovo. Empurrar Eurídice agora é a escolha errada. Ela... Bem, não saberemos exatamente o que ela experimentou até que ela desperte o suficiente para nos dizer. O que leva tempo.

Então eu sento lá e vejo em silêncio enquanto Eurídice lentamente volta a si. Começa com ela acariciando os filhotes e termina com um suspiro trêmulo que sai mais como um soluço. — Eu estava com tanto medo, Perséfone.

— Eu sei querida. — Perséfone permite que Eurídice coloque a cabeça no colo e acaricie com cuidado seu cabelo preto, um toque suave.

Não há nada calmante em seus olhos castanhos. Ela olha para mim, e eu nunca a vi tão assustadora. Uma verdadeira deusa das trevas, empenhada em retribuição. Ela contorna a expressão quase assim que cruza seu rosto, e odeio que ela esconda essa parte de mim. Um sorriso trêmulo aparece em seus lábios e ela murmura, *obrigada*.

Naquele momento, eu faria isso de novo cem vezes. Não importa o custo. Tudo vale a pena para ela.

Fodendo qualquer coisa por ela.

CAPÍTULO 26

Perséfone

A história da minha irmã sai aos trancos e barrancos. Sobre como ela e Orfeu deveriam se encontrar em uma parte da cidade alta com a qual ela não está muito familiarizada. Sobre como ele nunca apareceu. Sobre como ele ignorou suas mensagens de texto e enviou suas ligações direto para o correio de voz, mesmo quando seu medo cresceu e um homem estranho se recusou a deixá-la sozinha.

Eu continuo acariciando sua têmpora e cabelo, acalmando-a da única maneira que posso. Suas palmas estão arranhadas de onde ela caiu, tão apavorada que ela mal notou os arranhões até agora. Seu braço está machucado de onde ele a jogou contra a lateral de um prédio antes que ela escapasse dele pela primeira vez. Há hematomas nos joelhos de onde ele a jogou no chão do outro lado da ponte.

Eu anoto e registro cada lesão. Por mais que eu queira culpar Orfeu por isso, só há uma pessoa responsável. Zeus. Mesmo pensando em seu nome, a raiva cintila mais alto dentro de mim. Eu quero sangue por sangue.

Quando Eurídice fica em silêncio e seus olhos se fecham, eu finalmente olho para Hades novamente. Ele já está de pé, envolvendo-a em um cobertor que estava no sofá da última vez que eu estava lendo nesta sala. Parece que foi há mil anos.

Ele me passa meu telefone. — Atualize suas outras irmãs.

Certo. É claro. Eu deveria ter pensado nisso. Aceito o telefone, mas não o desbloqueio. — Você fez um enorme sacrifício ao salvá-la. — Ele *atirou* em um homem. Ele o havia vencido. Acho que se eu não

tivesse gritado o nome dele, ele não teria parado de bater nele. Não sei como me sinto sobre isso. Eu queria que aquele homem sofresse, mas ver tal violência desenfreada foi chocante.

— Não é nada.

— Não faça isso. — É difícil não levantar a voz, mas estou dolorosamente ciente da cabeça da minha irmã na minha coxa. — Nós vamos pagar as consequências por isso, e eu não lamento que você a tenha salvado, mas também não vou deixar você ignorar isso. Obrigada, Hades. Quero dizer isso.

Sua grande mão segura meu rosto. Seus olhos escuros contêm uma legião de pensamentos dos quais não estou a par. — Lamento que você tenha me visto perder o controle assim.

Não quero fazer a pergunta, mas me forço a expressar as palavras. — Você o matou?

— Não. — Ele abaixa as mãos. — E você não vai pagar nenhum preço por minha decisão. Eu vou garantir isso. — Antes que eu possa argumentar, ele passa o polegar pelo meu lábio inferior e sai da sala.

Eu tenho que cerrar minha mandíbula para não chamá-lo. De dizer a ele que ele não precisa assumir isso sozinho. *Eu sou* a razão pela qual ele quebrou o tratado. Não posso deixá-lo arcar sozinho com os custos.

Primeiro, porém, ele está certo. Eu preciso atualizar minhas outras irmãs. Eu digito uma atualização rápida e mando para um grupo de texto com apenas Calisto e Psique. Elas não me fazem esperar muito pelas respostas.

Psique: Estou tão feliz que ela está bem!

Calisto: Aquele idiota de merda.

Uma imagem aparece, uma captura de tela de uma das contas de

mídia social de Orfeu. É uma foto dele cercado por um trio de belas mulheres com um sorriso gigante no rosto. O carimbo de hora na postagem é exatamente quando ele começou a enviar minhas chamadas diretamente para o correio de voz.

Psique: Ele está morto para nós.

Calisto: Quando eu colocar minhas mãos nele, ele ESTARÁ morto.

Eu: Ele não é o responsável final.

Eu: É Zeus.

Calisto: Foda-se ele. Eu vou matá-lo também.

Psique: Pare. Você não pode falar assim.

Eu: Vamos descobrir. Agora, Eurídice está segura, e isso é tudo que importa.

Psique: Por favor, mantenha-nos atualizadas.

Eu: Eu vou.

Eurídice se move e abre os olhos. Afinal, ela não tinha adormecido. — Eu sinto muito.

Eu coloco meu telefone de lado e me concentro na minha irmã mais nova. — Você não tem nada para se desculpar.

Ela rola de costas para ver melhor meu rosto. A doce inocência que estou tão acostumada a ver quando olho para ela se foi. Há um cansaço do mundo que desejo mais do que qualquer coisa que pudesse apagar. Ela respira fundo. — Hades não deveria atravessar o rio.

— Muito poucos fora dos Treze acreditam que Hades existe. — Ou pelo menos essa era a verdade antes de começarmos nossa campanha para esfregar o nariz de Zeus no fato de que estou com Hades agora.

— Não faça isso. Eu sei que sou a mais nova, mas não sou tão ingênua como todos vocês agem. Não importa o que o resto do Olimpo pensa. Só importa o que Zeus pensa. — Ela agarra minha mão com as suas. — Ele vai usar isso para chegar até você, não é?

Ele vai tentar.

— Não se preocupe com isso.

Ela balança a cabeça. — Não me exclua, Perséfone. Por favor. Eu não aguento mais. Eu pensei que poderia ignorar as coisas dos Treze e apenas ser feliz, mas... — Sua voz fica aguada. — Você acha que Orfeu armou para mim?

Posso estar nutrindo uma nova e intensa aversão pelo namorado dela, mas realmente, realmente quero ser capaz de responder a essa pergunta com uma negativa. Orfeu nunca foi bom o suficiente para ela, mas seu único pecado real era ser um músico mais apaixonado por si mesmo do que por minha irmã. Isso o torna um filho da puta. Isso não o torna um monstro.

Se ele a vendesse para Zeus?

Monstruoso não começa a cobrir isso.

Aparentemente, Eurídice não precisa que eu responda. — Eu não posso deixar de me perguntar se ele fez. Ele estava agindo estranho hoje, mais distante e distraído do que o normal. Achei que talvez ele estivesse tendo um caso. Acho que teria preferido isso. Está tudo acabado entre nós. Tem que estar.

— Eu sinto muito. — Eu queria que minha irmã deixasse Orfeu no retrovisor, mas não como *isso*. Ele estava fadado a partir o coração dela em um ponto ou outro, mas esse nível de traição é tão profundo que não sei como ela vai passar por isso. Protegemos Eurídice o máximo que pudemos e veja como isso acabou. Eu suspiro. — Vamos

ver como fazer um chá para você e encontrar um comprimido para dormir.

— Ok —, ela sussurra. — Eu não acho que posso dormir sem um.

— Eu sei querida. — Eu fico de pé e a puxo comigo. Ela está segura. Estamos todos seguros esta noite. Haverá consequências para nossas ações, mas não há mais nada a fazer esta noite, exceto acomodar minha irmã em um quarto e estar lá para ela.

Achei que poderia direcionar toda a raiva de Zeus para mim. Achei que deixar o Olimpo não traria consequências negativas para mais ninguém. Eu me sinto tão ingênua.

Mesmo se eu partisse esta noite, desaparecesse para nunca mais ser vista, minhas irmãs suportariam as consequências de minhas ações. *Hades* suportaria as consequências de minhas ações. Toda a cidade baixa vai. Tenho sido incrivelmente egoísta e coloquei tantas pessoas em perigo.

Eu levo Eurídice para o banheiro. — Eu já volto, ok?

— Ok. — Ela sussurra.

Não tenho certeza se deixá-la sozinha agora é uma boa opção, mas ela realmente não vai dormir sem um pouco de chá e um comprimido para dormir. Tenho certeza de que Georgie tem pelo menos o primeiro na cozinha. Alguém saberá onde encontrar o último.

Abro a porta e não estou nem remotamente surpresa ao encontrar Hades lá. De alguma forma, fico ainda menos surpreso ao ver a xícara fumegante de chá em sua mão e o frasco de pílulas para dormir. Por algum motivo, ele antecipar minhas necessidades me dá vontade de chorar. Eu engulo minha garganta de repente

formigando. — Espionagem?

— Só um pouco. — Ele não sorri, mantendo-se tão tenso que é quase como se ele esperasse que eu me virasse. — Posso entrar?

— É claro. — Dou um passo para trás para que ele possa entrar no quarto. A sensação na minha garganta só fica pior quando Hades pousa a xícara e o frasco de comprimidos e dá um passo para trás. Eu pressiono meus lábios. — Você pode me segurar? Só por alguns minutos?

Só assim, o frio em sua expressão derrete. Hades estende os braços. — O tempo que você precisar.

Eu dou um passo em seu abraço e me agarro a ele. Estou tremendo e não tenho certeza de quando comecei. Esta noite começou com o mais alto dos altos e depois caiu no mais baixo dos mínimos. Se Hades não tivesse quebrado o tratado, não sei se aquele homem teria parado. Posso ter perdido minha irmã. Eu enterro meu rosto em seu peito e o abraço com mais força. — Eu nunca poderei agradecer o suficiente pelo que você fez esta noite. Apenas... obrigada, Hades.

Não importa o que mais aconteça, não vou deixá-lo arcar sozinho com o custo de suas ações.

Eu cansei de correr.

CAPÍTULO 27

Hades

Eu esperava que Perséfone se afastasse de mim. Ela viu do que sou capaz agora. Não há ilusões de que sou realmente um bom homem fingindo. Passei os últimos trinta minutos me preparando para isso enquanto a deixei colocar sua irmã no andar de cima.

Eu nunca esperei que ela se voltasse para *mim em* busca de conforto.

— Eu sinto muito. — Perséfone solta um longo suspiro, suas mãos agarrando a parte de trás da minha camisa como se ela pensasse que vou me afastar um segundo antes que ela me diga para fazer isso. — Parece que não trouxe nada além de problemas desde que cheguei à cidade baixa.

— Venha aqui. — Eu pressiono um beijo em sua têmpora. — Nunca se desculpe por invadir minha vida, pequena sereia. Não me arrependo nem um só momento do meu tempo com você. Eu também não quero que você se arrependa.

— Ok —, ela sussurra. Ela se agarra a mim em silêncio enquanto ouvimos Eurídice começar a soluçar no banheiro, alto o suficiente para ser ouvida durante o chuveiro. Finalmente, Perséfone suspira. — Eu não posso deixá-la esta noite.

— Eu sei. — Eu não quero deixá-la ir, sair deste quarto. Com tempo e distância suficientes, ela pode reconsiderar como se sente sobre o que aconteceu esta noite. Eu limpo minha garganta. — Obrigado por chamar meu nome. Eu... eu não sei se eu teria parado. — Eu fico tenso, esperando a rejeição inevitável que a confissão trará.

Ela balança a cabeça lentamente. — É por isso que eu fiz isso. — Ela começa a dizer mais alguma coisa, mas o chuveiro é desligado. Nós dois olhamos para o banheiro. Eurídice precisa dela mais do que eu esta noite.

Dou-lhe um último aperto e me forço a soltá-la. — Você estará segura aqui. Não importa o que mais mudou, *isso* não mudou.

— Hades... — Seu lábio inferior balança um pouco antes que ela pareça fazer um esforço para firmá-lo. — Ele vai usar isso para me forçar a voltar e te colocar de joelhos.

Não posso mentir para ela, mesmo que uma mentira reconfortante possa soar bem agora. — Ele vai tentar. — Eu me viro em direção à porta. — Eu não vou deixar ele te levar, Perséfone. Mesmo se eu mesmo tiver que matá-lo.

Ela estremece. — Eu sei. — As palavras não são felizes. No mínimo, elas parecem tristes. Quase como se ela estivesse se despedindo.

É mais difícil do que eu esperava deixá-la. Não consigo evitar a sensação de que ela não estará lá quando eu voltar. Mas não importa o que mais seja verdade, Zeus não arriscará jogar fora sua vantagem atacando esta noite. Ele precisa do resto dos Treze atrás dele quando vier atrás de mim, e isso vai levar tempo.

Espero.

Encontro Caronte parado do lado de fora do meu escritório. Ele está olhando para a porta, mas eu o conheço bem o suficiente para saber que ele ainda está chateado com a forma como as coisas aconteceram esta noite. Ele se sacode quando me vê. — Andreas está esperando.

— Não vamos deixá-lo esperando mais, então.

O velho já está balançando a cabeça quando entramos no escritório e eu fecho a porta. — Eu sabia que chegaria a esse ponto. Ele vai esmagar você assim como esmagou seu pai. — Suas palavras são levemente arrastadas, e o copo de líquido âmbar em sua mão é o culpado óbvio.

Dou uma olhada em Caronte, mas ele encolhe os ombros. Não há nada a dizer. Mesmo em sua idade avançada, Andreas faz o que quer. Preciso que meu pessoal se concentre, mas preciso lidar com isso primeiro. Afinal, devo isso a ele. Eu devo tudo a ele, porra.

— Eu não sou meu pai. — Houve um tempo em que aquela verdade parecia uma coceira que eu nunca conseguiria coçar. Andreas amava meu pai, era leal até os ossos. A imagem que ele pinta do homem é maior do que a vida, um tipo estranho de expectativa que pesava muito sobre mim enquanto eu crescia. Como eu poderia comparar com *isso*?

Esse é o truque, no entanto. Não tenho que competir com o espectro do homem que me gerou. Ele se foi. Ele já *se* foi há mais de trinta anos neste momento. Sou eu mesmo e já passou da hora de Andreas reconhecer isso.

Eu afundo na cadeira em frente a ele. — Não sou meu pai —, repito lentamente. — Ele confiou nas regras e leis e isso o matou. Ele nunca viu Zeus chegando. — Uma única verdade que nunca vou reconciliar. Se ele era tão bom quanto Andreas diz, por que ele não viu a cobra que Zeus é? Por que ele não nos protegeu?

Afasto os pensamentos. Sem dúvida eles voltarão para me atormentar nas noites solitárias que virão, mas agora, eles desviam meu foco. Não posso perder um passo. — Passei minha vida inteira estudando Zeus. Você acha que eu não serei capaz de antecipá-lo?

— O que você pode fazer? — Andreas soa como um fantasma de si mesmo, sua voz outrora estrondosa fraca e rachada. — O que você pode fazer contra o rei dos deuses?

Eu me coloco de pé lentamente. — Ele não é o único rei no Olimpo. — Eu empurro meu queixo para Caronte. — Leve-o para o quarto e peça a alguém que fique com ele. Então precisamos conversar.

Colocamos Andreas de pé e eu aperto seus ombros. — Descanse um pouco, velho. Temos uma guerra a vencer.

Andreas examina meu rosto. — Hades? — Um sorriso divide seu rosto enrugado. — Hades, meu velho amigo. Eu tenho saudade de você.

Eu não. Meu pai. Meu peito afunda, mas eu dou um último aperto em seus ombros e deixo Caronte conduzir seu tio para fora do escritório. Vou até minha mesa e pego a garrafa de uísque que Andreas deixou para trás, mas coloco-a na mesa sem abri-la. Não importa o quão atraente seja a ideia de suavizar minhas arestas mais ásperas, eu preciso ser afiado esta noite. Mais do que esta noite - até o fim disso.

A porta se abre atrás de mim com um leve rangido, levantando os pequenos cabelos da minha nuca. Cada instinto que tenho grita perigo, mas em vez de me virar e jogar a garrafa de uísque, me viro devagar, já desconfiando quem vou encontrar. Apenas uma pessoa é capaz de escapar da minha segurança. Francamente, estou surpreso que ela realmente tenha usado a porta desta vez, em vez de aparecer na minha cadeira de escritório como se fosse um passe de mágica. — Algum dia, você vai ter que me dizer como você passou pela minha segurança, mesmo quando ela está no seu nível máximo.

— Algum dia, talvez eu considere isso. — Hermes não está exibindo seu sorriso característico. Ela está vestida com um par de calças pretas justas e uma longa camisa roxa que parece uma mistura de roupa masculina e um vestido. O melhor para se encaixar nas sombras, aparentemente.

Eu dou a volta e me encosto na minha mesa. — Negócio oficial, presumo.

— Sim. — Algo como arrependimento pisca em suas feições. — Você errou, Hades. Você não deveria ter dado uma abertura a ele. Está amarrado todas as nossas mãos, mesmo aqueles de nós que o consideram um amigo.

Por alguma razão, é isso que me incomoda. *Amigos.* Eu mal fui capaz de reconhecer o fato de que ela e Dionísio podem ser amigos, e agora eles se foram. Apesar da minha determinação em manter o controle, a mágoa ganha vida. — Não são tão bons amigos se acabarmos no lado oposto de uma guerra.

Ela estreita os olhos. — Você não sabe como é a cidade alta. É um mundo diferente do que é aqui embaixo. Você pode ser o rei benevolente da cidade baixa, mas Zeus é outro animal completamente. Cruzá-lo exige o pagamento de um preço mais alto do que a maioria de nós é capaz.

Eu me pergunto isso. Eu conheço Hermes há anos, mas nunca falamos sobre nenhum de nossos passados por mútuo acordo silencioso. Não sei de onde ela veio, não sei nada da família dela ou se ela tem. Não sei quão alto ela pagaria para tentar enfrentar Zeus.

Um suspiro escapa. Não quero parecer tão cansado, mas a enormidade do que está por vir vai me oprimir se eu pensar muito sobre isso. Eu planejei essa possibilidade desde que eu tinha idade

suficiente para entender o que tinha acontecido com meus pais e quem era o responsável.

Nunca planejei Perséfone, no entanto. A ideia de *ela* arcar com alguma parte dos custos? Não. Eu não vou permitir. Eu não dou a mínima para o que é exigido de mim.

— Vamos em frente, então. — Eu aceno para ela entregar qualquer mensagem que ela obviamente trouxe. — O que o velho bastardo tem a dizer?

Hermes acena com a cabeça e limpa a garganta. Sua voz, quando emerge, é uma aproximação surpreendente dos tons estrondosos de Zeus. — Você tem treze horas para devolver as duas garotas Dimitriou ao lado correto do rio. Não fazer isso resultará na aniquilação de você e de todos sob seu comando. Não posso ser responsabilizado pelas perdas de civis. Faça a escolha certa, Hades. — Hermes exala e se sacode. — Fim da transmissão. — A piada cai por terra entre nós.

Eu a estudo. — Treze horas?

— Nunca diga que Zeus carece de senso teatral. Uma hora para cada um dos Treze.

— Ele não vai recuar, mesmo que eu as devolva. — Ele esperou muito por uma oportunidade exatamente como esta. Não sei o que acontecerá se eu morrer e não houver ninguém da minha linhagem para continuar com o nome. O título morre comigo e ele divide a cidade baixa com Poseidon? Ou Zeus intervém e designa alguém de *sua* escolha? Nenhuma das opções beneficiaria meu povo.

— Não, eu não suponho que ele irá. — O conflito em seu rosto diz tudo que preciso saber. Hermes não gosta de onde isso vai dar, mas ela não vai arriscar o pescoço para impedir. Não tenho certeza se

ela poderia impedir, mesmo se quisesse.

Enquanto ainda estou pensando em respostas, Hermes se inclina para frente e me arrasta para um abraço. — Por favor, tenha cuidado.

Eu retribuo o abraço sem jeito, meio esperando uma faca nas costelas. — Não faço promessas.

— É disso que tenho medo. — Ela me dá um último aperto e dá um passo para trás. Seus olhos escuros brilham um pouco antes que ela pisque as lágrimas. — Você tem uma resposta?

— Ele terá minha resposta em treze horas.

Ela abre a boca como se quisesse discutir, mas finalmente concorda. — Boa sorte, Hades.

— Use a porta da frente quando sair.

— Agora, onde estaria a diversão nisso? — Ela me abre um sorriso e então se afasta, escapando pela porta e me deixando imaginando o que diabos eu vou fazer.

Não importa o quão intensamente eu tenha me preparado para isso, isso não muda o fato de que o custo será alto. Zeus vai atacar forte e rápido assim que eu perder esse prazo, e ele vai trazer a guerra para o meu território para garantir que meu povo pague o preço mais alto. Isso serve a um propósito duplo de me machucar e potencialmente prejudicar sua lealdade inabalável, pavimentando o caminho para que aceitem um novo líder quando ele finalmente conseguir me eliminar.

Eu tenho um plano. Eu tenho que me manter firme.

CAPÍTULO 28

Perséfone

Em um minuto estou sozinha, tentando decidir quanto tempo dar a minha irmã no banheiro, e no próximo ouço um farfalhar atrás de mim e giro para encontrar Hermes empoleirada na cama. Eu pressiono a mão no meu peito, tentando acalmar meu coração acelerado, mas não me permito nenhuma reação forte, não quando ela está me observando tão de perto. — Hermes.

— Perséfone. — Sua expressão é cuidadosamente neutra. — Eu tenho uma mensagem para você. Você vai ouvir?

Nada de bom pode resultar disso, porque há apenas duas pessoas que usariam a Hermes para enviar uma mensagem. Sobe a tentação de dizer a ela para sair do quarto, para me esconder do que está por vir. Eu sou mais forte do que isso. Não vou me permitir enfiar a cabeça na areia e ignorar as consequências de minhas ações. — Sim.

Ela acena com a cabeça e pula de pé. Quando ela fala, é com uma voz distintamente masculina. Preciso de duas palavras para colocá-lo como Zeus. — Há uma guerra no horizonte, Perséfone. Vou esmagar a cidade baixa e todos que vivem lá. Você sabe que Hades não pode resistir ao poder que o resto dos Treze pode trazer à tona. Volte agora e traga sua irmã, e eu reconsiderarei meu ataque.

Eu espero, mas ela fica em silêncio. — Essa é a oferta dele? Ele vai *reconsiderar*?

— Sim. — Hermes encolhe um único ombro. — Ele aparentemente acha que é justo.

— Ele aparentemente pensa que eu sou uma idiota. — Zeus não

reconsidera nada. Ele pode querer eu e Eurídice de volta, ou para apaziguar minha mãe ou para provar seu poder, mas ele não vai perder esta oportunidade de atacar Hades.

Não, a menos que eu dê a ele um motivo para hesitar.

Meu estômago se revira e minha cabeça fica leve e estática. Prometi a mim mesma que não iria me esconder das consequências de minhas ações, mas algumas consequências são um preço muito alto a pagar. Hades é mais do que capaz, mas contra um número tão grande e inimigos mais bem equipados? E mesmo com suas precauções, o que dizer de seu povo? Todas aquelas pessoas que conheci nas últimas semanas enquanto Hades me mostrava a cidade baixa. Juliette, Matthew, Damien, Gayle. Todo mundo que frequenta o mercado de inverno, que tem barracas, lojas e negócios de gerações anteriores.

Elas podem se tornar vítimas. Há *sempre* baixas na guerra, e é sempre as pessoas que menos merecem a suportar o custo.

E se eu puder parar com isso?

Hermes está a meio caminho da porta quando encontro minha voz, embora eu dificilmente soe como eu. — Hermes. — Espero que ela me enfrente para continuar. Se eu fizer isso, não haverá volta. O preço pode ser muito alto a pagar, mas não posso deixar que todos lutem minhas batalhas por mim. O tempo de se esconder atrás da reputação de Hades já passou. É hora de agir. — Eu gostaria de enviar uma mensagem para minha mãe.

***

Eu me questiono milhares de vezes depois que Hermes vai embora, vendo os minutos se transformarem em horas enquanto

espero por uma resposta de minha mãe. Cuidar de Eurídice requer alguma concentração, mas eventualmente ela desmaia na cama e eu sou mais uma vez deixada para esperar com meus próprios pensamentos.

Não sei se estou fazendo a chamada certa. Desejo com tudo que tenho poder executar esse plano além de Hades, que possamos encontrar uma solução juntos. Uma boa solução racional que nos guie por essas águas traiçoeiras e para um porto seguro.

Mas esse é o problema. Não me sinto racional. Meu pânico não diminui com o passar do tempo. Na verdade, fica mais forte. Zeus quer a cabeça de Hades em uma bandeja. Ele queria isso há anos e finalmente dei a ele uma maneira de fazer acontecer.

Não posso deixar Hades morrer.

O pensamento deste mundo sem ele nele? A própria ideia me faz estremecer como se meu corpo pudesse repelir o pensamento. Ele não estará pensando em si mesmo, apenas em proteger seu povo. De *me* proteger. Afinal, ele prometeu e eu conheço Hades bem o suficiente para saber que ele manterá sua palavra, mesmo que isso signifique afundar para me manter acima da água.

Eu *tenho* que protegê-lo. Ele não tem mais ninguém que...

Minha respiração fica presa no meu peito, e eu olho cegamente para as paredes azuis de bom gosto do quarto. Atordoada, eu termino a frase, mesmo que apenas na minha cabeça. *Ele não tem mais ninguém que o ame como eu.*

Eu amo Hades.

Eu fecho meus olhos e me concentro em respirar, passando a tensão invadindo meu corpo. O amor nunca fez parte do plano, mas *nada* disso fazia parte do plano. Eu não posso contar a ele. Se eu

contar a ele, isso pode abalá-lo além do ponto da razão. Ele não verá minhas ações como nada menos do que uma traição. Ele pode até fazer algo para colocar seu povo em risco, e *isso* eu não posso permitir.

Não, não posso contar a ele. Eu tenho que engarrafar isso, enfiar bem fundo. Se eu tiver sucesso, talvez haja algo de nós para salvar do outro lado. Se eu falhar... Bem, teremos problemas maiores nesse ponto.

Ainda estou lutando contra minhas emoções quando a janela se abre e Hermes entra. Eu encaro. — Você acabou de escalar as paredes?

— O quê, como se fosse difícil? — Seu sorriso é uma sombra de si mesma. Os eventos da noite a afetaram, assim como afetaram o resto de nós. Ela se endireita e a voz da minha mãe sai de seus lábios. — Você tem um acordo.

Toda a força sai do meu corpo por um momento terrível. Eu honestamente não esperava que ela concordasse. Agora eu realmente não tenho escolha. Eu fecho meus olhos e respiro lentamente. As coisas agora estão em movimento. Não há como voltar agora.

Eu aliso o cabelo da minha irmã. — Acorde, Eurídice.

As coisas acontecem rapidamente depois disso. Aproveito para colocar outro vestido preto que Juliette fez para mim. É de mangas compridas com um decote generoso e uma saia larga, mas o verdadeiro destaque é o espartilho sob o busto que vai por cima. É preto com fios de prata e me faz pensar em uma armadura estilizada. Nesse vestido, me sinto como uma rainha das trevas.

Como uma *deusa* das trevas.

Hermes me lança um olhar demorado. — Essa é uma peça de afirmação.

— As aparências sempre importam na cidade alta. — Terei

apenas uma oportunidade de acertar. — É importante encontrar o tom certo.

Ela ri um pouco baixinho. — Quando você passar pela porta, eles não saberão o que os atingiu.

— Bom. — Eu aliso minhas mãos sobre o vestido. Não há mais tempo a perder. — Vamos.

Eurídice me para antes que eu possa abrir a porta do quarto. — Vou ficar.

Eu paro abruptamente. — O que?

— Preciso de tempo. — Ela envolve os braços em volta de si mesma. — Vou descobrir o que vou fazer de manhã, mas não vou voltar para a cidade alta esta noite. Eu não posso.

Começo a discutir, mas Hermes interrompe: — Olha, se tudo isso acontecer do jeito que você quer, ela ficar não fará diferença. Se as coisas derem errado, ela ficar aqui *também* não fará diferença.

Ela está certa. Eu odeio que ela esteja certa. Sem mencionar que o lugar mais seguro para Eurídice agora é na casa de Hades. Não importa o que aconteça a seguir, ele não deixará nenhum mal acontecer a ela. Eu engulo em seco. — Ok. — Eu puxo minha irmã para um abraço apertado. — Esteja segura.

— Você também. — Ela me aperta de volta com a mesma força. — Amo você.

— Amo você também. — Eu me forço a soltá-la e me viro para Hermes. — Estou pronta.

Eu meio que espero que Hermes me direcione para a janela, apesar da minha mudança de guarda-roupa, mas ela me leva para fora da porta e pelo corredor até a escada dos fundos que sai perto da cozinha. Então estamos nos túneis que não visitei desde a noite em

que conheci Hades. Silencio minhas perguntas sobre sua aparente habilidade mágica de navegar na casa de Hades. É estranho ao extremo, mas funciona. Nós chegamos à saída sem sermos pegas.

O ar noturno ganhou força desde a última vez que estivemos do lado de fora. Eu tremo, parte de mim desejando ter pego um casaco, mas o que Hades me deu não funciona com essa roupa e eu terei apenas uma chance de causar a impressão que eu quero. Além disso, parece adequado que eu tenha fugido para a cidade baixa sem casaco e voltado pelo mesmo caminho.

Hermes olha para mim. — Não está longe agora.

A dois quarteirões de distância, encontramos um sedan preto indefinível aninhado entre dois edifícios, um Dionísio estranhamente sério ao volante. Hermes ocupa o banco da frente e eu deslizo para trás. Ele me olha pelo retrovisor e balança a cabeça. — Droga, parece que Hermes estava certa, afinal.

— Aceitarei meu pagamento em dinheiro. — Ela soa como se estivesse apenas seguindo os movimentos de suas brincadeiras, sua mente em algo a mil quilômetros de distância. — Vamos.

O pânico se acumula na minha garganta enquanto passamos pela cidade baixa e passamos pela ponte Cypress. A pressão está mais leve do que antes, quase imperceptível. *Porque Hades me convidou para a cidade baixa*. Eu tremo, mas resisto ao desejo de envolver meus braços em volta de mim. Meu coração afunda quando deixamos a cidade baixa para trás. Não há como voltar agora. Talvez nunca tenha existido.

Eu espero que eles sigam para o oeste em direção à cobertura de minha mãe, mas eles viram para o norte em vez disso. Isto está errado. Eu me inclino para frente entre os bancos da frente. — Onde

estamos indo?

— Eu estou entregando você para sua mãe. Ela está com os outros na Torre de Dodona.

Eu estou em Hermes antes que ela possa se mover, minha mão enrolada em sua garganta. — Você me enganou.

Dionísio nem mesmo diminui o ritmo. Ele mal olha para nós. — Não briguem, crianças. Eu odiaria ter que dar a volta com este carro.

Hermes revira os olhos. — Você é a idiota que não pediu mais detalhes. Você ofereceu um acordo. Sua mãe pegou. Acabei de entregar as mensagens - e agora o pacote. Sente-se antes de se machucar.

Em vez disso, eu aperto meu aperto. — Se isto é uma cruz...

— O que você vai fazer, Perséfone? Me matar? — Hermes dá uma risadinha melancólica. — Pode tentar.

Isso reflete algo que Hades disse antes. Que Zeus tentará me levar e destruir a cidade baixa. A primeira parte disso não é uma questão por causa de minhas ações. É o último que estou tentando evitar. Droga, Hermes está certa. Eu pedi por isso. Eu não posso ameaçar e fazer uma postura porque não está acontecendo exatamente como eu esperava.

Mesmo sabendo disso, é preciso mais controle do que eu esperava para tirar meus dedos de sua pele e sentar. — Eu preciso que ele sobreviva a isso. — Eu não quero dizer isso. Eles podem se preocupar com Hades, mas não são meus amigos. Eu não posso confiar neles.

Hermes finalmente olha para mim. — Você parece ter tudo sob controle.

Não sei dizer se ela está sendo sarcástica ou não. Eu escolho

tomar as palavras pelo valor de face e deixá-las me impulsionar quando eu desesperadamente precisar.

À nossa volta, as ruas assumem rapidamente um aspecto mais chamativo. Tudo foi renovado nos últimos anos, mais evidência de como a cidade alta se preocupa tão intensamente com a *aparência* das coisas e menos com o conteúdo abaixo. Os negócios continuam os mesmos, as pessoas que os trabalham são as mesmas, pelo menos até que os preços sejam eliminados. Quantos deles acabam na cidade baixa? Tenho tanta vergonha de mim mesma por manter meu olhar no horizonte quando havia coisas que eu deveria estar notando ao meu redor.

Dionísio para em frente à Torre de Dodona e para. Quando eu olho para Hermes, ela encolhe os ombros. — Eu só estava brincando sobre entregar pacotes. Você fez este acordo, então você deve entrar lá sob seu próprio poder. Você estava certa antes - a percepção é importante.

— Eu sei —, eu digo fracamente. Eu não me desculpo por atacá-la, no entanto. Ela não está do lado de ninguém, apenas dela mesma, e embora eu entenda, não posso deixar de usar isso contra ela. Hades poderia usar aliados agora, e quando ele está em sua hora de necessidade, ela e Dionísio o abandonaram. Por fora, pode parecer que fiz o mesmo, mas tudo o que fiz desde o momento em que enviei uma mensagem a Hermes para minha mãe é para ele.

Saio do carro e olho para o arranha-céu à minha frente, mais alto do que qualquer um dos prédios ao redor, como se Zeus precisasse dessa demonstração física de seu poder para lembrar a todos na cidade o que ele pode fazer. Eu encontro meu lábio superior se curvando. Patético. Ele é uma criança, pronto para ter um acesso de

raiva e causar uma destruição indizível se não conseguir o que quer.

A última coisa que quero fazer é enfrentá-lo e sua brilhante multidão de lacaios depois de tudo o que aconteceu, mas foi isso que eu pedi. Este é o preço que estou disposta a pagar para evitar a guerra. Não posso me dar ao luxo de hesitar antes mesmo de entrar no campo de batalha.

A viagem de elevador até o topo parece levar mil vidas. Já se passou um pouco mais de um mês desde a última vez que estive aqui, desde que fugi de Zeus e do futuro que ele e minha mãe haviam traçado para mim sem meu consentimento.

É preciso mais esforço do que nunca para controlar minha expressão. Eu perdi o hábito com Hades; eu me sinto segura com ele, não como se eu tivesse que mentir com meu rosto e palavras para garantir um caminho mais tranquilo. Mais uma razão pela qual o amo.

Deuses, eu o amo, e se isso der errado, nunca terei a chance de dizer em voz alta. Não é como se ele tivesse me dito que sente o mesmo. Temos sido muito cuidadosos em evitar qualquer conversa sobre emoções mais profundas, mas não posso deixar de pensar na conversa que tivemos enquanto batizamos os filhotes. Ele não teria planejado um futuro alternativo no qual fossemos pessoas diferentes se ele não estivesse se sentindo o mesmo. Ele não me chamaria de *amor*. É muito tarde para se preocupar com isso agora. Eu tenho que deixar isso de lado.

Não se pode nadar com tubarões a menos que sejam capazes de se concentrar totalmente em não perder um membro no processo.

Eu respiro pela última vez quando a porta do elevador se abre e endireito meus ombros. É hora do jogo.

O salão está lotado, as pessoas vestidas com todas as cores do

arco-íris, vestidos cintilantes e smokings elegantes. Outra festa em andamento. É quase como se todos estivessem neste salão o tempo todo em que estive fora, presos em alguma realidade distorcida onde a festa nunca termina. As roupas são um pouco diferentes, os vestidos de cores mais brilhantes esta noite do que da última vez, mas as pessoas são as mesmas. A atmosfera venenosa do salão é a mesma. *Tudo* é a porra do mesmo.

Como eles podem estar festejando quando há tanta morte no horizonte?

A fúria estala em minhas veias, queimando o último dos meus nervos e qualquer hesitação persistente. Essas pessoas podem não se importar com o custo de suas decisões para aqueles que não fazem parte de seus círculos, mas *eu* sim. Eu saio do elevador, meu vestido deslizando em volta das minhas pernas a cada passo. Todas as outras vezes que estive neste salão, não fui capaz de escapar do claro desequilíbrio de poder. Eles tinham. Eu não tinha. Fim da história.

Isso não é mais o caso.

Não sou apenas uma das filhas de Deméter. Eu sou Perséfone e amo o rei de sua temida cidade baixa. Para eles, ele poderia muito bem ser o rei do próprio submundo, o senhor dos mortos.

Eu avisto minha mãe em uma conversa profunda com Afrodite, suas cabeças inclinadas enquanto falam em voz baixa, e viro em sua direção. Dou dois passos antes de uma voz ecoar pelo salão.

— Minha noiva retorna.

O gelo desce em cascata pela minha espinha, mas não permito nada em minha expressão quando olho para Zeus. Ele está sorrindo para mim como se não tivesse feito ameaça após ameaça para me trazer de volta à cidade alta. Como se eu não tivesse passado as

últimas cinco semanas e mudei dormindo com seu inimigo.

Como se todos neste salão ignorassem essas duas verdades.

As pessoas se afastam enquanto eu avanço. Não, eles não se afastam. Eles realmente tropeçam em si mesmos para colocar distância entre nós e limpar meu caminho. Eu não olho para eles. Eles estão abaixo da minha atenção neste momento. Apenas duas pessoas neste salão importam agora, e eu tenho que lidar com Zeus antes de poder entrar no meu jogo final.

Eu paro fora do alcance e passo a mão sobre mim. — Como você pode ver, voltei em segurança.

— Segura, mas não intocada. — Ele diz baixo o suficiente apenas para chegar até mim, mas ele sorri como se eu tivesse prometido a ele o mundo e levanta sua voz. — Este é um bom dia, de fato. É hora de comemorar. — Ele se move mais rápido do que eu imagino e passa o braço em volta da minha cintura, me segurando com muita força. É tudo que posso fazer para não vacilar. Zeus acena uma mão imperiosa e aperta seu domínio sobre mim. — Sorria para a câmera, Perséfone.

Eu sorrio facilmente quando uma câmera dispara, meu peito afundando com o conhecimento de que Hades verá esta foto estampada em todos os lugares pela manhã. Não terei oportunidade de explicar, nenhuma chance de dizer a ele que estou fazendo isso por ele, por seu povo.

Zeus desliza a mão pelo meu lado, embora o espartilho crie uma barreira que dá a impressão de mantê-lo afastado. — Você tem sido uma menina má, Perséfone.

Eu detesto a maneira como ele fala comigo. Como se eu fosse uma criança a ser corrigida, só que a luxúria em seus olhos desmente essa percepção. Eu mesmo matarei Zeus antes de deixá-lo me levar

para a cama, mas dizer isso agora vai minar meus objetivos. Então eu sorrio para ele, alegre e doentiamente doce. — Acho que posso ser perdoada por uma série de coisas com a penitência adequada. Você não concorda?

A luxúria em seus olhos fica mais quente, e meu estômago dá uma reviravolta doentia. Ele aperta meu quadril, seus dedos cavando como se quisesse arrancar meu vestido. Mas ele finalmente me solta e dá um passo para trás. — Vá para a casa da sua mãe e espere. Meu povo irá buscá-la quando isso terminar.

Eu luto para manter meu sorriso no lugar, para abaixar meus olhos como uma boa e pequena esposa obediente. Eu suspeito que ele vai ter alguém me seguindo até a casa da minha mãe, e desta vez, não haverá nenhuma corrida aterrorizada para o rio Estige. Está tudo bem. A casa da minha mãe é o destino que desejo.

Minha mãe me vê chegando, e o alívio em seu rosto é bastante real. Ela se importa. Nunca duvidei que ela se importasse. É o orgulho e a ambição que atrapalham. Ela me puxa para um abraço apertado. — Estou tão feliz que você esteja segura.

— *Eu* nunca estive em perigo. — Murmuro.

Ela se move para trás, mas mantém um controle sobre meus ombros. — Onde está sua irmã?

Eu correspondo ao seu tom baixo. — Ela escolheu ficar para trás.

Mãe estreita os olhos. — É hora de ir para casa. — Onde podemos falar livremente.

É a saída mais rápida que já fizemos de uma festa. Eu mal olho para os participantes. Eles só importam de que maneira cairão no confronto que se aproxima. Sem minha interferência, cada um deles apoiará Zeus sobre o Hades. Eu não posso permitir isso. Hades é mais

forte do que qualquer um que eu conheço, mas nem mesmo ele pode vencer uma guerra contra os outros Treze sozinho. Vou garantir que ele não precise.

Mamãe não fala de novo até que tenhamos feito o caminho em segurança para o nosso prédio e pegado o longo elevador até o último andar. Ela se vira para mim no segundo em que a porta é fechada. — O que você quer dizer com ela escolheu ficar para trás?

— Eurídice está segura na cidade baixa. Ou ela estará, enquanto tivermos sucesso.

Ela me olha como se nunca tivesse me visto antes. — E você? Você está bem? Ele te machucou?

Dou um passo para trás quando parece que ela pode tentar me abraçar novamente. — Estou bem. *Hades* não é aquele que quer me machucar, e você sabe disso. — Eu a encaro. — Ele também não é aquele que corta o abastecimento de metade da cidade em um acesso de raiva.

Ela se recompõe. Minha mãe sempre parece maior que a vida, mas temos a mesma altura. — Perdoe-me por querer proteger minhas filhas.

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Você não pode falar sobre proteger suas filhas quando me vendeu para Zeus sem nem mesmo perguntar se era isso que eu queria, quando você *conhece* a reputação dele. Ele é um Barba Azul moderno, e não finja que ninguém está ciente disso.

— Ele é o homem mais poderoso do Olimpo.

— Como se isso deixasse tudo bem. — Eu cruzo meus braços sobre meu peito. — Suponho que também está tudo bem que ele enviou um de seus homens para perseguir Eurídice pela rua como

uma corça diante da flecha de um caçador? Não foi um blefe, mãe. Ele tinha uma lâmina e pretendia usá-la antes que Hades a salvasse. Seu precioso Zeus ordenou que isso fosse feito.

— Você não sabe disso.

Eu a estudo. — É o que ele fez comigo. Parece que ele gosta de deixar sua presa chegar à parte baixa da cidade antes de atacar, mas nós duas sabemos que foi intencional com Eurídice. Ele armou uma armadilha, e se Hades não tivesse caído nela, o homem de Zeus a teria esfaqueado. Olhe nos meus olhos e diga que você tem a maior fé de que Zeus nunca, jamais, fará nada para machucar uma de suas filhas e me colocar na linha. Faça isso com sinceridade.

Ela abre a boca, obviamente determinada a conseguir isso, mas para em breve. — Deuses, você é tão teimosa, Perséfone.

— Com licença?

Ela balança a cabeça, de repente parecendo cansada. — Você nunca esteve em perigo. Você simplesmente tinha que se casar com o bastardo e bancar a boa esposa por tempo suficiente para que ele baixasse a guarda. Eu teria cuidado do resto.

A suspeita que tenho alimentado desde o início volta à tona novamente. — Você tinha um plano.

— Claro que eu tinha um plano! Ele é um monstro, mas é poderoso. Você poderia ter sido *Hera.*

— Eu nunca quis ser Hera.

— Sim, estou ciente. — Ela acena isso como ela parece fazer com qualquer coisa que não se encaixa convenientemente em seus planos. — É um ponto discutível agora. Zeus é um risco.

Eu encaro. — Você decidiu isso antes de eu fazer minha oferta.

— Claro que sim. — Seus olhos castanhos, tão semelhantes aos

meus, estreitam--se. — Ele ameaçou duas das minhas filhas. Ele sobreviveu à sua utilidade. Prefiro lidar com seu filho e herdeiro no futuro.

Eu percebo o que ela está insinuando, e isso me deixa sem fôlego. Eu sabia que minha mãe poderia ser implacável em sua ambição, mas este é outro nível completamente. Minhas pernas estão um pouco trêmulas, mas cheguei muito longe para ceder agora. — Qual era o plano? O que eu arruinei fugindo?

— Nada muito complicado. — Ela encolhe um único ombro. — Um veneno sutil para colocá-lo fora de combate sem matá-lo. — Porque se ele morrer, Perseu assume como Zeus, o que significa que não sou mais Hera.

— Porra, mãe. — Eu balanço minha cabeça. — Você é assustadora.

— E você aprendeu com os melhores. — Ela gesticula para si mesma. — É o negócio que você está oferecendo.

— Sim. Isto é. — Limpo minha garganta repentinamente seca. — Vou ficar no Olimpo e encorajar Hades a fazer várias aparições anuais com nossa família. — Não tenho negócios para oferecer este último, mas farei de tudo para evitar esta guerra. *Qualquer coisa*.

Mãe franze a testa. — Você tem planejado deixar o Olimpo desde que assumi esta posição.

Claro que ela conhece meus planos. Não tenho mais energia para me surpreender com isso. — Isso não a impediu de me entregar a Zeus.

Ela se encolhe um pouquinho. — Lamento que você tenha se machucado com isso. — O que não é a mesma coisa que lamentar por ela ter feito isso.

Eu levanto meu queixo. — Então faça as pazes e aceite o acordo que estou oferecendo. Se você realmente quer que eu fique, esta é a maneira de fazer isso. — Posso vê-la vacilando, então tenho que pressioná-la em todas as frentes. — *Pense*, mãe. As únicas pessoas que uma guerra beneficia são os generais. Não as linhas de abastecimento. Não os que trabalham em segundo plano. Se você deixar Zeus perseguir essa vingança pessoal e arrastar nossa cidade inteira para um conflito, isso vai minar o poder que você vem construindo desde que se tornou Deméter. — Nada do que estou dizendo é uma informação nova. Ela não teria concordado com a minha barganha se já não estivesse pensando as mesmas coisas.

Ela finalmente desvia o olhar, sua mandíbula apertada. — É um risco enorme.

— Só se você realmente acreditar que Zeus é mais poderoso do que o resto dos Treze. Você mesma disse; ele se tornou um risco. Ele não é a única posição legada. Ele nem mesmo está encarregado dos recursos mais vitais. Comida, informação, importação e exportação, até os soldados que vão lutar numa guerra que não escolheram. Tudo isso é tratado por outros dentro dos Treze. Se eles - se *você* - retirarem seu apoio, que recurso ele tem?

— Não posso falar pelos outros.

Eu dou uma risadinha melancólica. — Mãe, agora você está apenas sendo difícil. Você sabe tão bem quanto eu que metade dos Treze lhe deve favores. Você trabalhou muito para ignorar sua influência quando finalmente teve a chance de usá-la para algo *bom*.

Ela finalmente olha para mim. — Isso vai criar inimigos.

— Isso vai revelar os inimigos que você já tem. — Eu corrijo.

Mãe dá um sorrisinho estranho. — Você tem prestado mais

atenção ao que eu pensei.

— Como você disse, aprendi com os melhores. — Não concordo com as escolhas que ela fez, mas não posso mentir e fingir que a persona que usei por tanto tempo foi aquela que inventei sozinha. Eu a observei se mover entre os jogadores poderosos desta cidade e me moldei de acordo para viajar esses redemoinhos e fluxos sem causar ondas. — Você tem que fazer isso.

Ela respira lentamente, e é como se toda a sua hesitação a abandonasse na expiração. — Seis eventos.

— Com licença?

— Você garantirá que Hades participará de pelo menos seis eventos ao longo do ano, de preferência de minha escolha. — Ela sustenta meu olhar. — Além disso, ele se permitirá ser visto comigo o suficiente para sugerir que somos aliados.

Eu estreito meus olhos. — Você não consegue controlá-lo.

— Claro que não. Mas a percepção é tudo. Se o resto do Olimpo achar que Hades está no meu bolso de trás, isso aumentará meu poder exponencialmente.

É um risco enorme. Os Treze podem saber que Hades existe, mas até recentemente, o resto da cidade alta não sabia. Se eles pensam que ele e minha mãe são aliados, isso influenciará em qualquer número de acordos que ela fizer. Ninguém quer abrir a porta e encontrar o bicho-papão do Olimpo esperando porque irritaram Deméter.

Mas esse é o fator decisivo. Ela está pedindo a *percepção* de uma aliança. Hades não ficará preso em apoiá-la a menos que ele realmente queira. Ele só precisa ser visto com ela. — Ok.

— Então nós temos um acordo. — Ela estende a mão.

Eu fico olhando para ele por um longo momento. Depois de

concordar, não há como voltar atrás. Sem escapar do Olimpo. Não há como evitar os jogos de poder, a política e a traição que vêm com a vida aqui. Se eu fizer isso, estou mergulhando até o pescoço e fazendo de bom grado. Não posso fingir que não tive escolha. Não posso mudar de ideia depois e chorar mal. Estou entrando com os olhos bem abertos e tenho que estar bem com isso.

Se eu não selar este acordo, haverá guerra no Olimpo. Centenas de pessoas podem morrer - provavelmente mais. *Hades* pode morrer. E mesmo que ele consiga passar para o outro lado, qual será o custo? Ele já sobreviveu a tanto, lutou para se recuperar de tantas perdas. Se eu puder salvá-lo de mais, eu quero.

Se eu não selar esse acordo, nunca mais o verei.

Pego a mão de minha mãe e trocamos um aperto de mão firme. — Combinado.

CAPÍTULO 29

Hades

Ela se foi.

Sento-me no meu quarto quando o amanhecer começa a cruzar o céu e fico olhando para a cama vazia. O quarto nunca pareceu tão grande antes, tão deserto. Eu sinto sua ausência em minha casa como um membro que falta. Dói, mas não há fonte. Não há conserto.

Eu me inclino para frente e pressiono as palmas das mãos nos olhos. Eu assisti os feeds de segurança. Eu a vi sair com Hermes. Se fosse apenas isso, eu poderia atribuir a Perséfone mudando de ideia, por ela não querer ter nada a ver com esta guerra e comigo depois do que aconteceu esta noite.

Mas ela deixou sua irmã aqui.

E ela estava usando um vestido preto.

Não sou homem de procurar sinais quando não há nenhum, mas ela também usou um vestido preto antes. Esta noite representou um ponto de inflexão para nós, um dos últimos em uma longa fila de muitos. Ela ficou ao meu lado, vestida de preto e quase admitimos nossos sentimentos um pelo outro. Se Perséfone não se importasse comigo, ela não estaria vestida como minha rainha das trevas quando partisse. Ela não teria deixado Eurídice aqui, enviando uma mensagem silenciosa de que ela confia em mim para garantir a segurança de sua irmã.

Ela está fazendo uma declaração.

Eu me levanto e vou para a cama. Não haverá tempo para dormir, mas preciso tomar um banho e tentar clarear minha

cabeça. As coisas estão indo rápido demais. Não posso permitir que algo escape.

Vejo o livro no momento em que entro no banheiro. Está rasgado de um lado e, quando o pego, reconheço o título do livro que Perséfone estava lendo quando a vi pela última vez. Seu rabisco é quase ilegível, o que me faz sorrir apesar de tudo. É uma parte dela que não está perfeitamente equilibrada. A nota é curta, mas ainda assim me rouba o fôlego.

Hades,

Eu sinto muito. Isso vai parecer ruim, mas eu prometo que estou fazendo isso por você. É imperdoável dizer assim, mas não sei se terei outra chance. Eu amo você. Fiz essa bagunça e agora vou consertar.

Sua,

P

Eu li de novo. E então uma terceira vez. — *Puxa vida*. — Se ela tivesse me deixado para salvar a si mesma ou a suas irmãs, seria mais fácil de engolir. Eu suspeitava, mas suspeitar e saber a verdade são duas coisas muito diferentes.

Algo dentro de mim fica frio e farpado quando eu pego meu telefone e verifico os sites de fofoca. Perséfone se foi há apenas algumas horas, mas as fotos dela já estão neles. Ela naquele vestido preto na festa de Zeus. Zeus com o braço possessivamente em volta da cintura dela. Ela dando a ele aquele sorriso ensolarado que é falso e doce o suficiente para fazer meus dentes doerem.

Ela voltou para seus braços esperando para *me* salvar. Não consigo entender isso. Ela viu meus preparativos. Ela sabe do que sou capaz. Meu povo e eu podemos resistir a qualquer coisa que Zeus jogue em nós. Não vai ser bonito, mas podemos fazer isso.

Perséfone acabou de entrar na frente de uma bala destinada a mim.

O pensamento faz a sensação de frio dentro de mim ficar positivamente gelada. Zeus a fará pagar por ir embora, por me deixar colocar minhas mãos sobre ela na frente de seus pares. Por *sujá-la*, em sua mente. Ele vai descontar sua raiva nela, e nem mesmo Perséfone pode sobreviver a isso indefinidamente. Talvez seu corpo vá, mas ele vai quebrar sua alma, a força que a torna *ela*. Zeus não é o tipo de homem que tolera qualquer resistência.

Eu prometi que a protegeria.

Eu a *amo* pra caralho.

Eu coloco o bilhete exatamente de volta onde o encontrei e saio do banheiro. Eu já passei por esses corredores com tanta frequência que é brincadeira de criança evitar meu povo e as câmeras. Caronte vai perder a cabeça quando perceber o que eu fiz. Andreas nunca vai me perdoar. Nada disso importa. Nada além de fazer o que for preciso para garantir que Perséfone esteja segura.

Mesmo que isso signifique que ela correrá o mais longe e rápido do Olimpo que puder. O mais longe e rápido de *mim* que ela pode. Mesmo sabendo que sua liberdade significa que vou perdê-la para sempre. Melhor que ela se perca para mim em favor do mundo e de sua liberdade do que se submeter a Zeus para pagar o preço pelos pecados reais e imaginários.

Eu vou matá-lo.

Eu chego a um único quarteirão da minha casa quando um sedan escuro faz a curva e diminui a velocidade ao meu lado. A janela do passageiro desce e Hermes me dá uma sombra de seu sorriso normal. — Você está prestes a fazer algo estúpido.

Dionísio está no banco do motorista e parece tão exausto como se tivesse passado por uma bebedeira de uma semana. — Hades sempre teve uma veia nobre.

— Eu não gostaria que você ficasse no meio. Eu sei como vocês dois odeiam isso. — Sai muito mais duro do que pretendo, mas não consigo evitar. Contra meu melhor julgamento, comecei a considerar os amigos dela e de Dionísio e veja onde isso me levou. Traição. Traição sem fim, porra.

Seu sorriso desaparece. — Estamos todos desempenhando os papéis definidos para nós. Eu conhecia o roteiro quando aceitei o título. — Ela olha para Dionísio. — Nós dois aceitamos.

— Nem todos nós tínhamos esse tipo de escolha. — Não consigo esconder a amargura, a raiva da minha voz. Nunca pedi para ser Hades. A decisão foi tirada de minhas mãos no primeiro momento em que respirei fundo. Um manto pesado para colocar na cabeça de um recém-nascido, mas ninguém se importava com o que eu queria. Não meus pais. Certamente não Zeus quando me tornou órfão e o mais jovem Hades da história do Olimpo.

Ela suspira. — Entre no carro. Vai ser mais rápido do que andar, e você não quer aparecer na casa Zeus todo amarrotado e bagunçado. A apresentação é oitenta por cento das negociações.

Eu paro. O carro para ao meu lado. — Quem disse que eu estava indo para ver Zeus?

— Dê-nos um pouco de crédito. — Dionísio ri. — O amor da sua vida acabou de fazer um acordo para salvar sua pele, então, naturalmente, você vai fazer um movimento muito romântico e impulsivo para salvá-la de volta.

Meu debate interno dura apenas um momento. No final do dia,

eles estão certos. Ambos têm um papel a cumprir, assim como o resto de nós. Manter isso contra eles é como ficar com raiva do vento por mudar de direção inesperadamente. Eu ando ao redor do carro e deslizo para o banco do passageiro. — Você a ajudou a sair, Hermes.

— Ela contratou meus serviços. — Hermes se vira para olhar para mim enquanto Dionísio volta para o lado direito da rua e segue para o norte. — Mesmo se ela não tivesse, eu ainda teria ajudado. — Ela bate os dedos no braço do banco, sem conseguir ficar quieta nem por um momento. — Eu gosto dela. Gosto de você quando está com ela.

— Eu não estou com ela agora.

Dionísio encolhe os ombros, os olhos na estrada. — Relacionamentos são complicados. Você a ama. Ela obviamente ama você, ou ela não estaria cavalgando para salvá-lo de Zeus e do resto dos Treze. Você vai descobrir.

— Não sei o que vou fazer se algo acontecer com ela por causa disso. — Nunca vou me perdoar por não protegê-la como prometi.

— Algo já estava acontecendo com ela antes de você conhecê-la, Hades. Ela estava fugindo de Zeus quando tropeçou em seus braços reconfortantes. Isso não tem nada a ver com você. — Hermes ri um pouco. — Bem, isso não tinha nada a ver com você, mas se há alguém que Zeus odeia mais do que você, é seu pai. Ele fará o que puder para aniquilar a posição de Hades. Basta reduzi-lo a pó com a força de sua fúria e orgulho danificado.

Houve um tempo em que a vingança que Zeus nutria me deixava cansado. Quero vingança pela morte de meus pais, sim, mas odiá-lo por me tornar órfão faz sentido. Seu ódio por mim, não. Porra, seu ódio pelos meus pais também não. — Ele deveria ter deixado para

lá.

— Sim. — *Toque*, *toque*, *toque* entre seus dedos. — Mas ele tem tudo embrulhado na cabeça que um filho por um filho faz sentido, então aqui estamos.

Eu franzir a testa. — O que você está falando?

— Do que estou falando? — Hermes acena isso. — Ele não vai parar, você sabe. Mesmo se você conseguir negociar para sair dessa bagunça, ele estará lá com uma faca apontada para suas costas enquanto aquele velho coração maligno dele continuar batendo.

Eu quero pressioná-la sobre a parte de filho por filho. Zeus tem quatro filhos, dois filhos e duas filhas - que são oficialmente reconhecidos, pelo menos - que vão da minha idade aos vinte e poucos anos. Perseu receberá o título de Zeus quando seu pai morrer. Ele é tão mau quanto seu pai, impulsionado pelo poder e ambição e pronto para esmagar qualquer um que fique em seu caminho. Ao que tudo indica, o outro filho de Zeus era um tipo de homem melhor. Ele lutou contra o pai e perdeu, e lutou para sair do Olimpo e nunca mais olhou para trás. — Hércules está morto?

— O que? Não, claro que não. Ao que tudo indica, ele está muito feliz agora. — Hermes não olha para mim. — Não se preocupe com enigmas, Hades. Preocupe-se com o que o dia de hoje trará.

Esse é o problema. Não sei o *que o* dia de hoje trará. Eu fico olhando pela janela, observando a ponte Cypress aparecer. Atravessá-la é como entrar em outro mundo, pelo menos na minha cabeça. Posso contar quantas vezes entrei na cidade alta com uma mão e ainda tenho quatro dedos restantes. Antes de ontem à noite, a última vez foi quando tirei oficialmente o título de Hades. Eu estava naquele salão frio, Andreas nas minhas costas enquanto eu enfrentava o resto dos

Treze. Eles estavam inteiros então, a primeira esposa de Zeus ainda estava viva.

Eu era apenas uma criança e eles me deram um papel que eu não tinha escolha a não ser crescer.

Agora eles têm que contar com o monstro que criaram.

Não falo de novo até que Dionísio pare no meio-fio em um quarteirão cheio de arranha-céus. Mesmo com toda a riqueza saindo dos prédios ao nosso redor, não há dúvida de qual deles pertence a Zeus. É mais alto do que o resto por uma quantidade significativa e, embora seja bonito, é frio e sem alma. Apropriado.

Eu paro com minha mão na porta. — É como entrar em um campo de batalha ao qual não sobreviverei.

— Mmm. — Hermes pigarreia. — Que história engraçada. Eu tenho uma mensagem para você.

— *Agora?* Por que você não me deu no segundo em que me viu?

Hermes revira os olhos. — Porque, Hades, você precisava de uma carona. Prioridades, meu amigo. — Antes que eu possa encontrar uma resposta para isso, ela se sacode e a voz de Deméter surge. — Você tem o meu apoio, Hermes, Dionísio, Atenas... e Poseidon. — Ela se inclina e pressiona uma arma na minha mão. — Faça o que você tem que fazer.

O choque me congela no lugar. Eu mal consigo respirar. — Ela acabou de nomear metade dos Treze. — Existe uma estrutura de poder dentro dos Treze e a maioria dos principais jogadores jogou seu poder com Zeus - Ares, Afrodite, Apolo. Mas *Poseidon* está do lado de Deméter? Isso nivela o campo consideravelmente. Eu faço uma contagem rápida. — Nós temos a maioria.

— Sim nós temos. Certifique-se de não perder essa chance. — Ela

empurra o queixo para o prédio. — A porta dos fundos está destrancada. Sua janela de oportunidade não durará muito.

Eu não posso confiar nela. Não completamente. Hermes prometeu entregar as mensagens da forma como são dadas a ela, mas isso não significa que o originador é obrigado a dizer a verdade. Isso pode ser uma armadilha. Eu olho para o prédio uma última vez. Se for uma armadilha, é uma armadilha. Perséfone está em perigo e não posso voltar atrás agora.

Se não *for* uma armadilha, Deméter simplesmente me deu luz verde para prosseguir com meu plano de matar Zeus. Ela claramente sinalizou seu apoio a ele, e ela tem metade dos Treze atrás dela.

Se eu fizer isso, há uma chance de Perséfone nunca me perdoar. Eu vi seu rosto depois de bater no homem de Zeus. Ela ficou chocada com a violência disso. Cometer um assassinato me coloca firmemente na categoria de monstro com Zeus, não importa o quanto ele mereça uma bala entre os olhos.

Eu respiro devagar. Sim, posso perdê-la, mas pelo menos ela estará segura.

Ficarei feliz em pagar qualquer preço para que isso aconteça.

Parece que minha vida está se movendo em direção a este momento há muito tempo. Desde a noite do incêndio. Talvez até antes disso. Para melhor ou pior, este capítulo termina hoje.

Eu verifico para ter certeza de que a arma está carregada e coloco-a na parte de trás da minha calça. A porta dos fundos do prédio abre facilmente. Eu entro e espero, mas ninguém parece me atacar ou me forçar a sair. Na verdade, os corredores iminentes parecem desertos. Abandonados. Não tenho certeza se este é o pessoal de Zeus sendo desleixado ou Deméter abrindo caminho, mas não

posso aproveitar essa oportunidade como garantida. Eu escorrego pelo corredor até a porta da escada. Quando eu tinha 21 anos, pesquisei e planejei um ataque em grande escala a este prédio - a Zeus. Eu tinha plantas, cartões de segurança e todas as informações de que precisava para chegar a Zeus e colocar uma bala em seu cérebro.

Eu quase fui até o fim.

Não importava que fosse uma missão suicida na época, que mesmo se eu sobrevivesse, o poder dos Treze cairia sobre minha cabeça. Tudo que eu conseguia pensar era em vingança.

Até que Andreas me deu uma surra verbal para acabar com todas as surras. Ele me forçou a ver quem realmente pagaria o custo da minha imprudência. Ele me forçou a aprender a ter paciência, não importa o quanto me matasse esperar.

Eu pensei que todo aquele esforço e planejamento foram desperdiçados. Eu estava errado.

Há um elevador de serviço que sobe a partir do terceiro andar. Não possui a mesma segurança que os elevadores normais, pois as únicas pessoas que o utilizam são os funcionários que passam por avaliação. Não encontro ninguém enquanto me movo silenciosamente pelo território de Zeus. Mais uma vez, tenho a sensação de que alguém abriu caminho para mim, mesmo que não haja nenhum sinal de violência. Minha tensão fica cada vez mais alta com cada corredor vazio, com cada cômodo vago.

Todo o edifício está desprovido de segurança?

O último andar é dominado por uma espécie de salão de baile moderno que exibe janelas de parede a parede com vista para uma varanda situada acima do Olimpo e retratos gigantescos dos Treze nas duas paredes opostas. O rio Estige corta uma faixa escura através da

cidade, e eu não perco o fato de que as luzes quase parecem mais fracas do meu lado do rio. Eles fariam isso com essa porra de multidão, não é?

Eles não se preocupam em ver o valor na história escrita em cada superfície da cidade baixa. Por que fariam isso quando sistematicamente a purgaram da área ao redor da Torre de Dodona?

Tolos, cada um deles.

Deixo o salão de baile e caminho pelo corredor. Tem o dobro da largura que precisa ter, todo o espaço praticamente piscando um letreiro de néon anunciando o patrimônio líquido de Zeus. Eu coloco minha cabeça na porta ao lado e encontro um salão cheio de estátuas. Como as pinturas no salão de baile, são maiores do que a vida, cada uma representando a versão do escultor da perfeição humana. Devem ser os mesmos que Perséfone mencionou logo depois de chegar à cidade baixa. A tentação de caminhar até o meu e puxar o lençol é quase demais para resistir, mas não importa como esse Hades se parece. Ele com certeza não terá minhas cicatrizes, não terá nenhuma das características que me tornam o homem que sou.

A voz de Perséfone ecoa em minha mente, suave e segura. *Você é lindo para mim, Hades. As cicatrizes são parte disso, parte de* você. *Elas são uma marca de tudo que você sobreviveu, de quão forte você é.*

Eu solto uma respiração reprimida e fecho a porta suavemente. Não há nada para mim aqui.

A última porta no final do corredor é uma coisa enorme, projetada para intimidar. Ela se estende quase do chão ao teto e parece ser revestida de ouro real. Puta merda, Zeus é realmente insuportável em todos os níveis, não é?

Como tudo mais neste lugar, fala ao ego deste homem que ele

mantém seu escritório privado no mesmo andar onde as camadas superiores do Olimpo entram e saem com regularidade. Sim, ele tem segurança, mas qualquer pessoa com um pouco de habilidade pode contornar isso. Para alguém como Hermes? Risivelmente simples.

Depois de quão fácil isso tem sido, eu meio que espero passar pelas portas e encontrar o escritório cheio de segurança, pronta para atirar em mim cheia de balas. Certamente Zeus não se deixaria tão aberto?

Eu deslizo pela porta e paro para me orientar. O escritório é o que eu esperava - pesado em vidro, aço e madeira escura, com detalhes dourados em todos os lugares. É sem dúvida caro, mas parece tão sem alma quanto o resto do edifício.

Um grunhido vem da porta parcialmente aberta no canto traseiro, e eu sinto a arma que Hermes me deu. Demoro alguns segundos para eu reconhecer a origem do som quando combinado com o tapa rítmico de carne contra carne.

Meu coração para no meu peito. Ele está transando com alguém naquele banheiro. Não consigo dizer se os sons são sons de sexo ou de dor, e o pensamento de que pode ser *Perséfone* lá...

Os pensamentos cessam. Todas as estratégias vão pela janela. Uma fúria entorpecida me invade enquanto me movo até a porta e a abro. Estou tão ocupado me preparando para salvar a mulher que amo que demoro vários minutos para entender que não é Perséfone curvada sobre a pia. Não reconheço a mulher, mas pelo menos ela parece estar se divertindo. Nenhum deles me notou quando eu voltei para as sombras.

Eu não consigo controlar o meu coração acelerado enquanto me posiciono no canto perto da porta, escondido nas sombras, onde

nenhum dos dois vai me ver quando eles saem do banheiro.

Não era Perséfone.

Mas se eu tocar errado, da próxima vez pode ser.

Se ela o escolhesse, ficaria preso na minha garganta como vidro quebrado, mas eu respeitaria sua escolha. Mas ela não o escolherá. Não de bom grado. Ele terá prazer em quebrá-la, e isso não posso permitir.

Eles levam apenas alguns minutos para terminar. Não sei por que fico chocado quando eles mal trocam uma palavra antes de sair do banheiro. A mulher sai primeiro e corre pelo escritório até a porta. Zeus leva mais tempo. Estou arrepiado de impaciência quando ele sai e se joga na cadeira atrás de sua mesa.

É quando eu saio do meu esconderijo e aponto a arma para ele. — Bom dia, Zeus.

CAPÍTULO 30

Hades

Zeus se vira lentamente para me encarar. Eu vi sua foto estampada em todos os jornais e sites de fofoca mais vezes do que posso contar, mas pessoalmente, ele parece desbotado. Não há luz cuidadosamente posicionada para maximizar suas características masculinas. Seu terno está amarrotado e ele perdeu um botão ao refazer a camisa. Ele é... humano. Em forma e atraente o suficiente, mas não um deus ou um rei ou mesmo um monstro. Apenas um velho.

Ele me encara, o choque passando por suas feições. — Você se parece ainda mais com seu pai pessoalmente.

Isso me tira do meu choque. — Você não pode falar sobre meu pai. — Eu me afasto do canto, a arma segura cuidadosamente na minha frente. — Levante-se.

— Eu não posso acreditar que você seria tão estúpido em aparecer aqui. — Ele se levanta lentamente, esticando-se até sua altura máxima. Ele está alguns centímetros acima de mim, mas não importa. Nunca tive a intenção de que fosse uma luta justa.

Ele não parece particularmente preocupado com este confronto. — Eu tenho que admitir, seu plano era inteligente. Eu nunca teria pensado que a vadiazinha correria para você e estaria disposta a jogar *esse* tipo de jogo.

Eu aperto a arma com mais força. — Você também não pode falar sobre *ela.*

Puxe o gatilho. Basta puxar o gatilho e acabar com isso.

Zeus sorri para mim. — Acertei um nervo? Ou é o fato de que ela correu de volta para mim rápido o suficiente quando percebeu onde está o verdadeiro poder?

— Você está extremamente confiante para alguém que está sendo ameaçado por um homem com uma arma.

— Se você fosse atirar em mim, o teria feito no segundo em que me sentei. — Ele balança a cabeça. — Acontece que você é como o seu velho mais do que aparência. *Ele* sempre hesitou em puxar o gatilho também.

Mais uma vez, digo a mim mesmo para fazer isso, atirar nele agora e acabar com isso. Zeus cometeu atos de maldade incalculável. Se alguma vez houve um homem que merecia ser executado, é ele. Enquanto ele estiver vivo, Perséfone não estará segura. Meu povo não estará seguro. Porra, enquanto ele estiver por perto, o *Olimpo* não estará seguro. Eu estaria fazendo um favor a cada pessoa nesta maldita cidade, colocando este monstro fora de sua miséria.

Deméter e metade dos Treze estão muito felizes por eu ser sua arma. Não há uma única merda de pessoa que vai usar isso contra mim se eu matá-lo...

Exceto Perséfone.

Exceto *eu*.

— Se eu puxar o gatilho, não sou melhor do que você. — Eu balanço minha cabeça lentamente. — Não sou melhor do que qualquer outro membro dos Treze que está disposto a cometer atos imperdoáveis para obter mais poder. — Não quero mais poder, mas ninguém olhando de fora acreditaria.

Zeus sorri. — Você *não é* melhor do que nós, garoto. Você pode

bancar o rei na cidade baixa, mas quando chega a hora, você está batendo em um homem quase até a morte e aparecendo aqui para me ameaçar com uma arma. É exatamente o que eu teria feito na sua posição.

— Não sou nada como você. — Eu praticamente cuspo as palavras.

Ele ri. — Não é? Porque você não parece o mocinho de onde estou.

Eu odeio que ele esteja certo.

Eu não posso matá-lo.

Assim não.

Lentamente, abaixo a arma. — Não sou como você. — Repito.

Ele bufa. — Isso é o dobro em tantos dias que você violou nosso tratado. Mesmo que eu estivesse disposto a desviar o olhar no primeiro, os Treze não vão ignorar esse ataque. Eles vão uivar por seu sangue.

— Irão? — Eu me permito um sorriso feroz. Finalmente, porra, *finalmente*, eu sei algo que esse bastardo não sabe. Se eu não posso matá-lo, pelo menos posso fazer isso. — Você realmente acredita na sua própria fantasia, não é?

— Do que diabos você está falando?

— Você não deveria ter enviado seus homens atrás das filhas de Deméter. Se ela estava disposta a cortar comida para metade da cidade para ter Perséfone de volta, o que você acha que ela está disposta a fazer com você por ordenar que seu homem apunhalasse Eurídice?

— Cortar metade da comida... — Zeus fica imóvel, a surpresa arregalando seus olhos. — Isso não fazia parte do plano.

Eu tenho que lutar contra uma risada. Eu nunca vou perdoar Deméter por tentar entregar Perséfone para este homem, mas não posso evitar minha diversão sombria com o quão completamente ela o minou em tão pouco tempo. — Talvez não seja o *seu* plano. Ela está jogando seu próprio jogo desde o início. Você é apenas o único idiota que não percebeu isso.

— Ela pode estar disposta a ir até os limites contra *você*, mas ela sabe quem a alimenta.

— Sim. — Espero que ele relaxe um pouco antes de cortar suas pernas por baixo dele. — Olimpo a alimenta. O Olimpo alimenta todos os Treze. Até você - especialmente você. Eles olharam para o outro lado e outra vez e ignoraram seus pecados. Agora é hora de pagar o preço.

— Você não está aqui por justiça. — Ele zomba. — Você está aqui para uma vingança mesquinha.

Minha mão aperta a arma antes de recuperar o controle. Vingança mesquinha. Isso é o que ele chama de querer justiça pela morte dos meus pais. Eu respiro devagar. — Cancele a coisa toda e eu vou nos considerar quites.

Zeus levanta as sobrancelhas. — Cancelar o quê? A guerra? Ou meu casamento com aquela linda filhinha de Deméter? Perséfone.

— Mantenha o nome dela fora de sua boca. — Eu sigo em direção a ele.

— Esse negócio está assinado, selado e só precisa ser entregue. Ela é minha recompensa por esmagar a resistência restante que você representa. — Ele sorri. — Eu pretendo ter muito prazer agora que você a quebrou.

Eu sei que ele está me provocando, mas agora que estou aqui,

nada parece cortante e seco. — Ela não é sua. Ela não pertence a ninguém além de si mesma.

— Esse é o seu erro. — Ele ri. — Você se coloca em posição de tomar tudo - minha vida, aquela mulher, sua vingança - e você perde a coragem no último momento. — Um brilho mesquinho em seus olhos azul-claros. — Assim como o seu velho.

— Foda-se.

Zeus avança para mim, mais rápido do que ele tem o direito de ser, e agarra a arma. Ele também é mais forte do que eu esperava. Mesmo que eu tente me desvencilhar, ele continua segurando meu braço. Eu puxo o gatilho reflexivamente, mas o tiro vai longe. Zeus me puxa para mais perto, ainda tentando tirar minha mão da arma. O olhar em seus olhos significa minha morte. Eu devo ter hesitado em matá-lo. Ele não retribuirá o favor.

Eu registro o som de vidro se quebrando à distância, mas estou muito ocupado lutando pela posse da arma para me preocupar com isso. Eu torço meu braço em sua direção e puxo o gatilho novamente, mas ele está pronto para mim e a bala atinge nossos pés.

Zeus finalmente consegue segurar bem meu pulso e coloca meu braço em seu joelho. Porra, isso dói. Apesar de meus melhores esforços, eu perco o controle da arma. Eu olho para baixo, tentando descobrir para onde foi. Zeus se aproveita da minha distração e me dá um soco no rosto.

O escritório oscila ao meu redor. Esse filho da puta tem uma força incrível por trás de seus golpes. Outro soco e ele pode realmente me nocautear. Eu balanço minha cabeça, mas isso não faz nada para suprimir o zumbido em meus ouvidos.

Pensamentos, planos e estratégias voam pela janela. O instinto

sozinho governa. Eu consigo levantar meu braço para bloquear seu próximo soco, e o impacto do golpe me faz deslizar alguns centímetros para trás. Eu bato meu punho em seu estômago, e ele respira fundo. Ele é rápido e bate como um trem de carga, e estou atrapalhado porque, embora eu odeie o filho da puta, ainda posso ouvir a voz em pânico de Perséfone na parte de trás da minha cabeça.

Hades, pare.

Eu não posso matá-lo. Eu não vou. Eu só preciso ter espaço suficiente entre nós para que eu possa me mover, para que eu possa *pensar*. Eu o empurro de volta. — Por que você matou meu pai?

O bastardo ri. Ele *ri,* porra. — Ele merecia sofrer. — Ele balança novamente, mas desta vez, estou pronto. Eu mergulho sob o soco e cravo um gancho de esquerda na lateral dele. Zeus se inclina com uma maldição, mas não é o suficiente para fazer mais do que atrasá-lo. — Vergonha sobre sua mãe, no entanto.

— Porra. Você. — Não há respostas para mim aqui esta manhã. Não sei por que pensei que poderia haver. Zeus é um maldito valentão determinado a exterminar qualquer ameaça que surja. Meus pais eram uma ameaça, novos para os papéis e ingênuos porque pensaram que poderiam pavimentar o caminho para um Olimpo novo e melhor. Zeus não permitiria que nada afetasse seu poder, então ele os removeu. Fim da história.

Eu continuo tentando criar espaço entre nós, mas não adianta. Zeus não me dá espaço para respirar. Preciso de tudo para manter seus punhos longe do meu rosto. Como está, meu olho está inchando e fechado e é apenas uma questão de tempo antes que eu perca a capacidade de ver através dele. Se a luta ainda estiver acontecendo nesse ponto, estou com problemas.

Eu me esquivo de um gancho de direita e pego seu braço, usando seu impulso para mandá-lo girando para longe de mim. — Pare. Não tem que ser assim.

— Eu não vou parar até que você esteja morto, seu merdinha. — Ele balança a cabeça como um touro e me ataca.

Eu não registro onde estamos no escritório até que o vento frio me dê um tapa no rosto. *Porra.* — Espere.

Mas Zeus não escuta. Ele acaba levando um soco que vai doer como um filho da puta se acertar, mas ele julgou mal sua proximidade com a janela quebrada, assim como eu. Ele oscila na beirada, os braços girando enquanto tenta encontrar o equilíbrio.

O tempo fica mais lento.

Ele não está a ponto de não ter retorno ainda. Eu posso puxá-lo de volta. Eu só preciso chegar lá. Eu corro para frente, com a intenção de agarrar seu braço, sua camisa, *algo*. Não importa que tipo de monstro ele seja, ninguém merece morrer assim.

Ele faz contato com minhas mãos, mas seus dedos deslizam pelos meus, apesar de meus melhores esforços. Entre uma piscada e a próxima, ele se foi, a lufada de ar e um grito de surpresa desvanecendo-se a única evidência de que ele estava aqui para começar. Eu fico olhando para a janela quebrada, para o ar azul escuro e vazio, para as luzes piscando à distância.

Eu percebi o quão perto estávamos? Eu estava intencionalmente o levando de volta à queda para a morte?

Acho que não, mas ninguém acreditaria em mim se eu alegasse que foi um acidente. Não quando eu apareci em seu escritório com uma arma nas primeiras horas da manhã, quando ninguém mais estava por perto.

O vento gelado me bate de novo, me jogando de volta para dentro de mim. Eu não posso ficar aqui. Se alguém perceber que eu quebrei o tratado, que efetivamente matei Zeus, meu povo pagará o preço. No momento, estou confiando muito no fato de Deméter manter sua palavra, e nossa curta história já provou que não posso confiar nela.

Eu entro no corredor e paro quando percebo que não estou sozinho. Eu pisco na escuridão, o reconhecimento rolando sobre mim. *Falando no diabo.* — Eu não esperava ver *você* aqui.

Deméter coloca um par de luvas pretas imaculadas. — Alguém tem que limpar essa bagunça.

Ela quer dizer a cena que deixei no escritório atrás de mim ... Ou *eu*? Eu expiro lentamente. — Isso tudo foi uma armadilha, então?

Ela arqueia uma sobrancelha e, por um momento, ela se parece tanto com Perséfone que meu coração dá um baque doloroso. Deméter ri. — Dificilmente. Fiz vários favores esta manhã, e é o mínimo que posso fazer para ver que você ainda está por perto no futuro, quando pretendo receber o pagamento. — Ela dá um passo em minha direção e para. — Mas se você machucar minha filha, ficarei feliz em arrancar sua garganta.

— Vou manter isso em mente.

— Veja que você faz. Eles nunca encontrarão o corpo. — Ela examina sua mão enluvada. — Os porcos são criaturas muito eficientes, você sabe. Eles são praticamente o triturador de lixo da natureza.

Porra, essa mulher é tão assustadora quanto sua filha. Eu me movo para o lado enquanto ela se dirige para a porta do escritório de Zeus. — O que você vai fazer?

— Como eu disse, limpar isso. — Ela abre a porta e olha para mim. — Minha filha deve amá-lo muito, se ela estava disposta a pedir minha ajuda para mantê-lo seguro. Espero que você honre o acordo que ela fez.

— Eu vou. — Não preciso saber os detalhes para concordar com eles. Qualquer que seja o preço exigido, fico muito feliz em pagá-lo. É o mínimo que posso fazer depois de tudo o que aconteceu.

— Veja que você faz. Agora, saia daqui antes que o pessoal de Ares venha investigar.

Investigar a morte de Zeus.

A morte de Zeus que eu causei.

Perséfone nunca mais olhará para mim da mesma forma depois de hoje.

Esse conhecimento pesa sobre mim tanto quanto a morte de Zeus enquanto faço meu caminho para o andar térreo. Eu saio pela porta para encontrar uma pequena multidão já reunida e pessoas olhando para o céu como se as respostas estivessem lá. Alguns deles olham em minha direção, mas não prestam muita atenção em mim. O anonimato é uma vantagem de ser um mito.

Eu me viro e vou embora. No fundo do meu coração, pensei que me sentiria vitorioso quando Zeus morresse. É um equilíbrio na balança, uma forma de retribuir todas as merdas horríveis que ele fez ao longo dos anos. Para mim, sim, para meus pais, definitivamente, mas também para mais pessoas do que eu gostaria de contar. A faixa de sua destruição é ampla e se estende por décadas.

Em vez disso, não sinto absolutamente nada.

Não me lembro muito da minha viagem de volta à cidade baixa. Parece que em um momento coloco minhas mãos nos bolsos e

inclino minha cabeça contra o vento no meio das lojas da cidade alta, e no próximo eu pisco e estou parado na frente de minha casa. Apenas minhas pernas e pés doloridos comprovam o fato de que percorri todo o caminho.

Eu me viro e olho para a torre de Zeus, quase invisível contra o horizonte da minha posição. Atrás dele, o sol já está totalmente no céu. Um novo dia. Tudo mudou, mas nada mudou.

Eu ainda sou Hades. Eu ainda governo minha porção do Olimpo. O restante dos Treze terá algumas merdas para resolver, mas, no final das contas, Perseu se apresentará como o novo Zeus, se casará com alguém e criará uma nova Hera. Vou honrar qualquer acordo feito com Deméter. Agora a salvo, Perséfone poderá deixar a cidade e perseguir seus sonhos. Eu nunca vou vê-la novamente. As coisas continuarão, mais ou menos como sempre.

O pensamento me deprime demais.

Eu caminho pela mesma porta que deixei e faço o meu caminho para a sala de estar convertida. Agora é tudo cercadinho de cachorrinhos, cheio de brinquedos e várias camas. Eu afundo ao lado da cama central, onde todos os três filhotes estão dormindo. Mesmo que eu esteja quieto, não demoram muito para perceber que tem um convidado. Cerberus vem primeiro, cambaleando até mim com as pernas instáveis e subindo no meu colo como se estivesse apostando em seu território. Seus irmãos o seguem depois que sua falta de calor os desperta, pressionando seus corpos peludos se contorcendo contra mim.

Acariciá-los libera algo em meu peito, e eu deixo minha cabeça descansar contra a parede e fecho meus olhos. Que tipo de monstro sou eu para sentir mais perda com a ideia de nunca mais ver

Perséfone do que com a morte horrível de Zeus? Eu não sei, mas não sou monstro o suficiente para estender a mão. Se tento prendê-la, não sou melhor do que ele. Eu fecho meus olhos.

Ela está livre.

Eu tenho que deixá-la voar.

CAPÍTULO 31

Perséfone

Eu acordo com a notícia da morte de Zeus. Está tudo no computador, onde minhas irmãs se amontoam, assistindo com vários graus de satisfação. Eu me inclino sobre o ombro de Calisto e franzo a testa para a manchete que flui ao longo da parte inferior da tela. — Ele caiu para a morte?

— Soprou pela janela e pulou, é o que estão dizendo. — Psique parece cuidadosamente neutra. — Não há evidências de que outra pessoa estava envolvida.

— Mas por que...

Minha mãe escolhe aquele momento para entrar na sala. Apesar da estranheza da manhã, ela está totalmente maquiada e usando um terninho elegante que mostra seu corpo. — Preparem-se, senhoras. Há uma conferência de imprensa esta noite com os Treze. Eles anunciarão uma atualização sobre a morte de Zeus, bem como oficialmente nomearão Perseu como o próximo Zeus.

Calisto bufa. — Não está perdendo tempo, está?

— Sempre deve haver um Zeus. Você sabe disso tão bem quanto qualquer pessoa. — Ela bate palmas. — Então, não, não estou perdendo um tempo valioso.

Minhas irmãs saem da sala lentamente, obedecendo a sua ordem, mas desaprovando silenciosamente ao fazê-lo. Eu não. Ela é muito alegre, especialmente depois de cobrar favores para convencer metade dos Treze a trair Zeus na noite passada e depois sair para "fazer uma missão, nada com que se preocupar". É uma coincidência

muito grande que ele morreu na manhã seguinte. — Ele não cometeu suicídio.

— Claro que ele não fez. Ele era o tipo de homem que teria que ser arrastado para o submundo chutando e gritando. — Ela levanta meu queixo e franze a testa. — Teremos que fazer algo sobre as bolsas sob seus olhos.

Eu afasto a mão dela. — Você não está nem um pouco preocupada com o assassinato?

— Você está?

Abro a boca para responder que é claro que estou, mas finalmente balanço a cabeça. — Estou feliz que ele se foi.

— Você e a maioria do Olimpo. — Ela já está se virando e navegando em seu telefone. — Prepare-se. O carro estará lá embaixo esperando para levá-la à ponte para a cidade baixa. Você terá que fazer o seu caminho para Hades de lá.

Estamos indo muito rápido. Eu fico olhando para ela, tentando ver através da fachada de perfeição que ela apresenta. — Mãe…

— Mmm?

Como alguém pergunta a sua mãe se eles cometeram assassinato? Ela é capaz disso. Eu sei que ela é. Mas a pergunta ainda fica grudada na minha garganta, irregular e áspera. — Você…

— Eu matei o bastardo? — Ela finalmente levanta os olhos do telefone. — Não, claro que não. Se eu tivesse, teria escolhido uma forma menos pública do que jogá-lo pela janela.

Não tenho certeza se isso é reconfortante, mas acredito nela. — Ok.

— Agora que resolvemos isso. — Ela pega o telefone novamente. — Estou cobrando a primeira parte de sua

barganha. Certifique-se de que Hades participe da conferência de imprensa esta noite.

A antecipação se enrola com ansiedade. — Você não me deu muito tempo para apresentar meu argumento de venda.

— Dê a si mesma algum crédito, Perséfone. — Ela não levanta os olhos de quem está enviando mensagem. — Ele está apaixonado por você. Ele concordará com qualquer coisa que o mantenha ao seu lado voluntariamente. Você seria uma tola em ignorar essa oportunidade.

— Certo.

— E traga Eurídice para casa. — Seu tom suaviza. — É seguro para ela aqui agora, e ela precisa de sua família enquanto ela está lidando com seu desgosto por aquele ex-namorado idiota dela.

Nisso, pelo menos estamos de acordo. — Eu vou.

Não adianta discutir sobre minha capacidade de convencer Hades. Minha mãe viu cada um de seus casamentos como um trampolim para algo melhor, seus maridos como peões a serem manipulados em vez de parceiros. Nunca ocorreria a ela que eu considero Hades meu igual.

Eu entro no meu quarto sem outra palavra. Não demora muito para ficar pronta, embora eu xingue suavemente e acrescente um pouco mais de corretivo sob meus olhos. Depois de alguma reflexão, visto uma calça preta de perna larga e uma blusa vermelha que é tão escura que poderia muito bem ser preta. Eu puxo meu cabelo para trás em um rabo de cavalo elegante e adiciono batom quase o mesmo vermelho da minha camisa.

Começo a me ver no espelho por um longo momento. A imagem que fiz com muito cuidado ao longo dos anos é ensolarada e brilhante, cheia de cores claras e lábios rosados. Eu pareço uma pessoa

totalmente diferente agora. Eu *me sinto* uma pessoa diferente.

Bom. A garota que eu era há um mês nunca teria a audácia de fazer o trato que fiz ontem à noite. Em tão pouco tempo. Muita coisa mudou. E ainda não terminamos.

A viagem da casa de minha mãe até a ponte leva menos tempo do que eu esperava. Parece mundos diferentes, mas na realidade são menos de trinta minutos, mesmo com trânsito. Eu saio do banco de trás e me preparo. Idealmente, eu teria gostado de pelo menos vinte e quatro horas para trazer Hades para ver as coisas do meu jeito, mas estou trabalhando com algumas horas.

Ainda tenho que me desculpar por fugir como uma ladra no meio da noite.

Cruzar a ponte à luz do dia parece estranho. Eu me preparo para a mesma dor que experimentei da primeira vez, mas é apenas uma leve pressão contra a minha pele. Tenho o estranho pensamento de que parece que estou me dando boas-vindas em casa. Eu atravesso rapidamente e atravesso as colunas para a cidade baixa. É... sinto como se estivesse voltando para casa. Eu levanto meu queixo e começo a andar, meu passo comendo a distância entre a ponte e a casa de Hades. Ainda é cedo o suficiente para que haja apenas algumas pessoas espalhadas por aí, e sua presença é apenas mais uma garantia de que fiz a coisa certa.

Nenhuma dessas pessoas arcará com as consequências de minhas ações.

Acabou.

Quase.

Prendo a respiração enquanto subo os degraus da casa de Hades e bato na porta, com o coração na garganta. Ele abre um momento

depois e sou puxada para um abraço contra um corpo macio. Demora vários segundos para registrar que é Eurídice.

— O que você está fazendo abrindo a porta?

— Psique mandou uma mensagem dizendo que você estava a caminho. — Ela me puxa para dentro de casa e fecha a porta atrás de nós. — Zeus está realmente morto?

— Sim. — Ela parece exausta, olheiras sob seus olhos e seu cabelo bagunçado como se ela estivesse passando os dedos por ele. Eu pego suas mãos. — Mamãe gostaria que você voltasse para casa. Todos nós gostaríamos.

Ela abre a boca, hesita e finalmente concorda. — Eu vou. — Ela me dá um sorriso triste. — Mas algo me diz que você não está aqui por minha causa. Hades está com os cachorrinhos.

— Não vou demorar...

— Tudo bem. — Outro daqueles sorrisos tristes. — Caronte se ofereceu para me dar uma carona para casa sempre que eu decidisse que era o que eu queria. Não se preocupe comigo.

É mais fácil falar do que fazer, mas ela está certa. Eurídice tem seu próprio caminho para seguir em frente. Eu dou outro abraço nela. — Estou aqui sempre que você precisar de mim.

— Eu sei. Agora, vá buscar o seu homem. — Ela me dá uma cutucada gentil na direção da sala de estar atualmente designada para os filhotes.

Encontro Hades sentado contra a parede com os olhos fechados, os filhotes esparramados sobre suas pernas. Ele abre os olhos quando entro na sala e pisca lentamente. — Você voltou.

— Claro que voltei. — Dou um passo à frente e paro, de repente me sentindo estranha e insegura. Eu aperto minhas mãos na minha

frente. — Me desculpe por ter saído sem me despedir. Eu vi uma maneira de superar isso e aceitei.

Ele distraidamente passa a mão nas costas do cachorrinho em seu colo. — Você poderia ter falado comigo antes de partir. Eu disse que você não é uma prisioneira aqui, e falei sério.

— Eu não poderia arriscar, — eu sussurro. — Você vai tão longe pelas pessoas de quem gosta, mas é absolutamente implacável quando se trata de sua própria segurança.

— Eu sou dispensável. — Ele encolhe os ombros. — Vai com o território.

— Não, Hades. Não, você *não* é absolutamente dispensável. — Eu ando até ele e caio cuidadosamente de joelhos na frente dele. Só agora posso dar uma boa olhada em seu rosto. Eu não posso parar meu suspiro mais do que eu posso parar de estender a mão para espalhar meu dedo ao longo do hematoma que escurece sua bochecha e escurece seus olhos. — O que aconteceu?

Ele ainda não olha para mim. — Você fez um acordo com sua mãe ontem à noite para garantir que eu pudesse agir contra Zeus sem repercussões. Quais foram os termos?

— Como você... — Eu paro quando eu pego o que ele está dizendo. — Zeus. Foi você? — Deve ter sido, a menos que Hades entrasse em uma briga de bar entre quando eu saí e voltei. A resposta mais lógica também é a mais simples. Ele foi atrás de Zeus e eles lutaram. Agora Zeus está morto e Hades está em casa e parece que saiu de um acidente de carro.

Eu estendo a mão e timidamente pego sua mão. Ele me agarra com força antes de parecer perceber o que está fazendo e tenta desenredar nossos dedos. Eu aperto meu controle sobre ele. — Você

foi atrás dele.

— Achei que você tinha se negociado com ele para me poupar. Eu sabia que ele iria quebrar você, e eu não poderia ficar para trás e deixar isso acontecer. — Ele parece quase vazio. — Eu gostaria de poder dizer a você que eu não queria que ele caísse, mas... eu não sei. Eu simplesmente não sei. Se isso mudar as coisas...

— Hades, pare.

— Sim, você me disse isso antes.

Demoro um momento para entender a que ele está se referindo. — Na ponte.

— Eu quase o matei também. — Sua voz está simplesmente *errada*. Ele dificilmente soa como ele mesmo. — Eu poderia ter se você não me impedisse.

Limpo minha garganta e tento novamente. — Zeus era um monstro. Não vou fingir que o assassinato é a maneira certa de resolver um problema, mas você honestamente acha que ele não teria matado você se tivesse uma chance? Há tantas mortes a seus pés. Lamento que você tenha que suportar o fardo dele, mas não lamento que ele esteja morto. — Estendo minha mão livre e seguro seu rosto, tomando cuidado com seu hematoma. — E aquele homem que você bateu machucou minha irmã. Não gritei porque queria salvá-lo. Fiz isso porque sabia que você se sentiria culpado se perdesse o controle.

Ele solta um suspiro estremecido. — Acho que isso é um adeus, então.

Eu poderia rir se não me sentisse no meio de uma maratona. Agora é a hora de toda a verdade, mas meu coração está batendo tão rápido que de repente tenho medo de desmaiar. Era

muito mais fácil escrever as palavras e escapar antes de encontrá-las. — Eu não vou embora, Hades. Eu amo você. Vou ficar e farei o que for preciso para protegê-lo - e ajudá-lo a proteger seu povo.

— Mas sem Zeus, você está livre.

— Eu sei que estou livre. — Eu respiro irregularmente. — E porque sou livre, eu escolho isso. Eu escolho *nós*. — Ele não está me afastando, então eu arranjo coragem para continuar. — Um mês atrás, tudo que eu queria era sair. Eu não sabia que você existia, muito menos que me apaixonaria por você. Eu não sabia que havia uma parte do Olimpo que me fazia sentir em casa. — Quando ele apenas me encara com aparente confusão, dou um puxão em sua mão. — Aqui, Hades. É como se estivesse em *casa* aqui com você. Nesta casa, na cidade baixa. Eu quero estar com você, se você me quiser.

Ele dá um sorriso lento. — É isso que você quer dizer.

— Com todo o meu coração e alma.

— Eu também te amo. — Ele levanta nossas mãos entrelaçadas e pressiona um beijo em meus dedos. — Eu não queria que você ficasse contando-lhe uma armadilha, mas... eu também te amo.

Ele me ama. Ele me *ama.* Suspeitei, mas ouvir essas três palavras em seus lábios me deixa tonta de alegria. Eu gostaria de poder mergulhar nisso totalmente, mas o pedido de minha mãe ainda precisa ser atendido. — Hades, há uma última coisa.

— Os termos da sua barganha.

— Sim. — Eu aperto sua mão com força. — Eu prometi a minha mãe seis apresentações de sua escolha na cidade alta. Seis aparições com nós dois.

Hades me encara por um longo momento. — É isso?

— O que você quer dizer com isso? Ter o homem por trás do

mito de Hades à sua disposição algumas vezes por ano vai aumentar exponencialmente o seu poder percebido. Mesmo se você não for seu aliado, as pessoas vão *pensar* que você é. É um grande negócio.

Ele move os filhotes com cuidado e fica de pé, puxando-me com ele. — É um pequeno preço a pagar.

— Tem certeza? Porque se você tiver alguma dúvida...

— Perséfone. — Hades segura meu rosto. — Pequena sereia. Você acha que há um preço que eu não pagaria de bom grado por sua felicidade e segurança? Pela sua liberdade? Deméter poderia ter pedido muito mais do que isso.

Minha garganta fica apertada. — Não diga isso a ela.

— Eu não vou. — Ele sorri para mim. — Me diga de novo.

Não há engano em seu significado. Eu corro minhas mãos em seu peito e coloco meus braços em volta do seu pescoço. — Eu amo você.

Seus lábios roçam minha orelha. — Novamente.

— Eu amo você.

Eu sinto seus lábios se curvarem contra minha pele. — Eu também te amo, pequena sereia.

— Este é provavelmente um momento inoportuno para fazer uma piada, hein?

Suas mãos caem para a minha cintura e ele me puxa para mais perto, envolvendo-me em seu calor constante. — Desde quando você permite que isso a impeça?

Eu rio. Começa um pouco irregular e depois evolui para um som de pura alegria. — Você tem razão. — Eu me movo um pouco contra ele. Eu mal posso acreditar que acabou. Ou não acabou, mas apenas começando. Parece bom demais para ser verdade, e não consigo parar

de tocá-lo, garantindo a mim mesma que ele está aqui, que isso está acontecendo. — Nesse caso, eu tenho uma pergunta.

— Uh-huh. — Ele se afasta o suficiente para que eu possa vê-lo sorrindo. — Pergunte.

— Você me ama mais do que ama seus pisos preciosos?

Ele ri. Um som encorpado que parece preencher a sala ao nosso redor. Hades abaixa a cabeça até que seus lábios roçam os meus. — Eu definitivamente te amo mais do que meus preciosos pisos. Mas vou insistir que você se abstenha de sangrar neles no futuro.

— Não faço promessas.

— Não, eu não espero que você faça. — Ele me beija. Faz menos de um dia desde a última vez que coloquei sua boca na minha, mas parece que muito mais tempo. Eu me agarro a ele e abro ansiosamente para levar o beijo mais profundo, me perdendo na sensação dele, na perfeição deste momento.

Pelo menos até que ele levante a cabeça alguns segundos depois. — Se não pararmos, vamos nos atrasar para a coletiva de imprensa.

— Eles podem se foder.

Ele dá aquela risada deliciosa novamente. — Perséfone, sinceramente não quero estar na lista de merdas da sua mãe de novo, especialmente por causa de algo evitável.

Ele tem razão. Eu sei que ele está certo. Eu enredo meus dedos em seus cabelos e dou um pequeno puxão. — Prometa-me que hoje à noite vamos trancar as portas, desligar nossos telefones e borrifar repelente Hermes. Eu quero você só para mim.

— Você tem um acordo.

Com isso, nós nos separamos com relutância. Ainda tenho a

maioria das minhas coisas aqui, então faço o meu melhor para cobrir os hematomas de Hades, e óculos escuros fazem o resto. Ele veste um terno preto e parece um vilão se aventurando durante o crepúsculo. Ficamos de mãos dadas durante todo o trajeto até a coletiva de imprensa.

O resto dos Treze e suas famílias estão reunidos em um dos pátios ao redor da Torre de Dodona, todos vestidos com perfeição. Os três filhos de Zeus que permanecem no Olimpo estão todos vestidos de preto, suas expressões cuidadosamente em branco. Minhas irmãs estão atrás de minha mãe. Dou um último aperto na mão de Hades antes de começar a ir em sua direção. Ele aperta minha mão com mais força. — Fique.

— O que? — Eu olho em volta. — Mas...

— Seja minha, Perséfone. Deixe-me ser seu. Em público e em privado.

Eu fico olhando para ele e, realmente, há apenas uma resposta e ela se agita no meu peito como um pássaro preso. — Sim.

Não sei o que espero. Um confronto. Acusações, talvez. Em vez disso, Hades desliza sem problemas em suas fileiras quando os repórteres aparecem e Poseidon dá um passo à frente para dar uma declaração oficial para declarar Perseu como o novo Zeus. As pessoas se importam menos com as respostas do que com a percepção, e isso funciona a nosso favor agora. Não faz mal que os repórteres estejam tão intensamente focados em Hades.

Por tudo isso, a expressão de Hades é tão relaxada como se ele comparecesse a coletivas de imprensa regularmente. O único sinal de que ele está nada confortável é o aperto intenso que mantém na minha mão, para baixo onde ninguém pode ver. Quando começamos a nos

dispersar, eu me inclino contra seu braço e sussurro em seu ouvido: — Você foi ótimo. Estamos quase terminando.

— Há mais pessoas do que eu esperava. — Ele fala com o canto da boca, os lábios mal se movendo.

— Eu vou mantê-lo seguro. Prometo.

Começamos a nos dirigir aos carros, e os repórteres correm atrás de nós, enchendo-o de tantas perguntas que mal consigo acompanhar.

— Você esteve na cidade baixa esse tempo todo?

— Por que avançar agora? É porque Zeus está morto?

— Você é o homem misterioso com quem Perséfone Dimitriou fugiu?

— Vocês dois estão juntos?

Eu levanto minha mão, trazendo sua atenção dele para mim. — Amigos, estamos mais do que felizes em fazer uma declaração oficial... amanhã. Hoje, estamos aqui para lamentar a perda de Zeus. — Eu tenho prática suficiente com falar em público que eu nem tropeço na mentira. Eu simplesmente espero em um silêncio calmo e eles finalmente acalmam e voltam a focar no assunto em questão.

Hades se vira para mim quando finalmente somos capazes de nos libertar, e ele está fazendo aquela coisa que faz quando me olha como se nunca tivesse me visto antes. — Minha cavaleira com armadura do sol, cavalgando para me salvar da imprensa.

— Sim, bem, você não é o único que gosta de bancar o herói. — Eu dou outro aperto em sua mão. — Lidar com todo esse circo leva algum tempo para se acostumar.

— Acho que vou me sair bem, contanto que você esteja ao meu lado. — Ele não espera por uma resposta. Ele apenas me envolve em seus braços e reclama minha boca. Eu ansiosamente fico na ponta dos

pés e envolvo meus braços em volta do pescoço. Estou ciente do disparo das câmeras e do aumento dos sussurros, mas não me importo.

Quando ele finalmente levanta a cabeça, estou agarrada a ele para evitar que minhas pernas cedam. — Venha para casa comigo.

— Sim.

— Eu não quero dizer apenas hoje. Eu quero dizer para sempre. Aproxime-se.

— Eu sei que é isso que você quer dizer. — Eu sorrio e pressiono um beijo rápido em seus lábios. — E minha resposta ainda é a mesma. *Sim* para tudo.

EPÍLOGO

Hades

— Você está pronta?

Perséfone sorri para mim, mas é seu sorriso feliz - seu sorriso *verdadeiro.* — Você me perguntou isso uma dúzia de vezes na última hora. — Ela bate o ombro no meu. — Você *está* nervoso?

Nervoso é uma palavra muito mundana. Nas últimas duas semanas, desde que saí das sombras e entrei no ninho de víboras cintilantes que é a parte alta da cidade, tive muitos ajustes. Perséfone tem estado ao meu lado em cada etapa do caminho, guiando-me habilmente em cada interação com a mídia. Não sei o que faria sem ela.

Espero pelos deuses nunca ter que descobrir.

Mas esta noite? Esta noite é só para nós.

— Não estou nervoso —, digo finalmente. — Se você não estiver pronta...

— Hades, estou pronta. Estou *mais* do que pronta. — Ela olha para a porta que dá para o salão de jogos. É à prova de som para poder ouvir as pessoas reunidas atrás dele, mas nós dois sabemos que eles estão presentes. Esperando.

Perséfone respira fundo. — Como estou?

É outra pergunta que ela fez meia dúzia de vezes desde que entrei em nosso quarto e a encontrei se vestindo. — Você parece a perfeição. — É a verdade. Ela deixou seu longo cabelo loiro solto e fez algo para deixá-lo ondulado, e ela está usando a mais nova criação de Juliette. É outro vestido preto que abraça seu corpo, escorrendo pelo

pescoço em um top e roçando os seios, barriga e quadris para flutuar sobre o topo das coxas. Também não tem encosto, e cada vez que ela se vira, tenho que lutar contra a vontade de ficar de joelhos e beijar a depressão na parte inferior de sua coluna. — Pequena sereia...

— Estou pronta. — Ela salta para cima e pressiona um beijo rápido em meus lábios. — Estou realmente pronta. Eu prometo.

Eu acredito em sua palavra. — Então vamos.

Já conversamos sobre como isso vai funcionar. Eu joguei para ela passo a passo. Há momentos em que a surpresa faz parte do jogo, mas não quero que nada estrague a noite de Perséfone. Nossa noite. Não quando isso parece um passo particularmente significativo no meio de duas vidas que foram viradas de cabeça para baixo.

Eu lidero o caminho para o salão. Mais uma vez, está configurado de acordo com minhas especificações. O mobiliário que rodeia o estrado está um pouco recuado, uma indicação clara de que se trata de um espetáculo e não de um convite à participação. As luzes estão baixas e todos os lugares estão ocupados.

O aperto de Perséfone na minha mão é frouxo e confiante, e ela felizmente me segue enquanto eu ando pelas cadeiras e sofás até o estrado. Antes que eu possa dar a ela uma última chance de mudar de ideia, ela sobe facilmente e entra na luz. Ela me olha por cima do ombro como se soubesse exatamente o que eu estava prestes a fazer. Eu mordo um sorriso e a sigo.

As luzes fornecem um tipo diferente de privacidade do que as sombras. Eu posso ver cada centímetro de Perséfone, mas o resto do salão é um brilho turvo. Outro ajuste que pode ser feito mais tarde se isso se tornar uma coisa repetida; esta noite, tudo é orquestrado para garantir que ela tenha o melhor tempo possível.

Eu aponto para o centro do estrado. — Fique lá.

— Sim senhor. — Ela diz afetadamente, como se não houvesse um sorriso malicioso já curvando seus lábios.

Eu a circulo lentamente, construindo sua antecipação. Deuses, ela é tão perfeita, mal posso acreditar que ela é minha. Que ela me fez dela com tanta certeza como se ela tivesse tatuado seu nome na minha alma. Eu faria qualquer coisa por esta mulher. Conquiste a cidade alta. Derrube os outros Treze de suas torres de marfim. Dê outra entrevista interminável com um colunista de fofocas.

Eu agito a bainha de seu vestido, fazendo-o vibrar em torno de suas coxas. — Se eu tirar este vestido, vou descobrir que você está sem calcinha?

Seu sorriso se alarga. — Só há uma maneira de descobrir.

— Em um momento. — Eu consigo não sorrir para sua decepção flagrante e me aproximo para deslizar minhas mãos por seus braços, sobre seus ombros, para segurar seu rosto. Eu baixo minha voz, falando apenas com ela. — Você tem sua palavra de segurança, mas se quiser que isso pare a qualquer momento, é só me dizer. Isso para.

Ela agarra levemente meus pulsos. — Eu sei.

— Bom.

— Hades? — Perséfone sorri para mim. — Você gostaria de ver o que há de melhor neste vestido? — Ela não espera por uma resposta, a pirralha, antes de alcançar a nuca e soltá-la. O tecido esvoaça por seu corpo e flutua até o chão, tão delicado quanto uma pétala de flor.

Ela não está usando nada por baixo.

Eu pego sua mão e a levanto sobre sua cabeça, incitando-a a um giro lento. — Você quer dar um show, pequena sereia? Deixe-os ver. — Eu gosto da maneira como uma vermelhidão atravessa sua pele

dourada em resposta.

Solto sua mão o tempo suficiente para caminhar até a borda do estrado e pego uma cadeira que coloquei lá no início da tarde. É feita de metal preto com assento largo e encosto alto o suficiente para se dobrar confortavelmente.

Eu faço um gesto para ela se sentar na cadeira. — Abra suas pernas, Perséfone.

Sua respiração está saindo em pequenos suspiros agora, e quando coloco minha mão em sua nuca, ela se inclina com força para o meu toque. Porque o que minha pequena sereia precisa não é apenas estar em exibição; é ter-me aterrado enquanto ela está.

Eu me inclino sobre as costas da cadeira e acaricio suas coxas, puxando-as mais amplamente. Um leve golpe de sua vagina a encontra molhada e carente. Eu pressiono meus lábios em sua têmpora enquanto a acaricio. — Eles olham aqui, e você sabe o que eles veem?

— Não, — ela engasga, levantando os quadris para tentar guiar meu toque. — Diga-me.

— Eles veem sua princesa dourada caída. — Eu empurro dois dedos dentro dela. — Sua deusa sombria subindo em seu lugar.

Ela choraminga e eu não consigo evitar. Eu pego sua boca. Com o gosto de Perséfone na minha língua, eu temporariamente me esqueço. Esqueço o público. Esqueço tudo, exceto fazer o que for preciso para que ela faça aquele som novamente. Eu pressiono a palma da minha mão em seu clitóris enquanto eu lentamente a fodo com meus dedos, levando seu desejo mais alto. Seus movimentos ficam mais frenéticos enquanto ela persegue seu prazer, montando minha mão enquanto eu dou a ela exatamente o que ela precisa para

fazê-la voar alto.

Eu quebro o beijo para dizer: — Venha para mim, pequena sereia.

E ela faz. Deuses, ela faz.

Eu envio a onda dela novamente mais duas vezes antes de finalmente suavizar meu toque e liberar meus dedos dela. — Vou curvar você nesta cadeira e foder você agora.

Perséfone dá um sorriso atordoado, seus olhos castanhos cheios de amor. — Sim senhor.

Ela está um pouco vacilante enquanto eu a ajudo a se levantar e a guio para a posição que quero, curvada sobre o encosto da cadeira. Eu empurro seus pés mais longe e dou um passo para trás para dar uma boa olhada nela.

Foda-se.

A confiança que essa mulher deposita em mim. Isso me faz querer ser um homem melhor, para garantir que nunca falhe com ela. Ela estremece e eu fecho a distância entre nós, alisando minhas mãos sobre sua bunda e suas costas. — Preparada?

— Oh meus deuses, apenas me *foda.*

Uma risada se move pelo salão em uma onda, várias vozes se juntando às minhas em resposta a ela. Eu dou um leve tapa na bunda dela. — Impaciente.

— Sim. Muito. — Ela se mexe um pouco. — Por favor, Hades. Não me faça esperar mais. Eu preciso de você.

No final, não quero provocá-la mais do que ela quer ser provocada. Outra hora, talvez. A necessidade está muito alta esta noite. Eu liberto meu pau e agarro seu quadril enquanto guio meu comprimento para dentro dela. Perséfone deixa escapar um gemido

baixo que quase mascara minha expiração aguda.

Eu nunca vou me cansar disso também. A maneira como ela se agarra a mim como se ela nunca quisesse me deixar ir. Como ela empurra de volta contra mim, precisando de mim o mais profundamente possível. Seus pequenos gemidos e choramingos.

O resto do salão pode pensar que eles estão tendo acesso a isso também, mas seu único papel aqui esta noite é ampliar *seu* prazer.

Eu me abaixo e envolvo seu cabelo em volta do meu punho, puxando até que ela olhe para a escuridão em torno do estrado. — Eles estão assistindo. Ávidos por qualquer pedaço de você que permitirmos. Hoje à noite, eles estarão perseguindo seu prazer à memória de eu fodendo você.

— Bom —, ela geme. — Mais forte.

Eu dou uma risada áspera e obedeço. Transando com ela em golpes duros, mesmo enquanto eu a seguro no lugar. Não há como esconder o fato de que estamos em exibição, e da maneira como ela aperta em torno de mim, ela está amando cada momento.

E então ela está tendo um orgasmo, seus gritos agudos e necessitados. Preciso de tudo que tenho para não segui-la além do limite, mas esta noite é sobre *ela*. Não sobre mim. Eu respiro lentamente e saio dela para que eu possa enfiar meu pau de volta em minhas calças. Então eu a puxo para cima e a jogo por cima do meu ombro. O grito de Perséfone me fez conter um sorriso. Eu viro em um círculo lento. — Espero que tenham gostado do show. Acabou agora.

— Nós gostamos! — Alguém da plateia grita. Parece um pouco com Hermes.

Eu balanço minha cabeça e desço do estrado, a risada de Perséfone se arrastando atrás de nós. Ela parece *feliz* pra caralho, o

som uma combinação perfeita com o calor no meu peito. Eu caminho até o trono e afundo nele.

Este é nosso reino, nosso trono, *nosso*.

Perséfone ainda está rindo um pouco enquanto se arruma no meu colo. — 'Espero que tenham gostado do show. Acabou agora.' *Sério?*

— Sucinto e direto ao ponto.

— Mm-hmm. — Ela se move para sentar em cima de mim. — Eu ia sugerir um segundo trono aqui.

Eu agarro seus quadris levemente, deixando-a guiar isso. — A pessoa que criou este ainda mora na cidade baixa. Posso encomendar um segundo, se quiser.

— Não. — Ela me apalpa através das calças. — Eu gosto de compartilhar. Isso me dá acesso a você. — Perséfone se inclina até que seus lábios roçam minha orelha. — Você evitou vir para que eu pudesse te foder neste trono, Hades?

— Sim.

Ela ri novamente. Deuses, eu amo sua risada. — Insaciável.

— Apenas para você. — Eu aliso minhas mãos em seus lados. — Eu te amo, pequena sereia.

— Eu também te amo. — Ela me beija, um beijo lento e decadente que faz o salão girar por longos momentos. Perséfone enfia as mãos no meu cabelo e sorri contra meus lábios. — E é uma coisa boa que você seja tão insaciável quanto eu, porque ainda não estou nem perto de terminar com você.